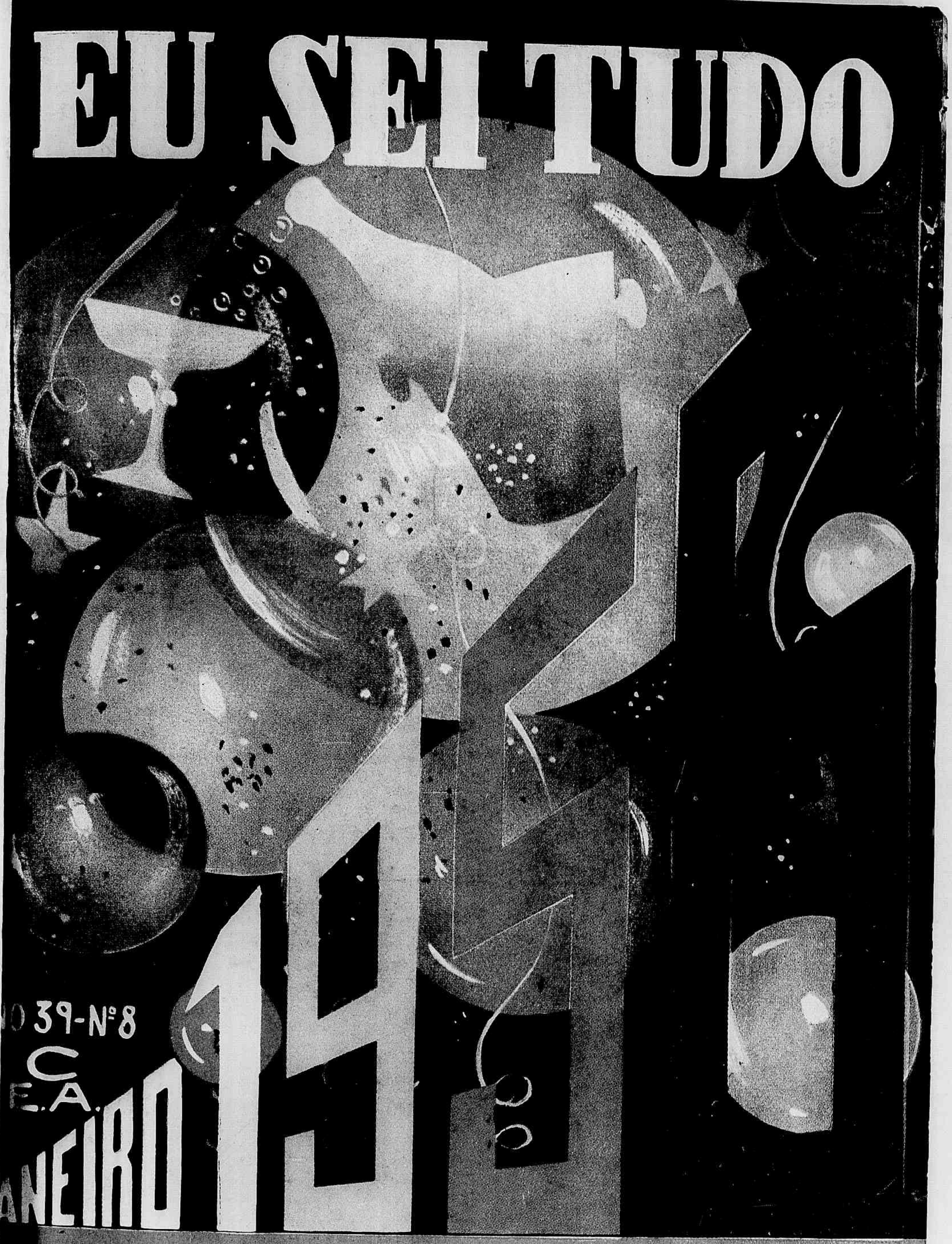
1956

JANEIRO - N.464

EU SEI TUDO



D 39-Nº 8
C.A.
NEIRO 1939

VOCÊ SÓ TEM UM CORAÇÃO... ECONOMIZE-O! ★ O QUE TODOS DESEJAM SABER SÔBRE OS GÊMEOS ★ ESTÃO ERRADOS OS PESSIMISTAS. O HOMEM É MAIS FORTE QUE OS INSETOS!

10 CRUZEIROS

E hora do "RANCHO"

O ALIMENTO
QUE LEVANTA
O PÊSO DO
BEBÊ

JÁ ALIMENTOU
DUAS GERAÇÕES
DE CAMPEÕES

encontra-se
ARROZINA
em tôdas as
farmácias,
drogarias e ar-
mazéns do
BRASIL

IDISA

Instituto Dietético Infantil S.L.

Caixa Postal 4334 — S. Paulo

PERNAMBUCO — ALAGOAS — PARAÍBA —
RIO GRANDE DO NORTE
Rua Velha, 56 (Recife)

BAHIA — SERGIPE
Rua Visc. do Rosário, 2/2º (Salvador)

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua General Sampaio, 1301 (Fortaleza)

PARÁ
Rua 28 de Setembro, 63 (Belém do Pará)

AMAZONAS e TERRITÓRIOS
Rua Marcílio Dias, 225 (Manaus)

DISTRITO FEDERAL
Rua do Lavradio, 178-A — Rua Sacadura Cabral, 87

RIO GRANDE DO SUL
Rua Luís Afonso, 300 (Pôrto Alegre)

SÃO PAULO
Rua Marquês de Itu, 96

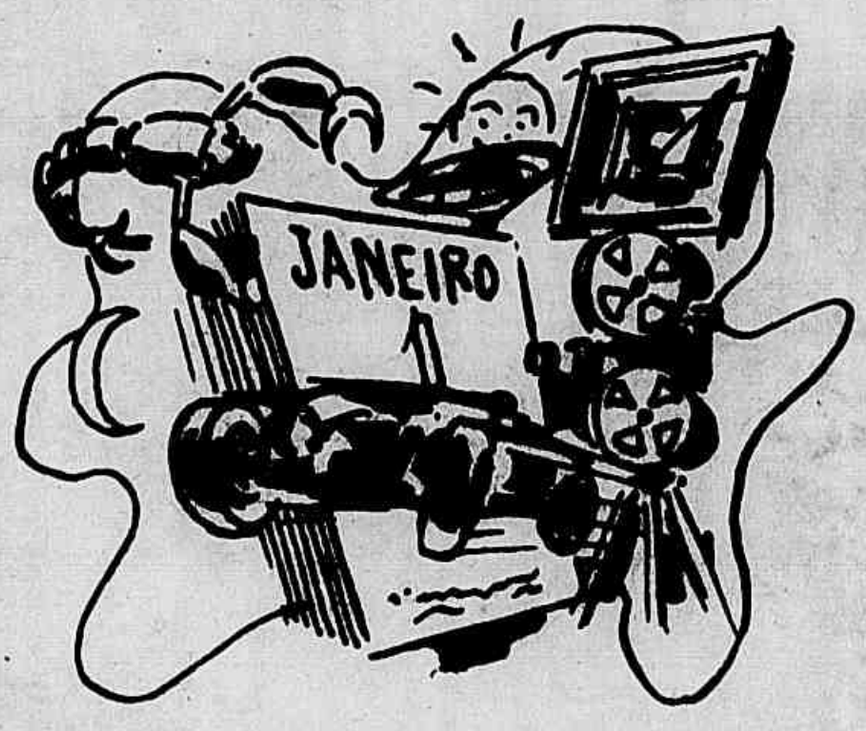
ALMANAQUE EU SEI TUDO

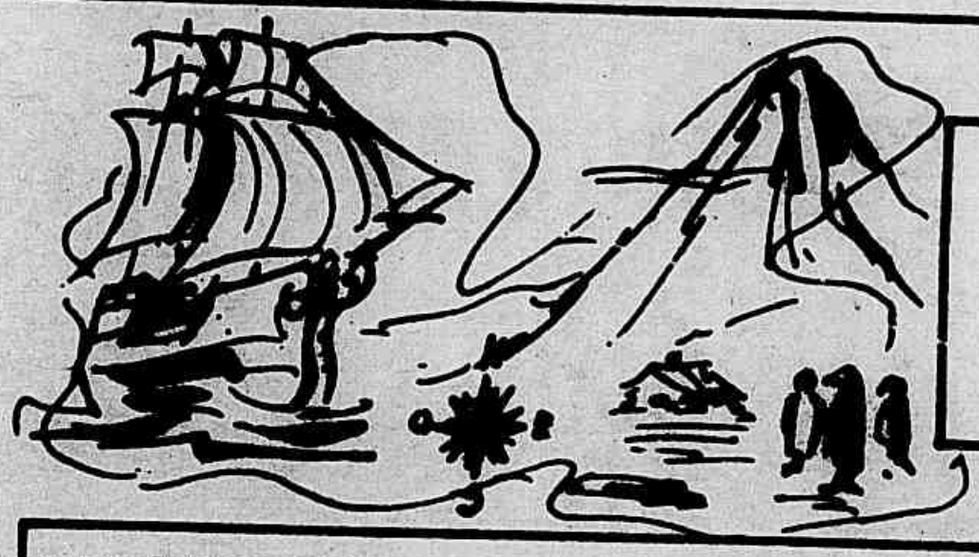
para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDARIO PERPÉTUO ★ CALENDARIO PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDARIO CATÓLICO ★ CALENDARIO PROTESTANTE ★ CALENDARIO CIVIL ★ CALENDARIO CRISTAO ★ O ANO AERONAUTICO ★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRÁFICO ★ O ANO ARTISTICO ★ O ANO AUTOMOBILISTICO ★ O ANO CIENTIFICO ★ O ANO EX-LIBRISTICO ★ O ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRICOLA ★ FASES DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS ANOS, CONCORDANCIAS COM AS DEMAIS ERAS





A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SÔBRE O AVANÇO DO HOMEM SÔBRE A SUPERFICIE TERRESTRE. «O FIM DO DESCONHECIDO.

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES, MAPAS E CARTAS MARITIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR

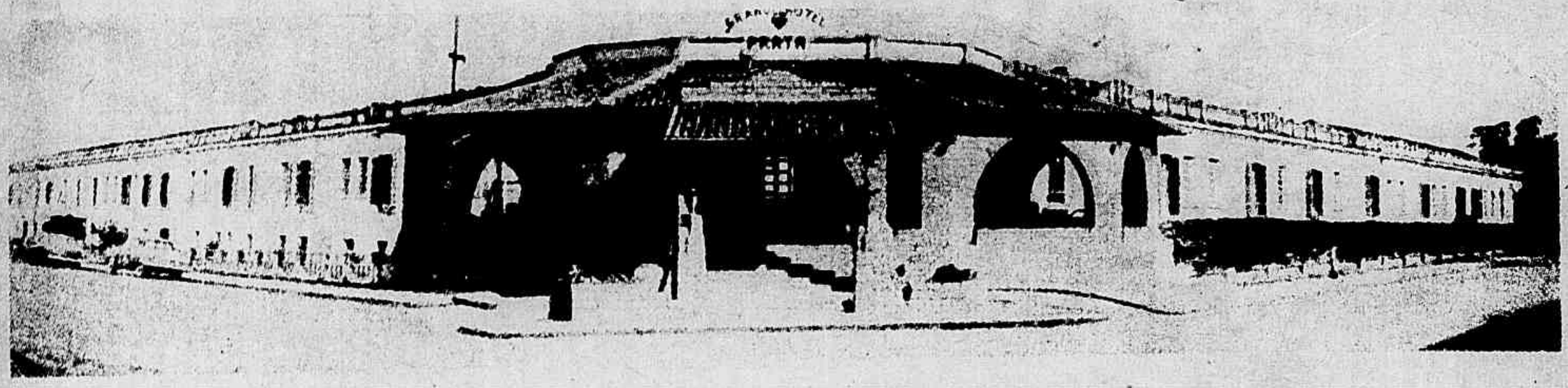
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações

UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR

Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.

O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA

●

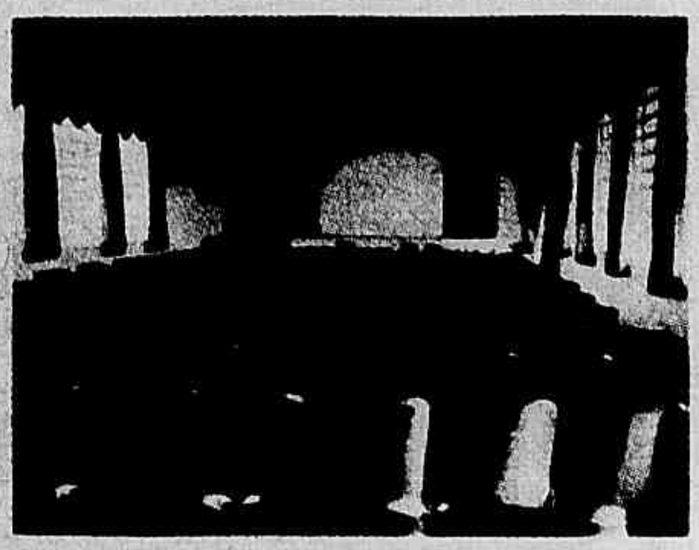
GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

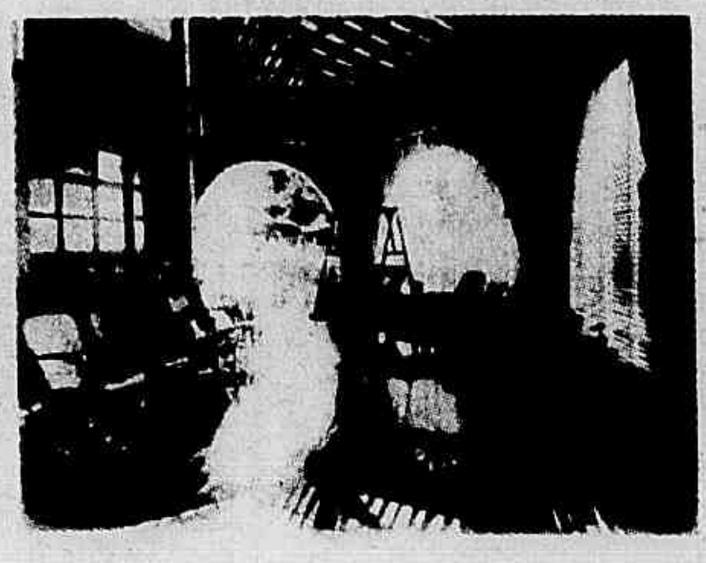
Diária para solteiro desde Cr$ 190,00
Diária para casal desde... Cr$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.

Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Teletones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel.. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00, para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

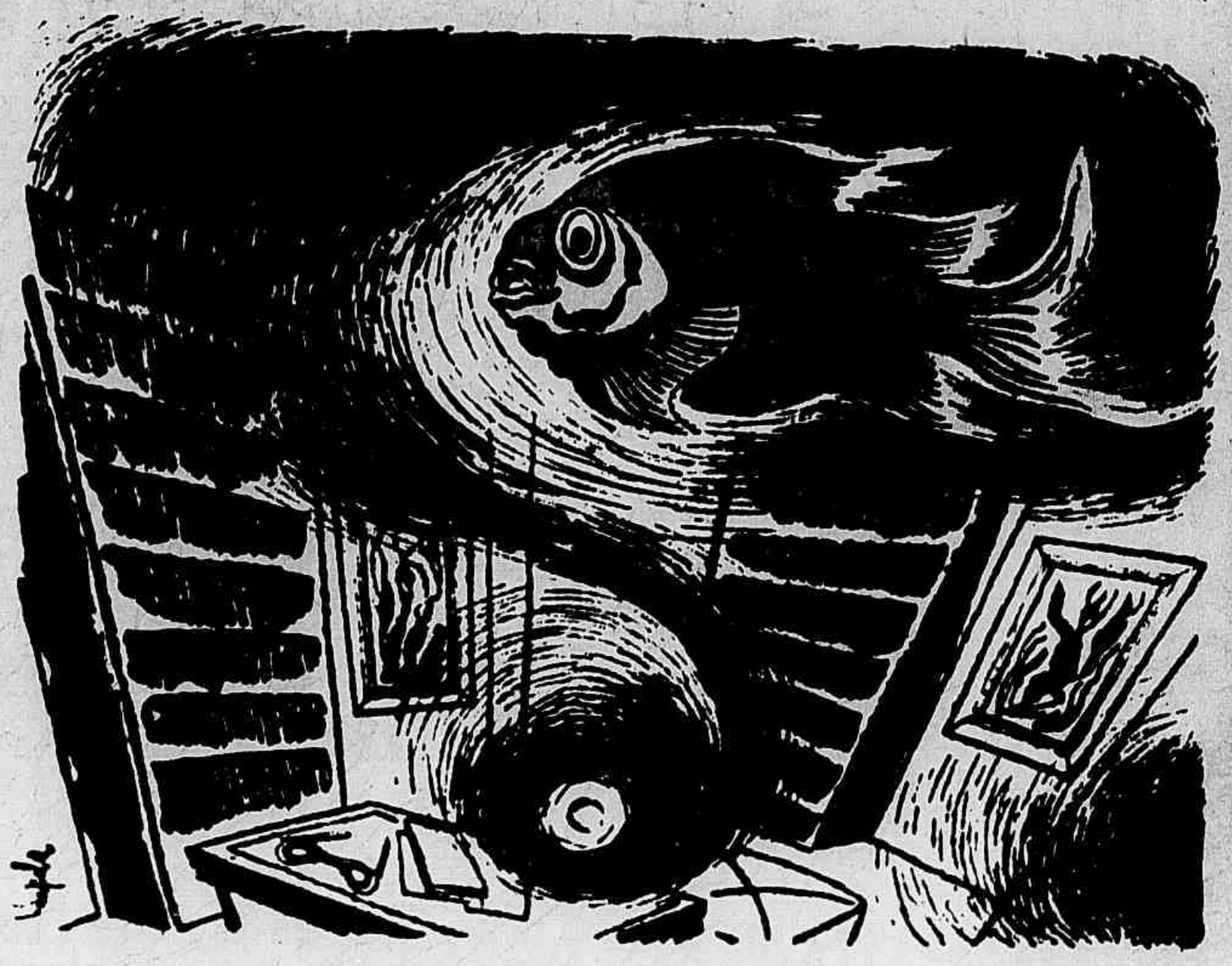
DEMASIADO TARDE

Fantasia de FRITZ LEIBER

NÃO há dúvida de que o salão de estudos do Arqueólogo pertencia a uma era muito distante da atual. As similitudes familiares de alguns de seus aspectos serviam apenas para tornar mais viva a diferença. A luz do sol, que penetrava pelas janelas, abertas no teto, tinha um tom pálido e esverdeado, aumentado pela radiação de um metal luminoso, que impregnava as paredes e o solo. O amplo escritório e as cômodas banquetas despren-

diam uma suave luz. Sôbre a mesa de trabalho havia umas tablettes de cêra com pé de metal, estiletes luminosos e um par de óculos, grandes e de feitio estranho.

As repletas estantes da biblioteca não eram particularmente diferentes, porém os livros que nelas havia estavam encadernados em metal e os títulos de suas lombadas escritos em caracteres que não conheceria nem o mais erudito dos lingüistas modernos. Um dos livros, aberto sôbre uma banqueta, mostrava suas fôlhas, feitas de um metal delgado, flexível e inoxidável e cobertas de caracteres luminosos. Entre as estantes havia quadros, pintados com uma espécie de óleo luminoso, representando em sua maior parte cenas submarinas, feitas em tons de marrom e verde sombrio. Seu estilo,



que não era nem realista nem abstrato, teria deixado perplexo a qualquer conhecedor da história da arte. Um quadro-negro com grandes pedaços de giz de

côres diferentes, dava certo aspecto de aula à sala. No centro, a certa distância do teto, estava pendurado um peixe de escamas iridiscentes e de extraordinária beleza. Porém estava pendurado por meio de fios tão invisíveis que — olhando-se também os estranhos quadros e a luz esverdeada — quase se juraria que sua finalidade era **dar a impressão de que se estava num aquário!**

O Explorador entrou com movimentos teatrais. Abraçou ao Arqueólogo com um calor destinado a assombrar ao frio e metódico ancião. Depois, sentou-se numa banqueta, ficou algum tempo vendo-o trabalhar, e, finalmente, dirigiu-lhe uma pergunta em um idioma tão diferente dos que conhecemos, que mais vale chamá-lo... **outro meio de comunicação** e não linguagem. Porém o que disse equivalia ao seguinte:

— Então? Que conta de novo?

Se o Arqueólogo estava perturbado, nada deixou transparecer. Em sua expressão só se via o prazer do que se reúne a um amigo depois de longa ausência.

— Que lhe conto... sôbre quê?

— Do seu descobrimento!

— Que descobrimento?

A incompreensão do Arqueólogo era francamente fingida. O Explorador levantou os dois braços, com gesto de verdadeiro pasmo:

— Que outro descobrimento pode ser senão o seu? Não encontrou na Terra os restos de uma espécie inteligente, já extinta? É um achado importantíssimo! E ainda tenho que rogar para que fale? Conte-me tudo, por favor!

— Não fiz nenhum descobrimento — disse o outro, tranqüilamente. — Simplesmente dirigi as escavações e ordenei, correlativamente, o material. Você sim, deve ter muito o que contar, já que retorna das estrêlas...

— Deixemos isso... (O Explorador rechaçou a insinuação com um gesto impaciente.) Logo que a nossa nave interestelar pôde receber as comunicações radiais da Terra, puseram-nos ao corrente de tudo o que havia ocorrido durante a nossa ausência. Uma das notícias, exasperantes por seu laconismo, falava do seu descobrimento. Interessou-me tanto que não pude sequer aguardar um minuto mais para conhecer detalhes.

Fêz uma pausa, e depois confessou:

— No espaço, dentro dessa gôta de vida, rodeada de metal e perdida na imensidade, fica-se terrìvelmente interessado por tudo. Volta-se a ter emoção...

Mudou de côr e terminou ràpidamente:

— Logo que pude retirar-me decentemente, vim para cá. Queria saber tudo dos lábios da maior autoridade, isto é: você mesmo!

O Arqueólogo o fitou secarronamente.

— Agrada-me que pense em mim e no meu trabalho. Mas, deve reconhecer... Não é estranho que se interesse dessa maneira por uma coisa assim? Bem sei na longa ausência da Terra, tôdas as notícias procedentes da mesma tinham que ganhar

a maior importância no seu conceito. Mas... Não haverá alguma outra razão para êsse seu enorme e urgente interêsse?

O Explorador se mexeu, com ar inquieto, em sua cadeira:

— Oh, sim! Imagino que deve haver... Uma delas é a minha decepção! Esperávamos encontrar nas estrêlas alguma vida inteligente. Tínhamos aprendido diferentes técnicas para estabelecer contacto mental com as formas de vida inteligentes. Pois bem, em alguns planêtas encontramos vida, realmente, porém uma vida primitiva, carente em absoluto de qualquer interêsse.

Tornou a hesitar, visìvelmente embaraçado:

— No espaço, pensamos constantemente no precioso que é a inteligência. Há tão pouca, nessas enormes solidões! E necessitamos tanto de entrar em entendimento com outras espécies inteligentes, que possam dar mais profundidade e equilíbrio a nossos pensamentos! Imagino, às vêzes, que me tenha deixado entusiasmar exageradamente por minhas esperanças de estabelecer contato com algumas delas... Enfim, seja como fôr, não posso desanimar, e, por isso, quando me contaram que você tinha encontrado, aqui, o que havíamos saído para procurar tão longe — embora a espécie humana tenha sido extinta — pensei que, ao menos, já era alguma coisa! Por isso senti êsse interêsse... Sei que é raro interessar-me dêsse modo por uma espécie extinta — como se meu interêsse pudesse significar algo para ela — porém, a verdade é que foi isso o que senti.

VÁRIAS sombras cruzaram pelas janelas do teto. Poderiam ter sido pássaros, porém moveram-se com demasiada lentidão.

— Compreendo... — disse suavemente o Arqueólogo.

— Portanto, conte-me, do princípio ao fim, a história do seu descobrimento — pediu o Explorador.

— Já disse que o descobrimento não me cabe — lembrou o Arqueólogo. — Uns quatro anos depois da partida da sua expedição, começaram a fazer um detalhado estudo dos recursos minerais da Terra. Quando realizaram profundas sondagens continentais, um dos grupos encarregados dêsses trabalhos descobriu um esconderijo — que era uma caixa muito grande ou uma habitação muito pequena — com paredes metálicas de grande solidez e espessura. Evidentemente, os que o construíram o haviam feito com o propósito de nêle deixar uma mensagem capaz de perdurar através dos séculos. Em seu interior havia vários artefatos; modelos de edifícios, veículos e máquinas, objetos de arte, quadros e livros; centenas de livros entre os quais imensos dicionários pictóricos que serviram para interpretá-los. Nessas condições podemos, agora, entender seus idiomas.

— Idiomas? — interrompeu o Explorador. — Que coisa estranha! Não sei porque, sempre pensei que as espécies extintas tinham um só idioma.

— Pois, como a nossa, essa espécie possuía vários, embora muitas palavras e símbolos fôssem iguais em todos. Essas palavras e símbolos não sofreram mudança alguma desde a sua mais distante pré-história.

O Explorador não pôde conter-se mais.

— Positivamente, não me interessam mais todos êsses detalhes banais. **Quero outra coisa! Como era? Como viviam? Que criaram? Que queriam?**

O Arqueólogo afastou, com um suave gesto, o aluvião de perguntas.

— Tudo em seu devido tempo! Se quer mesmo saber, contarei a meu modo. Agora que voltou à Terra, tem que recuperar o pensamento ordenado e tranqüilo que perdeu, em parte, no curso de suas aventuras interestelares.

A expressão do Arqueólogo era calma. Acariciou distraìdamente um animalzinho que subira para sua mesa de trabalho e que mais parecia a uma enguia que a uma serpente.

— Não é mesmo lindo? — disse êle. Mas logo compreendendo que a impaciência do Explorador não podia suportar mais demora, prosseguiu: — Eu me encarreguei de interpretar o conteúdo do esconderijo, de reconstruir a marcha ascendente dos que o haviam construído, de estudar sua rápida expansão sôbre a superfície da Terra e seus primeiros esforços para dela fugir.

— Possuíam naves espaciais?

(Continua no fim da revista)

O ENGANOSO SENTIDO DA GUSTAÇÃO

PODE suceder que o chá e o café tenham para nós exatamente o mesmo gôsto; e é possível que o mesmo aconteça com as maçãs, as cebolas ou as ameixas. Alguns alimentos, doces para a maioria das pessoas, parecem sem gôsto ou amargos para certos indivíduos.

Em determinadas temperaturas, um alimento tem um sabor esquisito, porém, torna-se insípido quando está muito frio ou demasiado quente. Quando alguém se encontra aborrecido, em estado de exaltação ou de depressão, não é capaz de sentir o sabor dos alimentos; e quando está gripado, tôdas as coisas parecem ter o mesmo gôsto.

Investigadores especializados realizaram numerosas experiências para tratar de estabelecer quais os estímulos que fazem funcionar o sentido da gustação. E chegaram à conclusão de que êste é o sentido de características mais instáveis, que se refletem de forma mais complexa, imprevisível e até caprichosa. Vejamos, pois, algumas das conclusões a que chegaram: — **"Podemos, realmente, apreciar a diferença de sabor entre sorvetes de chocolate e de baunilha, entre carne de carneiro e de porco, ou entre o chá e o café?"**

A quituteira doméstica tem grande responsabilidade para contentar a todos os paladares.

A maior parte das pessoas não pode apreciar tal diferença. Colocando-se uma venda nos olhos de um indivíduo do qual, igualmente, se tape o nariz, dificilmente poderá fazer uma distinção entre um sorvete de chocolate e qualquer outra espécie de sorvete. Poucos são os que podem encontrar a diferença entre o chá e o café **se estiverem com o nariz absolutamente tapado**. O mesmo ocorre com relação à carne de carneiro e à de porco, e muitos outros alimentos.

O fato de que um determinado prato agrade, desagrade, ou nos seja indiferente, depende, em grande parte, de como funciona o nosso sentido do olfato. Qualquer coisa que irrite as delicadas membranas nasais, como o pó existente no ar ou as conseqüências de um resfriado, altera o nosso sentido do olfato e faz que os alimentos mais apetitosos nos pareçam sem gôsto.

Até mesmo um sabor tão forte como o do chocolate puro é difícil de ser apreciado, a menos que percebamos também o seu cheiro. Durante um banquete oferecido por uma conhecida universidade dos Estados Unidos, foi feita uma experiência com 250 comensais. Cada um recebeu um pedaço de cho-

colate para ser comido de nariz obstruído; depois cada qual daria a sua impressão a respeito do sabor. Quase todos revelaram que não havia sentido o gôsto do chocolate.

"Quantos sabores diferentes existem ?"

Há apenas quatro sabores totalmente distintos: **amargo, salgado, azêdo e doce.** Cada um dêles é percebido por uma parte diferente da língua. O doce é captado pela parte anterior; nas regiões posteriores, de forma sucessiva, são registrados os sabores salgados, azedos e amargos.

É por isso que podemos apreciar um alimento doce simplesmente tocando-lhe com a ponta da língua; mas, por outro lado, o amargor da quinina só pode ser notado se a tragarmos. E assim também fica explicado porque, para captar o gôsto de alguma substância (como uma bebida de qualidade, por exemplo), devemos movimentá-la dentro da bôca; sòmente dêsse modo tôdas as papilas da língua podem captá-lo.

De olhos vendados, mesmo o sapor do chocolate, tão forte, é dificilmente apreciado, a menos que se sinta também o seu cheiro...

"Podemos enganar a nossa língua para que perceba sabores inexistentes ?"

Fàcilmente ! Por exemplo, se golpearmos ligeiramente a ponta da língua com um pedaço de cristal, gozaremos a sensação de um ligeiro sabor adocicado. E, se friccionarmos o mesmo cristal contra um dos lados da língua, para trás, imediatamente perceberemos um sabor amargo.

É também possível adormecer temporàriamente as partes sensíveis da língua. Se antes de tomarmos um remédio amargo mantivermos, por alguns minutos, um pedaço de gêlo dentro da bôca, tornando bem fria a parte posterior da língua, não sentiremos o gôsto dêsse medicamento.

"Pode a temperatura afetar o sabor de um alimento ?"

Em muitos casos, sim. O frio anula completamente alguns sabores, enquanto o calor pode acentuá-los. O mais apetitoso dos manjares pode tornar-se insípido se não fôr servido à temperatura adequada. Pode-se alterar o sabor de um alimento simplesmente subindo ou baixando sua temperatura alguns poucos graus. O refrêsco de abacaxi é delicioso se está frio, porém se estiver excessivamente gelado torna-se insípido, e quando quente é desagradável. A temperatura não muda as características do alimento; apenas afeta o funcionamento do nosso sentido do gôsto .

Para a empregada doméstica é de suma utilidade conhecer a estreita relação que existe entre a temperatura e o gôsto da comida. Suponhamos que haja pôsto demasiado açúcar num refrêsco. Que deve fazer? Será bastante pô-lo na geladeira e servi-lo **bem** gelado. Continuará sendo doce, porém, o paladar ficará amortecido. E, se, ao contrário, tiver pôsto pouco açúcar, poderá servi-lo quente. O efeito será equivalente. Se o refrêsco estiver gelado não importa que contenha açúcar em demasia, porque quando as papilas da ponta da língua se esfriam quase deixam de funcionar. Se o nosso paladar é muito sensível, a mais insignificante mudança de terperatura pode alterar o sabor do alimento. Certas experiências revelam que muitas crianças recusam o leite apenas notem uma alteração na temperatura habitual.

"Por que os gostos diferem segundo as pessoas ?"

Existem várias razões. As partes sensitivas da língua de algumas pessoas percebem certos sabores e são insensíveis a outros. Para uns o café **só será** uma bebida agradável **se contiver** uma boa dose de açúcar. Para outros, o café ingerido dessa maneira não passa de um líquido repugnante. Para algumas pessoas, certas substâncias não têm sabor, enquanto para outras são salgadas, doces ou azêdas. Do mesmo modo que certos indivíduos têm a propensão para confundir as côres, há muitos que confundem os sabores. Em um recente

experiência, realizada nos Estados Unidos, com 3.000 pessoas, pediu-se que os mesmos provassem uma certa quantidade de uma determinada espécie de açúcar. Apenas uma em cada três disse que era doce; uma em cada quatro não pôde indicar um sabor determinado; uma em cada cinco declarou que havia uma mistura de sabores; uma em cada dez sentiu um gôsto amargo; e três em cada cem afirmaram que aquilo era sal. O sentido do gôsto é tão pouco desenvolvido em algumas pessoas que a única satisfação que têm ao comer é a de mitigar a fome! Nem o mais delicioso dos manjares é capaz de arrancar dos mesmos qualquer elogio... **porque não podem pereceber o seu sabor!**

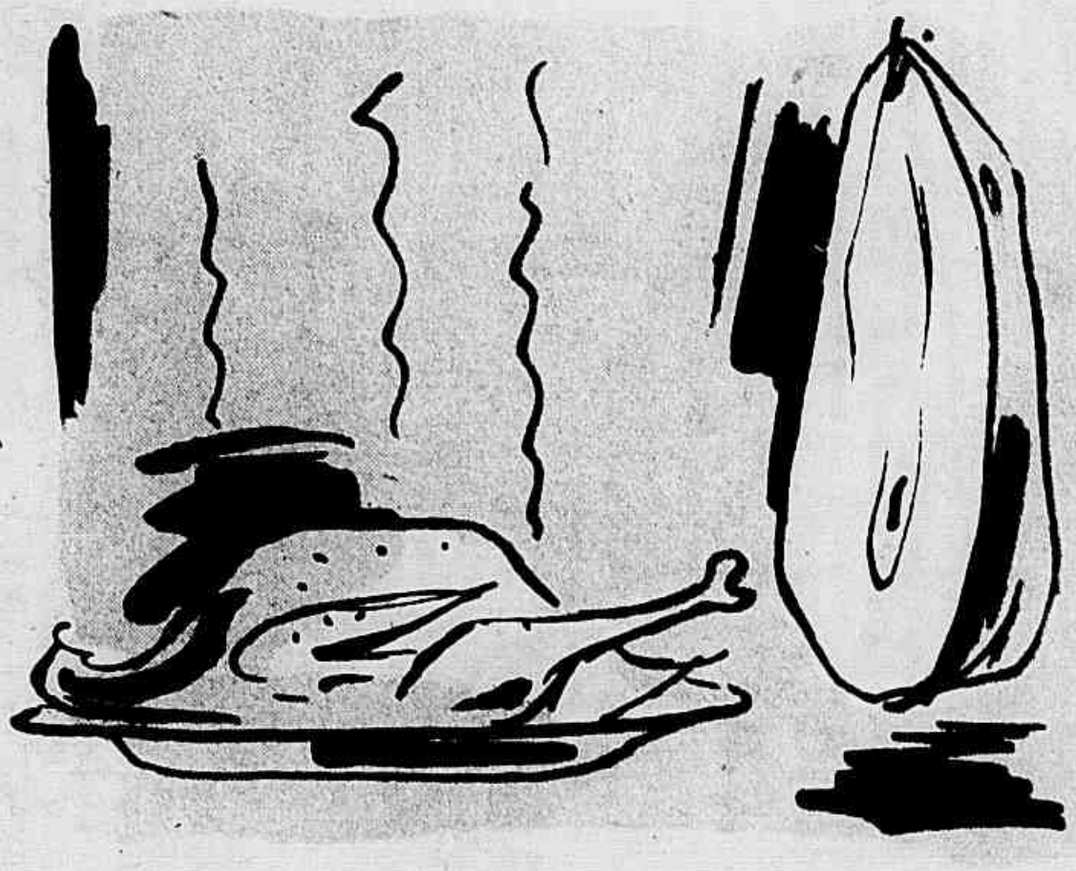
Nem todos podem apreciar a diferença entre o sabor do chá ou do mate, café ou chocolate...

"É certo que o estado mental pode influir para que as coisas tenham um gôsto bom ou mal?"

Sim. Antes de poder apreciar o sabor de um alimento dois fatos têm de ocorrer: 1) Quando uma porção chega à língua, as papilas recebem a impressão correspondente, que é transmitida ao cérebro; 2) O cérebro transforma imediatamente esta impressão em têrmos de sabor e devolve o impulso correspondente à língua. É só então que tomamos consciência do sabor do alimento ingerido!

Se o cérebro estiver preocupado com outros assuntos ou sob os efeitos de uma grande tensão nervosa, não valorizará devidamente os sinais recebidos das papilas da língua, e poderá até mesmo não percebê-los de nenhum modo. Se isto ocorrer, a comida não terá qualquer gôsto! Uma pessoa excessivamente preocupada não pode sentir todo o sabor de uma comida, por mais bem preparada que esta esteja.

"Podemos fazer alguma coisa para melhorar o nosso sentido do gôsto?"



O fato de determinado prato agradar ou não, depende em grande parte de como funciona — no momento — o nosso senitdo do olfato...

Sem dúvida! O psiquiatra David H. Fink realizou estudos que demonstram que os centros cerebrais, relacionados com a captação do gôsto, funcionam em melhores condições quando as tensões físicas e emocionais são mínimas. Quando estamos em

Os sorvetes, justamente por que são gelados, têm o sabor alterado para muitas pessoas...

estado de tensão nervosa, as papilas mais refinadas não funcionam adequadamente.

Portanto, para gozar integralmente os prazeres da mesa, é necessário que o indivíduo esteja calmo enquanto come.

UM CONTO MISTERIOSO

Por J. F. SULLIVAN

O único que se conservava silencioso em nossa **table d'hôte** era um homem muito alto, devorado pela inquietação, que deixava passar, sem tocá-las, as diferentes bandeijas, que lhe eram apresentadas, e movia distraìdamente com o garfo as escassas migalhas que comia, como se mal notasse sua presença no prato. Estava sentado, com a fisionomia fechada, dolorosamente preocupado, sem sombra de dúvida sumido em seus próprios pensamentos. O alemão de ar satisfeito, ao lado dêle, estava debruçado sôbre a mesa, aliviando um dente com a ponta de uma unha e levando à boca, ao mesmo tempo, com a outra mão, grandes colheradas de picadinho de carne; esforçava-se, ao mesmo tempo, num bem mastigado inglês, para chamar seu vizinho à conversação; porém seu magro interlocutor respondia apenas com monossílabos — ou não

dava ne-
nhuma resposta.
Porém, inesperadamente, en-
quanto o alemão com numerosos grunhidos
e caretas, sorvia colheradas de um gelado, cuja taça
descansava na palma da mão (os cotovelos, porém, estavam
sempre sôbre a mesa), o taciturno se voltou para êle e disse:

— **Acho melhor o senhor começar a preparar sua valise. Do contrário, terá pouco tempo... quando chegar o telegrama.**

— Telegrama? — repetiu o alemão, em cuja garganta as palavras, o gelado e um trago de vinho disputavam a supremacia. — **Que** telegrama? **Qual** telegrama?

— Oh! Seus armazéns de Hamburgo, o senhor sabe... **o incêndio**... (Deteve-se brusmente e acrescentou, corando violentamente) — Ah! Esquecia... **Estava pensando em**

voz alta. Peço-lhe, senhor, que me desculpe!

O alemão se engasgou, engoliu com dificuldade, soprou com violência, mexeu-se mais que nunca, porém seu aflito interrogatório não obteve resposta do seu vizinho; finalmente, engolindo ao mesmo tempo um figo, um pedaço de queijo, outro pedaço de pão e tragando ainda o resto de vinho, arrancou o guardanapo do pescoço de touro e saiu da sala de refeições, tossindo, indignado.

No dia seguinte não vi o homem magro. Porém, à meia-noite, fui despertado por passadas violentas e gritos estentóreos, que encheram o corredor, seguidos de acessos de tosse e pragas terríveis, que se apagaram pela escada e reapareceram no patamar da porta de entrada. Era o alemão, que saía atarantado e dramático, a fim de apanhar o trem noturno. Pela manhã, com o camareiro, pude saber que o infeliz regressara apressadamente a Hamburgo, depois de receber um telegrama. Segundo parece, mostrara grande inquietação e agitação e o funcionário do hotel o ouviu falar consigo mesmo, muito excitado, a respeito de um incêndio.

ÀQUELA noite, como quem cumpre um dever, fui ao Cassino; logo no saguão de entrada encontrei o homem magro, que, com os braços cruzados às costas, ia e vinha muito lentamente pelo salão. O cigarro que sustentava entre os lábios estava irremediàvelmente apagado, sem que êle o notasse. Jogou-o fora, nesse instante, com gesto nervoso e caminhou para a sala de espetáculos; mas não para ouvir o concêrto — pois durante todo o tempo em que ali estêve pareceu cochilar; quando a música cessou, levantou-se, murmurando:

— Vamos ver como êsse pobre diabo perde as suas sete mil libras!

Aproximou-se, febril, de uma das mesas do salão de jôgo, onde um dos jogadores apostava pequenas pilhas de moedas de ouro... Vinte pilhas de cada vez. Naquele instante acabava de ganhar com a pilha mais alta, acertando um "pleno", e com isso aumentando consideràvelmente seus ganhos anteriores.

— Eu lhe aconselharia que deixasse de jogar **agora** — diss eo homem magro, parando junto da cadeira do jogador. Porém êste se limitou a fitá-lo com surprêsa e continuou distribuindo suas pilhas de moedas por tôda a mesa.

— Hmm! Ninguém pode impedir que continue, é claro! — insistiu o homem magro. — Mas não diga depois que não preveni!

Saiu o zero; e o jogador (que desdenhava as apostas menores) perdeu tôdas as suas pequenas pilhas; porém continuou jogando: "plenos", "ruas", "quadras", "semi-plenos"... E de novo saiu o zero, e lá se foram os seus montinhos de ouro. Então o jogador apostou uma pilha muito alta no zero... e o zero não saiu; assim continuou até que desapareceu todo o seu monte de moedas e passou a trocar notas atrás de notas, sòmente parando quando não lhe restou nenhuma! Então, ergueu-se lentamente, contemplou com fúria ao homem magro, voltou-se para o **croupier** mais próximo com um sorriso espectral, e desapareceu. (Mais tarde informaram-me que havia perdido sete mil libras!)

O homem magro começava a interessar-me. Colocou uma moeda de cinco francos a "manque", e ganhou; repetiu duas vêzes a aposta e ganhou; apostou duas vêzes a "passe", e ganhou, a "par" ou "ímpar", e nunca deixou de ganhar. Depois apostou no "prêto" as quinze ou vinte moedas de cinco francos que havia ganhado, dizendo ao **croupier**: — Esta vez perderei. E o prêto perdeu! Colocou a moeda original num "pleno": o 15. Saiu o 15. Deixou sôbre a mesa os 175 francos que ganhara e apostou sua moeda de cinco francos no nove. Saiu o nove!

Os demais jogadores tinham começado a reparar nêle. Apostou discretamente no 1; vários o seguiram e jogaram no mesmo número. Saiu o 1. Duas vêzes repetiu o processo com outros números — e outros o imitaram — **e êsses números ganharam**. Os **croupiers** trocaram olhares e murmuraram algumas palavras entre si. Um dos **chefs** se levantou da cadeira alta e se encaminhou para o jogador com intenção de falar-lhe; porém o ganhador já não estava ali. Suas apostas e lucros, no entanto, permaneciam sôbre a mesa, onde êle as havia deixado. O **chef** percorreu as salas, bus-

cando o homem magro, porém não pôde encontrá-lo. Eu o tinha visto retirar-se (quando o **croupier** gritara: "Um"), saindo da sala de jôgo.

Na manhã seguinte, depois do primeiro almôço, o homem magro estava fumando um cigarro no terraço do hotel, uma curiosidade irresistível me impeliu para êle, para o interrogar.

— Quero felicitá-lo pela sorte que teve ontem — falei.

— Sorte! — replicou o homem magro, sem deixar um só instante de olhar para o chão. Sua voz era surda e dolorosa, desprovida de esperança. — Não é sorte e sim azar... Maldito azar!

— Sem dúvida, o senhor não pareceu dar muita importância ao seu êxito, pois abandonou todo o lucro sôbre a mesa de jôgo... Suponho que o senhor sabe que ganhou uma quantia considerável...?

— Sim, senhor. Sei!

— E não chama a isso sorte?

— Não posso chamar sorte, simplesmente **porque não é sorte; a sorte nada tem que ver com isso** — replicou o homem magro, fitando-me lùgubremente. — **É certeza, e não outra coisa. Lamento muito dizer... Mas sei, com antecipação, que número vai sair.**

— Hein? Sempre?

— Sempre, sim, senhor... Maldição! Essa é a minha cruz, senhor! Pensa que eu teria abandonado o meu cômodo lar para vir misturar-me com um punhado de pessoas estranhas e em sua maioria de charlatães, se o médico — diabos o levem! — não me tivesse ordenado? É isso o que lhe sugere o meu aspecto?

— Não... Positivamente não! De qualquer maneira, espero que a sua saúde se restabeleça depressa.

— Não acredito, senhor. Quando um indivíduo é bastante tolo para contrair **alguma doença que os médicos não conhecem**, é difícil salvar-se! Não me surpreenderá muito se êste malfadado conhecimento do futuro perdurar até que...

— Conhecimento do futuro? Mas isso não pode ser considerado como uma enfermidade...

— Ah, não? Mas há de concordar que é anormal, ou não? Ora, o que é anormal é uma enfermidade. De acôrdo?

— É mau recordar uma infelicidade passada, quando suas conseqüências ainda persistem, porém muitíssimo pior é vê-la antecipadamente, vê-la crescer como um trem expresso que avança desde grande distância, para esmagá-lo como se fôsse uma simples môsca!

— Mas... — insisti. — Não lhe parece uma enfermidade extraordinàriamente inusitada ?

— Quanto a isto, não há dúvida ! — replicou o homem magro. — Porém isso apenas piora as coisas...

— Mas, qual a origem do mal ?

— Qual havia de ser ? Essa doença elegante que hoje está tão em moda: o esgotamento nervoso ! Excesso de trabalho, que traz como conseqüência uma superexcitação dos tecidos cerebrais... Afirmo que é uma enfermidade, senhor; suponho que os antigos profetas sofreram do mesmo mal. De qualquer maneira, estou doente e afirmo que não é coisa agradável. Aqui vim para ver se a mudança de ar me traria a cura.

— Rogo que me perdoe — disse eu — porém seu caso é tão peculiar e interessante que me vejo obrigado a perguntar-lhe quais foram as primeiras manifestações do... mal.

— Ora... O de sempre... Sentia-me cansado, deprimido... não podia dormir... não podendo, sequer, fixar as idéias. Um dia, repentinamente, quando alguém me perguntou se acreditava que o bom tempo ia durar, respondi, com grande surprêsa da minha parte: **"Não. Amanhã, às três horas da tarde, começará a chover e continuará chovendo tôda a noite"**. Eu sabia que isso acontecia, senhor ! E, quando meu prognóstico se cumpriu, fui assaltado por sentimentos desencontrados. No primeiro instante fiquei surpreendido; porém, logo a seguir, asustei-me e, finalmente, fiquei muito satisfeito; por fim, prevaleceu o mêdo. Não era uma sensação agradável, senhor; procurei convencer-me de que não passava de uma fantasia. Infelizmente, era a verdade ! **As coisas ocorriam conforme eu as previa ! Então, fui obrigado a acreditar.**

"Suponho que o senhor esteja pensando: **Que maravilhoso ter semelhante poder ! Que vantagem magnífica !"** Mas... Será realmente assim ? Acredite, senhor; sua opinião seria diferente se estivesse no meu lugar. Vantagem ! O senhor acha vantagem prever as coisas desgraçadas e horríveis, que vão ocorrer a um indivíduo dentro de vários anos, talvez, e aguardá-los, pensando incessantemente nelas... até que ocorram ? É mau recordar uma infelicidade passada, quando suas conseqüências ainda persistem; porém muitíssimo pior é vê-la antecipadamente, vê-la crescer e crescer como um trem expresso que avança desde grande distância, para esmagá-lo como se fôsse uma mosca ! Hein ? O senhor diz que essa enfermidade tem certas vantagens práticas ? Mas de que servem, senhor, quando também sei o que me vai acontecer ? Não quero riquezas, senhor. Se as tivesse não saberia o que fazer com elas. Tenho o suficiente para satisfazer tôdas as minhas necessidades; e também não desejo o poder, nem a influência ! Quero estar tranqüilo, viver a vida... E como, demônios, pode estar tranqüilo e viver em paz um homem atormentado pelo dom da profecia ? Afirmo-lhe que conhecimento do futuro é como um pesadelo... e me torna maligno e vingativo. A única aplicação interessante que encontro em minha doença é preocupar uma outra pessoa, até fazê-la perder o juízo. O senhor, por exemplo, começaria a passar muito mal, para não dizer mais, se eu lhe contasse o que lhe vai acontecer dentro de uns três anos ! Porém não serei cruel com o senhor... e afirmo que já tem motivos para me agradecer, de joelhos..."

Tratei de sorrir com divertida incredulidade, porém não pude fazê-lo. Ajeitei melhor o chapéu e sacudi a cinza do meu cigarro, para demonstrar indiferença, mas logo a seguir fiquei sério, voltei as costas ao homem magro e entrei na sala de leitura; ali, apanhei um exemplar do "Galignami" e sentei-me, procurando ler até que, cinco minutos depois, pude compreender que tinha o jornal, entre as mãos, porém em posição invertida.

Então, levantei-me bruscamente, e caminhei de novo para o homem magro. Depois, fitando-o com lampejo de ódio no olhar, disse-lhe:

— Muito lhe agradeceria, se me dissesse...

Porém, ao chegar a êsse ponto, minha voz se apagou completamente e tive que esperar alguns segundos, antes de poder concluir, com voz engasgada:

— ... que horas são.

O homem magro sorriu de modo mefistofélico: sabia perfeitamente que eu não tinha ido até a sua presença para saber as horas. Com súbita e violenta resolução de

não parecer tolo, comecei a falar uma vez mais sôbre o ocorrido na mesa da "roleta".

— O pessoal do Cassino — disse eu — deve estar intrigado.

— Sim... Os administradores estão estudando o caso, e parecem bastante inquietos! Um dêles virá visitar-me esta tarde para trazer-me um cheque relativo à importância do que ganhei nestes últimos dias e perguntar o que pretendo fazer. Naturalmente, compreenderam que posso arruiná-los, se o quiser; porém minha conduta os desconsertou. Ontem, se quisesse, teria podido fazer saltar a banca em tôdas as mesas... Mas êsse não é o meu propósito Quero aborrecê-los, apenas. Se o senhor é curioso, convido-o a presenciar a entrevista...

Aceitei ansiosamente... **Qualquer coisa,** desde que me distraísse! Depois do almôço acompanhei o homem magro ao seu quarto; quinze minutos mais tarde apareceu o camareiro para anunciar que **um cavalheiro desejava falar-lhe**.

— Faça-o subir.

O visitante entrou.

— O senhor está ansioso... muito ansioso por conversar comigo? — perguntou o homem magro, sentando-se cômodamente numa poltrona. — Estou às suas ordens... O meu amigo, aqui presente, não pode ser considerado um estranho e o senhor pode falar livremente em sua presença.

O visitante pareceu hesitar e por fim declarou:

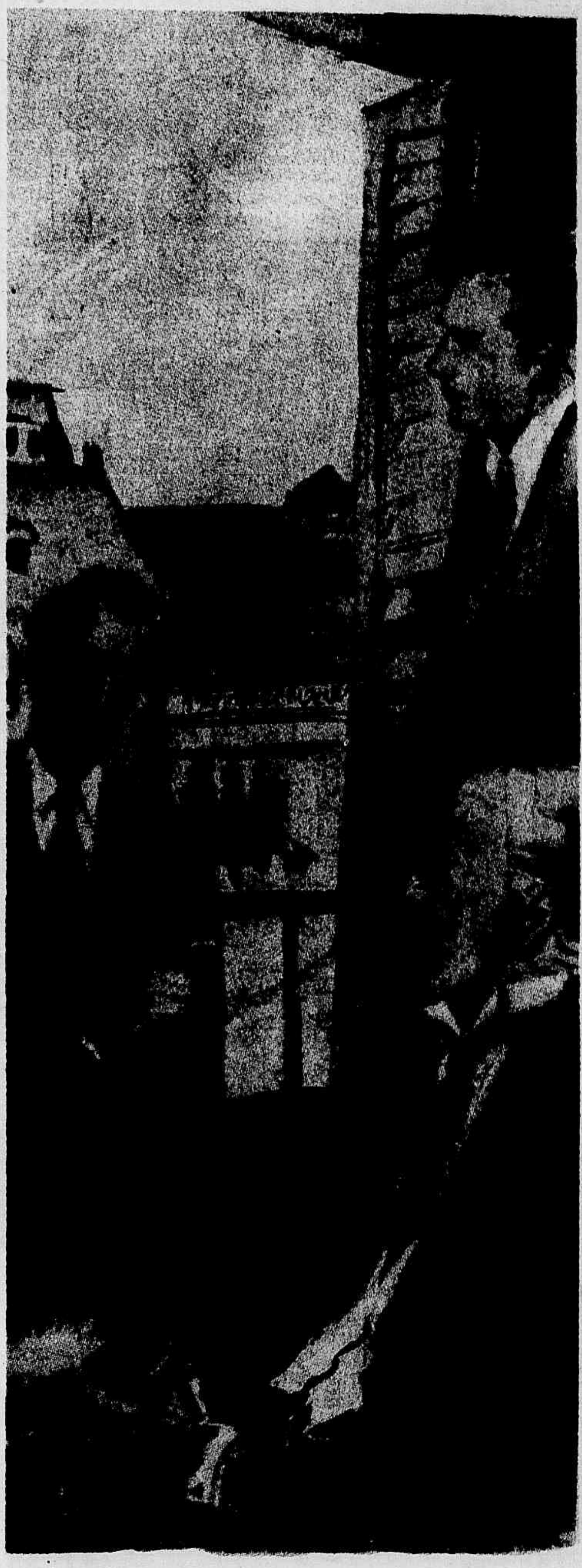
— Vim trazer a **monsieur** a quantia que ontem esqueceu sôbre a mesa. Aqui está neste cheque...

— Ah! Muito obrigado — disse o homem magro. — Se quisesse fazer-me o favor de guardar... ou melhor... destinar a quantia para os pobres da cidade... Pode ser?

O alto funcionário do Cassino parecia contrafeito, e passava incessantemente os dedos pelas faces. Houve um silêncio embaraçoso para o visitante; o homem magro, ao contrário, se esforçava por reprimir um sorriso.

— **Monsieur** pretende ficar ainda muito tempo em Montecarlo? — perguntou o alto funcionário, cada vez mais nervoso.

(Continua no fim da revista)



— Tudo o que fizer terá apenas o propósito de divertir-me. É claro que as conseqüências poderão ser desastrosas para os senhores, embora não queira dizer, com isso, que forçosamente terão que ser desastrosas, entende?

O NAUFRÁGIO DO BIRKENHEAD

(EPISÓDIO HISTÓRICO)

O rei Frederico Guilherme IV, da Prússia, foi um dos mais orgulhosos monarcas militares de que o mundo já teve notícia. O desmedido orgulho que nutria da rígida disciplina de suas famosas tropas, tornou-se lendário. E sòmente uma vez curvou-se êle ante a bravura de soldados de uma outra nação. Isto foi na primavera de 1852. Por esta época, o rei passava em revista seus aguerridos regimentos. Enquanto milhares de soldados, com seus brilhantes uniformes, permaneciam em formação num grande pátio militar, o monarca fêz a leitura da história dos soldados inglêses que morreram quando o "Birkenhead", navio-transporte da minha britânica, soçobrou nos mares da África do Sul.

E foi exatamente a maneira como os inglêses morreram que impressionou o rei Guilherme.

"Às duas horas da madrugada do dia 26 de fevereiro de 1852, o "Birkenhead" deslizava serenamente sob a luz suave das estrêlas matutinas.

"— Treze braças!

"A palavra do comandante, que se achava de pé na proa repercutiu ao longo de todo o convés, sob o qual 500 soldados dormiam. Juntamente com essa fôrça militar se achavam 27 mulheres e 13 crianças, em viagem para Queenstown.

"Repentinamente, e antes de que o comandante pudesse dar outra ordem, o "Birkenhead" bateu contra uns arrecifes. Com extrema violência, a proa se ergueu, ouvindo-se logo a seguir os estalos do casco partindo-se de encontro aos rochedos, ficando o navio inclinado para um dos lados. Então, o silêncio da noite foi quebrado pelas exclamações assustadas dos passageiros e pelo tumulto provocado por uma dúzia de cavalos que se encontravam a bordo.

"Entretanto, a confusão durou pouco e ao fim de alguns minutos os 500 soldados britânicos subiram para o convés, colocando-se enfileirados no tombadilho.

"— Preciso de 60 homens para retirar os barcos salva-vidas — gritou o capitão. — E lembrem-se de que as mulheres e as crianças estão em primeiro lugar!

"Era uma ordem evidentemente irônica. Havia apenas três barcos salva-vidas, nos quais mal cabiam as mulheres e as crianças.

À proporção que os barcos iam sendo lançados na água, os homens obrigavam os cavalos a abandonar o "Birkenhead", que afundava vagarosamente.

"Quando os cavalos se precipitavam no mar, gigantescos jatos d'água se elevavam, enquanto centenas de tubarões acorriam logo atacando e dilacerando os infelizes animais.

Imóveis, os homens contemplavam, com ar sombrio, aquela verdadeira matança, que tornava vermelhas as águas encrespadas.

"Mas podiam ver, também, os barcos salva-vidas afastando-se, com segurança, do navio, que mais e mais afundava.

"O capitão olhou firmemente por cima das fileiras de soldados que ainda continuavam de pé no tombadilho, e falou:

"— Todos os que sabem nadar, saltem e dirijam-se para os barcos.

"Mal êle acabou de falar, sua ordem foi contrariada.

"— Não obedeçam a ordem do capitão — gritou o major Seton, dirigindo-se aos seus comandados. — Se assim fizerem, os barcos que levam as mulheres e as crianças afundarão fatalmente!

"Nenhum soldado se moveu. O navio submergiu lentamente naquele mar infestado de tubarões. De longe os sobreviventes que iam nos botes salva-vidas puderam ver as longas e imóveis fileiras de soldados, afundando com o navio, como se estivessem pregadas no convés.

"Dos 630 passageiros, sòmente 194 chegaram à terra! Dêsses sobreviventes, 78 foram salvos pelos barcos... **e não havia sequer um soldado entre êles!**

★

NADA deixou tão forte impressão no espírito do rei Guilherme como êsse acontecimento. Nem a Inglaterra esquecerá jamais aquêle punhado de homens corajosos. Êles morreram, em formação militar, a fim de que 27 mulheres e 13 crianças pudessem viver.

CHEGAM NOTÍCIAS DA BATALHA DE LEIPZIG — A batalha de Leipzig, também chamada "Batalha das Nações", porque nela lutaram, aliadas contra Napoleão, as principais potências européias, foi, na realidade, uma série de batalhas, que duraram três dias, do 16 ao 18 de outubro de 1813. No primeiro dia, eram iguais as fôrças inimigas, pois os franceses só tiveram que bater-se contra os austríacos e os prussianos, comandados, respectivamente, por Schwarzenburg e Blücher. Mas, no dia 17, chegaram os suecos e os russos, dando aos aliados uma esmagadora superioridade. Os franceses se bateram soberbamente e, apesar da inferioridade numérica de seus soldados, Napoleão, depois de enfrentar um a um cada adversário, manobrando com habilidade inigualável, deteve cada um dêles e pôde efetuar uma retirada magistral, que tornou indecisa a vitória dos aliados. Êsse foi o comêço do fim do grande Bonaparte. O êxito, depois de sorrir-lhe por tantos anos, começou, precisamente nessa batalha, a fugir do seu lado...

O NARCÓTICO DOS APLAUSOS

O ÊXITO GERA HERÓIS E VÍTIMAS

Por DE MATTOS PINTO

PARA ouvir o estrepitante fragor das palmas, vidas inteiras se transviam do seu pacífico curso e rasgam trilhas bravias, cujas inquietações nunca deveriam palmilhar. Festividades que se bifurcam em melancolias, derrotas que se convertem em vitórias, regozijos que se transformam em exílios e amizades pervertidas pelo ódio, desenham os aspectos da batalha pela fama. O Egito subjugado depois do glorioso Ramsés, a Grécia escravizada com tôdas as suas suntuosas recordações de Péricles, a França três vêzes grandiosa com Luís XIV, Napoleão e Clemenceau e três vêzes abatida pelo infortúnio militar, indicam como a popularidade das nações se pulveriza muito veloz. Como falar da frágil glória dos indivíduos cujas trajetórias se fragmentam ao menor descuido das paixões? Tudo se eleva e tudo rui sôbre a instável poeira do destino, essa miragem tão

acariciada e tão temida. Mais do que os povos, as personalidades traspassam ciclos de presunção e de quedas cujo eclipse contrasta com o arruído dos dias festivos.

Sarah Bernhardt contribuiu com a sua arte exuberante para a fama de Victorien Sardou, desempenhando o papel principal de "Fédora". A crítica acusa Victorien Sardou de haver escrito o drama "Fédora" expressamente para facilitar à atriz Sarah Bernhardt de exibir mais uma das suas estupendas vitórias teatrais, sacrificando assim a arte pura ao êxito financeiro.

O dramaturgo da "Família Benoiton" e do "Ódio" exemplifica os artistas a quem a fama sacrificou a glória. Veremos como o sucesso gera heróis e vítimas da celebridade, como o triunfo narcotiza genuínas vocações.

DA MANSARDA AOS FESTINS DO PALCO

Uma vida destinada à glória que o teatro conquistou e perdeu, assim poderíamos definir a longa duração de Victorien Sardou nos palcos da Europa e da América.

Nasceu em Paris, a 7 de setembro de 1831, nos tempos febris do Romantismo sob o estilo extrovertido de Théophile Gautier e a onda verbal de Victor Hugo. Ainda reboava o rumor de "Hernani", a peça que demoliu a tirania clássica de Jean Racine com os figurantes greco-romanos.

Enquanto a fantasia lírica de Victor Hugo e Alfred de Musset, Alexandre Dumas e Alfred de Vigny preparava a liberdade do teatro para receber tôdas as formas da vida e todos os caprichos da imaginação, o garôto Victorien Sardou correu e saltou pelas ruas parisienses em convívio com as asperezas sociais. Adolescente e pobre, vagou pelos parques e viu como perambulavam os homens ao lado das mulheres e dos acontecimentos. Seus primeiros estudos o encaminham para a ciência de Hipócrates e Galeno.

Como o futuro não explica seus mistérios, alternou as suas aprendizagens de fisiologia e patologia com incursões pelo domínio da filosofia e da matemática. Também a história o cativou alguns momentos e nesse cipoal de paixões recolheu muitos incidentes que mais tarde aproveitaria nas suas peças. O lexicógrafo Antoine-Léandre Sardou, seu pai, deixara algum renome como pedagogo e professor em vários institutos de ensino, havendo escrito manuais de gramáticas, compêndios de geografia comercial e industrial, dicionários de sinônimos e tratados de aritmética, geometria e física, além de livros escolares sôbre cosmografia e letras.

Como seu pai, Victorien Sardou ensaiou ser professor e pôs-se a lecionar filosofia, mas logo tudo abandona, inclusive as pesquisas dos humores e do fluxo sanguíneo. Esqueceu os sintomas morbosos e fugiu das teorias sôbre os distúrbios biológicos. A sociedade e os homens o apaixonaram com os imprevistos das situações pela escalada dos cargos e das honrarias. A nova vocação o levou para a história, onde seu ágil e pitoresco descobriu a essência teatral dos acontecimentos.

Estudou os fatos e os costumes procuram compreender os indivíduos e a variedade dos sentimentos. O filho não fará compêndios sôbre o sentido das palavras e as mudanças linguísticas, preferira a circulação dos incidentes passionalistas e o manancial da vida com um pouco de fantasia e muito de engenhosidade.

Antes de ser o rumoroso dramaturgo da "Pátria", Victorien Sardou conheceu a melancolia da miséria, errou de mansarda em mansarda como um transviado na rota da existência. Viveu angustiosos dias, cuja sombra muito influiu na sua persistência em não se afastar das fórmulas do sucesso, em colocar o aplauso acima da arte pura. O primeiro ensaio teatral, a "Taberna dos Estudantes", representada em abril de 1854, fracassou estrepitosamente. Os espectadores do "Odeon" assoviaram e apuparam a peça do jovem Sardou. Durante mais de quatro anos, a efêmera derrota nos palcos do "Odeon" afastaram-no de novas tentativas. Mas, havendo se casado com mademoiselle de Brécourt e esta sendo familiar da atriz Pauline-Virginie Déjazet, a quem a fama festejava alegremente desde a infância, começou a se relacionar nos meios teatrais. Em 1860, "Patas de Môsca" entrou em cena inaugurando a série de triunfos, cujo mérito rendoso tanta crítica excitou entre os cronistas pela teimosia com que se repetiram. Essa peça se reveste de duplo valor histórico na obra sarduniana, assinalando o enriquecimento do dramaturgo pobre e caracterizando a sua maneira de teatralização.

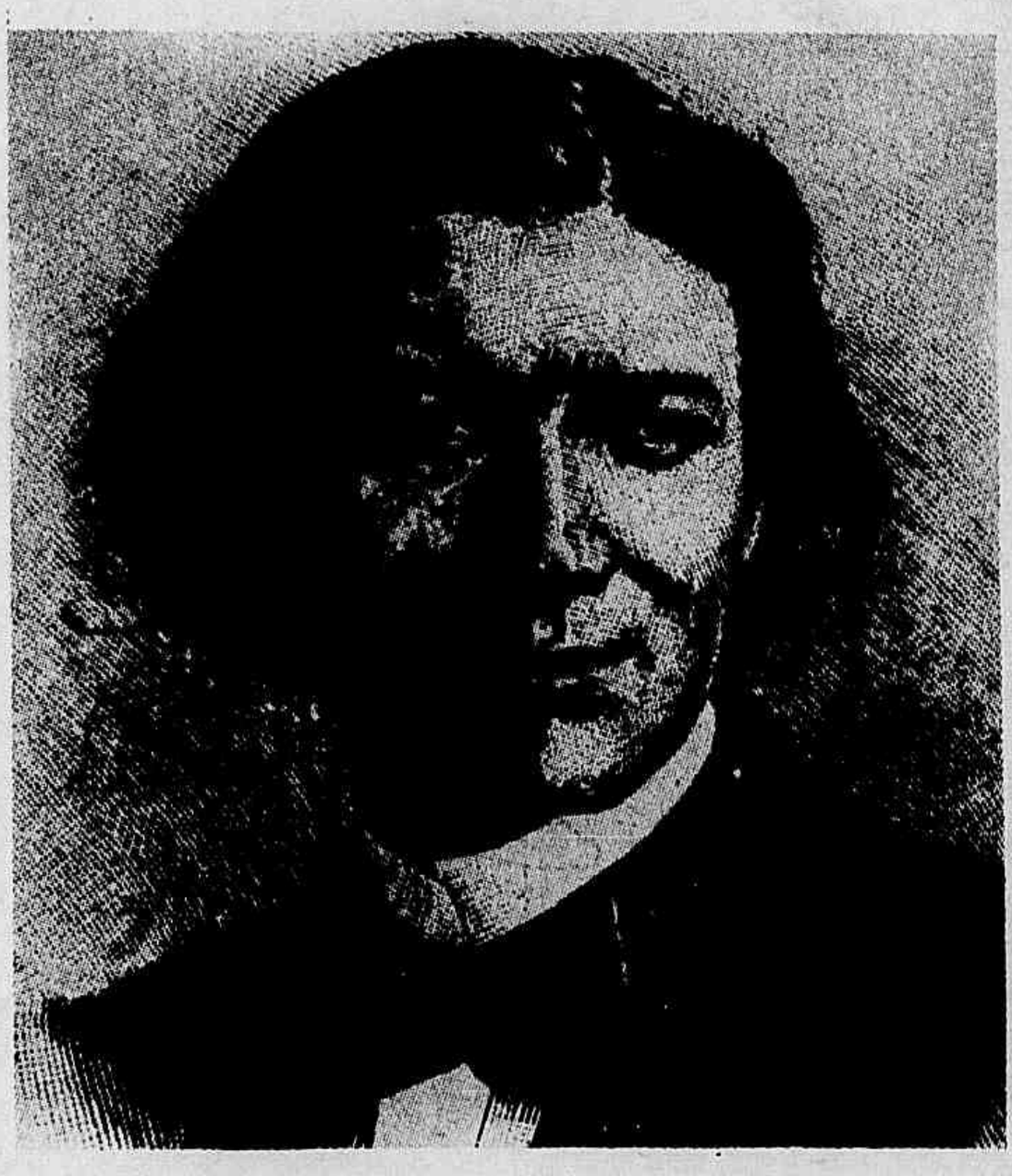
Nenhuma doutrina estética e nenhuma filosofia social pesa sôbre o desenrolar da comédia. Tudo parece vulgar no enrêdo da "Patas de Môsca", cuja trama se baseia num b i l h e t e pecaminoso transviado para agitar as pessoas. A mulher que o escreveu alvoroça muita gente para reaver o bilhete de amor e provoca multidões de incidentes. Com uma mágica elegância, Sardou multiplica episódios sem fim sôbre a aventura de uma carta extraviada, desdobrando efeitos cômicos e impactos hilariantes.

E fará sempre assim a partir do seu primeiro sucesso, em tôda a sua afortunada carreira teatral.

Alexandre Dumas, pai, pouco ligava à glória e desprezava dinheiro e poder.

DIVERTIMENTO E PSICOLOGIA

Na vida, os acontecimentos se diluem na correnteza das próprias aventuras que se



Victorien Sardou na sua mocidade, quando lutava com a pobreza e sonhava com a glória festiva nos palcos da Europa e da América.

sucedem, justapõem-se e contradizem-se nas suas encruzilhadas. Vem o dramaturgo e dá a cada parte o seu caráter burlesco ou trágico, empresta à cada figura a sua atuação no campo, reveste cada representação com o seu ambiente decorativo. Tudo isso em atos breves e movimentados para reproduzir a vida sem a estafa das semanas e dos meses. A habilidade que flui por tôdas as cenas de "Nossos íntimos", representada em 1862, articula certos efeitos chistosos e irritantes da sociedade. Sardou usa de mil e um incidentes cujo refluxo afeta as recordações quotidianas. Tôdas essas pessoas que nos apertam as mãos e nos cumprimentam

com fáceis sorrisos, que nos abraçam e indagam da nossa saúde, discutem coisas divertidas e maçantes, tecem confidências amorosas, os "Nossos íntimos", inimigos eventuais que simulam de amigos, vêmo-los representados pela arte do comediógrafo,

Caricatura de Augustin Eugène Scribe, que industrializou a composição de peças teatrais, trabalhando com mais de quinze colaboradores. Victorien Sardou batalhou muito para conquistar um lugar ao lado da popularidade de Scribe, sem perder as qualidades de autor dramático.

dútil nas ações e nos efeitos. Mais caricaturista do que psicólogo, utilizando no teatro o lápis sarcástico de Honoré Daumier, misturando o dramático com o histrionismo, Victorien Sardou exerceu a comédia sem filosofia, porém com bastante irreverência.

Imaginação fértil e sem escrúpulos de erudição, brincava com os fatos autênticos e as suas conseqüências. A "Pátria", drama representado em 1869, provou de vez a sua agilidade dramática. Mas fixou simultâneamente, os limites da teatrologia de Sardou, larga e restrita na sua mágica teatral, astuciosa e comediante, articulando feitos heróicos e mesquinhas facécias..

Baixava e elevava a inspiração para conservar o aplauso industrializando o ritmo passional da platéia. Victorien Sardou cometeu excessos de caricatura, que inspirariam aversão à sensibilidade de Guillaume-Sulpice Chevalier, o fino desenhista que se imortalizou sob o nome de Gavarni. Em "Rabaga", desenfreada comédia representada a primeiro de fevereiro de 1872, a bufoneria vai até a insolência contra a própria França e açoita vultos contemporâneos. Provoca o riso, mas uma risada onde falta a ironia moral de Molière. Mesmo quando Sarah Bernhardt toma o papel de princesa de São Petersburgo em "Fédora", não podemos dizer que atingiu a verdadeira arte.

Outros comediantes como Marin Labiche e Lenoine Moreau disputam a popularidade do grande público. Vítima das palmas e do sucesso, Sardou receiou desgostar os idólatras do riso e das lágrimas com solenes sentimentos e preferiu divertir a ser profundo, temeroso de ser banido do reino dos louvores. Adotou uma teoria pela qual o dramaturgo só deve eleger a palestra como um diálogo, o incidente como uma situação, a paisagem como efeito decorativo, a mulher como tipo ingênuo ou fatal. Tudo se resolve em cena e drama, em alternativa de prantos e de truanismos. Fiel a êsse método, teatraliza os atos humanos para extrair os melhores proveitos histriônicos com a mais terrível habilidade, cuja insistência mereceu censuras até do próprio naturalista Emile Zola.

Seu completo domínio estratégico nos golpes cênicos conferiu-lhe a vitória sôbre as multidões ociosas, sedentas de divertimento auditivo e visual. Mutilava a realidade pelo excesso de episódios e pela fertilidade das combinações, teatralizando tanto os truques cênicos como o drama. Increparam-lhe a obsessão da bilheteria, cuja renda obstava a sua marcha ao lado de Dumas Filho e de Emile Augier. Escravizou-se ao narcótico da fama, convencendo-se de que o público não suporta muito tempo a ênfase das almas patéticas. Aguilhoado pelas recordações dos sombrios dias de outrora, foge apressadamente da indigência e dedica-se à vassalagem do triunfo.

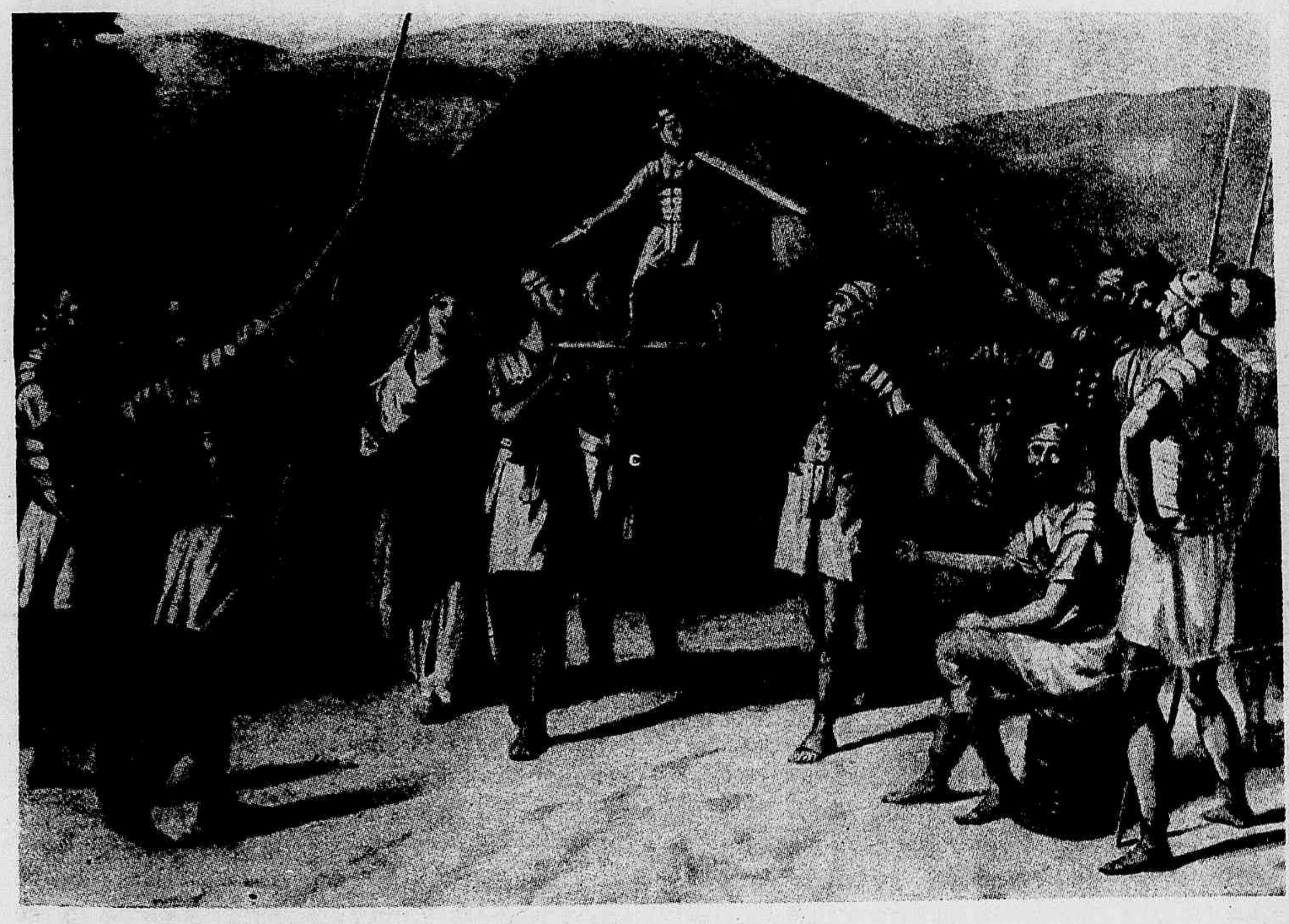
O mêdo de ser mais uma vez assaltado pelo espectro da fome e de ser aviltado pùblicamente pela egolatria social, interdizia o dramaturgo de adorar a grande arte como Jean Racine, Pierre Corneille e Molière. Receia o ostracismo literário e as

perseguições das castas intelectuais, cuja tortura flagela a genialidade e os criadores solitários. E maneja tôdas as astúcias do diálogo teatral com a mesma desenvoltura de Julien Gondinet, Paul Siraudin e Michel Delaporte, três caçadores de celebridade. Assim compôs a comédia "Tio Sam" em 1873 para ser aplaudida nos Estados Unidos, antes de ser louvada pelo público francês, denotando que a sua nomeada já transpusera os mares. Excitava e deprimia a emoção dos espectadores para não fatigar o ouvinte numa só escala. Havia sempre um público apreciador daquele gênero de comédia, onde brilhavam conjuntamente um pouco do romantismo de Victor Hugo e muito da liberdade de Alexandre Dumas. E tôda a sua obra se produziu entre festas como a compensar os assovios recebidos na primeira peça.

Entre as suas espetaculosidades adivinha-se uma imaginação rápida que captura peripécias bizantinas e ciladas medievais, proezas italianas e façanhas espanholas, além de urdiduras cenarizadas sôbre as impressões da Revolução Francesa. Vivaz e extrovertido em pessoa, transmitia seu loquaz temperamento aos personagens.

Teatral demais nos gestos, abusava dos gritos e das gesticulações. René Doumic condenou as suas mulherés e os seus homens precisamente por atuarem como gente de teatro, sem realidade humana e mais preocupados com o público do que com as suas próprias almas. Enquanto a crítica o punia por excesso de imaginação, o povo o narcotizava com o aplauso do alto das platéias na Europa e na América.

Os teatros representavam três e quatro das suas comédias ao mesmo tempo. Sem se aproximar de Caron de Beaumarchais, contudo não se mercantilizou tanto como Augustin-Eugène Scribe, outro caçador de popularidade e que trabalhava com mais



DE ÍDOLO A TIRANO — O imperador Caio, chamado Calígula (botas pequenas), passou muito tempo, durante sua meninice, no acampamento romano do Reno, com seu pai, Germânico, o vingador de Varus. Sua mãe costumava vesti-lo como um legionário, para satisfazer aos soldados, que, por seu lado, tinham grande afeição pelo menino, ao qual, por causa do seu calçado militar (caligae) lhe deram o nome de Calígula. Assim aplaudido desde cedo pelo exército, foi assassinado e deposto pelo mesmo, ao revelar-se um tirano, depois de elevado a imperador.

de quinze colaboradores. Explorou a época da guilhotina em "Thermidor", satirizou costumes e tolices sociais na "Família Be-

Victorien Sardou, na época em que apresentou o drama "Fédora", que teve a interpretação da grande Sarah Bernardt. Sardou disputou a notoriedade com inexcedível paixão e escravizou-se por completo ao êxito, imolando a perenidade da glória na conquista do grande público.

noitan", pescreveu a vingança que descobre o amor em "Fédora", pôs frente à frente o desejo e o patriotismo no drama "Pátria", ousou a caricatura política em "Rabagas". Nas suas obras, o espectador passa velozmente do riso à ansiedade, da expectativa à alegria. Considerava êsse método infalível e o executou freqüentemente, narcotizado pelo estrépito das palmas sonoras.

UM MOMENTO DE PURA EMOÇÃO

Só uma vez, tentou sèriamente fugir à rotina da popularidade com os triunfos fabricados em série. Um exército de autores teatrais, libretistas e vaudevilistas, redigiam paródias e loucuras dramáticas, óperas cômicas e sátiras políticas, facécias mundanas e passionalistas. Se o seu nome sobressai hoje entre as figuras burlescas de Artigue Delacour e Emile Augier, Michel Delaporte e Albert Monnier, Edouard Martin e Emile de Najac, Auguste Duvert e Marc Michel, Pinel Dumanoir e Etienne Arago, Adolphe Carmouche e Auguste Lefranc, Théodore Barrière e Charles Varin, Chapelle Laurencin e Antoine Bayard, Lambert Thiboust e outros escravos do aplauso, deve-o à sua cultura histórica mais elevada, à herança dos clássicos transmitida pela educação paterna. Ferido pela exprobação de compor as suas peças sob um modêlo único, de copiar a si próprio e de plagiar sua própria habilidade, todos os dias e todos os anos, tentou Victorien Sardou o gênero imponente.

Atiraram-lhe na face que Molière, Corneille e Racine não torturavam ninguém com o chôro convulsivo. O verdadeiro artista comove sem a trivialidade do pranto e induz ao riso sem mutilar a realidade com a chalaça.

Insistiram nesse argumento por malícia e rivalidade, aludindo ao seu jôgo sistemático de sensação e truanismo. Para replicar às insídias dos adversários da sua fórmula teatral, que o caricaturavam como galã das multidões, representou em 1874, o drama "Ódio". Peça rumorosa e repleta de fragores, três vêzes impressionante pela trama, pelos personagens e pelo ambiente, contrasta com as suas comédias, merecendo uma análise à parte na obra de Victorien Sardou. O drama se avoluma nos tempos medievais e traz o estigma do imutável passionalismo humano.

No século XIII, duas possantes facções políticas, os Gibelinos e os Guelfos, dominavam parte da Itália e parte da Alemanha. Entre ambas fervilham as traições e os rancores com a brutalidade das épocas convulsas.

Os Gibelinos lutavam pela poder dos Imperadores e os Guelfos combatiam pela supremacia do Papado. Nesse ambiente histórico, onde jorrava o sangue dos guerreiros, entre os Wefs e os Hohenstaufen, colocou Sardou o drama do ódio que se converte em amor. A intriga circula entre "Orso" e "Cordélia", o bandido que se transfigura em horói e a mulher que ama o inimigo da sua honra.

Sardou, que deveria criticar mais tarde Joseph Autran pela sua tragédia a "Filha

de Eschilo". quis patentear que sabia ser trágico. E, de fato, não falta sequer o horror da peste nessa peça composta apenas para desafiar a crítica implacável.

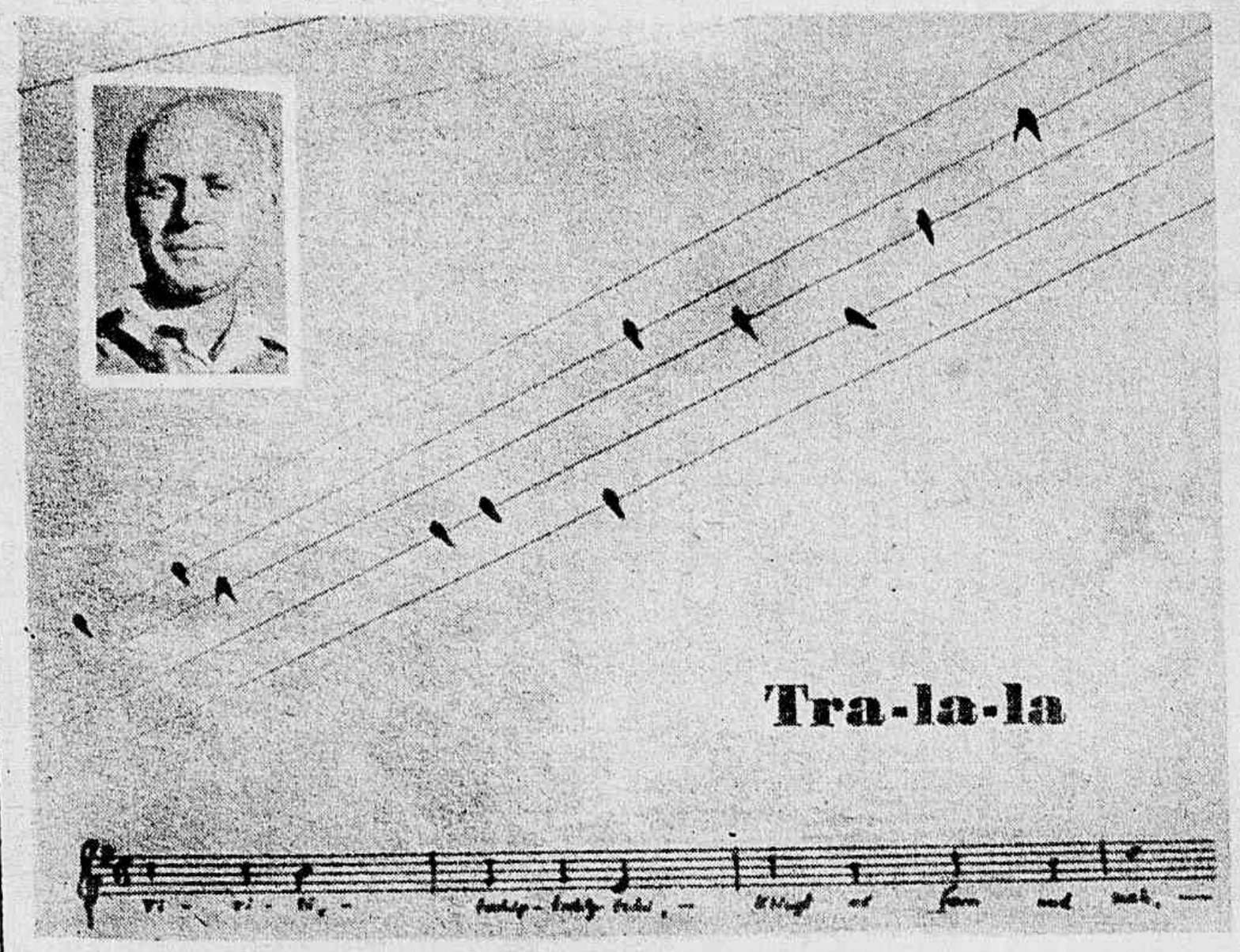
Emile Zola, que maltratou a engenhosidade de "Dora", resumiu a fórmula do triunfo sarduniano em três partes. Dois atos divertidos com situações jocosas, o terceiro e o quarto ato dramáticos para excitar a emoção e o quinto ato final com histrionismo.

Nada disso há no "Ódio", cuja dramaticidade ninguém contestará, embora não possa ser qualificada de obra-prima.

Depois dessa hora de glória, em 1874, abandona o drama por completo e continua a divertir com suas comédias. Por êsse momento de pura emoção, a Academia Francesa o recompensou elegendo-o membro três anos depois, a 7 de junho de 1877.

Não poderia ser Molière, nem existia o favoritismo realesco de Luís XIV para o estimular em Versailles. Por sua vez, a tirania do aplauso o escravizava cada vez mais e o distanciava da arte. O público que bajula o autor engrandece e avilta o artista. Sôbre o destino de Victorien Sardou poderia diagnosticar um crítico materialista imbuído nas teorias do marxismo, que a vida material mutilou a sua consciência literária.

A celebridade não poupa os seus heróis e raros escapam aos estigmas deformadores do sucesso. Os viciados do aplauso quotidiano despojam-se da glória para conquistar o rumor bajulante de uma festa efêmera.



O fotógrafo parisiense Pierre Aurador (no quadro acima) passeava tranqüilamente pelos arredores de Paris, quando, olhando para cima, deparou-se com um espetáculo inédito: sôbre cinco linhas telegráficas (que, vistas de baixo, lembravam um pentagrama, um bando de pássaros havia composto... uma melodia! O fotógrafo, que entende de música, não teve dúvidas: tirou a fotografia que estampamos e, ao chegar à casa, fêz a transposição para o papel, com o auxílio de um músico, Wilfried Kloss. Acontece, todavia, que a autoria da canção está agora sendo reivindicada por ambos. Mas os pássaros — os verdadeiros autores da música — certamente não receberão um centavo.

★ ★

NUMA COLÔNIA NUDISTA

CERTO conferencista de grande nomeada foi convidado a fazer uma palestra numa colônia nudista. Cavalheiros e senhoras o receberam com os **trajes** com que Deus os pôs no mundo. Depois de uma ligeira conversa mostraram o quarto que lhe havia sido reservado e o deixaram sòzinho a fim de que se preparasse para a refeição.

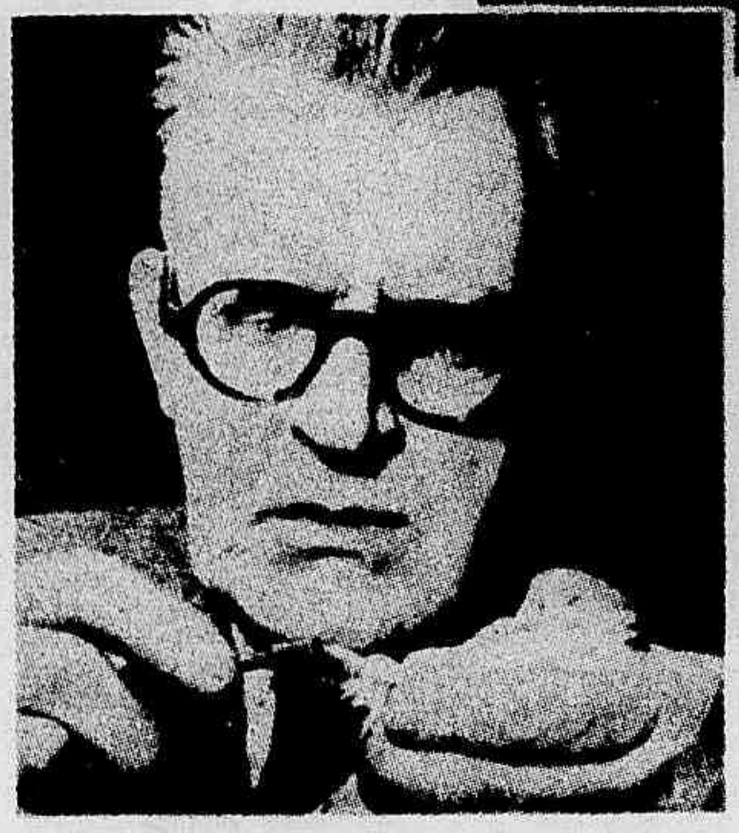
O conferencista, uma vez em seu quarto, começou a andar nervosamente de um lado para outro, sem saber o que fazer; para êle era evidente que, de uma maneira muito sutil, lhe haviam insinuado que se pusesse em trajes de Adão. Após um imenso esfôrço, e vencendo um escrúpulo quase insuperável, despiu-se e, simulando uma naturalidade que estava longe de sentir, dirigiu-se à sala de jantar; porém, ao chegar ali, experimentou a maior surprêsa de sua vida quando viu que os cavalheiros vestiam fraques e as senhoras trajavam belíssimos vestidos!

UMA PERNA DE PAU PARA O PERIQUITO

BRIGANDO com outros periquitos, no viveiro, Joey, pertencente ao dr. Robert Kelley, de San Francisco, acabou perdendo uma perna. Mas seu dono era cirurgião... e resolveu o problema.

Com a madeira de um lápis construiu uma perna de pau para Joey, que logo recuperou seus gritos, sua alegria e sua locomoção, podendo voar, pousar, pendurar-se aqui e ali, sempre irrequieto.

Ao alto: Joey, com o olho redondo e todo alegre, pousado num lápis, esquecendo que outro pedaço de lápis lhe serve de pata. O aparelho é absolutamente perfeito, não magoando o pobre aleijadinho e permitindo-lhe movimentar-se com facilidade.



Ao alto: O poleiro favorito de Joey é a alça dos óculos do seu dono. Isto não era possível depois do acidente. Hoje, olhos semicerrados, Joey parece apreciar mais que nunca esta posição. Ao lado: Quando não tem a prótese, Joey tem que ficar parado e um pouco "adernado". — No clichê seguinte, Joey, sem parecer amedrontado, parece aceitar com satisfação a sua perna de pau, que lhe restabelece o equilíbrio, moral e físico, que tanto necessitava para viver.

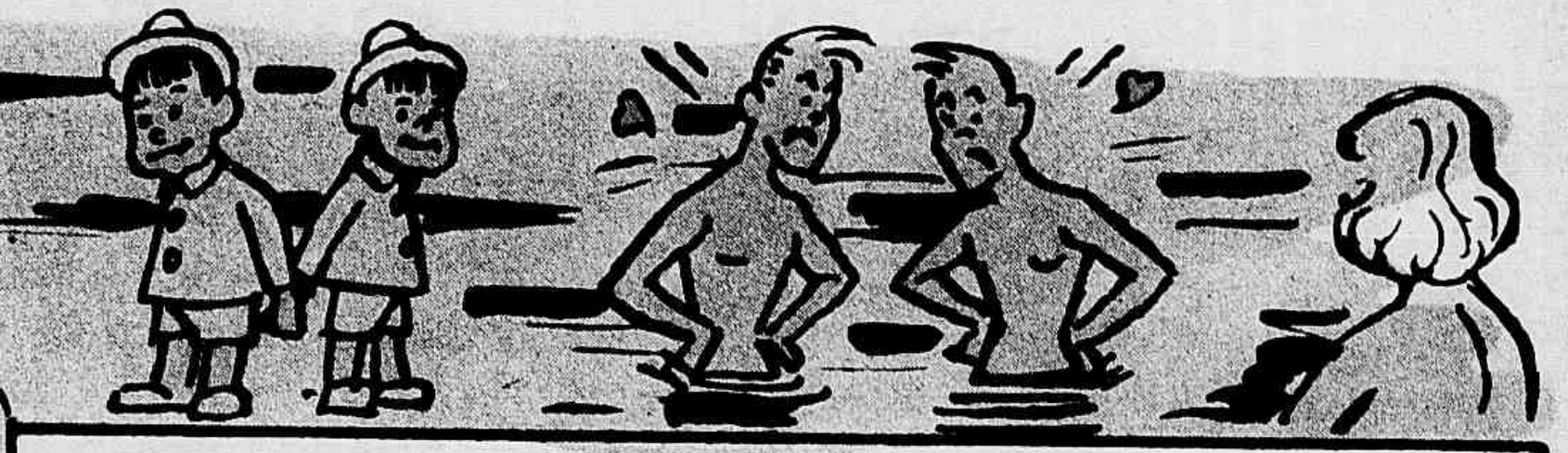
★ ★

A POPULAÇÃO ATUAL DO MUNDO É DE 2.400.000.000!

SE, às vêzes, o leitor se sente como sufocado, se as ruas e os restaurantes se acham superlotados, não deve ficar enervado; há uma razoável explicação para isto.

Os editôres Rand Mcnally, que lançaram recentemente um novo "Atlas Mundial", afirmam que a população atual do mundo é de dois bilhões e quatrocentos milhões — contra dois bilhões e duzentos milhões em 1939 e um bilhão e seiscentos milhões no ano de 1900.

No que diz respeito à velha controvérsia entre Londres e New York, os editôres do Atlas dão aos cinco distritos da Cidade de New York uma população de sete milhões oitocentos e cinqüenta mil, tornando-a, assim, a maior metrópole do mundo!



O QUE TODOS DESEJAM SABER SÔBRE OS GÊMEOS

FILHOS gêmeos e uma série de perguntas parecem coisas inseparáveis. Para onde **quer que se dirijam os pais e os filhos, sempre há alguém para os deter e perguntar se são gêmeos. Uma vez que respondem afirmativamente, as perguntas se sucedem: "São idênticos?" "Dão muito trabalho?" "Há outros casos na família?"**

Mas acontece que êsses mesmos, que costumam fazer semelhantes perguntas, quando sabem que a espôsa vai ter filhos gêmeos, buscam tôda espécie de informações. Começam por fazer perguntas a outras mães de gêmeos. Lêem vários livros e, finalmente, vão consultar diversos médicos.

Êste artigo é o resultado de informações obtidas aqui e ali, com os médicos. Esperamos responder algumas das perguntas que os leitores gostariam de fazer. Porém, da próxima vez que o leitor avistar alguém que conduza um par de crianças parecidas, pode perguntar:

— São gêmeos?

É uma pergunta que sempre encanta as mães de gêmeos.

Eis a série de perguntas que são formuladas com mais freqüência:

1 — Qual a probabilidade de ter gêmeos?

As estatísticas norte-americanas e alemães — as mais perfeitas no gênero — assinalam que em cada 90 nascimentos há um de gêmeos. A idade da mãe influi realmente: é mais provàvel ter gêmeos dos 35 aos 40 anos que dos 20 aos 30.

Quando uma mulher já teve um parto duplo, tem mais possibilidade de voltar a ter outro par de filhos. Os triplos são mais raros; há um caso para cada 9.000 nascimentos; quanto aos quádruplos, a proporção é de um para cada 600.000 nascimentos!

2 — Quando se pode saber que nascerão gêmeos?

Quatro meses antes do nascimento, o médico **pode suspeitar** se serão gêmeos. São poucos os casos dos gêmeos que chegam... inesperadamente! Em geral, ouve-se a pulsação dos dois corações; entretanto, o fato de que se perceba apenas a pulsação de uma só criança não é prova segura de que haja uma só. E nem a própria mãe não pode saber.

3 — É hereditária a tendência para ter gêmeos?

O nascimento de gêmeos ocorre com freqüência numa mesma família, porém, ainda não foi possível determinar **como se transmite essa herança**. Se numa família já ocorreram vários casos, as possibilidades de ter gêmeos são superiores ao do índice geral. Nos **gêmeos-idênticos**, a herança paterna parece influir, mas nos não idênticos, a influência da mãe parece ser maior.

4 — E serão idênticos ?

De cada dez pares de gêmeos três são **idênticos**, isto é: são tão semelhantes que se torna muito difícil distinguir um do outro. Os **gêmeos-idênticos** são sempre do mesmo sexo, e todos os traços hereditários são similares: côr da pele, tipo sanguíneo, etc.

São êstes também chamados gêmeos homogêneos (gerados no mesmo óvulo). Estimam-se profundamente e necessitam constantemente um dos outro; em geral, compõem um quadro isolado dentro da congregação humana como **uma ilhota de compreensão e interdependência**. E não é raro o caso de que inventem uma linguagem inteligível sòmente para êles ou que anotem o ocorrido durante os momentos de separação para não alterar a comunidade de suas vidas. Sua semelhança física é tão grande que sómente depois de muito tempo é que se consegue distingui-los.

É curioso o resultado de uma experiência realizada ùnicamente para comprovar certas diferenças psíquicas entre os dois tipos de gêmeos (homogêneos e heterogêneos). Aos dois pares de irmãos foi confiado um determinado trabalho. Os heterogêneos (nascidos de óvulos diferentes) tendiam a superar um ao outro, e quando a distância entre êles chegou a ser muito grande, perdiam todo o interêsse em prosseguir. Já com os homogêneos sucedeu exatamente o contrário: à proporção que a diferença aumentava, maior era o seu desejo de anular as distâncias, a fim de que voltassem a nivelar seus esforços e os resultados dos mesmos.

5 — Quais são as possibilidades de sobrevivência entre os gêmeos ?

Cêrca de 70 por cento dos gêmeos nascem prematuramente, e esta tem sido uma das principais causas de sua alta mortalidade. Porém, como os cuidados pelas crianças prematuras têm melhorado sensìvelmente, e ainda continuam melhorando, a proporção de mortalidade entre os gêmeos também sofreu um declínio. Caso seja necessidade os recém-nascidos podem ser colocados em incubadoras isoladas, permitindo que as enfermeiras cuidem dos mesmos sem retirá-los do aparelho. Assim, poderão permanecer em um ambiente cuja temperatura e provisão de oxigênio se acham reguladas, até que se tornem suficientemente fortes para resistir a uma temperatura normal.

6 — Crescerão normalmente ?

A maior dificuldade por que passam os gêmeos, nesse particular, também reside na sua prematuridade. Em tudo o mais são tão normais e capazes como um filho único. Uma vez ultrapassada a primeira infância, suas possibilidades de sobrevivência são iguais às de qualquer outro indivíduo.

7 — Seu desenvolvimento mental é mais lento do que o das crianças não gêmeas ?

Às vêzes tardam em falar. Porém não é

fenômeno grave e as mães podem ficar tranqüilas; não devem compará-los com o filho único do vizinho. Em geral, quando atingem a idade de ir à escola, os gêmeos são tão fortes e inteligentes como qualquer outro menino.

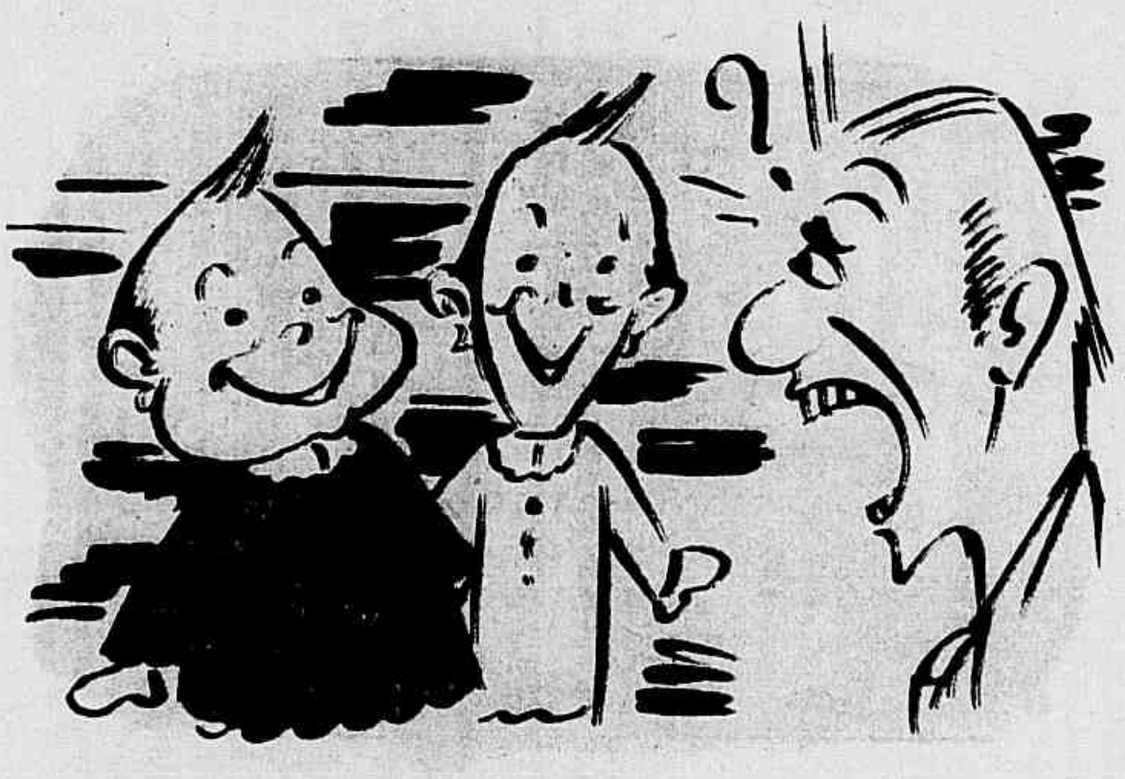
8 — Os gêmeos dão o dôbro do trabalho ?

A resposta a esta pergunta varia de acôrdo com as mães de gêmeos. Mas, em sua maioria, estão elas de acôrdo em que o trabalho material é 50 por cento maior que o requerido por um único filho, e **não cem por cento !**

E não há muita complicação em esterilizar 16 fraldas por dia em vez de apenas oito; também, uma vez que tudo esteja preparado para dar banho numa pessoa, não custa muito banhar uma segunda... O

tempo adicional, exigido por sua alimentação e também para mudança de roupas, é compensado pelo fato de que os dois se entretêm por si sós. Os gêmeos, geralmente, são muito sossegados.

Por outro lado, os pais afirmam, em



geral, que a **tensão emocional** é três ou quatro vêzes mais forte.

Pode ser, de fato, desinteressante ter que ouvir dois meninos chorar ao mesmo tempo e não poder atender senão a um dêles. Além disso, é preciso ter muita paciência para inculcar-lhes os hábitos do asseio.

Pràticamente, tôdas as mães de gêmeos aconselharão aos que as interrogarem a lançar mão de todos os recursos e truques que a prática ensina e também das máquinas diversas para diminuir o trabalho. É claro que o leitor deve procurar ajuda para

as tarefas domésticas. Isto pode parecer um luxo, mas é preciso não esquecer que os seus gastos com diversões ficarão muito reduzidos durante bastante tempo.

Os pais e mãe de gêmeos estão de acôrdo em afirmar que seja qual fôr o trabalho adicional dado pelos mesmos, maior é a satisfação que proporcionam.

Se algum dia o leitor chegar a ser pai de gêmeos, logo sentirá que **uma mãe extra** deveria ter chegado ao mesmo tempo que o **bebê extra**. Porém, ao ver duas cabecinhas inclinadas ao mesmo tempo para rezar ou sorrir, desejará fervorosamente que, daí por diante, todos os seus filhos venham de dois **a dois**.

★

AS SEMENTES NÃO SÃO SUSCETÍVEIS À AÇÃO DOS RAIOS CÓSMICOS

OS pilotos que voam a altitudes estratosféricas não mais devem temer que a chuva de raios cósmicos lhe afetem as células controladoras da hereditariedade.

É esta a conclusão sacada de experiências realizadas na Universidade de Chicago, na qual várias sementes de vegetais foram bombardeadas com raios cósmicos, a altitudes que variam entre 9.000 e 30.000 metros, e com uma duração de cêrca de oito horas.

Alguns especialistas em radiação julgavam que os raios cósmicos tinham o poder de alterar as partes do corpo celular que controlam a hereditariedade.

Mas diversas gerações de plantas, provenientes de sementes expostas a êsses raios, não apresentaram qualquer mutação ou variação do verdadeiro tipo. As plantas cresceram normalmente.

Na "Gazeta de Botânica", da referida universidade, John Beal, presidente do departamento de botânica, referiu-se a uma exposição de sementes aos raios cósmicos, em balões de longo alcance.

Trigo, lírio, mustarda, centeio e rábano foram as sementes enviadas para a estratosfera juntamente com os instrumentos registradores do dr. Marcel Schein, professor de física e grande autoridade em radiações.

No primeiro vôo, as sementes de lírio e de mustarda alcançaram 30.000 metros de altitude, onde foram bombardeadas por pesadas partículas nucleares, muito semelhantes às que são produzidas pelos sincro-ciclotrons de 450 milhões de volts.

E embora as sementes tivessem ficado ensopadas quando o aparelho caiu, acidentalmente, dentro do lago Erié, tôdas germinaram e cresceram normalmente, acontecendo a mesma coisa com os seus descendentes, desde 1948.

Tôdas as outras sementes expostas em três vôos subseqüentes cresceram inalteradamente, com exceção de um pequeno grupo. Por motivos ainda hoje desconhecidos, nenhuma das sementes dêsse grupo germinou.

OH! AS TAGARELAS ESTÃO CONTENTES!

PUBLICAMOS, recentemente, na coluna "Por Que Não Fazem", a sugestão de um aparelho que permitisse falar ao telefone sem interromper os afazeres domésticos. Um inventor norte-americano (engenheiro de uma companhia telefônica) acaba de resolver o assunto e já agora as tagarelas da América do Norte (por enquanto sòmente as de lá!) podem falar horas seguidas, sem prejuízo de seus deveres domésticos, segundo mostram as gravuras.

A tagarela pode manter uma longa conversa com sua "mamãe", enquanto passa a ferro os vestidinhos da filhinha.

Também pode dar o almoço ao filho pequenino, sem deixar de falar da vida de uma certa amiga... com outra amiga.

Sem deixar de pintar as próprias unhas, ouve da irmã um relatório completo sôbre o que havia nas vitrinas da cidade...

★ ★

AS PLANTAS AJUDAM A MATAR SEUS INIMIGOS

UMA resposta ao mais fantástico sonho dos fazendeiros: plantas que matem os insetos nocivos que as atacam! Eis o que, agora, parece possível.

E esta resposta pode ser dada por um novo inseticida (compôsto de fósforo) desenvolvido na Alemanha, e que é aplicado não mais **fora** da planta, mas **no seu interior**!

Espalhando-se pelas fôlhas, através de uma irrigação hidráulica ou por meio de injeções aplicadas diretamente no tronco, os novos compostos passam a fazer parte do sistema do vegetal. A seiva é o elemento condutor do inseticida e, assim, quando os pulgões, as larvas, ou qualquer outro inseto nocivo suga essa seiva, fica envenenado e morre.

Entretanto, essa mesma seiva não é capaz de matar os insetos inofensivos (as abelhas que polinizam as plantas, as joaninhas e outros insetos benéficos). E o interessante é que tais substâncias, que destroem os insetos, ao mesmo tempo alimentam as plantas.

Irônicamente, êsses compostos, que poderão vir a ser das maiores armas do homem do campo, provém diretamente da fúria terrível da Segunda Grande Guerra, quando das pesquisas realizadas sôbre os gases letais de compostos fosfóricos.

Os cientistas vêem no novo inseticida uma arma capaz de provocar um rápido declínio na praga do pulgão nos laranjais da Califórnia.

E chegam mesmo a sonhar com o aperfeiçoamento de um composto que possa ser administrado nos animais domésticos a fim de os proteger dos piolhos, carrapatos e môscas.

ESTÃO ERRADOS OS PESSIMISTAS

O HOMEM É MAIS FORTE DO QUE OS INSETOS!

Por A. LAGAGE

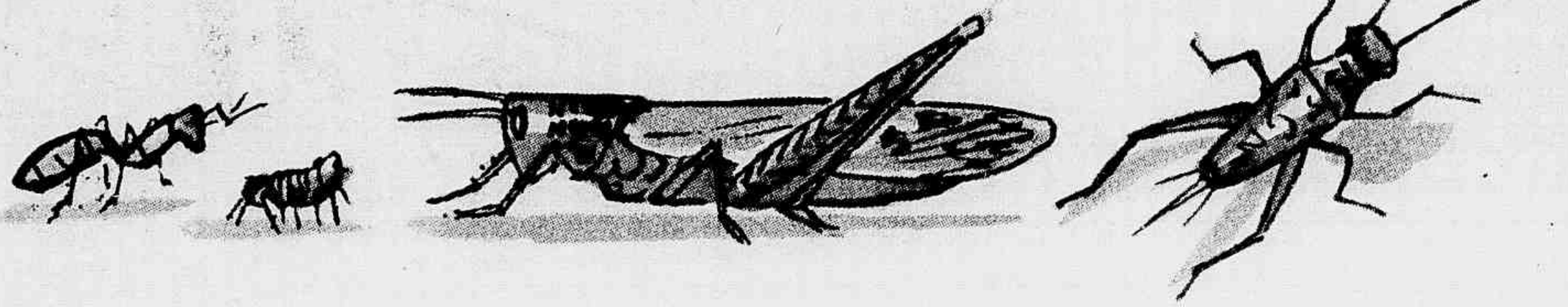
AFIRMA-SE, freqüentemente, que o homem com relação à sua estatura é muitíssimo mais débil do que um inseto. E para fundamentar esta afirmação formulam-se comparações como a seguinte: a pulga pode elevar-se verticalmente, e de um só salto, a uma altura 300 vêzes maior do que a sua; portanto, **se o homem fôsse tão forte quanto a pulga,** não precisaria de dar mais de dez saltos para ultrapassar o cume do Monte Branco, que, como é sabido, é o mais elevado dos Alpes, com quatro mil oitocentos e dez metros de altitude.

Usando-se de idêntica comparação, para dar um salto semelhante ao do gafanhoto, o canguru deveria pular tão alto quanto o Arco do Triunfo, de Paris.

A superioridade dinâmica dos insetos sôbre o homem é também afirmada quando se faz referência à capacidade que têm alguns dêles para transportar cargas. Uma formiga de meio centímetro de comprimento transporta — segundo se diz — com relativa facilidade um pedaço de madeira quatro vêzes mais comprido do que o seu corpo.

Para que o homem transportasse uma carga de igual proporção, teria que conduzir uma viga de quase mil quilos de pêso!

A afirmativa de que os insetos são mais vigarosos do que o homem é puro engano...



Uma formiga carrega no máximo 20 miligramas e nunca seria capaz de carregar seis gramas, que é o pêso que um homem deveria transportar para ser tão forte como o inseto...

Tôdas essas conclusões, entretanto... estão erradas. E, se o problema fôr estudado com maior profundidade, comprovaremos, pelo contrário, que o homem, relativamente a sua estatura, é incomparàvelmente mais forte do que um inseto.

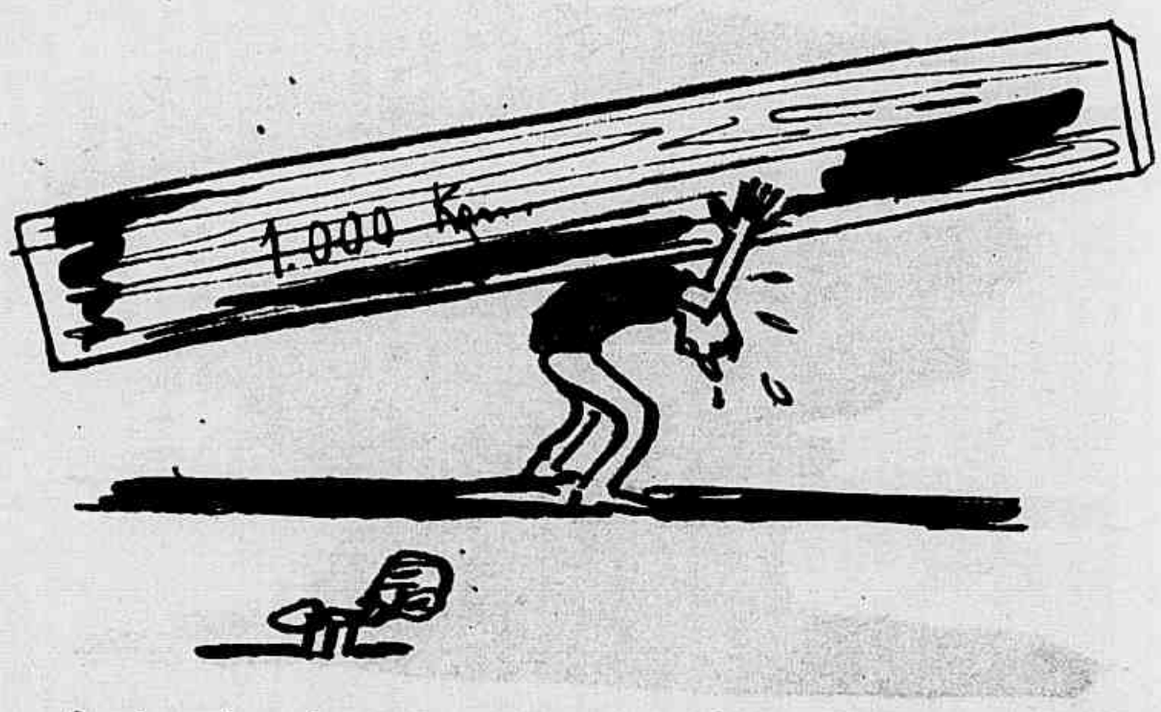
Tomemos, como exemplo, um homem de 1,70 de altura e com um pêso de 70 k. Êsse homem tem uma estatura equivalente a 340 vêzes a estatura de uma formiga, sendo tão forte quanto ela, teria que transportar um pêso 340 vêzes **maior do que o levado pelo**

No entanto, qualquer indivíduo carrega, diàriamente, pesos que vão dos doze aos quarenta quilos, sem dispender grande esfôrço...

inseto. Meçamos, pois, o volume da relativamente impressionante viga transportada pela formiga, isto é: apreciemos a carga em unidades cúbicas. Descobriremos que o pequeno pedaço de madeira tem 20 melímetros cúbicos. Esta medida corresponde em pêso a menos de 20 miligramas (porque a madeira é menos densa do que a água). Pois bem: 340 vêzes 20 miligramas vem a ser 6 gramas e 8 miligramas!

E o homem carregando sete gramas faria, proporcionalmente, o mesmo que a formiga! Porém, todos sabem que o mais fraco dos homens transporta com facilidade sete quilos, o que representa um pêso mil vêzes maior que aquêle.

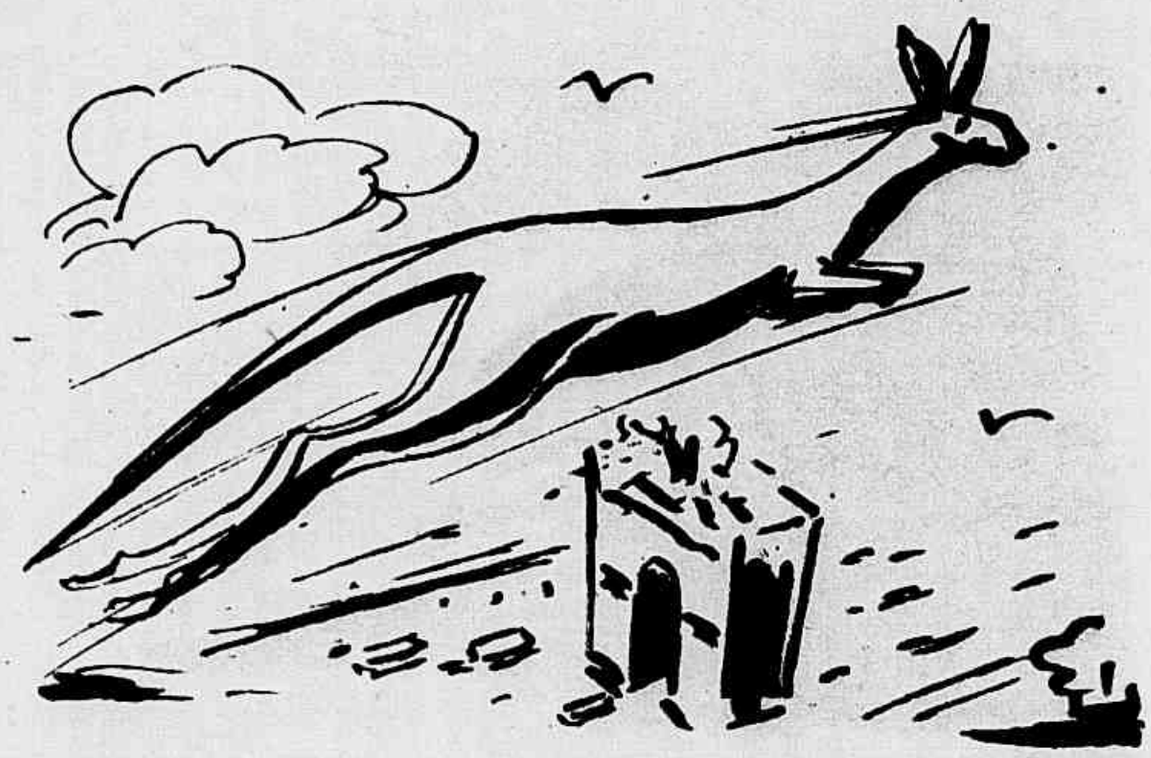
E a prova numérica, feita ao inverso, é mais surpreendente ainda. Considerando que o homem, sem despender um esfôrço excessivo, pode conduzir um pêso de 35.000



A teoria de que para ser tão forte como a formiga o homem teria que carregar uma viga de mil quilos é pura e simples fantasia...

gramas, a formiga, com relativa igualdade de fôrças, deveria transportar 340 vêzes menos, ou seja uma centena de gramas; uma formiga teria, pois, de carregar sòzinha um pedaço de pão bastante grande. Assim como o inseto está longe de realizar esta façanha, o está também de ser, proporcionalmente ao seu tamanho, tão forte quanto o homem!

Por outro lado, podemos afirmar com segurança que, dentro dessa mesma escala



A história de que um canguru para dar um salto equivalente ao do gafanhoto teria que pular mais alto que o Arco do Triunfo, de Paris... não passa de "história" mesmo!

de proporções, o homem é 5.000 vêzes mais forte do que a formiga.

E há algo mais a acrescentar: o homem não apenas é mais forte do que a formiga. como é um saltador muito mais poderoso que a pulga.

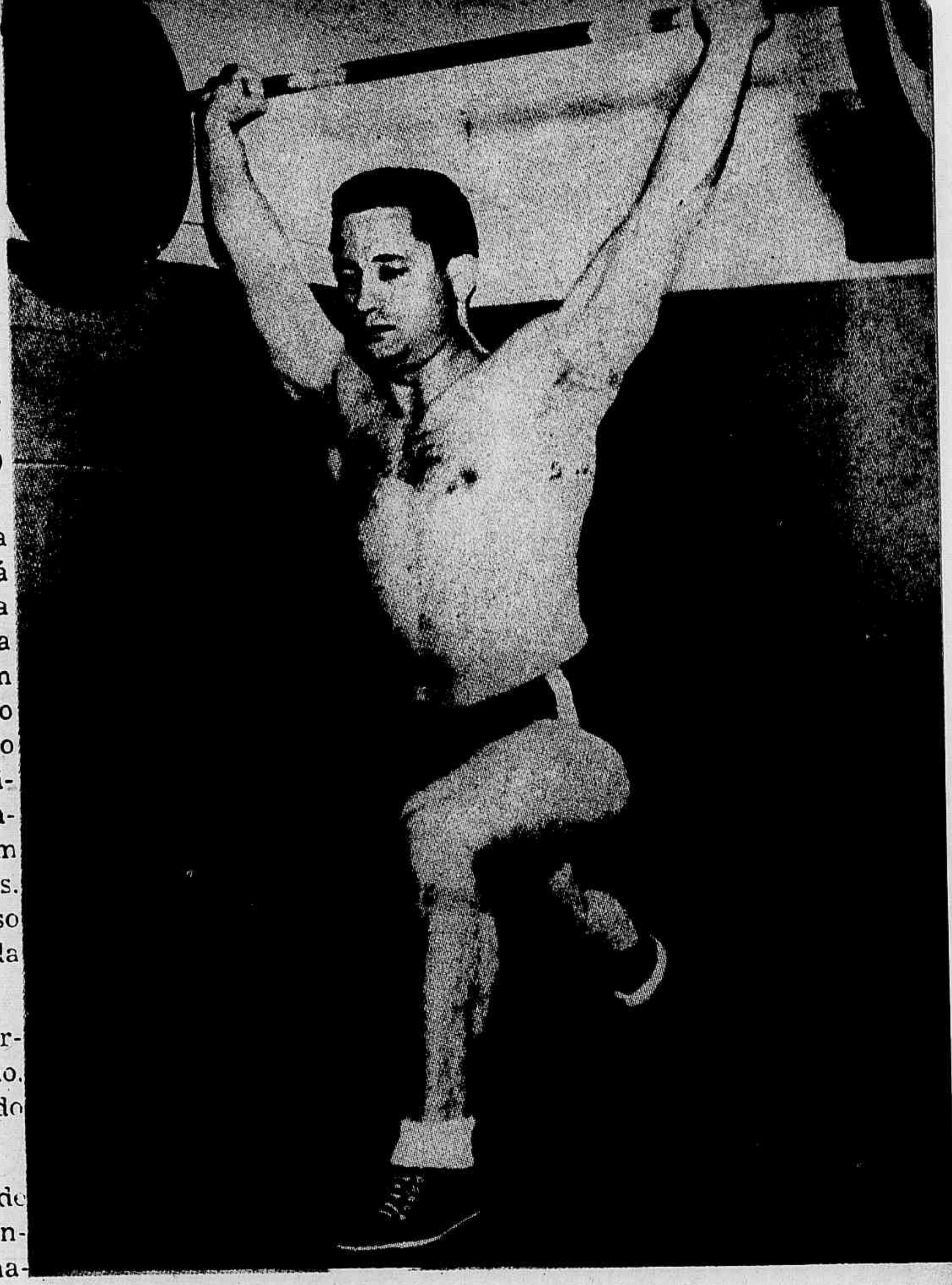
Admitamos para a pulga do tamanho de 1 milímetro. que corresponde para o homem a uma estatura 1.700 vêzes maior.

De acôrdo com a aludida proporção, o homem deverá transportar à mesma altura de 30 centímetros (salto da pulga), num só salto e em igualdade de tempo, um pêso 1.700 vêzes maior do que o pêso do inseto, o qual equivale a 1 grama e 7 miligramas. Mas, como o homem tem um pêso de 70 quilos. transporta, no salto, um pêso que é 40.000 vêzes o da pulga!

Assim, o homem, proporcionalmente ao seu tamanho. é 40.000 vêzes mais forte do que a pulga.

O êrro que acabamos de verificar — e que é freqüentemente encontrado nos manuais de vulgarização que tratam de insetos — pode ser atribuído a uma razão muito simples: julgamos geralmente a proporção dos objetos de acôrdo com as imagens dos mesmos. E ao adotar êsse critério, esquecemos que, quando a escala de comprimento de um objeto diminui, a escala de pêso diminui **com muito mais rapidez;** se a diminuição da escala da longitude é de 340 para 1, a correspondente ao pêso é de 39 milhões para 1, como ocorre no caso do homem e da formiga.

Nessas condições, quanto menores forem os sêres, mais possibilidade terão de transportar cargas proporcionalmente excessivas sem desenvolver uma fôrça extraordinária.



Se carregasse sete gramas, o homem já faria muito mais que a formiga. Entretanto, os últimos campeonatos de levantamento de pêso, acusam os vencedores uma média superior a 250!

A NÃO VIOLÊNCIA

A não violência, sob seu aspecto dinâmico, quer dizer sofrimento consciente. De nenhum modo devemos ficar humildemente submissos à vontade daquele que praticou o mal; ao contrário, tôda a nossa alma deve resistir à vontade do tirano.

Um único indivíduo que aja de acôrdo com esta lei fundamental pode desafiar todo o poder de um império injusto, para salvar sua honra, sua religião, sua alma e provocar, mais tarde, a derrocada dêste império em favor da sua regeneração.

GANDHI

PODERÁ UM AVIÃO A JATO ALCANÇAR AS SUAS PRÓPRIAS BALAS?

Scientistas estão começando a ficar preocupados com um problema muito peculiar à idade da propulsão à jato.

Será que um avião, atingindo uma velocidade vertiginosa, poderá alcançar suas próprias balas e sofrer avarias causadas pelas mesmas?

Eis a resposta: **possível, mas altamente improvável** !

É o que afirma Orin Gard, chefe da Seção de Análise do Departamento de Desenvolvimento Aeronáutico da Base Aérea de Wright-Petterson (EE.UU.), em recente publicação no Boletim de Informação do Exército:

"Pràticamente, a possibilidade de um avião alcançar suas próprias balas e de ser atingido pelas mesmas, está fora de cogitação. Mas, no caso de aparecer um canhão cujas balas sejam **instáveis** e desenvolvam menor velocidade, então, sim, tal possibilidade poderá tornar-se mais real."

PUBLICIDADE

QUANDO Charles Chaplin era apenas um pequeno ator londrino, em "tournée" pelos Estados Unidos, o grande cômico nacional era Fatty Arbucle (Chico Bóia). Passando, certa manhã, diante do teatro em que o seu rival triunfava tôdas as noites, Chaplin parou para olhar as fotografias de Fatty, expostas na porta. Ao lado das fotografias estavam afixados recortes de jornais contendo elogios hiperbólicos. Chaplin, notando um calmo indivíduo que lançava passos muito lentos diante do prédio, iniciou uma conversação.

— O senhor leu? — disse êle, com ar risonho e zombeteiro. — Será assim tão bom como dizem?

— Claro que é! — respondeu o outro, com absoluta segurança. — É, até, o melhor que existe em todo o mundo!

— Será êle tão bom como Chaplin? — perguntou Carlitos, com ar superior.

— Que tem Chaplin com o caso? — perguntou o outro, com ar de desprêzo. Não pode haver comparação, pois que não são da mesma classe. Fatty é uma estrêla... Nem posso compreender como o senhor pôde fazer uma tal pergunta.

Então Chaplin, esticando-se quanto pôde, para parecer mais alto, anunciou com orgulho:

— É que eu sou Charles Chaplin.

— Sei isso muito bem — disse o outro, sorridente. — Eu sou Fatty!

APÊNDICE

TARDE da noite, o telefone chama na residência do médico.

— Doutor. Aqui fala Fulano de Tal, da rua Z, número 7. Por favor, venha com urgência. Minha mulher está com forte crise de apêndice...

— Fulano de tal? Da rua Z, número 7? — repete o médico. — Meu caro amigo, deve haver um engano... ou o senhor está simplesmente gracejando! Já operei a sua senhora, há quatro anos, justamente de apendicite... e nunca ouvi dizer que alguém pudesse ter um segundo apêndice!

— Tem razão, doutor... Mas talvez já tenha ouvido dizer que alguém casou uma segunda vez?

O MISTÉRIO DAS ESFERAS VERMELHAS

Romance de JOHN WYNDHAM

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O "Guinevere", transatlântico de luxo, cruzava as quietas águas diante dos Açores, sob um luar maravilhoso, quando um casal, que nêle viajava, observa a queda no mar, de várias esferas vermelhas, que ao tocar a água dispendem vapor, ficando a água a ferver durante alguns minutos. O mesmo fato é observado em outros trechos oceânicos por passageiros de outros navios e aviões e o Almirantado decide fazer descer .observadores, em um batiscópio, ao fundo das águas. a fim de procurar resolver o mistério.

Desgraçadamente, atingindo pouco mais de duas milhas e meia de profundidade, os exploradores cessam qualquer comunicação com o navio que lançara o batiscapo e o cabo, içado às pressas, está cortado, fundido! Então, aqui e ali, navios começam a ser tragados pelas ondas, inexplicàvelmente, ou a explodir, pura e simplesmente, sem qualquer razão aparente, chegando-se à conclusão de que as tais esferas vermelhas continham sêres pensantes e que tôdas aquelas catástrofes lhes eram devidas. Por quê? Desejavam acabar com os habitantes da Terra? Pouco depois inimagináveis quantidades de peixes, de todos os tipos e tamanhos morrem e flutuam nas águas onde mergulharam as esferas. Inglaterra, Rússia e Estados Unidos decid em reagir e lançam bombas atômicas de profundidade. Só a primeira explode. As outras tiveram sua explosão *suspensa por alguma vontade desconhecida*.

— E já souberam que se verificou ontem uma explosão atômica inesperada e fora de nossos contrôles experimentais?

— Não! — disse Phyllis, acrescentando com interêsse: — Teria sido uma daquelas **duas? Das nossas**?

— Gostaria realmente de que **não fôsse alguma outra**! — respondeu o sábio. — Entretanto, o fato estranho é que, embora uma delas tenha sido perdida ao largo das Aleutas, e a outra em Mindanao, a explosão de ontem se verificou a umas boas doze centenas de milhas de Mindanao!

★

Essa entrevista fêz Phyllis dizer, desesperadamente:

— Não sei por que razão estamos a nos incomodar com os fatos que ocorrem nas profundezas do mar, justamente em regiões inatingíveis para nós, e de todo inúteis para a humanidade. Se se trata de zonas que não representam qualquer utilidade, então, por que motivo não deixamos tudo aquilo aos que podem realizar... coisas lá em baixo?

— Não deixa de ser razoável a sua conclusão; mas só até certo ponto e superficialmente — disse eu, acrescentando: Isto é caso de instinto, não de consciência, ou de razão. O instinto de autoproteção se opõe à idéia de uma inteligência alienígena de influência, e não sem muita razão. Dadas as atividades de duas diferentes espécies, cada qual com suas características próprias do planêta de origem, inevitável se torna que, mais cedo ou mais tarde, uma extermine a outra.

Phyllis não esperava por esta explicação.

— Isto cheira à horrível teoria de Darwin — disse ela.

No dia seguinte, passei a vista pelos jornais. As manchetes eram dedicadas a um naufrágio. O transatlântico japonês "Yatsushiro" na viagem de Nagasaki a Amboina, nas Molucas, fôra a pique, sob tempo calmo e em menos de um minuto. Cinco sobreviventes foram encontrados, em um total de setecentas pessoas a bordo. Um dos jornais ilustrou a notícia com um mapa da área, pelo qual vimos que o naufrágio se dera perto de Mindanao, zona já nossa velha conhecida.

Phyllis perguntou:

— Pensa você que isso já é coisa **dêles**? Assim, tão cedo? Um grande **liner** viaja sempre cheio de homens desarmados, mulheres e crianças pacíficas, e são todos destruídos em segundos! Estas tragédias no mar são terrìvelmente desumanas.

Enlacei-a com os meus braços e afastei-a do jornal.

★

Numa quarta-feira, à noite, o boletim radiofônico das nove horas anunciou que o **Queen Anne** se perdera em alto-mar. A notícia era lacônica. Não havia detalhes; mas temia-se que o número dos mortos fôsse muito elevado. Seguiu-se silêncio de

uns quinze minutos, voltando o locutor a falar:

"O **Queen Anne** era detentor do recorde de travessia transatlântica, deslocava noventa mil toneladas e fôra construído em..."

Movimentei o dial para não ouvir o resto. Phyllis me fitava com expressão de profunda mágoa. Eu a olhava também e vi deslizarem de seus olhos dois fios de lágrimas.

— O **Queen Anne**! Oh, Deus! — suspirou ela. — Oh, Mike! Tão belo navio!

No dia seguinte ouvimos a notícia do naufrágio de outro transatlântico, o **Carib Princess**, e da perda, também no mar, do avião de passageiros, **Meritorious**.

O desastre com a aeronave, segundo o rádio esclareceu, ocorrera no Atlântico médio, a oitocentas milhas a sudoeste das ilhas de Cabo Verde; o **Carib Princess** naufragara a umas vinte milhas de Santiago de Cuba. Ambos haviam afundado em dois ou três minutos. Era difícil dizer qual dos dois povos estava mais desolado com estas perdas, se o inglês, ou o norte-americano.

O govêrno dos Estados Unidos resolveu tentar fazer vir à tona o "Carib Princess", por meio de bombas de profundidade na área do Cayman, no ponto em que afundara o **liner,** embora as esperanças fôssem mínimas, em virtude da área de profundidade ser ali de cinqüenta milhas de comprimento e quatrocentas, de largura.

Todos os que acompanhavam a reportagem pelo rádio, jamais esquecerão o tom de horror com que falou o "speaker", que irradiava a operação na área do naufrágio, de bordo de um dos navios. Ia êle falando, noticiando o acontecimento, quando, sùbitamente, com voz de assombro, exclamou:

"Qualquer coisa parece que... Santo Deus! Um dos navios explodiu!"

Mal dizia isso, e eis que sua voz se tornou esganiçada e ouviu-se a segunda explosão, em meio de infernal confusão de sons, de ruídos, de vozes em clamor. E o locutor, como que tomado de pânico, explicava em palavras tumultuadas:

"A primeira explosão que ouviram foi do destróier **Cavort**, que desapareceu ràpidamente. A segunda foi a da fragata **Redwood**, que também foi a pique. Os outros navios da flotilha estão se dispersando a todo vapor, a fim de fugir da área perigosa. O convés trepida sob nossos pés, em virtude da grande velocidade. Já decorreram cinco minutos do afundamento do **Redwood**. A que profundidade terá êle mergulhado? Por Deus! A que atribuir tamanha desgraça? Será que estamos a salvo? Vamos a grande velocidade para longe da área da catástrofe. Como se explicar a quase simultaneidade das duas explosões? Graças a Deus já se passaram sete minutos... E vemos os outros navios a romper as águas deixando uma esteira de espuma branca atrás dêles. Talvez que tudo tenha sido causado por alguma bomba desgarrada... Mas, por que não houve alguém que advertisse dos perigos? Tudo precisa ficar esclarecido... Mas, oh, Deus! Continuamos a ouvir estrondos à distância... Penso que, realmente, conseguimos escapar... Deus! Oh, Deus! Agora, todo o oceano..."

E a irradiação foi cortada!

O locutor pôde salvar-se, apesar de o seu barco ter sido afundado, bem como outros cinco da flotilha. Os navios salvos apresentavam vestígios de radiotividade. Foi aquêle dia trágico para tôda a humanidade que acabou com as nossas dúvidas.

Dois dos quatro navios perdidos em **Cayman Trench** sucumbiram a bomba, mas o fim dos outros dois revelou aos céticos que, evidentemente, **algo muito perigoso havia nas profundezas dos mares**.

TERCEIRA PARTE

Era fora de dúvida que certas **inteligências** nos provocavam, lá no fundo do oceano! Navios, grandes e pequenos tinham sido misteriosamente postos a pique, em segundos. Teria tudo isso qualquer relação com as **esferas de fogo** vistas a cair no mar, a velocidade calculadas em mil milhas por hora? Poderia ser isso verdade e estarmos diante de uma invasão de gente procedente de outro planêta, como julgava o dr. Bocker?

Eis as conjecturas que alarmavam o mundo, incluindo mesmo a URSS, embora suas reservas em declarar ter perdido, em condições misteriosas, um cargueiro e um não especificado navio de guerra. Mas estavam também os russos dispostos a coope-

rar no esfôrço para anular qualquer ameaça à paz do mundo.

Propôs o govêrno britânico a realização de uma Conferência Naval Internacional em Londres, para o exame imediato da situação e a discussão das medidas preliminares, a fim de ser enfrentado o problema. A Conferência, que se realizou em Westminster, três dias após sua convocação, produziu em Londres grande emoção! Cancelaram-se passagens marítimas às centenas, enquanto as aéreas afluíam em tão grande proporção, que foi estabelecido o regime de fila. O govêrno teve que intervir no mercado de combustíveis determinando racionamento, o que refletiu no mercado exterior, e muitos artigos de primeira necessidade, especialmente os gêneros alimentícios, tiveram aumento de cem por cento.

Ordens oficiais recomendavam que se evitasse aproximação com tôdas as zonas marítimas de grandes profundidades, projetando-se futuras investigações.

Observando-se tal determinação, embora não fôsse imediatamente reconhecida a sua necessidade, resultaram disso as primeiras notícias, uma de **Safira,** e outra de **April Island**.

Safira, ilha remota do Atlântico, fica um pouco ao sul do Equador, e a umas quatrocentas milhas a sueste da Ilha de Fernando de Noronha. Nesse longínquo e isolado ponto vivia uma população de uns cem indivíduos na mais primitiva das condições, entregues aos seus próprios hábitos e pouco interessados com o que se passava no resto do mundo. Comunicações com a América do Sul foram mantidas durante certo tempo, com intervalos, por meio de um navio que assim garantirá o suprimento das coisas mais essenciais a essas ilhas.

Normalmente, à chegada de navios à ilha, os safirianos acorrem à praia em algazarra. Mas, desta vez, embora o navio ancorado apitasse para despertar a atenção dos habitantes, não se viu uma só pessoa deixar suas cabanas para dar as boas-vindas aos tripulantes. Não se via sinal de vida na povoação, nem tão pouco qualquer fumaça acima dos casebres.

Surpreendidos, os visitantes resolveram verificar o que ocorria em terra. Desceram alguns à praia da pequena enseada e, aos grupos, se encaminharam com precaução, ouvido atento, intrigados com o caso. Não ouviam senão gritos de gaivotas e o ruído das vagas. Instantes depois estavam diante das casas.

Tudo parecia em ordem, tudo limpo. Não havia sinal de desordem ou de mudança. Penetraram numa das habitações. As camas estavam postas como se esperassem por seus donos. Na segunda casa e na terceira, o mesmo aspecto de paz ambiente. Numa quarta cabana acharam uma criança morta em seu berço, no quarto dos pais. Os marinheiros, atônitos, regressaram ao navio, sem compreender o fenômeno.

O fato foi imediatamente comunicado ao Departamento do Estado, que autorizou investigação total no interior da ilha. Embora com certa relutância, a tripulação desceu a terra e se dividiu em grupos.

No segundo dia dos três que ali estiveram em pesquisas, descobriram um grupo de quatro mulheres e seis crianças em duas cavernas da colina. Todos mortos, havia semanas, talvez de inanição. No fim do terceiro dia, os pesquisadores chegaram à conclusão de que, se houvesse alguém vivo na ilha, só poderia estar escondido deliberadamente.

Na April Island a coisa foi mais curiosa. A praia foi marcada com grandes valas de oito pés de largura, desde a beira-mar às cabanas dos habitantes. A profundidade era de cinco a seis polegadas. Com a areia fizeram uma espécie de dique circundando a praia. Pela marca parecia que estacionara ali enorme vaso vindo do mar.

A estupefação era geral. Os exploradores daquela modesta povoação passaram a examinar o interior das cabanas, com a maior cautela. Empurravam as portas como se esperassem uma reação violenta do interior. Mas tudo jazia em paz. Não se via sinal de vida. Como teria desaparecido tôda aquela gente? Para onde? Por quê?

— Alguma coisa veio do mar... — alvitrou um dos exploradores, a olhar a praia, com visível inquietação.

— Sim — ajuntou o que comandava a turma — alguma coisa, três dessas **coisas...**

★

Diante dos estranhos fatos de perdas de navios, o **English Broadcasting Corporation**

entrou na campanha. Já não havia dúvida de que existiam sêres diabólicos agindo na profundeza dos mares. Então um dos seus maiores financiadores propôs a organização de uma expedição com a finalidade de realizar uma pesquisa completa, naturalmente sob exclusividade, e com a colaboração direta do dr. Bocker. Sim. Caberia a êsse eminente sábio a escolha da zona, bem como os membros da expedição. Lembrando-se de Phyllis e de mim, com quem muito simpatizara, não deixou de nos apontar e logo fomos incluídos no grupo. Dentro de algumas semanas já estávamos na ilha

tropical conhecida como **Escondida**. O nosso hotel tinha um nome misterioso: **Grand Hotel Britânia y la Justicia**. O azul intenso das águas brilhava em milhas e milhas de extensão até à linha do horizonte. A praia desenhava uma curva, indo terminar numa ponta cheia de coqueiros, que farfalhavam ao sôpro de ventos mornos. À esquerda seguia-se até à capital da ilha, cujas casas revelavam sua origem espanhola, o que também acontecia com a língua do povo, mais para o espanhol do que para o inglês. Havia **plazas** e **Squares** e a igreja se situava no largo do mercado, como numa pintura castelhana. A população era bastante eclética, indo dos brancos queimados pelo sol, aos negros retintos. Segundo tradição postal, a cidade se chamara antes **Smithtown**, e, mesmo se pensando em algum romance, êsse Smith deveria ter sido algum pirata em prosperidade e a quem se homenageava com selos do correio.

Bocker organizara uma lista de probabilidades de ataque por parte dos misteriosos senhores do fundo do mar, incluindo dez ilhas, quatro delas na área do Mar das Caraibas. Mas a eleita fôra a **Escondida**. Ali estavam, ainda, Ted Jarvey, cinegrafista; Leslie Bray, o secretário, e Muriel Flynn, um assistente técnico. Trazia o dr. Bocker duas assistentes, que o acompanhavam em patrulhas aéreas graças a aviões armados fornecidos pelas autoridades.

Embora confiássemos no chefe da expedição, depois de duas semanas de expectativa pensávamos que havia êle errado na escolha da ilha **Escondida**, pois, segundo notícias captadas, tinham sido efetivamente registrados, doze assaltos, todos no Pacífico, exceção de um, nos Açores. Estávamos decepcionados. Sem dúvida, tínhamos errado na escolha do hemisfério. Contudo prosseguíamos em nossos preparativos. Um dos pontos curiosos era que nenhum raide se verificara durante as horas do dia. Precisávamos, pois, de iluminação.

Tendo a expedição providenciado várias formas de luta contra um inimigo misterioso, julgaram os habitantes da cidade que se tratava de maluquices de cientistas, felizmente inofensivos. Mas, quando veio a notícia de que **Port Anne**, cidade principal da Ilha Gallows havia sido invadida pelos misteriosos habitantes do mar, todo mundo deixou de ridicularizar a expedição do

As praias e golfos das ilhas Sandwich do Sul ficaram literalmente cobertas com peixes mortos e já em decomposição, com cheiro insuportável.

dr. Bocker passando a acreditar no fenômeno. Os que escaparam à destruição declararam que, embora no escuro, o que surgia do mar eram veículos semelhantes a tanques, tanques militares, mas muito grandes, a emergir das ondas e a deslizar pela praia. De quatro pontos surgiram êles e numa só noite morreram mais de mil habitantes!

Segundo julgava o dr. Bocker, em menos de uma semana seria a vez da ilha **Escondida**. Phyllis e eu não tirávamos os olhos do mar. No céu a lua nova, como uma fatia recurva, chamou a atenção de minha mulher:

— Veja... parece um barquinho, uma ilha, uma ceifadeira... Tão frágil... tão mística... Não é mesmo um encanto? No silêncio da noite, de uma das casas opostas ao lugar onde estávamos, ouvimos o dedilhar de uma guitarra.

Súbito o músico parou de tocar com um ruído estridente. Alguém começou a gritar aflitivamente, alarmando a rua. Outras vozes se seguiram. Ouviam-se gritos de mulher. Voltamos os olhos para as casas que ficavam próximas da praia.

— Ouça! — exclamou Phyllis. — Acha você que...

Mal acabava de dizer isso ouviram-se detonações.

Percebia-se grande algazarra a crescer a distância. Na praça principal as janelas se abriam enquanto o povo se alvoroçava a indagar de uns e de outros o que se passava. Um homem saiu de casa, correndo, dobrou a esquina e se dirigiu à praia. O tumulto crescia, crescia mais a algazarra. E em meio do alarma, outros disparos se ouviam. Forte pancada na parede que separava a sala do quarto anexo arrancou-nos da janela onde estávamos assistindo ao movimento.

— Ei, Ted! Liga a luz!

Tudo se iluminou. Nada havia de anormal, a não ser uma dúzia de homens que atravessaram a praça, a correr, em direção do pôrto.

— Preciso... — ia eu dizendo, quando parei. Não mais vi Phyllis ao meu lado!

Olhei para o fundo do quarto e vi minha espôsa procurando fechar a porta a chave.

— Preciso descer até à praça! Quero ver o que se passa... — anunciei.

— Não! — bradou ela, decidida.

— Mas Phyl, êste é o nosso trabalho! Foi para isso que viemos até aqui!

— Não deve arriscar-se assim! Esperemos mais um pouco

— Phyl, por favor, dê-me a chave!

— Não! — repetiu ela, e arremessou a chave pela janela, ouvindo-se lá em baixo o retinir do ferro nas pedras do calçamento.

Lamentei o ocorrido, muito nervoso, e não podia compreender a atitude de minha espôsa. Como podíamos perder aquela oportunidade?

Não pude deixar de ficar um tanto zangado com ela; mas, ao mesmo tempo compreendia sua precaução ao deter-me daquele jeito. O povo continuava a afluir para o centro, mas já não se aproximava do cais. Compacta multidão se ia acumulando às entradas das ruas. Instantes depois começou o povo a dispersar-se. Homens e mulheres retornavam às suas casas. Mas o tumulto era geral.

Olhei para baixo e vi Ted, o cineasta, câmara à mão, disposto a filmar o que houvesse.

— Que é que há? — perguntei-lhe, em voz alta.

— Só Deus o sabe! Há uma confusão dos demônios por tôdas as ruas. Um projétil de arma de fogo atingiu a janela do meu quarto. Mas não se pôde fazer coisa nenhuma com a multidão sôlta, nem se saber de nada e por que estávamos assim como barata tonta!

E muito mal humorado entrou no hotel onde também nos hospedáramos.

Não se ouvia mais nenhum estampido; mas, de tempos a tempos, estrugiam gritos e exclamações, vozerio em tumulto, desde os pontos mais distantes até à praça central.

Entre outras pessoas que chegavam ao hotel apareceu o dr. Bocker.

— Doutor! Que está acontecendo? Por quê...

Não completamos a segunda interrogação. Êle foi logo atalhando:

— Não sei ainda... Vejo apenas o povo em alarma. Vou ficar alerta até ver o motivo dessa agitação. — Fêz uma ligeira pausa e depois, com ar um tanto preocupado: — Onde está miss Flynn?

E depois que a avistou:

— Oh; está ali! Bem... Esteja alerta, miss Flynn!

Correndo, ou a passos apressados, vultos convergiam para a praça e tomavam as entradas de outras ruas. Os que iam chegando a suas casas tratavam de fechar-se imediatamente. Uns doze homens armados montavam guarda à entrada das vias principais. Havia uma expectativa angustiante em todos os indivíduos. Meia-hora depois voltara o silêncio. Mas, de momento, chegava aos ouvidos mais atilados, um ruído longínquo, indefinível, mas contínuo, sempre a aumentar de volume.

A porta de uma casa pegada à igreja se abriu. O pastor, em longa batina preta saiu à rua e logo parou. Alguns populares que estavam nas imediações correram para êle, cercaram-no e se ajoelharam. O sacerdote estendeu os braços e com a mão direita os abençoou.

A barulheira estranha parecia vir de uma rua estreita e se assemelhava a atritos de corpos metálicos sôbre pedras.

Três ou quatro disparos de fuzil espoucaram quase simultâneamente. Do lugar em que estava, não percebi o alvo em que atiraram; mas, logo após os disparos, os homens voltaram a carregar as armas.

De outro ponto nos chegou aos ouvidos um ruído como o de madeira a quebrar-se, vidros a estilhaçar-se, tijolos a desmoronar.

Tivemos então nossa primeira impressão visual do que era um "tanque marinho". A máquina como que deslizava pelo chão, levando tudo de vencida, derrubando uma casa com a maior facilidade.

Fuzilaria intensa, de várias direções, caiu sôbre o monstro. Mas as balas nenhum dano lhe causavam. Vagarosamente, inexoràvelmente, o bicho avançava, triturando, esmagando o que ia encontrando pela frente. Derivando para a direita, marchou em direção da igrejinha, não se detendo em face de vigas, pedras, tijolos, madeiramentos. A tudo vencia audazmente.

Tiros e mais tiros foram disparados contra o estranho agressor; mas as balas eram em vão. Ao chegar a certo ponto da praça pude vê-lo por inteiro. Tinha a forma exata de um ôvo dividido ao meio longitudinalmente, assentando ao chão a parte plana. Seu comprimento regulava entre trinta e trinta e cinco pés, e a côr era de chumbo, sem brilho.

Mas não havia nenhum vestígio de como era acionado. Parecia apenas deslizar por si mesmo, mas sem auxílio de fôrça motriz. Depois de alguns movimentos na praça, estacou.

A pequena multidão, que se ajoelhara em tôrno do padre, fugira em face do perigo; mas o sacerdote ficou no terreiro de sua casa, elevando ao alto um crucifixo como que disposto a enfrentar a morte. O misterioso tanque se mexeu em direção ao padre, mas parou em seguida.

— Veja! — exclamou Phyllis, nesse instante, apontando para o estranho visitante. Escapava do aparelho um corpo aparentemente fluido, de côr esbranquiçada, substância meio opaca, como filamento viscoso.

— Parece que é uma arma dêles! — tornou Phyllis.

Ouviu-se ligeiro estampido. Aquela matéria tremeu e começou a engrossar. E agora tomava proporções mais ràpidamente. Tornou-se esférica e intumescente.

— Aquilo vai estourar! — disse Phyllis, apreensiva.

— Olhe! Aí vem mais um negócio dêsses! E outros dois mais, veja! — exclamei, perplexo.

— Parece que agora estoura! — disse Phyllis interessada no desfecho.

Mas aquilo não estourava. Pelo contrário. Crescia e inchava até chegar a uns cinco pés de diâmetro. Então parou de crescer, assemelhando-se a grande balão de borracha. Vimos que grande tremor se apossou daquilo, semelhando uma bôlha sôlta no ar, subindo a uns dez pés. Súbito, coisa estranha lhe sucedeu. Sem estourar, ou produzir estampido, produziu grande número de filamentos independentes como tentáculos de sensacional polvo esbranquiçado, dirigidos a tôdas as direções.

O mais rápido instinto de defesa se apoderou de nós e de outros habitantes que estavam observando o fenômeno. E cada qual procurou fechar portas e janelas.

Mas quatro ou cinco daqueles tentáculos se infiltraram pela nossa janela e caíram no soalho. Mas, ao atingirem o solo começaram a contrair-se e a engrossar. Phyllis soltou angustiado grito. Um dos filamentos se havia enrolado no seu braço direito,

contraindo-se como que procurando puxá-la para a janela. Phyllis procurava desvencilhar-se do ataque. Mas seus dedos aderiram àquela matéria pegajosa, ficando sem ação.

— Mike! Mike! — gritou ela, aflita.

O tentáculo se esforçava para arrastá-la com fôrça; Phyllis procurava resistir, mas estava sendo levada pela coisa .

Rápido, corri até ela e procurei libertá-la do tentáculo, levando-a para a parte oposta do aposento. Não consegui quebrá-lo; mas o filamento pegajoso contraiu-se firmando-se à janela. Procurei escorar-me bem num pé da cama para dar combate àquela coisa. Tive a impressão de que íamos todos ser arrastados, inclusive a cama. Um grito de Phyllis e o tentáculo sumiu. Minha espôsa desmaiou. Seu antebraço apresentava marcas de umas seis polegadas de extensão e arranhaduras dos dedos da sua própria mão direita ao tentar livrar-se do estranho fenômeno. E começou a sangrar na parte atingida.

Na praça havia um pandemônio de gritos e exclamações. Cautelosamente, aproximei-me da janela, para ver. Lá fora, boiando no ar, estavam os filamentos estranhos e agressivos, reduzidos agora a esferas de uns dois pés de diâmetro. Algumas pessoas procuravam dar-lhes combate entre algazarra, enquanto outras ficavam imóveis como se fôssem estátuas.

Do ponto em que eu estava vi um homem correr para livrar uma mulher dos tentáculos; mas, quando procurou arrastá-la, ambos foram rebocados para os lados do mar.

Outras pessoas que procuravam lutar contra os filamentos brancos caíam dominados por êles como insetos em papel pega-môsca. Havia uma implacável deliberação de exterminar a quantos os tocassem.

Notei então que outro corpo esférico se formava no ar e se retirava ràpidamente. Nesse ínterim, mais três tentáculos procuraram entrar em nossos dormitório e ficaram estendidos como cordas, até ao pavimento onde estávamos; mas, instantes depois, recuaram. Quando se dissiparam diante da sacada, procurei debruçar-me à janela para ver como agiam na retirada. E os vi na praça, semelhando laçadas, a prender gente, que lutava sem salvação.

Um dêsses tentáculos, enrolando-se sôbre si mesmo, subjugava diversas pessoas e as encerrava num círculo estreito, misturando-se pernas e braços de maneira cruel. Então todo aquêle bôlo infernal começou a rolar para o "tanque marinho", que estacionava na praça. O estranho invasor ia como que **digerindo** os tentáculos em várias fases.

Sentei Phyllis na cama e rasguei um cobertor para fazer umas tiras e enfaixar-lhe o braço ferido. Depois voltei a olhar novamente, lá para fora. Vi então uma meia dúzia de objetos, semelhando fardos, a rolar em direção à rua que levava ao cais. Voltei para junto de minha mulher e rasguei outras tiras do lençol, enfaixando-lhe a mão esquerda, bastante ferida e a sangrar.

Enquanto eu fazia isso ouvi ruídos e uma forte voz de comando, lá fora. Deixei as tiras de pano sôbre a cama e corri à janela. Era a nossa expedição que chegava com um canhão e o disparava com estrondo. Desci rápido para ver os estragos no inimigo, enquanto tôdas as janelas se fechavam, a luz se apagava e fragmentos de coisas passavam sibilando e outros caíam em meu quarto.

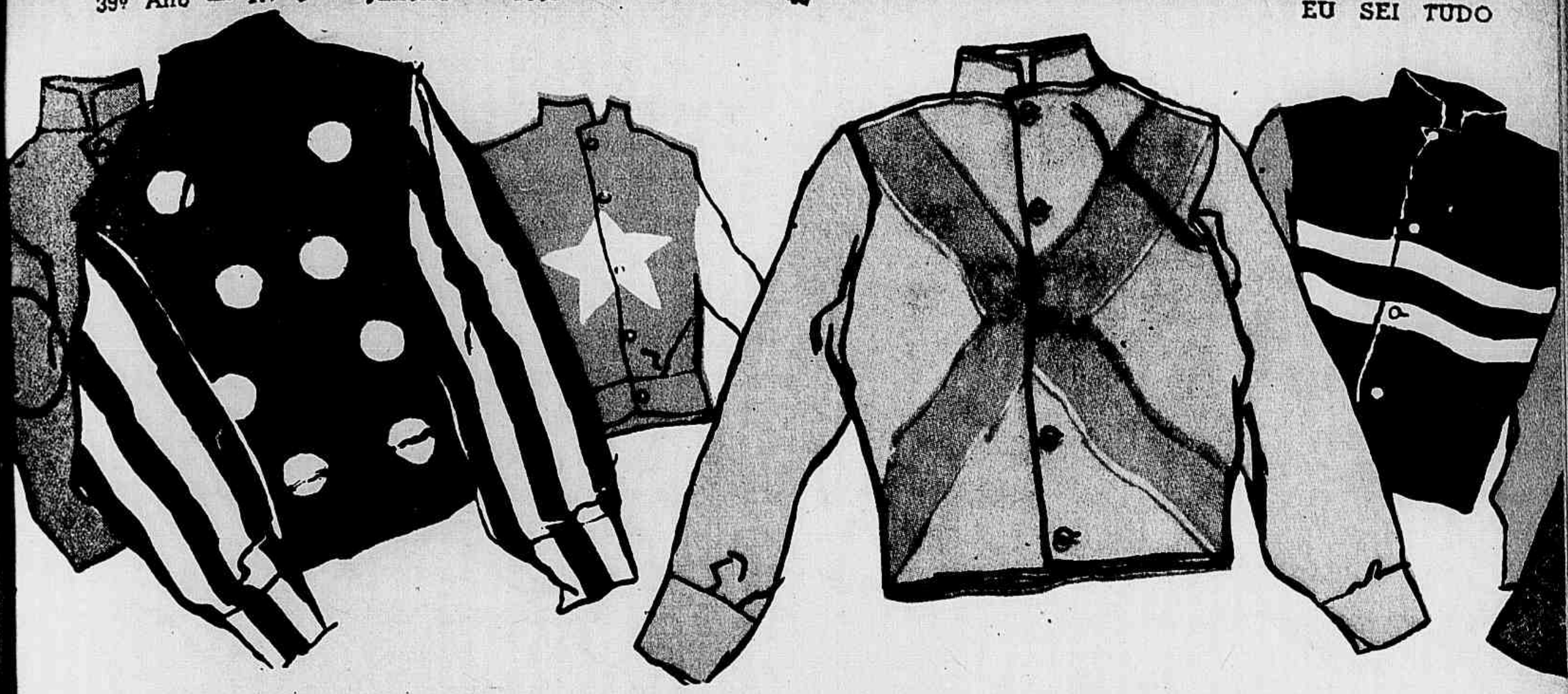
Capítulo IV

Não havia a menor dúvida. Víramos, finalmente, na praça daquela ilha do Caribe, aquêles monstros como que acocorados e maus, a emitir tentáculos que lhe saíam das entranhas como se fôssem libertados por molas, a atacar o povo, agarrando todo mundo, repulsivos e invencíveis.

E ali estivera um dêles, como que o "suicida" da expedição, ainda inquietando, na manhã seguinte à invasão dos tanques misteriosos surgidos das profundezas do mar.

Os olhos do dr. Bocker, o cientista que chefiava o nosso grupo, haviam perdido inteiramente o seu habitual cintilar. Sua cabeleira caía para a testa, enquanto as faces pareciam vincadas e lhe davam a aparência de ter ficado mais velho. O calçamento da praça, com os retraços de fragmentos metálicos e de madeira, que jaziam por ali, semelhando um lençol de lama.

(Continua no próximo número)



Jockey SABIDO NUNCA APOSTA

HARRY dava a vida para ficar pelos bares dos hotéis em que se hospedavam os profissionais e os amantes das corridas de cavalos. Adorava falar e ouvir falar de grandes negócios, onde rolassem os milhões e de corridas de cavalos, apostas, **forfaits**, etc. Desde que Evelyn lhe cortara definitivamente o direito de apostar além de magros dois dólares por semana, as informações que conseguia colhêr de pouco lhe valiam. Um homem, positivamente, não pode ficar rico apostando um máximo de dois dólares! Mas Evelyn não queria ouvir falar em apostas, e por isso tinha que contentar-se com isso!

No bar do **La Grande**, Harry, bebendo uma econômica cerveja, que, mesmo ali, naquele bar grã-fino, não custava grande coisa, avistou uma figurinha que lhe pareceu familiar. Firmando melhor a vista, acabou por reconhecer Arnie Maccio, o mesmíssimo e famoso Arnie Maccio que em outros tempos, já distantes, havia dirigido os mais famosos cavalos, levando-os ao vencedor. Arnie Maccio tinha agora mais cinco anos do que quando fôra fotografado pela última vez, vestindo uma blusa de sêda vistosa, parecia agora tristonho e como que abandonado. Estava só e bebia um copo de laranjada. Harry, que não pretendia ir ao prado no dia seguinte, porque já gastara tudo o que lhe dera Evelyn, abriu o seu programa das corridas, para ver em que páreos Arnie Maccio tomaria parte. Só corria uma vez, no sétimo páreo, que era, aliás, a prova principal do programa para aquela semana turfista, dirigindo uma ègüinha chamada **Snow Queen**, da qual Harry nunca tinha ouvido falar. Havia um prêmio de cem mil dólares ao vencedor dêsse páreo. As apostas choviam nas patas de **Lucifer**, que tinha vencido o "Derby" do Kentucky no ano anterior. No último Derby, o do ano corrente, **Lucifer** se assustara com o papel de um programa, que cruzara sôbre a pista, levado pelo vento, e com isso fugira completamente ao contrôle do jóquei, perdendo uma corrida que parecia à mercê dos seus extraordinários recursos.

Depois disso tinha sido vendido a um dos maiores proprietários do país. Os catedráticos do prado, que se encostavam ao bar, à direito e à esquerda de Harry proclamavam que **Lucifer** tinha sido treinado nesse sentido, a fim de não se assustar mais, fôsse lá com que fôsse! Podia até surgir um **geiser** na pista, à frente do

animal, e êle continuaria a correr como fôsse preciso para ganhar um páreo!

Isto, segundo refletiu Harry, tinha sido uma boa medida, apesar do que, garantindo ainda mais a vitória do grande cavalo, diminuiria sensìvelmente a sua **poule**. Pagaria quase nada... ou até seria capaz de devolver o dinheiro da aposta. Só isso! E seria uma grande tolice arriscar perder dois dólares e ganhar, no máximo, o próprio dinheiro, restituído no guichê!

Arnie Maccio terminara a laranjada e dirigia-se para a saída, quando Harry se colocou à sua frente. O jóquei pareceu fazer um esfôrço de memória, tentando reconhecer seu interlocutor. Porém, na verdade, jamais o vira. Sendo, entretanto, homem polido, sorriu e cumprimentou...

— Olá, Arnie! — disse Harry.

— Olá! — repetiu o jóquei.

— Então? Vai montar amanhã, no sétimo, hein? Que tal essa **Snow Queen**?

— Uma ègüinha apenas bonitinha — disse Arnie. — Parece que o grande prêmio já tem dono e êste está entre os maiores favoritos...

E, tendo falado, dirigiu-se para a porta de saída.

Harry tornou a consultar o programa. A última cotação de **Snow Queen** era **quinze por um**. Havendo nove concorrentes à prova, a ègüinha era um "azarão", pagando uma montanha de dinheiro. Além do mais não convinha confiar muito no que dissera Arnie. Estava parado desde há muito e, naturalmente, andava louco atrás de dinheiro...

O cérebro de Harry trabalhava sem parar. Quanto mais pensava mais desconfiado ficava. Arnie estava tentando desencorajar os apostadores de **Snow Queen**. Talvez êle próprio tivesse apostado na égua. Harry sabia que os jóqueis estão proibidos de apostar, mas sempre o fazem, por meio de um testa-de-ferro. Arnie estava querendo dar um "tiro" daqueles!

Na manhã seguinte, Harry estava decidido. Sem nada dizer a Evelyn, que o teria atirado por uma janela antes de pedir o divórcio, retirou cinqüenta dólares do banco onde, juntos, depositavam suas economias, dólar a dólar, pois Evelyn estava querendo atapetar tôda a casa. E, é claro, aquêle dinheiro não podia ser arriscado em patas de cavalo. Já chegava o que êle perdia, anualmente, com os dois dólares que lhe eram concedidos! Lembrando-se da verdadeira paixão de Evelyn pelos tapêtes, Harry estêve a ponto de chorar de vergonha ao pensar que ela era obrigada a economizar centavo a centavo, para obter os ambicionados tapêtes. Uma aposta feliz a livraria dêsse longo esfôrço!

Assim pensando mais se convencia de que devia arriscar... para que ela fôsse feliz!

COM a **poule-vencedor** de cinqüenta dólares com o número de **Snow Queen**, Harry foi para a cêrca. O quinto páreo terminava. Os cavalos chegavam aos últimos metros da prova e o público delirava. Era o ambiente que Harry adorava. Consultou o sexto páreo, com olhar frio e, a seguir, foi sentar-se distante das tábuas de apregoação e dos guichês, esperando a sétima prova e o aparecimento de **Snow Queen**. Quando começaram os preparativos na escadinha do **starter**, foi de novo para a cêrca.

Estava ali meditando quando uma mulherzinha, miudinha e magrinha, passou sob um dos braços que apoiara à cêrca e colocou-se entre êle e a grade, bem na sua frente.

— Você não se zanga, hum? — disse ela sôbre o próprio ombro e voltada para Harry. — Baixinha como sou, só posso ver uma corrida assim, bem juntinho da grade.

Como era baixota e não tolhia a visão de Harry, êste não se incomodou com a intrusa. Em troca de sua cortesia, ela levantou o braço, tendo na mão um pacotinho de amendoim, que ofereceu a êle.

— Apostou neste sétimo páreo? — perguntou Harry, enquanto colhia o amendoim com a ponta dos dedos.

— Sou mesmo uma maluca para tornar a arriscar dinheiro nas patas de um cavalo! — disse a desconhecida, respirando fortemente. — Diga com franqueza: pareço maluca?

Harry olhou para baixo e examinou sua interlocutora. Não parecia realmente insana, mas havia um brilho talvez excessivo nos seus olhos azuis...

— Não mais do que os freqüentadores de um prado de corridas, pois os que aqui vêm

não têm juizo... Perdeu muito dinheiro, da última vez?

— Embora você não acredite... perdi nada menos que cem mil dólares!

Harry quase se engasgou com o amendoim. Seu primeiro movimento foi o de afastar-se daquela criatura excêntrica. Os que têm cem mil dólares para perder não assistem as corridas colados à grade da pista. Sentam lá por cima, nos camarotes, entre a gente graúda... **Cheiram a dinheiro!** A quela mulherzinha vestia um costume já bem usado e, pelo aspecto geral, não parecia ser freqüentadora assídua de um salão-de-beleza.

Porém aquilo acabou por diverti-lo. E, além disso, não poderia mover-se do lugar, mesmo que quisesse, pois, já agora, estavam comprimidos por uma verdadeira multidão ansiosa e que mal respirava. Nem iria perder o bom lugar

que conquistara junto da grade, só porque aquela mulherzinha era doida e tinha mania de grandeza.

— Cem mil! — exclamou, fingindo-se admirado. — Isto sim, que é bolada! Como foi que perdeu tanto dinheiro?

— Perdi no **Lucifer**! — disse ela, com ar trágico. — Eu era a proprietária do **Lucifer**.

HARRY colheu entre as pontas dos dedos outro amendoim e mastigou-o pensativamente.

— Belo animal! Belíssimo animal! — murmurou, com acento profissional.

— É, realmente, um bom cavalo — afirmou ela. — Certo, infalível desde potro. Sempre o estou vendo, com as longas pernas nervosas estiradas, a brilhante estrêla branca entre os olhos... Desde pequenino tive fé nesse animal e dizia a George. **"Êste, sim... Tem pinta de campeão!"**

— E tinha muita razão — concordou Harry. — Quem é George?

— Meu marido.

HARRY imaginava que George não devia deixar a sua graciosa mulherzinha andar assim, perambulando desacompanhada. Porém, a verdade é que ela não parecia ofendida com isso.

— Nós o criamos desde potrinho. Dirigimos os seus primeiros treinos, sempre juntos, dividindo o trabalho. Você já sentiu alguma vez que um determinado cavalo **não pode perder?**

— Às vêzes — disse Harry, com expressão dolorosa. — Mas já imagino o que aconteceu. Lucifer venceu o Derby e, assim, no ano seguinte, a senhora e seu marido reuniram tudo o que tinham ganhado... e tornaram a apostar no cavalo, certos de que tornaria a vencer...?

— Claro! Você não faria o mesmo?

— Naturalmente! — afirmou Harry.

Enquanto falavam os cavalos tinham atingido o local da partida e já se alinhavam diante das cintas do **starting-gate**. Harry sentiu isso pelo movimento repentino do público, que parecia mar irrequieto depois de longa calmaria. A mulherzinha se apoiou na cêrca e sorriu silenciosamente, com uma expressão entre divertida e dolorosa.

— Um miserável papel de programa, que o vento levou através da pista... E tudo ficou perdido! — disse ela.

— É duro! — disse Harry, com ar triste. — Mas **Lucifer** já está recuperado... e mais calmo, agora. Disseram-me que podia descer um pára-quedas no meio da raia que isso não assustaria o animal!

— Sim... Um pára-quedas, talvez não... Mas, diga-me: já alguma vez dedicou tôda a sua vida a uma criatura e um dia teve que vendê-la, a fim de pagar a aposta feita nessa mesma criatura... que afinal falhou?

— É duro, sim! — repetiu Harry. — Assim... Que estão fazendo, agora, a senhora e George?

— Dirigimos um grupo de cabanas para caçadores, no Nevada... É lá que George se encontra, agora. Também alugamos armas e demais apetrechos de caça. O negócio não é mau.

— Claro que é. E o que vale é a energia, a vontade de trabalhar... Não se pode perder isso, juntamente com uma aposta, num páreo qualquer!

— Espero que você não tenha apostado em **Lucifer**, porque assim vai diminuir o meu lucro — disse ela.

Harry admitiu que havia apostado cinqüenta dólares em **Snow Queen**, porque Arnie Maccio tivera algumas dificuldades e se voltava agora era para dar um "tiro", pois certamente havia apostado!

Ela não parecia concordar com a maneira de pensar de Harry. Fêz uma carêta e moveu a cabeça repetidas vêzes negativamente:

— **Os jóqueis sabidos nunca apostam!** — afirmou ela. — Sabem muito bem que qualquer imprevisto pode alterar todos os seus cáculos. Arnie Maccio não soube segurar o dinheiro que ganhou. Arnie Maccio voltou tentando dirigir aquela ègüinha medíocre, na sua idade, porque não soube segurar o dinheiro que ganhou. Os sabidos retiram-se com muita saúde e moços ainda, ricos e tranqüilos. Arnie Maccio sabe muito bem que a sua montada não presta.

— Conhece **Snow Queen**? — perguntou Harry.

— Conheço. George e eu já vimos a ègüinha trabalhar e não gostamos... Pareceu-nos um tanto frouxa... Veloz, real-

mente... Mas quando uma prova passa dos mil e seiscentos ela perde as fôrças ou a coragem para lutar.

Harry murmurou, com ar sonhador:

— Alguém, no entanto, achou que ela estava em boa forma, pois conseguiu dinheiro para a sua inscrição na prova, dando a Arnie Maccio uma chance para correr.

— Oh, é claro! — disse ela, com um erguer de ombros. — Sempre se encontra algum idiota com dinheiro sobrando e que faz dêsses sacrifícios para o que êles chamam de "esporte dos reis". Qual é a cotação de **Snow Queen**?

— **Quinze por um**.

A bela criaturinha riu quase com estrépito: — Oh... Você, ao menos, tem só cinqüenta dólares na ègüinha — disse ela, no tom de alguém que sente um grande alívio. — E, afinal, nunca se pode saber o que vai acontceer. Eu mesma não posso jurar que **Lucifer** vai ganhar.

— Hein? Espera, talvez, que apareça outro papel de programa, rolando pela grama?

— Quem sabe? Corrida você sabe, é a coisa mais incerta e mais louca desta vida. Veja! Já largaram!

Depois dessas palavras da linda turfista, Harry estava mais frio quanto às já minguadas possibilidades de **Snow Queen**, apesar de ainda ter, baralhadas com outros pensamentos, as palavras de Arnie Maccio.

NOS primeiros cem metros ou pouco mais, oito cavalos se atiraram em vivo tropel, formando um bôlo em que se misturavam pêlos e sêdas, em busca da cêrca interna. Eram seguidos por um nono animal, solitário e derradeiro, que Harry logo reconheceu: **Snow Queen**.

Os da frente passaram, em turbilhão, com os jóqueis todos curvados para a frente, formando um só corpo com suas montarias e Harry viu passar **Snow Queen,** numa corridinha de **canter**, procurando a curva sem grande interêsse e logo desgarrando até a cêrca externa. Firmou-se na ponta dos pés, ficando com a ponta do queixo acima da cabeça da sua elegante vizinha,

que continuava a nastigar amendoins, só que, agora, com movimentos precipitados

dos maxilares, sendo essa, aliás, a única demonstração de sua emoção.

— **Lucifer** já vai com meia cabeça, dominando os da frente — disse ela. — Êle sempre faz isso, depois da primeira curva e depois agüenta o "train", segundo o exijam os adversários, guardando-se para a reta final, quando, então, mete patas a valer. A não ser... — falou ela, depois de ligeira pausa — que surja algum imprevisto, possível em tôdas as carreiras, quando então deixa que os demais passem, para dar uma partida curta e violenta, no final... se puder.

— Hmmm... — rosnou Harry, pedindo a Deus que ela fechasse a bôca e não o distraísse mais. — Pelo que vejo, também acha que as corridas são só e só imprevistos...

— De fato.

— Esta não o é, para mim pelo menos! Veja só **Snow Queen**! Até parece que corre para disputar o último lugar. Ou, então, gosta de solidão.

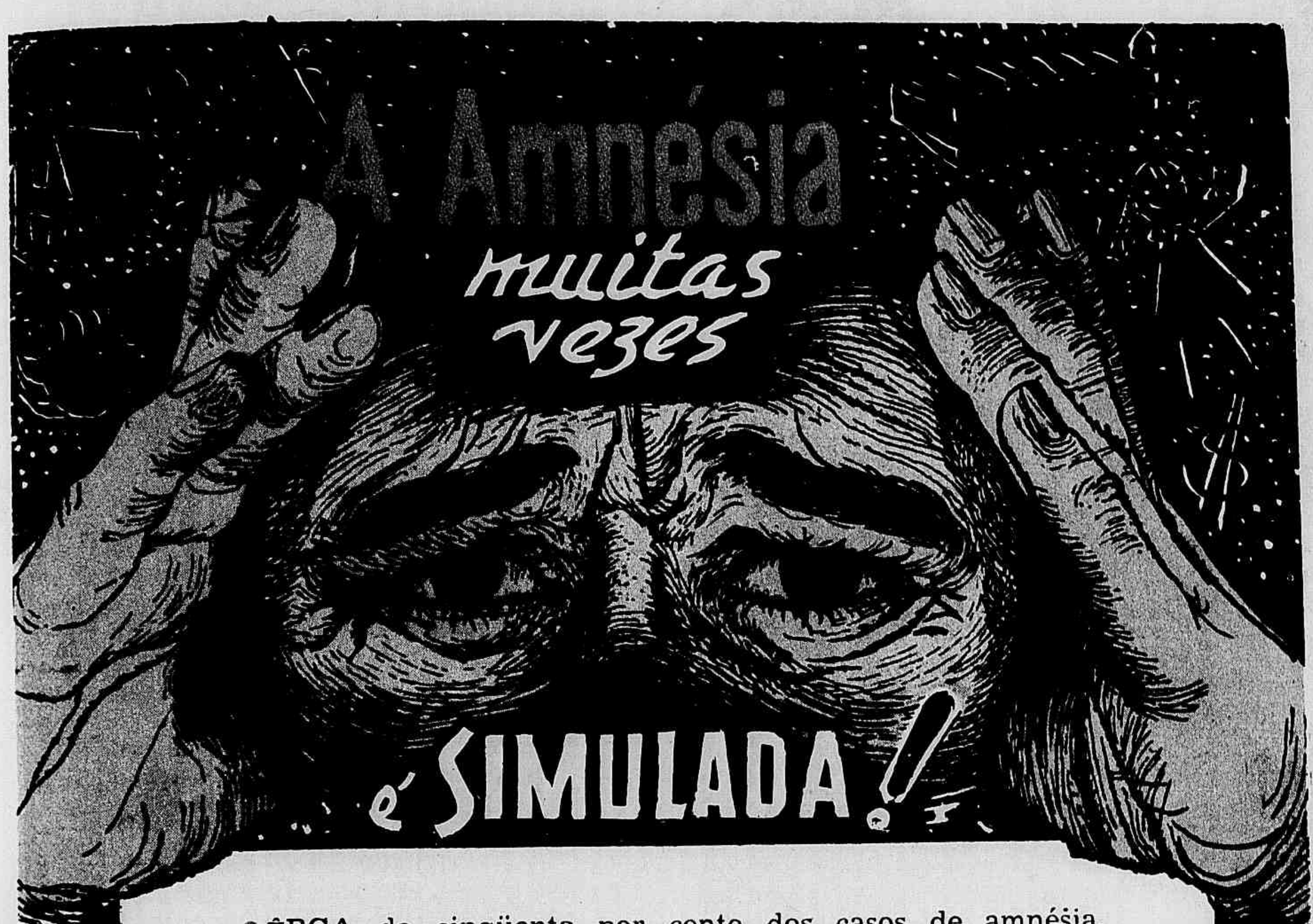
Começa a preocupar-se, a pensar como explicaria aquela loucura dos cinqüenta dólares a Evelyn. Já podia ouvir Evelyn falando com a sua voz mais azêda. (Oh, sim! Ela sabia ser um encanto e muito meiga, mas também sabia ser azêda!) "**Maluco! Cinqüenta dólares jogados fora! Apostar naquela ègüinha miserável, boa para puxar carrocinha de verduras! Quinze por um!**" Já a via arrumando as malas para deixá-lo de uma vez por tôdas e lamentando-se por ter casado com um jogador. E tinha razão! Não podia esperar que ela continuasse em sua companhia. E, aliás, quem a censuraria por desistir do marido que tinha?

— Aí vêm êles! — anunciou sua companheira. — Já vão terminando a grande curva.

Mas já agora o interêsse de Harry não era mais pela corrida. Estava pensando como poderia conseguir outros cinqüenta dólares e colocá-los no banco antes de que Evelyn descobrisse e pusesse um ponto final no seu casamento. Voltou a cabeça para a direção seguida pelos que o cercavam. **Lucifer**, com o seu jóquei usando enèrgicamente o chicote, mantinha ainda a dianteira, embora com escassa diferença. Cinco corpos atrás vinha **Snow Queen**, com a sua corridinha medíocre de sempre.

Os gritos dos apostadores cresceram mais e mais, até chegar a transformar-se em alarido ensurdecedor, quando os animais se aproximaram do local em que Harry se postara. Nesse instante, êle baixou a cabeça para dizer qualquer coisa em tom azêdo a respeito da imprevisibilidade das corridas de cavalo, procurando dizê-lo com as mesmas palavras dela, como se a quisesse censurar e culpar por tudo quanto êle próprio sofria. Porém o que viu gelou-lhe as palavras. Ela levara aos lábios, agora, o que parecia ser uma zarabatana, das que são vendidas nas lojas de brinquedos; viu-a, a seguir, encher as bochechas com ar e,

(Continua no fim da revista)



CÊRCA de cinqüenta por cento dos casos de amnésia, estudados por três famosos neurologistas da Universidade da Pennsylvania, são atribuídos... à simulação. Tal atitude criminosa é descrita como sendo "uma simulação de doença ou incapacidade de resistência a certas tentações e fraquezas."

Em seu relatório, os neurologistas da Universidade da Pennsylvania afirmam:

— "As modalidades de amnésia simulada e histérica são utilizadas pelos pacientes **como um meio de fugir às situações desagradáveis ou às suas conseqüências...**"

Os médicc que se empenharam nessas pesquisas sôbre a amnésia são o dr. George Wilson, seu filho, dr. William W. Wilson, e o dr. Charles Rupp, da Faculdade de Medicina da citada Universidade.

Sexo e raça estão igualmente representados no estudo. Quanto à idade, o paciente mais jovem tinha quatorze anos, o mais velho contava cinqüenta e sete!

Em 28 casos de simulação — segundo diz o relatório — os pacientes fraudaram "deliberadamente". Dêstes, apenas três admitiram voluntàriamente a simulação. Nos outros 25 casos descobriu-se a ocorrência de alguma situação difícil ou desagradável um pouco antes do advento da amnésia.

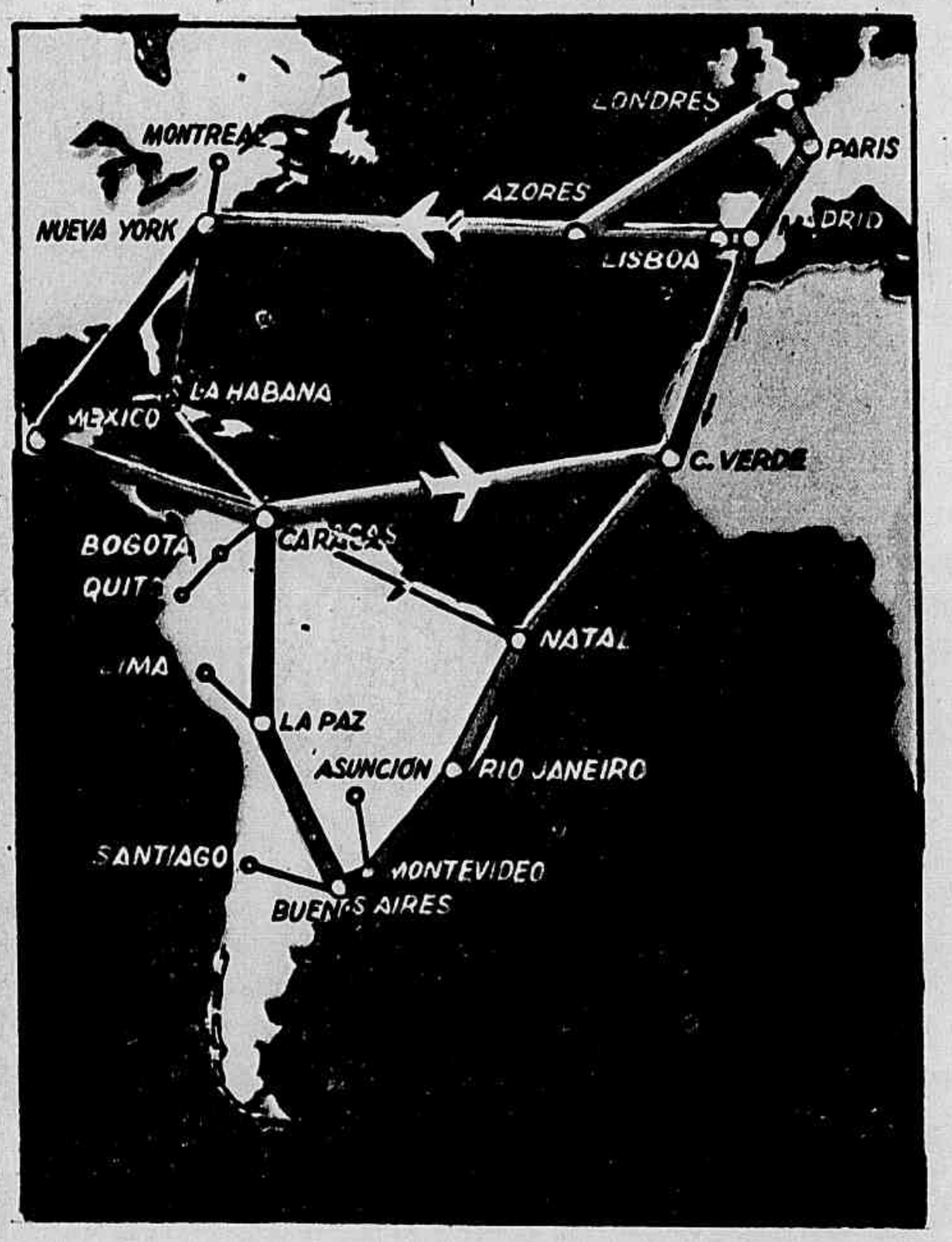
"Quatro pacientes tornaram-se amnésicos após falharem com seus deveres conjugais; um, depois de emitir um cheque sem fundos; outro após participar de um roubo, e um terceiro depois de ter agido como cúmplice de um homicídio" — de acôrdo com o relatório dos neurologistas.

— "Oito casos foram determinados por violências domésticas ou discórdias familiares. Três outros ainda, tornaram-se amnésicos **porque foram rejeitados por suas namoradas**.

Outros fatôres capazes de determinar a amnésia são: dificuldades financeiras, desejo de conquistar a irresponsabilidade e a segurança, tentativas para escapar à disciplina penitenciária, etc.

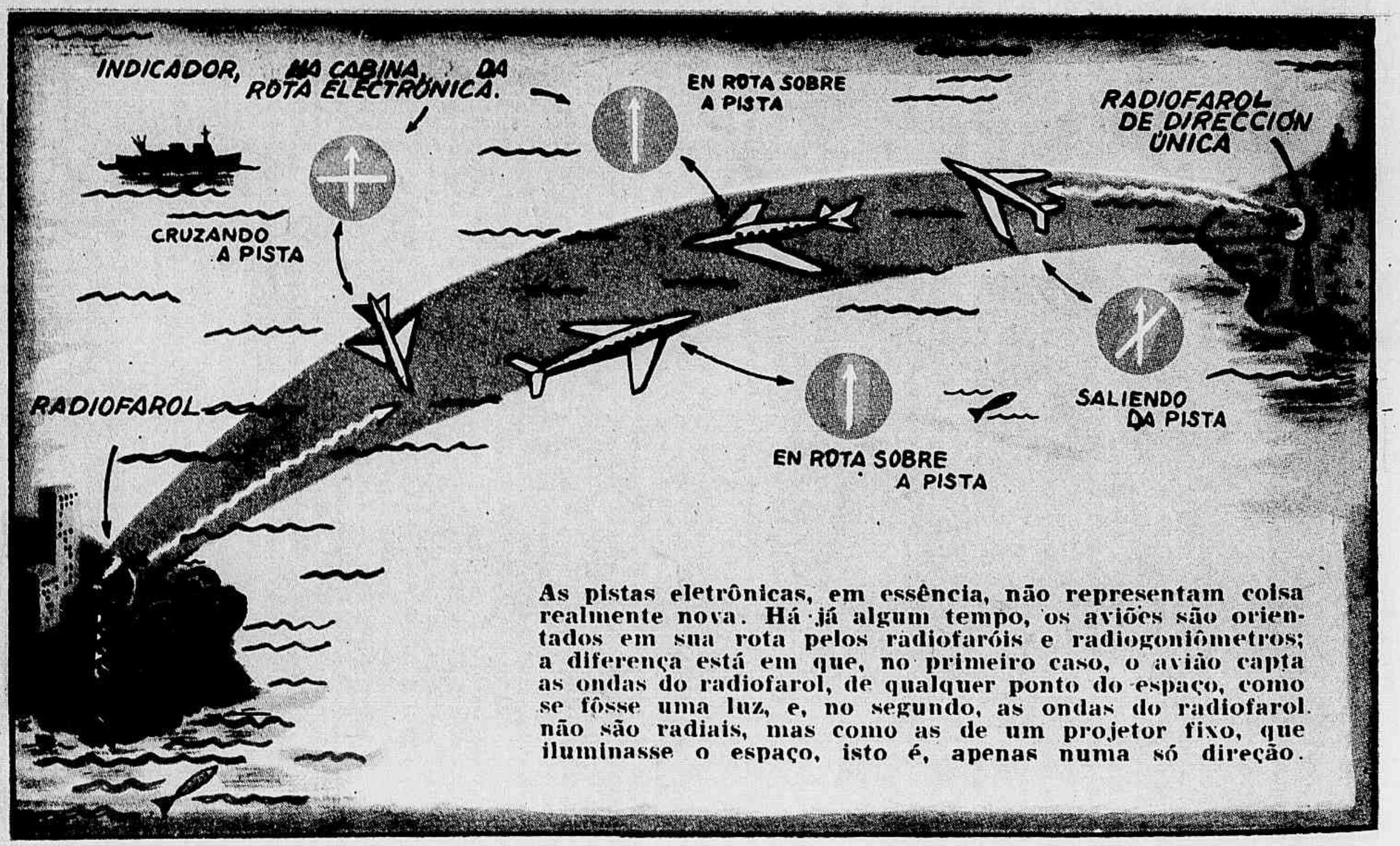
"Através da emnésia simulada o indivíduo consegue simpatia, segurança e esquecimento dos fatos pessoais no momento mesmo em que a manutenção da identidade poderia ter uma significação desagradável e suscetível de causar sérias conseqüências."

AEROPISTAS ELETRÔNICAS

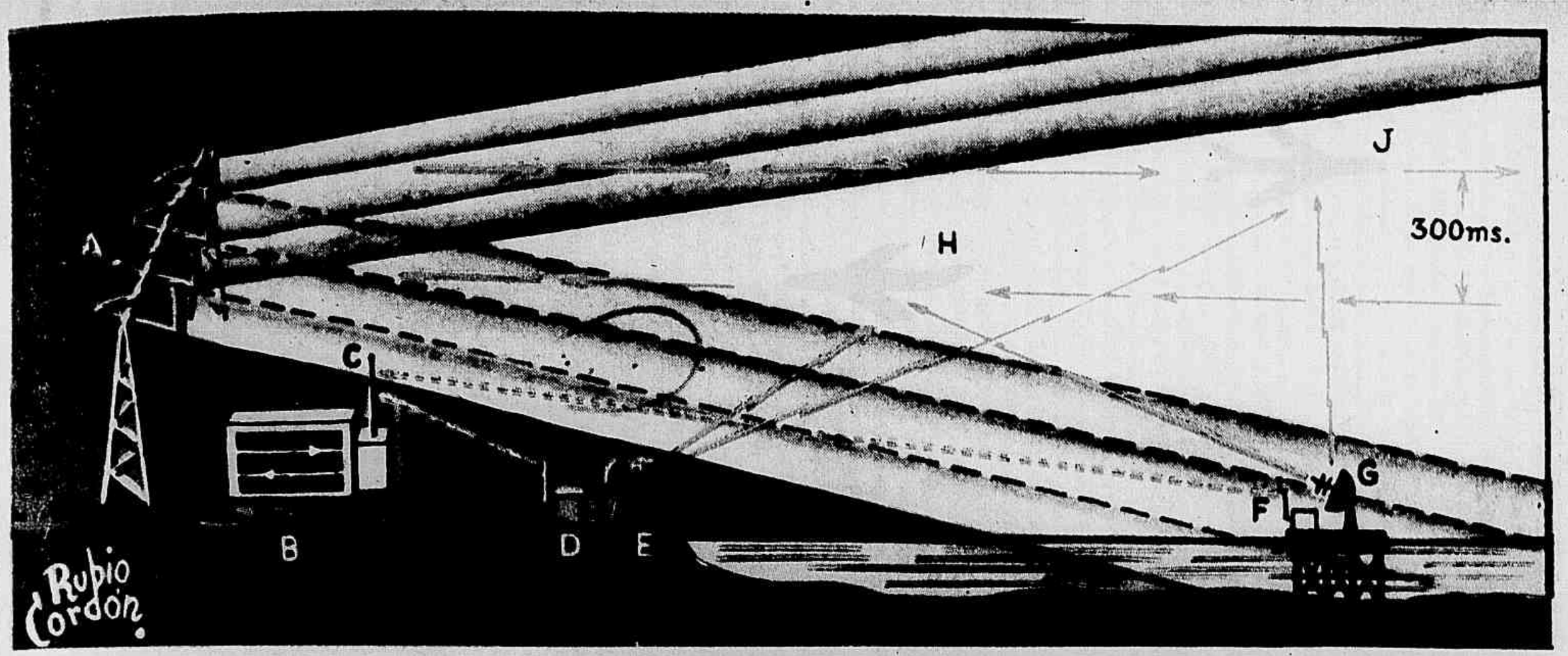


E a imprensa ainda não traz, com lamentável constância, a notícia de um acidente aéreo, forçoso é reconhecer que a cada dia que passa o transporte aéreo vai oferecendo maior segurança, tanto no ar quanto em terra, no ato de decolar e aterrissar. As rotas comerciais, dentro de mais alguns anos, circularão por pistas eletrônicas, da mesma forma que o trem caminha pelos trilhos. Com essas pistas eletrônicas se prescindirá das tripulações nas areonaves de mercadorias como nas de passageiros, mesmo quando se conserva o pilôto, para os casos de emergência e maior confiança dos viajantes. As pistas eletrônicas, pelo elevado custo de sua instalação e manutenção, continuarão a ser estudadas ainda, minuciosamente, por algum tempo mais, segundo uma necessidade geo-econômica. Para maior segurança, como hoje ocorre nas autopistas, a distância mais curta não será a linha reta, pois que o incremento, cada dia mais intensificado, da velocidade, compensará o ângulo do percurso.

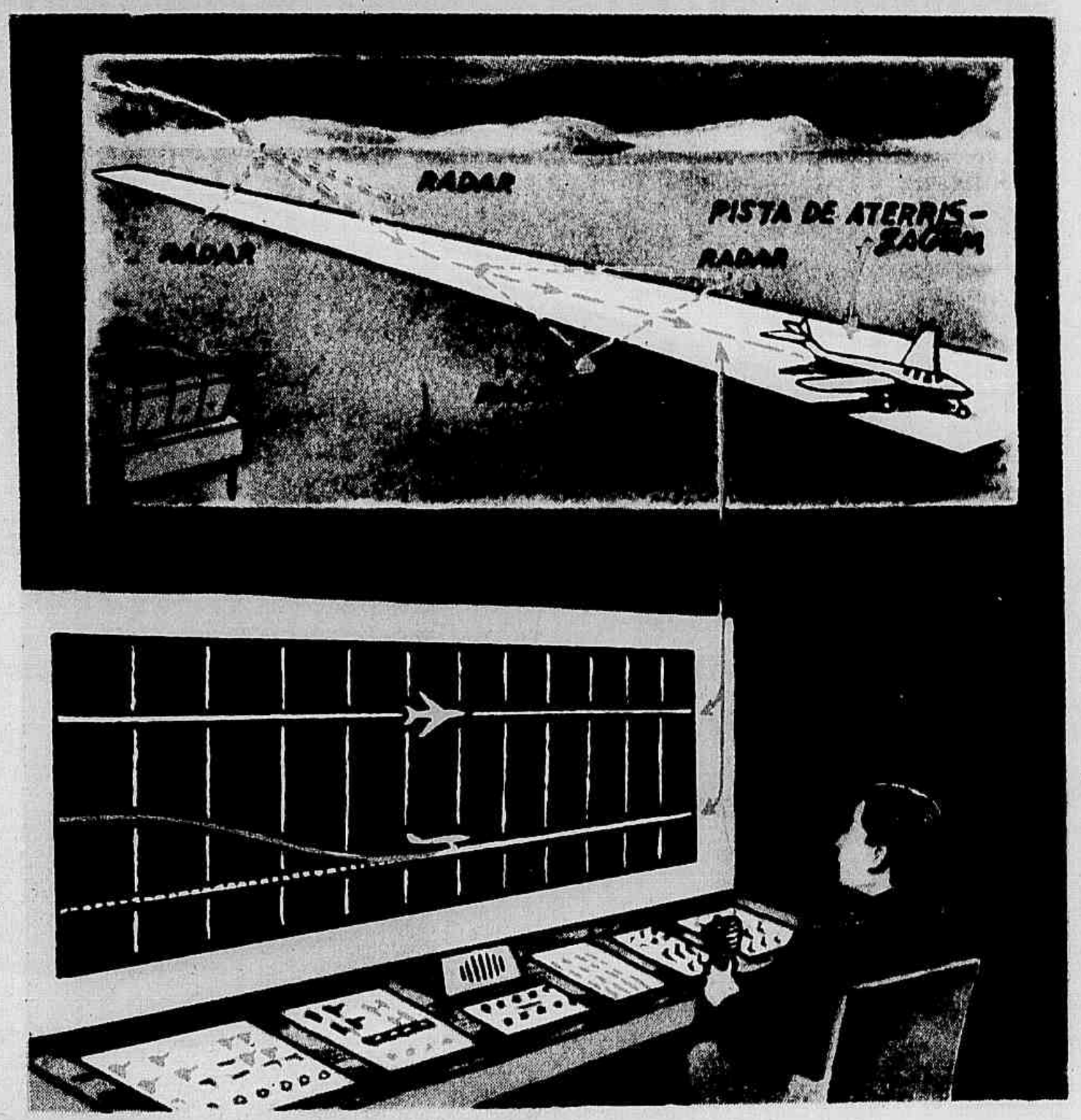
Pouco mais ou menos, a extensão das aeropistas eletrônicas entre as Américas e a Europa será como indica o desenho, que apresentamos acima. As linhas mais finas indicam as rotas secundárias.



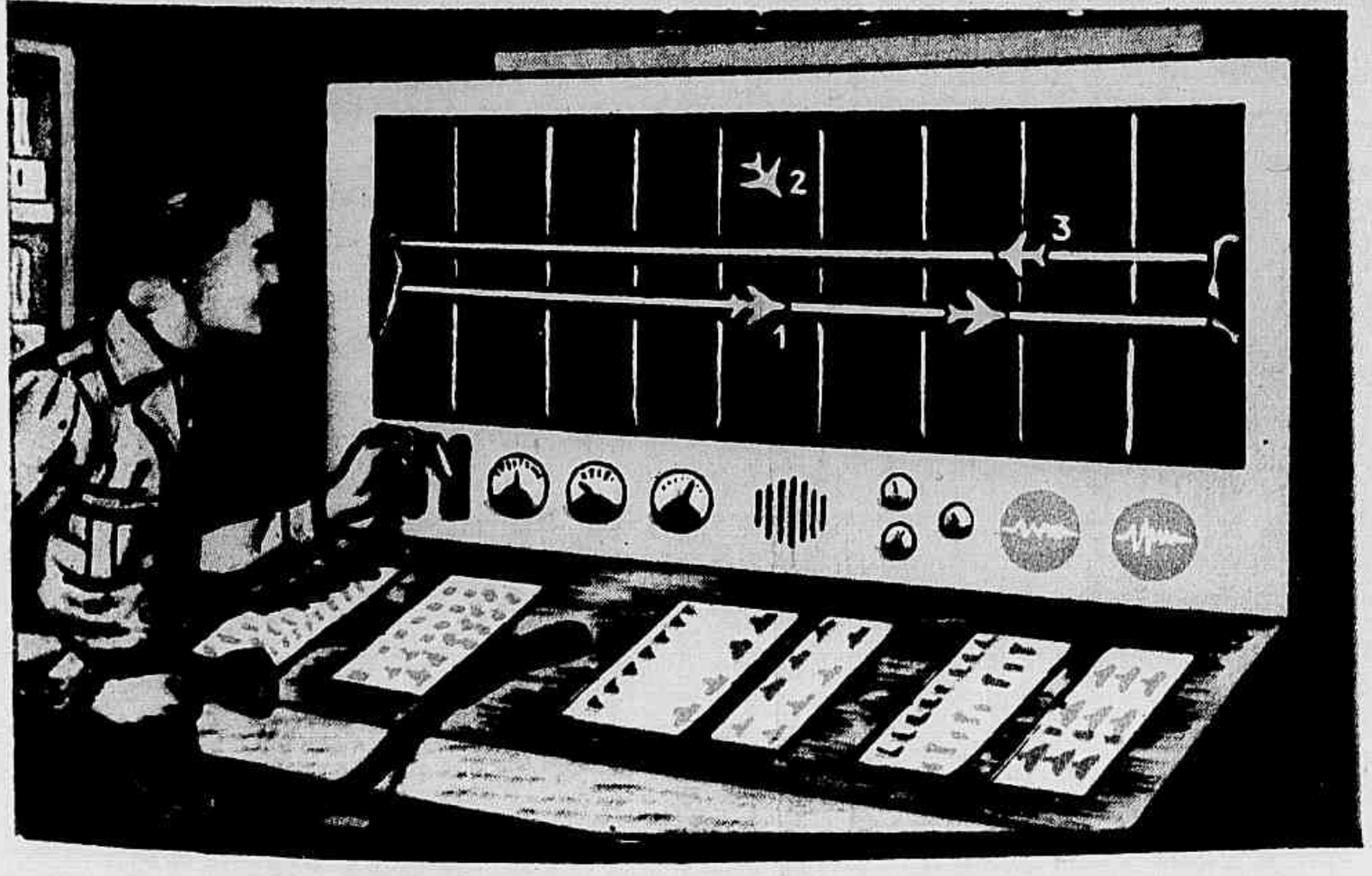
As pistas eletrônicas, em essência, não representam coisa realmente nova. Há já algum tempo, os aviões são orientados em sua rota pelos radiofaróis e radiogoniômetros; a diferença está em que, no primeiro caso, o avião capta as ondas do radiofarol, de qualquer ponto do espaço, como se fôsse uma luz, e, no segundo, as ondas do radiofarol não são radiais, mas como as de um projetor fixo, que iluminasse o espaço, isto é, apenas numa só direção.



Ao alto: **O radiofarol (A) projeta os seus raios somente em planos verticais. O pilôto do avião, que possui numa tela esquematizada a trajetória das ondas do radiofarol, procura não sair da mesma. Estações de radar (E.G.) que varrem a rota, transmitem, pelo rádio (D.F.) à tela do aeroporto as posições (H.J.) dos aparelhos em vôo. Dois canais de emissão são utilizados, para maior segurança, em tôdas as operações de comando a distância.**



Em baixo: **Nos aeroportos terminais, a rota dos aviões é seguida numa tela. O operador, do solo, conduz os aparelhos equipados com "pilotos-automáticos". O altímetro do avião permite que as rotas de ida e regresso se realizem em niveis distintos, mesmo quando se encontrem num mesmo plano.**



Ao alto: — **O avião, que realizou seu trajeto controlado de terra, pode aterrissar sôbre a pista de cimento, se a visibilidade é suficiente, também conduzido de terra. Para isso, uma tela que tem marcados o eixo da pista e a trajetória que nela tem que seguir o avião para sua tomada de terra absolutamente correta, assegura a manobra. O operador do aeroporto maneja os comandos para conseguir que os dois pontos luminosos, que correspondem a um só avião, caminhem por seus trajetos. Os progressos que vêm sendo obtidos no campo da aeronáutica dão hoje — e darão mais ainda no futuro — segurança absoluta a todos aquéles que se servem dêsse meio de transporte.**

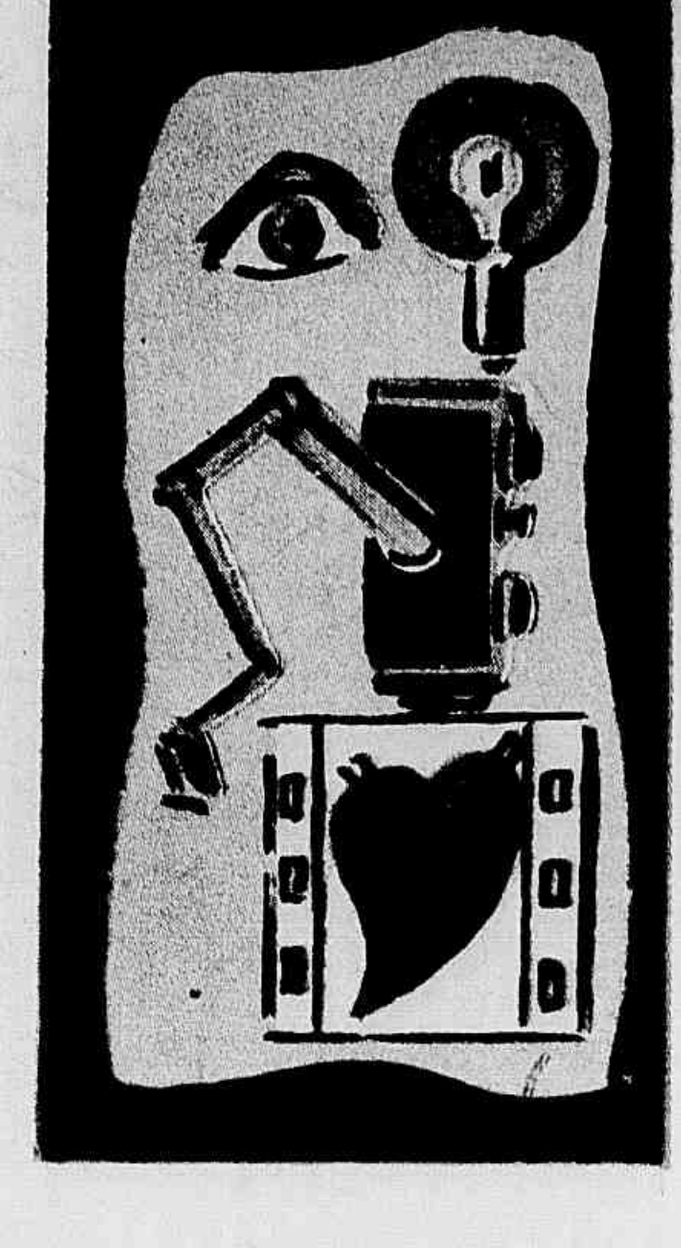
QUANTAS CÔRES TEM O ARCO-ÍRIS?

POR mais que olhemos muito para o espectro solar, não poderemos nêle encontrar as sete côres. Examinando, assim, diretamente, apenas distinguiremos as regiões das **três côres essenciais:** o vermelho-alaranjado, o amarelo-esverdeado e o azul-violeta. Mais exatamente, distinguiremos **as cinco côres primitivas: o vermelho, o amarelo, o verde, o azul e o violeta**. Sabemos que não existem fronteiras divisionárias entre elas; passam **gradualmente** de uma para outra. Uma mais aguda diferenciação pode acrescentar o alaranjado, o amarelo-esverdeado, o azul-esverdeado e o azul-escuro como tonalidades intermediárias — que perfazem um total de nove.

Onde estão, assim, as sete côres?

Os estudos sôbre o assunto datam de 300 anos atrás. E quem lhes deu corpo foi Isaac Newton, o genial físico inglês. Quando da publicação de sua "Ótica", não distinguiu êle mais de cinco côres. Escreveu mesmo, em certa passagem: **"O espectro mostrou-se colorido; vermelho numa extremidade, e violeta na outra; entre elas estão o amarelo, o verde e o azul."**

Mais tarde, porém, empenhou-se Newton em relacionar as côres do espectro solar com as notas da escala musical. O número 7 (considerado algarismo santo) tinha grande importância para os alquimistas e astrólogos medievais (por exemplo: 7 planêtas, 7 metais básicos, etc.). De fato, nem mesmo Newton se livrou dessa crença! É esta, pois, a origem das **sete côres do arco-íris** e a razão pela qual semelhante concepção ainda persiste como verdadeira.



CÂMARAS FOTOGRAFAM O INTERIOR DO CORPO HUMANO

CÂMARAS especialmente desenhadas por médicos e dentistas para fotografar as partes interiores das cavidades do corpo humano, tais como ôlho, ouvido, nariz, bôca e garganta, acaba de ser inventada na Escola de Medicina, da Fôrça Aérea Norte-Americana, pelo capitão Harry White. Alguns dos instrumentos encontrados nos gabinetes médicos para examinar as cavidades corporais podem ser ligados à câmara como acessórios. Introduzindo luz através dêsses instrumentos, as regiões anatômicas interiores são iluminadas e fotografadas por meio de pequenas lentes ajustáveis. As fotografias podem ser tiradas em prêto-e-branco, coloridas, ou infra-vermelhas.

A câmara interna, também chamada endoscópica, opera a uma velocidade de um milésimo de segundo, e possui uma lente adaptável que permite o uso de filmes padrão de 35 milímetros. O seu obturador e o filme (que se movem mecânicamente) foram copiados de um tipo de câmara comum. Uma conjugação especial da lente à câmara permite uma ampla variação de longitude focal, enquanto um braço ajustável, ou extensão, situa a lente dentro da área a ser fotografada. Com o auxílio de um espelho de inspeção, que pode ser encontrado em todos os consultórios médicos, o lado posterior dos dentes é fotografado tão nitidamente como o anterior.

Conto de JEAN KINKEAD

PEG despertou naquele suave e belo sábado de maio sem sequer imaginar que aquêle dia viesse a ser tão grande. Quando o dia passou, lentamente, com a ocorrência de crises e mais crises morais, a possibilidade de imaginar tal coisa tornava-se, para ela, cada vez mais remota. Claro que na noite anterior ela considerava êste dia como o mais importante de tôda a sua vida.

Olhou o relógio cautelosamente e compreendeu que ainda faltavam quinze gloriosos minutos para recomeçar os seus afazeres cotidianos. Quinze minutos para reentrar na linha antiga. Danny sairia às 8,30, com a merenda preparada, porém ela ainda contava com êste curto lapso de tempo para pensar em si mesma, para continuar deitada por mais alguns minutos e para reconhecer que também ela **era gente**, uma outra pessoa que não apenas a "mamãezinha", a "mamãe" e a "Peg". Enfim, um ser humano, para todos os efeitos, despido de rótulos e epítetos carinhosos. Mas, quem era ela, afinal, e por quê? Para que servir de mãe se sentia não ter vocação para isto? E ser espôsa daquele beberrão de "Martini", que ali estava ao seu lado, quando não viviam como seria de desejar. Êle teria feito melhor desposando uma Jane Russel ou outra do mesmo estilo, ao passo que ela própria devia ter casado com um T. S. Eliot, um Benny Goodman ou um Mel Ferrer. Alguém sensitivo, estimulante e atraente. Enfim, alguém que fôsse capaz de ajudá-la a encontrar a si mesma em vez de perturbá-la com ninharias e fazer dela uma simples espôsa suburbana.

Pensava também no tempo em que se casara com Steve. Êra a Peg Bentley, moça possuidora de uma voz que certo crítico chamara de "um paradoxo — profundamente pura e profundamente impura".

Ela sempre havia pensado que devia escolher um músico para casar. Alguém como Joe Sabini, que conhecia as suas disposições com relação à música, e que tocava pistão de maneira tão... **eloqüente**! E Joe a havia cortejado ardentemente

durante muito tempo. Mas aí está como as coisas acontecem! Steve Thatcher foi falar com o regente da orquestra sôbre certos assuntos... tudo tomou um novo rumo! E lembrava-se ainda da luta que tivera a fim de recuperar-se do impacto daquele primeiro encontro; êle era um rapazinho sorridente, cheio de uma irresistível alegria e que parecia conhecer o segrêdo da gentileza que impressiona e cativa. Tudo não passava de miragem — pensava ela, agora.

AS crianças despertaram. Ela ouviu, primeiro, os menores, com suas vozinhas alegres. A seguir, ouviu Danny e Alice, falando com êles e incitando-os a que se levantassem.

— Nevou esta noite! Foi sim! Tenho a certeza! — gritava Alice, de seis anos de idade, cuja voz muito alta feria os ouvidos de Peg.

— Mais tarde vai cair granizo e depois uma tempestade elétrica que poderá ser o fim do mundo — disse Danny. E Billy, ainda sonolento, começou a soluçar.

— Eu vou perguntar a mamãe!

Mamãe. A autoridade! A sapientíssima! Ah, filhos, se vocês soubessem!

Pouco depois, ouviu os quatro recomeçar a barulhenta brincadeira.

— Quem quer um sorvete de chocolate? — perguntou Danny, cantarolando, para que Bill e Alice o acompanhassem.

— E-uuu...

Bib, o menorzinho e que ainda não havia falado, começou a cantar. "E-uu". E a brincadeira prosseguiu.

— Quem quer um belo prato de rato envenenado? — perguntou Alice, cantando alegremente.

— Eu-uu **não** — replicaram ao mesmo tempo Danny e Billy, pronunciando deliberadamente o **não** de maneira tão baixa que o pobre Bib não pudesse ouvir.

— Eu-uu — gritou Bib, caindo na **armadilha**. Os outros riram estridentemente. E a brincadeira continuou.

— Quem quer levar um tiro na cabeça?

— Eu-uu **não**.

— Eu-uu! — tornava Bib. E as gargalhadas recomeçavam.

— Mãezinha! Bib quer levar um tiro na cabeça! É o que ela está dizendo...

Peg deitou as pernas para fora da cama e levantou-se.

Peg! Ela agora estava sob o chuveiro, cantando um belo trecho de "Chá para dois", uma de suas canções preferidas quando cantava no "Café Greenwich"...

Mas foi interrompida pela voz de Steve, que lhe chegava aos ouvidos fraca, mas insistente.

— Sim, Steve...?

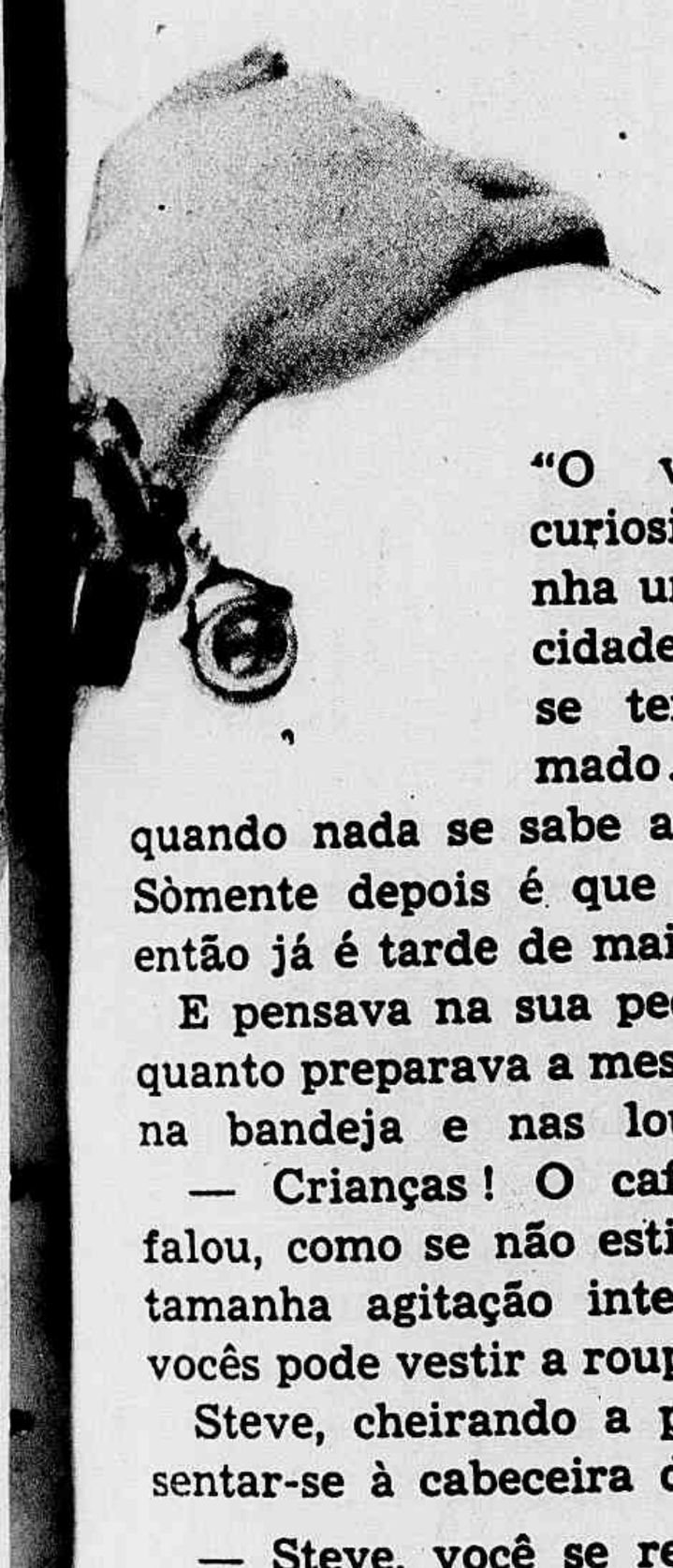
— Vamos ver se acaba logo! Eu quero fazer a barba antes de que os meninos invadam o banheiro!

— Está bem. — Fechou o chuveiro, desejando ardentemente poder controlar seus

pensamentos. Steve estava mudando a roupa do bebê quando ela saiu.

— Quem quer ter uma nova mamãe de cabelos ruivos e corpo bonito ? — cantava êle, com seu riso implicante, mas sem maldade.

Ela o fitou sem saber se a sua estatura mediana e o rosto já tão familiar lhe assentavam bem ou mal. Passou adiante e foi vestir uma camisa de flanela, um "short", colocando, por fim, um cinto que mais parecia um colar de prata. E quando ia descendo para a cozinha fêz uma curta visita aos quatro filhos. Depois abriu latas de suco de laranja e pôs na chaleira. "O que é o engôdo!" — pensou ela.



"O velho engôdo! A curiosidade biológica apanha uma criatura na mocidade, quando ainda não se tem o espírito formado. E é exatamente quando nada se sabe acêrca do mundo... Sòmente depois é que se percebe — mas então já é tarde de mais !

E pensava na sua peculiar condição, enquanto preparava a mesa e passava a toalha na bandeja e nas louças.

— Crianças ! O café está pronto ! — falou, como se não estivesse às voltas com tamanha agitação interior. — Algum de vocês pode vestir a roupa de banho em Bib?

Steve, cheirando a pasta de dente, veio sentar-se à cabeceira da mesa.

— Steve, você se recorda de Emily em "Nossa Cidade", cantando **"Adeus ao mundo. Adeus ao tiquetaque do relógio... ao almôço e ao café, às roupas passadas a ferro, aos banhos quentes... Ao doce adormecer e despertar. Oh, terra, tu és maravilhosa de mais para conter a vida..."** Você se recorda ? Acho que você também se emocionou ao ouvir essa canção...

Peg permaneceu por algum tempo junto à cadeira de Ssteve, segurando um prato de torradas, aguardando uma resposta.

— Tenho uma vaga lembrança, querida — disse êle distraído, e logo a seguir pediu:

— Ouça; se Barnett chegar e eu estiver fora, peça-lhe que deite inseticida no riacho. As môscas, lá, estão terríveis !

— Steve; acho que você estragou alguma coisa aqui por dentro — e colocou a mão sôbre o peito. — Você sente-se como se já tivesse realizado tudo o que desejou na vida ?

Pôs as torradas em cima da mesa, dirigiu-se à janela, e olhou a brancura das macieiras em flor.

— Quem vai fazer as anotações da colheita ?

Steve olhou através da janela e disse pausadamente:

— Estamos na primavera, Peg. E a primavera é longa...

Bateu de leve na mão dela e acrescentou:

— Lembre-se de Barnett !

Ela deixou a janela, sentindo-se ridìculamente solitária.

— Sim. E não esqueça de que temos de ir à casa dos Hornes, esta noite. O colega de Ted, que veio do Oregon, deve estar com êles; apanhe também a sua roupa, na lavanderia.

— Está bem, está bem.

Steve saiu e Peg foi trabalhar. Para os Thatchers aquela manhã não era de todo comum. Os afazeres eram os mesmos: arrumação de camas, lavagem de roupas, compras, etc., mas, em adição, havia mr. Barnett com o monstruoso pulverizador de insetos, o que, de certo modo, devia ser interessante.

— E eu tiver de fazer isto mais uma vez — disse Steve, ao regressar à tarde trazendo Danny de volta para casa — prefiro entrar para o convento !

— Realmente, é êste o lugar para onde você deve entrar — disse Peg, tentando impacientemente reacender o carvão que ardia no fogão. — Você, com êste seu tipo de King-Kong atraente e êste seu amor pelo uísque faria boa figura lá !

E pela segunda vez naquele dia tentou compreender o que de extraordinário havia nesse homem tão rústico para atraí-la de maneira a cegá-la e ir com êle até o altar.

Steve bocejou e confessou:

— Na realidade, como você sabe, eu não gosto muito de crianças. Em assuntos dessa natureza, sinto-me como um peixe fora

d'água. Às vêzes, até tenho vontade de alugar um quarto em alguma pensão para ter um pouco de calma.

— Gostaria? — Peg olhou o marido de soslaio. — E eu que aturo as crianças vinte e quatro horas por dia?

— Mas você os adora! E sempre está disposta a dar mais e mais atenção a êles!

— Por que você diz isto? — perguntou Peg.

Nesse momento o fogão a carvão já estava definitivamente apagado, e incomodou-a o fato de Steve não demonstrar qualquer intenção de auxiliá-la na tarefa de reacendê-lo. No rosto de Peg o suor escorria e por isso Steve não pôde perceber duas furtivas lágrimas que lhe rolaram pela face.

— A verdade é que para conseguir cinco minutos do seu tempo tenho de fazer uma petição. Só assim você poderá prestar-me mais um pouco de atenção. E muitas vêzes pergunto por que diabos nos casamos.

— Mãezinha!...

Neste instante, Billy saía da tenda que Dan havia construído sôbre os galhos de uma macieira. Alice encheu uma pistola d'água de suco de maçã e seringou no rosto de Bib.

— Isto pouco me incomoda! — gritou Peg para o marido.

Billy começou a chorar, e Peg pensou: **"Perdoai-me, meu Deus, perdoai-me"**. — Abraçou o filho e chorou com êle.

Lembrou-se da sra. Lord, que alimentava os filhos alegremente, prometendo-lhes contar histórias depois da ceia. Na realidade, êste era um exemplo que ela considerava dignificante. No automóvel, a caminho da casa dos Hornes, Peg estava mais branda, e um pouco antes de lá chegarem, disse para o marido:

— Vamos ver se não brigamos mais durante o resto do dia.

Então Steve falou:

— Que diabo vem acontecendo com você ùltimamente?

Peg olhou para êle estupefata. Sòmente quando chegaram à porta da casa foi que pôde dizer alguma coisa.

— Nada tão importante quanto possa parecer; coisas que o divórcio não resolveria — disse ela com extrema ternura na voz.

BETTY Hornes abriu a porta e, a seguir, os apresentou a John Brodges, o colega de Ted. Ambos beberam os "drinks" preparados por Ted, conversaram com os Hornes e com os demais, porém, de modo algum se olhavam.

O jantar estava uma maravilha. Betty Hornes cozinhava muito bem. Era uma mulher enérgica e alegre, e John era dotado de um acentuado senso de humor. Como arquiteto da escola de Frank Lloyd Wright, êle defendia sorridente os princípios da arquitetura moderna e atacava as normas da construção tradicional.

— Continuo gostando mais das cabanas em estilo antigo — disse Betty.

— É que Betty quer parecer obsoleta — disse Ted Hornes.

— Para mim — disse Ted — a maioria das pessoas desposa uma ilusão!

— Quase todos nós — disse Betty — somos como os jogadores. Quando a ilusão do ganho se desfaz, queremos, a todo custo, o nosso dinheiro de volta.

— Segundo me parece — disse John — o verdadeiro princípio do fim surge quando deixamos de ceder no matrimônio. No comêço, damos livremente, espontâneamente, sem qualquer expectativa de recompensa.

Ficou em silêncio por algum tempo, olhando o fogo. Depois prosseguiu:

— E mais tarde beijamos por beijar, sorrimos por sorrir... Êsse é que é o mal.

— Sim — disse Steve. — Não há dúvida de que ambos devem ceder ao mesmo tempo.

— E na realidade devia ser assim — falou Peg, esperando que êle compreendesse que aquelas palavras lhe eram dirigidas — mas, acontece que em alguns casamentos uma pessoa cede e cede até que, de repente, êle — ou ela — se sente incapaz de continuar cedendo.

— Estamos começando a pensar num assunto de máxima importância para as relações humanas — disse Ted. — Mas admitamos que o casamento é uma armadilha e uma ilusão; porém se alguém se deixa iludir de bom grado com outra pessoa, convenhamos que isso pode criar uma situação muito engraçada.

(Continua no fim da revista)

Bom chute, só com um bom SAPATO

e Bons SAPATOS só os da

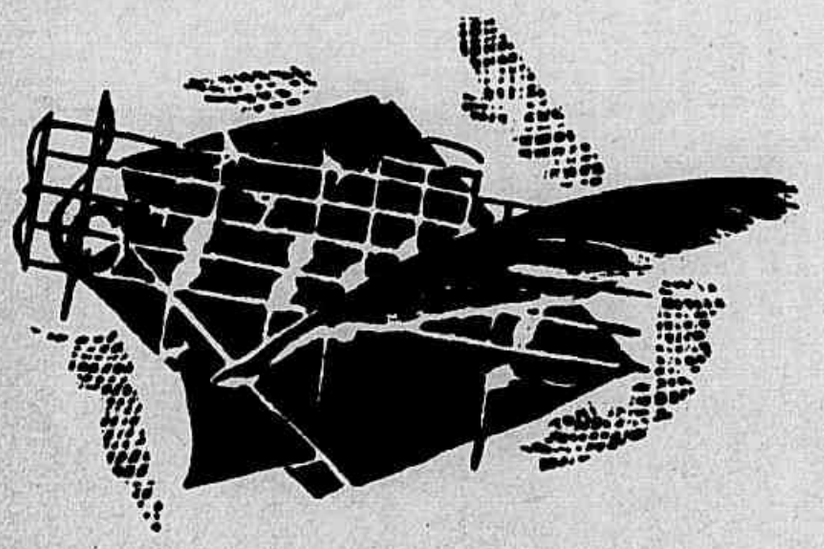
lee

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEM OG/.



Música de DOR e de ESPERANÇA...

Século após século, o tema do REQUIEM inspirou os grandes compositores.

NA solidão de seu estúdio parisiense, Charles Gounod trabalhava, absorto, na composição de uma nova obra. Muitos eram os triunfos já obtidos em sua carreira artística: "Fausto", outras seis óperas, duas sinfonias e diversas composições sacras, entre elas sua célebre "Ave Maria".

A luz de seu quarto se havia desvanecido; a cabeça de Gounod reclinou-se sôbre a mesa. Assim foi êle encontrado: inclinado, sem vida, sôbre as páginas de sua última obra, uma **"Missa de Requiem"**.

O padre Tomás Luís de Vitória, considerado como o compositor mais famoso na história da música sacra espanhola, foi nomeado capelão da Imperatriz Dona Maria, no ano de 1597. Seis anos mais tarde morria a Imperatriz e Vitória compunha um **requiem** em sua memória; depois abandonava a pena — **para sempre**.

ROBERT Schumann passou seus últimos anos num manicômio. Mas, um pouco antes de enlouquecer, disse a alguns amigos:

— **Um requiem é algo que uma pessoa escreve para si mesma**.

Compôs, então, seu "Requiem" — que leva o último número na lista de suas obras.

Do mesmo modo que êsses três compositores, em tôdas as épocas, os músicos sentiram êsse misterioso despertar de sua inspiração diante do texto da Missa para os defuntos.. O tema da morte, do **juízo final, do paraíso e do inferno**, ordenam-se em tôrno de um ponto fundamental: **"A Redenção"**. Os católicos, em sua maioria, conhecem o "Requiem Gregoriano", composto há mais de mil anos por um músico anônimo. Em qualquer paróquia é freqüente cantar-se o "Requiem Gregoriano" uma ou mais vêzes por semana, em funerais ou missas de corpo presente.

O canto gregoriano costuma ser o preferido por muitas razões; é relativamente fácil de entoar, por sua brevidade, mal interrompe o ritmo da Missa.

Na encíclica "Motu Propio", Sua Santidade o Papa Pio X afirmou que certas composições violam o espírito do culto. Em sua época, essas missas talvez fôssem aceitáveis, mas atualmente foram retiradas das cerimônias religiosas, porque eram excessivamente teatrais ou demasiado prolongadas para reforçar a liturgia sem obscurecê-la.

OS **requiens** de Mozart, Berlioz e Verdi, estão incluídos nessa categoria. As razões para a desaprovação de seu uso nas igrejas são fáceis de compreender.

Consideremos, por exemplo, o **Requiem**, de Verdi.

Em 1868, quando Rossini morreu, Verdi propôs a um grupo de compositores italianos que colaborassem com êle na composição de um **requiem** em sua memória. O projeto não foi concretizado devido ao excessivo individualismo dos músicos, e sòmente Verdi concluiu a sua parte.

Cinco anos mais tarde, morreu Alexandre Manzoni; Verdi completou o fragmento e dedicou a missa completa ao famoso novelista. A obra teve sua primeira audição por ocasião do aniversário da morte do escritor. Seu êxito foi tal que Verdi teve de executar a Missa na maioria das grandes cidades européias. E ainda hoje é considerada como uma das melhores obras no gênero. Mas é evidente que não serve para fins litúrgicos. Originàriamente escrita para côro, quatro solistas e orquestras, sua parte vocal abrange cêrca de 229 páginas. O "Kyrie" — que é geralmente a parte mais curta da missa — preenche 13 pá-

ginas; e o monumental "Dies Irae", que descreve o Juízo Final, leva meia hora para ser executado. A parte chamada "Tuba Mirum", que descreve como "as trombetas ressoando com um som terrível através dos cemitérios conclamarão todos os homens a apresentar-se ante o trono divino", exige que se coloquem trombetas fora do cenário para aumentar o efeito dramático!

O famoso "Requiem" de Mozart é também muito teatral. Escrito para orquestra, côro e solistas, é bastante extenso. Pode ser considerada como a mais bela Missa em estilo clássico, porém, sua execução nas igrejas é tarefa pràticamente impossível.

O "Requiem" de Berlioz é difícil de ser executado mesmo numa sala de concertos. Requer 200 cantores, uma orquestra de cordas de 100 executantes e quatro bandas de instrumentos de sôpro!

"Um Anjo Músico" — do Tríptico de Van Eyck: "A Adoração do Cordeiro Místico". (Pertence ao Museu de Gond, na Bélgica).

Berlioz escreveu seu "Requiem" no ano de 1836 em homenagem a Napoleão e obedecendo a uma ordem do ministro do Interior da França. Prometeram-lhe em troca a quantia de 3.000 francos. Porém, o diretor de Belas Artes de Paris não aprovou a obra de Berlioz e cancelou sua execução, embora já houvesse sido ensaiada; em conseqüência nada foi pago a Berlioz nem a seus músicos.

No ano seguinte, o govêrno francês preparou outra grande cerimônia em homenagem a um general que havia sido morto, combatendo na África. Novamente o Ministério pediu a Berlioz que executasse seu "Requiem". Iniciaram os ensaios, mas, por razões de favoritismo político, Berlioz se viu forçado a ceder a direção de sua obra a Habeneck, diretor oficial dos grandes festivais musicais.

No momento da execução, que teve lugar sob a Cúpula dos Inválidos, em Paris, Habeneck tentou sabotar a grande obra. No instante mesmo em que as quatro bandas deviam entrar, uma após outra, fato que requeria mão firme de parte do regente, Habeneck, com tôda a calma, abandonou a batuta para tomar rapé. Berlioz que estava próximo, pôs-se repentinamente de pé, marcou a importante entrada das bandas e dirigiu a parte até o final.

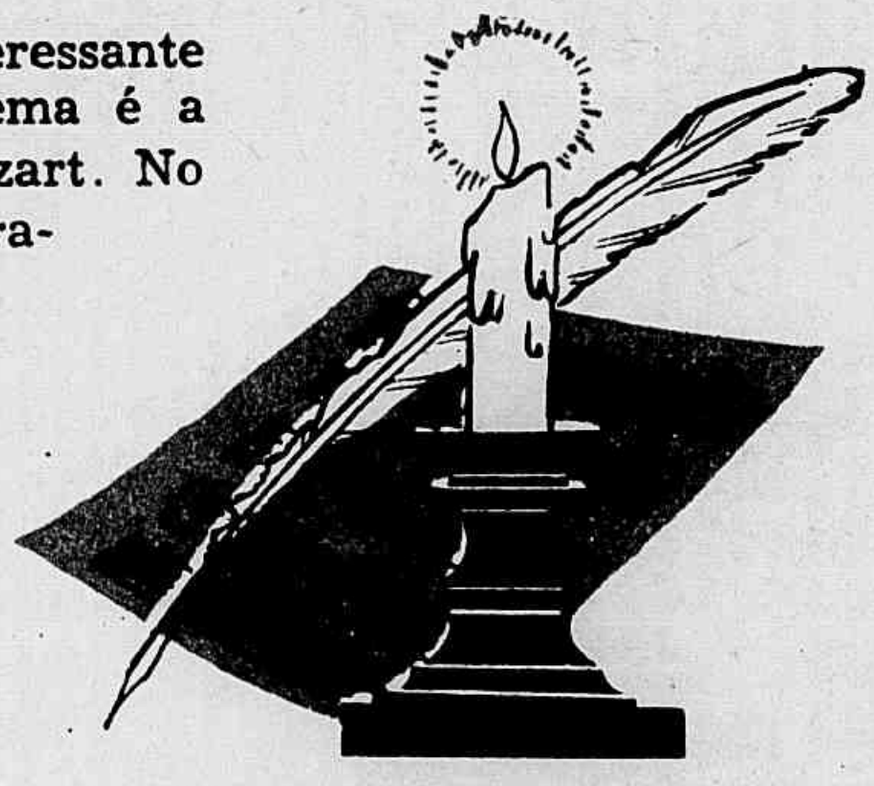
Um ano depois, segundo as memórias do compositor, recebeu, finalmente seus honorários e dinheiro para pagar aos músicos!

O "Requiem" de Gabriel Fauré é, talvez, o que mais se aproxima do espírito da liturgia. É comum dizer-se que **Fauré é o São Francisco de Assis da música**, e o "Requiem" reflete sua humildade, sua atitude modesta e simples diante da vida. Nenhuma inquietude perturba a profunda meditação que é a essência de sua obra.

Embora não seja muito extensa como as outras **Missas** mencionadas, o "Requiem" de Fauré não pode ser usado nas igrejas por causa das liberdades do texto. Contudo sua partitura para o "Libera me" e o "In Paradisium" são eminentemente espirituais e litúrgicas.

Mais de 40 dos grandes compositores dos últimos 400 anos musicaram as palavras sagradas do requiem, cada um de acôrdo com o estilo musical de sua época: Palestrina, Vitória, Monteverdi, Pergolesi, Mozart, Berlioz, Bruckner, Cherubini, Liszt, Von Suppe, Verdi, Thomas, Saint-Saens, Devorak, Fauré, Rheinberger e, em nossos dias, Pietro Yon e Lorenzo Perosi.

A anedota mais interessante existente sôbre o tema é a vinculada à obra de Mozart. No outono de 1791, um estranho, todo vestido de negro, apresentou-se ao compositor e pediu-lhe que compusesse um **requiem**. Mais tarde, soube-se que o estranho personagem era um criado do conde Franz Von Walsegg da Áustria, que desejava adquirir a partitura com intenção de assinar com o seu próprio nome e mandar executá-la em memória de sua espôsa.



Mozart, já mortalmente enfêrmo, viu no mensageiro do conde um emissário sobrenatural, que lhe ordenava escrevesse sua obra antes de que fôsse tarde de mais.

Então, o compositor deixou de lado tôdas as outras composições e, não obstante a insistência de sua espôsa e amigos para que entrasse num período de descanso, trabalhou febrilmente durante noite e dia até concluir seu **requiem**. A um amigo que lhe aconselhava repouso, escreveu:

— **Seguiria o teu conselho com muito prazer, mas como seria possível? Pressinto que minha hora já chegou. Sinto-me dentro da região da morte.**

ENCONTRARAM-NO inconsciente sôbre a sua mesa de trabalho e o levaram, moribundo, para seu leito.

Por alguns instantes recuperou a lucidez e deu ao seu discípulo, Susmayr, as últimas instruções para completar a Missa e chegou, mesmo, a tentar cantar alguns trechos. Depois voltou o rosto para a parede e morreu. Havia completado apenas trinta e cinco anos de idade.

★ ★

COMO O RELÂMPAGO ILUMINA O CÉU

A luz de um relâmpago não sòmente ilumina a parte do céu na qual ocorre, como, muitas vêzes, clareia o céu inteiro. Tal comprovação foi verificada pelo dr. A. A. Hoag, do Observatório Naval dos Estados Unidos, em Washington. O brilho relativo de cada descarga e sua duração foram registrados com precisão científica.

O equipamento utilizado pelo dr. Hoag era simples: uma grande caixa de papelão com um furo numa extremidade e um "fotomultiplicador" na outra; êste último possui a propriedade de converter a luz em impulsos elétricos. E foram êsses impulsos que determinaram o aparecimento de sinais na tela do osciloscópio. Uma máquina cinematográfica, em constante funcionamento, conseguiu filmar os sinais.

O instrumento estava dirigido para o sul. Com o céu ainda claro uma trovoada ribombou no noroeste. Assim, o aparelho captou não o relâmpago em si, mas o brilho do céu causado pela dispersão da luz do relâmpago.

Geralmente, uma luz qualquer, por intensa que seja, desaparece po céu no espaço de um milésimo de segundo. Mas a luz emitida por uma descarga elétrica tem uma duração cêrca de trinta vêzes maior.

O CASO DOS CEM EMBRULHOS TERRÍVEIS

O dr. Buck Ruxton continuava arquejante e trêmulo e cheio de cólera, na saleta de visitas de sua residência de Dalton Square, número 2, na cidade inglêsa de Lancaster. Caído diante dêle, ao pé da suntuosa escada branca e vermelha, estava o cadáver de sua espôsa. O pescoço apresentava os sinais de seus impetuosos ciúmes. Aquela noite do 14 de setembro de 1935, seu furor o levara mais além dos brutais limites de anteriores querelas. Sua espôsa, sua loura, jovem e linda espôsa, entre as torquezas de suas mãos morenas.

Enquanto assim contemplava aquêles olhos injetados, desmesuradamente abertos, como se fôssem saltar das órbitas, no horror de uma morte inesperada, ouviu ruído no patamar superior da escada. Alguém fôra testemunha do seu crime. Levantou a cabeça, como movido por uma mola e viu Mary, a jovem criada, que recuava, cheia de horror, tornando a subir, de costas, a escada, degrau a degrau, contendo um grito, depois de ter observado como Isabel Ruxton, sua patroa, era estrangulada.

Com passo medido, cauto, o médico subiu a curva da escada, mal respirando, tratando de avançar como o gato sôbre a ave magnetizada, aproximando-se mais e mais da aterrada criatura. Quando estava a ponto de vencer o último lance da escada e já alongava os braços e abria as mãos enormes, como garras, para apanhá-la, a criadinha, saindo do estupor que a paralisava e chorando como uma desesperada, tentou chegar até seu quarto. O implacável médico se lançou contra a porta, antes de que esta ficasse totalmente fechada. Uma vez dentro do quarto, apoderou-se de um pesado pé de **abat-jour** e, encurralando a desgraçada contra um canto, bateu ferozmente, desapiedadamente, contra sua cabeça. A pobre mulher caiu desamparada, perdendo-se seus últimos gritos entre o tangido dos sinos que anunciam a meia-noite na elevada tôrre acinzentada do edifício da Polícia Central, situada no outro extremo da praça.

O dr. Ruxton era um **parsi** indiano, de Bombaim, que tentava fazer acreditar que descendia de velhíssimos reis escoceses. A verdade é que tinha em suas veias um toque de sangue francês, porém o seu complexo de inferioridade o induzia, freqüentemente, a fazer coisas absurdas. Inclusive inventara um avô nobre para sua mulher, antiga criada de quarto, a qual já o havia abandonado duas vêzes, depois de violentas discussões. Agora, sua incontrolável paixão e a seguir a necessidade premente de defender a própria pele o haviam impelido a cometer um duplo assassinato.

Despistar a polícia, situada do outro lado da praça e fazer que tôda a maquinaria da lei britânica perdesse o rastro, ia exigir todos os seus conhecimentos médicos. Afortunadamente, na Universidade de Bombaim havia seguido, entre outros cursos o de medicina forense ou criminologia.

Meditou seu plano: era preciso fazer acreditar que sua espôsa havia fugido novamente e que, esta vez, havia levado a criada em sua companhia. Inclusive, pediria à polícia que as buscasse.

Arrastou os dois cadáveres até o banheiro. Era indispensável apagar todo vestígio que permitisse a identificação. Do seu vasto instrumental cirúrgico, tirou um bisturi afiado como uma navalha de barbear, um boticão de dentista... Nenhum

anestésico: os mortos estão muito além da dor e, por isso, não precisam de anestésicos. Agora, mãos à obra. Antes de tudo, tirar as sardas do rosto de Mary Rogerson, as manchas congênitas do braço direito...

O labor cirúrgico do dr. Ruxton prosseguiu tôda a noite. Seccionou os corpos pelo menos em cem pedaços, com os quais ia fazendo embrulhos, que envolvia utilizando tiras dos lençóis do próprio leito de sua espôsa, cuidando de retirar, antes, as marcas da lavanderia. Empregou centenas de páginas de jornais e metros de algodão hidrófilo.

Quando a primeira luz do dia penetrou em Dalton Square, o dr. Ruxton fêz levantar a seus três filhos e os levou para a casa de uns amigos.

— Minha mulher mais uma vez me abandonou — explicou.

Aos pais da criada, Mary Rogerson, disse:

— Sua pobre filha ia ter um filho. Minha espôsa a levou em sua companhia. Lá se foram com trinta libras esterlinas que tiraram do meu cofre.

Estava certo de que a família Rogerson se sentiria tão desonrada com essas notícias que, pelo menos por algum tempo, guardariam silêncio.

Num automóvel alugado, o imaginativo doutor percorreu mais de quinhentos quilômetros, até chegar a um áspero e desolado lugar, perto de Edimburgo, onde fervilhava uma torrente que por um profundo barranco atravessava uma intransitável selva de emaranhada vegetação. Havia passado pela mesma uns quatro anos antes e agora lembrara-se dela. Um por um, do alto da ponte, foi atirando seus cem embrulhos à correnteza, aumentada pelas chuvas pesadas que caiam.

— O perfeito crime científico... — pensou ao rodar nos calcanhares para regressar a sua casa. Aquêles embrulhos jamais seriam encontrados e, se isso acontecesse, quem poderia imaginar a menor relação dos mesmos com êle próprio?

Segundo meus apontamentos de Scotland Yard, uma hora depois de haver lançado o dr. Ruxton seus embrulhos do alto de Moffat Bridge, a chuva cessou dramàticamente. Durante as duas semanas restantes de setembro, uma insólita sêca fêz diminuir a fôrça da corrente e deixou a descoberto, nas ressequidas margens do rio, montões de embrulhos. A polícia escocesa, alertada, percorreu o barranco e numa extensão de seiscentos metros, conseguiu apanhar mais embrulhos.

O fato foi mais um clássico exemplo dos bons resultados do trabalho em equipe entre a polícia local e Scotland Yard.

— Os embrulhos não foram atirados à corrente por uma pessoa daqui — afirmou o inspetor Strath, da polícia de Dumfries. — Salvo quando há verdadeira inundação, o rio corre pelo barranco em sentido contrário. Por isso, ao cessar a chuva, ficaram tantos embrulhos encalhados nas margens. A gente destas redondezas teria agido com absoluta segurança, no sentido de evitar o aparecimento dêsses embrulhos.

O professor Glaister, de Glasgow, ajustou os óculos sôbre a ponte do seu enrugado nariz e examinou cuidadosamente setenta fragmentos.

— Esta dessecação — anunciou — foi realizada por alguém que possui consideráveis conhecimentos médicos. O bisturi foi manejado por um perito. Observem o esquartejamento. E observem a laringe, as cordas vocais, etc.

Por êstes sinais e pelas evidentes diferenças nos ossos do crânio, o erudito e meticuloso dr. Glaister chegou à dedução de que "se tratava de duas mulheres: uma de trinta e cinco anos, aproximadamente, e outra de uns vinte."

— Nos pulmões dos corpos esquartejados encontrei depósitos de foligem, o que revela que pertenciam a habitantes da cidade — expressou o professor James Brash. — Há

também sinais de congestão, indicadores de que a mais idosa das duas mulheres morreu estrangulada, embora todos os demais sinais de estrangulamento tenham sido apagados cuidadosamente... talvez com cuidado excessivo, até! (Continua no fim da revista)

régime acidificante

O S PERIGOS DE UMA URINA MUITO ALCALINA — Os que sofreram de colibacilose urinária não esquecem as dores provocadas por essa enfermidade de pouca gravidade, porém muito freqüente. Cistite, impossibilidade de urinar, impressão de "milhares de agulhadas no conduto urinário"... são outras tantas razões para que se procure curar a colibacilose, e principalmente evitá-la.

Notou-se, há muito tempo, que a colibacilose é particularmente freqüente entre os vegetarianos e as pessoas que comem muitas frutas. É mais rara, ao contrário, entre os comedores de carne. Essa primeira verificação permitiu observar que a alcalinidade do regime facilitava o desenvolvimento do colibacilo.

Por outro lado, observações mais recentes demonstraram que no correr das curas termais, quando a água contendo o bicarbonato de soda alcaliniza lentamente a urina, certos doentes tinham dolorosos acessos de colibacilose urinária, logo ao fim do décimo dia da cura .isto é: exatamente no momento em que o bicarbonato de soda entrava a causar seu efeito.

Parece, portanto, que o desenvolvimento do colibacilo se deva, parcialmente pelo menos, a um excesso de alcalinidade urinária.

ACIDIFIQUE-SE! — Sabemos que a urina recentemente emitida é ligeiramente ácida e, também, que a sua acidez normal se situa numa cifra designada por pH 5,8 a pH 6, enquanto que a neutralidade se situa em pH 7. Quanto mais elevada é a cifra, mais alcalina é a urina; quanto mais fraca, mais ela é ácida.

Ora, as culturas de colibacilos, efetuadas num meio apresentando uma acidez de 5,8, desenvolvem-se muito lentamente. Ao contrário, proliferam com facilidade, se alcalinizam o meio e se o elevam a pH 7 e mesmo além.

De fato, só prolifera mesmo num meio relativamente alcalino: de 6,6 a 7,3.

ATENÇÃO À ALCALINIDADE, FONTE DE PERIGOS!

Para tratar a colibacilose convém, pois, tentar acidificar a urina, não porque essa acidez mate efetivamente o colibacilo, mas porque reduz consideràvelmente seu desenvolvimento e, de algum modo, o asfixia. Com o tempo, o colibacilo acaba sendo evacuado pelas vias naturais, antes de ter tido tempo de pulular.

Êsse perigo da alcalinidade não está, de resto, reservado aos casos de colibacilose; muitos micróbios e mesmo outras enfermidades não microbianas (como o reumatismo), têm grande desenvolvimento principalmente em terreno alcalino. Há mesmo quem afirme, nos meios competentes que o câncer se desenvolve também com maior facilidade num terreno alcalino e que a acidez é o melhor meio de evitá-lo.

A acidificação da urina, no caso em aprêço, não é mais, afinal, que um fenômeno mais geral: a acidificação do organismo. É o que explica a ação dêsse modo de tratamento.

ATENÇÃO AO REGIME LACTO-VEGETARIANO — É possível provocar a acidificação da urina (e portanto do organismo e dos humores) por meio de diferentes medicamentos: fosfatos ou cloruro de amonium, cloruro de calcium, ácido fosfórico, etc.

Mas, se quisermos que êsses medicamentos sejam realmente eficazes convém associar aos mesmos um regime apropriado. **A alimentação, de fato, desempenha grande papel no equilíbrio físico e químico dos meios orgânicos (sangue, urina, etc.).**

Num regime normal, acidos e álcalis são quase equivalentes. Ao contrário, no regime lacto-vegetariano, adotado em ge-

ral pelos doentes, os álcalis se revelam nìtidamente excedentes. Todos os legumes, sem exceção, são alcalinizantes, da mesma forma que o leite, as massas e as batatas. As frutas o são, igualmente, com raras exceções (nozes, avelãs, amêndoas, azeitonas, ameixas). Contràriamente ao que em geral se acredita, mesmo as frutas ácidas (laranjas, limões, tangerinas, limas, etc.) são alcalinizantes em razão das transformações químicas especiais que sofrem no organismo. Essa é, aliás, a transformação sofrida pelo pão branco, também grande produtor de álcalis.

Entre as bebidas alcalinizantes, as águas minerais surgem no primeiro plano, assim como o chá e o café.

OS ALIMENTOS ACIDIFICANTES — Quais são, pois, os alimentos acidificantes?

Antes de qualquer outro, a carne e o peixe; a seguir, os ovos, os queijos, a manteiga e o azeite.

As leguminosas o são, igualmente, assim como o chamado pão-completo.

Os frutos ricos em elementos fosforados (nozes, avelãs, amêndoas, azeitonas, azeites, etc.) fazem parte do regime acidificante. A melhor bebida acidificante é o vinho, e principalmente o vinho tinto.

Se o indivíduo tem tendência para a colibacilose, deve consumir de preferência êsses alimentos.

ACIMA DE TUDO, O EQUILÍBRIO! — É importante, acima de tudo, ter um regime **equilibrado**. De fato, muitas pessoas têm uma tendência para eliminar os alimentos ácidos e com isso se expõem a certas moléstias (colibacilose, reumatismo). Um

excesso de alimentos ácidos, por sua vez, apresentaria outros inconvenientes.

Tratem, portanto, de que o alimento familiar comum comporte em partes equivalentes os dois elementos: a acidez da carne, do peixe e dos ovos, compensando a alcalinidade dos legumes e das frutas.

Naturalmente, não se trata de eliminar os legumes, indispensáveis ao mesmo tempo por suas vitaminas (crus) e por sua celulose, que assegura a boa evacuação do intestino.

Para evitar sua grande alcalinidade, é recomendado cozinhá-los em grande quantidade de água e, se possível, duas vêzes, em águas diferentes.

Perderão, dessa forma, uma grande quantidade de seus sais alcalinos.

Outro conselho: — quando comemos grande quantidade de legumes (no verão, por exemplo) deitem na salada boa quantidade de vinagre. Mais vinagre que limão.

Não abusem, também, das águas minerais bicarbonatadas, nem do chá e do café. Bebam, antes, pequena quantidade de vinho, tinto preferentemente.

INFELIZ IDÉIA DE UM CABELEIREIRO **Em Londres, um salão de beleza exibe suas últimas criações. A novidade consiste em que o penteado da mulher e do homem.., são idênticos ! A idéia é realmente absurda. E sòmente dois modelos dêsse cabeleireiro são suficientes para que tenhamos uma idéia de sua loucura: quando o homem conserva uma forma de cabeça apropriada a seu sexo, sua companheira do sexo oposto adquire uma linha excessivamente varonil. Mas, se é a mulher quem dá a nota, sucede o contrário... e o ridículo chega a extremos espantosos.**

★

QUANTAS COISAS DEVEM SER OBSERVADAS NO AMOR?

São oito, a saber:

1 — Amar e honrar sinceramente a um só objeto. 2 — Padecer e morrer generosamente por êle. 3 — Nunca recusar-lhe o que peça honestamente. 4 — Cuidar incessantemente de proporcionar-lhe mil prazeres. 5 — Não cometer infidelidade; ser leal em tôdas as coisas. 6 — Não realizar coisa alguma senão para o dito objeto. 7 — Não ser indiscreto. 8 — Evitar a inconstância, a fim de ser amado por muito tempo.

ESTRANHA CONFISSÃO DE UM REI

Na seguinte ***narrativa histórica, como nas anteriores que em cada número vimos publicando,*** *procura-se* ***dar a impressão dramática de um conhecido acontecimento e mostrar,*** *ao mesmo tempo, como são* ***duvidosas, incertas, mal definidas as causas que o determinaram. O mistério da história*** *corresponde muitas* ***vêzes a um enigma de psicologia humana, sempre curiosa e interessante de observar e de discutir.***

NA **Biblioteca Nacional de Paris está guardado um dos mais notáveis documentos da história do coração humano.** Contém a **confissão de um rei, que foi movido a fazê-la pelo remorso** de um **grande crime. Esta** confissão **real não foi feita a** um **padre, mas sim a um** médico, **o qual depois a transcreveu tal como a ouvira dos** lábios **do seu contrito soberano. Não foi alcançada, nem** ditada **pelo receio da morte;** e tão **depressa se desvaneceu** o acesso **de angústia mental** que **a sugeriu parece que ficou silenciosamente esquecida. Contudo tem sido respeitada pela voragem dos tempos, semelhante a um fragmento de madeira arrojado** pelo **mar, para revelar o fatal** fim **do navio que naufragou. É um dos** mais **instrutivos documentos da humanidade, não sòmente por causa da luz com** que ilumina **um acontecimento memorável,** mas **porque atesta a falibilidade de tôdas as mais trabalhadas teorias da história,** e nos mostra mais uma vez como insignificantes motivos levam os homens a proceder e como ao sabor do acaso é governado o mundo. Em 22 de agôsto de 1572, sexta-feira, de manhã, pouco depois das 10 horas, seguia em direção ao portão do palácio do Louvre, em Paris, um grupo numeroso de gentis-homens, e na frente dêles um idoso, alto, grave, cuja barba branca e vestuário severo lhe davam aspecto particularmente venerável. Ia andando vagarosamente seguido dos seus companheiros, lendo um papel que trazia nas mãos.

Carlos IX, segundo quadro de Clouet (M. do Louvre).

Havia em todos que o acompanhavam igual ar de sisuda gravidade. As suas sombrias e negras véstias e calções, os seus chapéus altos, em forma de campânula, largas golas brancas voltadas, espadas com os punhos de laço liso, apresentavam profundo contraste com os brilhantes costumes da

época, e o pequeno bando, marchando serenamente pelas ruas, por entre a multidão curiosa, parecia ter o aspecto de uma guar-

Duas balas feriram...

nição armada no meio de uma população hostil.

Absorvido na leitura do documento, em que tinha fixos os olhos, o chefe do bando não observou que, enquanto ia caminhando, movia-se e abria-se, pouco a pouco, a janela de uma casa do lado esquerdo da rua, como se fôsse apenas impelida pelo vento, e nela aparecia o cano reluzente de um arcabuz, pousado na ombreira da janela. Continuou andando, até chegar exatamente defronte da casa. Naquele momento uma forte detonação fêz estremecer o edifício, expelindo para as pedras da rua os vidros despedaçados dos caixilhos das janelas, ao mesmo tempo que duas balas feriam o inadvertido chefe, arrancando-lhe o dedo index da mão direita e esmagando-lhe os ossos do braço esquerdo.

O arcabuz fôra desfechado um segundo mais cedo. Tivesse o assassino esperado que a sua vítima se adiantasse um só passo mais e teria sido morto no mesmo instante.

Logo que se apercebeu do que sucedia, justamente no momento de ser surpreendido pela bala, o gentil-homem ferido prorrompeu nesta exclamação:

— O **Guisardo** preparou-me esta emboscada; **e alguém mais com êle**!

Parte dos que o acompanhavam arremessaram-se de repente para a casa, na esperança de capturar o assassino; parte, rodeando o seu adorado chefe, levaram-no para casa e deitaram o ferido na cama. Entretanto, corria pelas ruas de Paris a notícia sensacional de que se cometera um atentado contra a vida do almirante Coligny, o herói da odiada seita relïgiosa dos huguenotes.

Não era sem algum justo motivo que o primeiro nome pronunciado pelos lábios do chefe protestante fôsse o de Guise. Todos conhecem os célebres duques dessa casa, que figuraram neste memorável período da história de França, durante o reinado dos últimos monarcas da linha real dos Valois, e no momento em que êles aparentavam tal poder pessoal que eclipsava o dos próprios reis, derivado da sua posição de campeões do partido católico, quer dizer, de três quartas partes da nação francesa contra os odiados huguenotes.

Justamente dez anos antes dêste atentado contra Coligny, quando esbravejava a guerra por tôda a França entre católicos e huguenotes, uma conversão fanática para a nova religião determinara um horrível e desastroso exemplo — o assassinato do grande Francisco, duque de Guise, fora das portas da cidade de Orleans. Cegos pela paixão religiosa, os pregadores huguenotes comparavam esta suposta libertação com o assassínio de Eglon por Ehud, ou o de Holofernes por Judith.

A atitude dos próprios partidários serviu de pretexto à declaração do assassino, o qual, quando foi interrogado e pôsto a tortura, denunciou Coligny e outros chefes dos huguenotes, como os instigadores do seu crime. Em vão o almirante negou a acusação. Todo o partido católico acreditou na culpa; e a duqueza de Guise, viúva, apresentando-se pessoalmente com seu filho ao rei, publicamente pediu justiça sôbre a cabeça do almirante.

Durante os dez anos que se seguiram nenhuma conseqüência houve desta denúncia. Parecia que a acusação tinha sido silenciosamente abandonada. Porém, o filho do duque assassinado crescera e chegara á maioridade, tendo, como êle declarou depois, **sempre ante os olhos o sangue de seu pai**.

Foi com conhecimento de causa que se sugeriu no espírito do almirante Coligny a exclamação mencionada, quando se viu ferido pelas balas desfechadas da casa da rua de Saint-Germain l'Auxerrois. É fácil, portanto, concluir-se o motivo por que êle gritou: — "O Guisardo preparou-me esta emboscada." — Mas, quem seria esta segunda personagem, para quem se voltaram ao mesmo tempo os seus pensamentos, quando acrescentou estas outras palavras: — **E alguém mais com êle?**

Relanceando em redor da Europa daquela época, três figuras proeminentes nos ferem a vista: o rei de França, Carlos IX; a rainha mãe, Catarina de Médicis, e Felipe II, da Espanha.

O caráter de Carlos IX é um dos mais singulares na longa série de desequilibrados em cuja fronte tem pousado coroa real. Era fortemente tocado de superstição religiosa; contudo, faltava-lhe por completo o temperamento frio, implacável do verdadeiro perseguidor.

O seu trono foi abalado pela longa revolta dos huguenotes; todavia, êle não manifestava contra os herejes aquêle espírito inexorável que destinguia o seu confrade na realeza, Felipe II. Carlos IX não tinha bastante firmeza de caráter para ser persistentemente tolerante ou intolerante. A sua vontade manifestava-se em caprichos de energia violenta, decaindo súbito em ataques de abatimento indiferente, para se entregar à direção de vontades alheias mais fortes que o rodeassem. Durante a sua longa minoridade a regência foi exercida por sua mãe; e era ela mais do que o doentio mancebo que se chamava o rei de França, e que se apresentava a dirigir a perversa política da côrte. Doente de corpo, como de espírito, Carlos IX era um dêsses entes indefiníveis, espécimes singulares da natureza humana, cuja psicologia oferece aos historiadores os mais difíceis problemas na interpretação dos seus atos.

O formidável nome de Catarina de Médicis fere os nossos ouvidos como um dobre de sinos evocando a idéia de um dêsses entes terríveis, emancipados de tôda a sujeição moral, fazendo das idéias que outros consideram sagradas, máscaras para seus intentos malvados e ocultos. Nesta mulher extraordinária fundiram-se tôda a crueldade espanhola, e tôda a peculiar finura italiana, sem uma partícula daquela honestidade hipócrita que lança um véu de respeitabilidade sôbre as maiores cruezas de Felipe II.

Só loucos poderiam ser enganados com os protestos de amizade de Felipe II; mas Catarina sabia-os bem dissimular. Con-

O herói estava estirado na cama...

quanto excedesse o rei espanhol em astúcia, ficava-lhe muito inferior em tenacidade. A vingança paciente de Felipe podia ser vagarosa, mas era tão segura como o resvalar de um rochedo rolando pelo declive de uma montanha. Catarina era mulher capaz de arrojadamente trilhar o caminho pisado por Felipe II e de saltar sôbre a sua prêsa em momento oportuno.

Ambos esmagavam os seus inimigos, porém um semelhava, como vingança, o corrosivo trabalho de uma geleira; outra feria como uma cobra.

O caráter vacilante da política de Catarina provinha não só da fraqueza própria

Carlos IX desfechou o arcabuz sôbre os fugitivos

do seu sexo e da sua origem estrangeira, mas ainda do caráter velhaco e hipócrita do filho em nome de quem governava.

No comêço da sua regência, a côrte contemporizou com a facção dos huguenotes. Mais tarde, quando os católicos se levantaram em armas, sem mesmo esperar um sinal dos seus governadores nominais, a côrte pareceu mais andar vogando à superfície, como um navio sem leme, do que seguindo deliberada rota no conflito das correntes.

Pelo contrário, Felipe II fôra a alma da cruzada católica. Supusera-se que êle tivesse em secreta combinação com os Guises. Ressentira-se amargamente da paz pela qual a côrte francesa garantira, dois anos antes, tolerância à religião protestante. Tinha ainda melhores razões para se ressentir dos disfarçados preparativos que se estavam fazendo para uma guerra com a Espanha, guerra para a qual tinham sido alistados voluntários e cujo comando fôra justamente conferido ao almirante Coligny.

Não é portanto de admirar que um dos informadores dedicados de Felipe II, na capital da França, escrevesse informando seu amo, que os huguenotes estavam propalando o boato de que fôra um espanhol ao serviço da embaixada espanhola quem disparara o arcabuz na rua de Saint Germain l'Auxerrois. Não fôra acaso o ministro predileto de Felipe II, o inflexível duque de Alba, que recordara a Catarina de Médicis, durante as célebres conferências dos Pirineus, que a cabeça de um salmão valia mil rãs?

Os companheiros do almirante não conseguiram prender o assassino. Êste que estava vestido com o uniforme verde dos arqueiros da guarda real, logo que descarregara o arcabuz, precipitara-se pela escada abaixo e, saindo da casa por uma porta traseira, montara um cavalo branco espanhol que estava aparelhado e seguro por um pagem, e galopara furiosamente para as portas do bairro de Santo Antônio, onde tinha um outro cavalo. Dera uma vista de olhos em redor para se assegurar de que ninguém o perseguia; saltara para o cavalo novo, e fugira pela estrada de Brie.

Quando os huguenotes entraram na casa de onde partira o tiro, no que levaram tempo para o conseguir, porque a porta da rua estava fortemente trancada, encontraram apenas uma mulher velha e o pequeno pagem que segurava o cavalo. Ambos foram presos.

Nem um nem outro tentou porém ocultar qualquer coisa que soubesse. A mulher contou que a casa pertencia a um sacerdote da igreja vizinha, igreja destinada a uma triste celebridade sob o nome de Saint Germain l'Auxerrois. Parece que o padre desempenhara antigamente o cargo de preceptor do moço duque de Guise. Três dias antes o suposto arqueiro fôra levado ali por um criado da casa real com uma recomendação da mãe do duque, aquela mesma que dez anos antes pedira baldadamente vingança da morte do marido.

Com esta informação, os companheiros de Coligny voltaram para a moradia dêste a qual não estava situada a grande distância. Ali acharam tudo em confusão e conster-

nação. O pátio, a escada estreita, e em cima a entrada no patamar estavam cheios de uma multidão de cavaleiros huguenotes que mal tiveram notícia do crime, acudiram parte para proteger o seu chefe contra qualquer nova investida à sua vida, e parte para consultar sôbre a situação do partido, a quem o som do tiro expedido da casa do cônego assustara como o ribombo do trovão. O velho herói estava deitado na cama no primeiro andar, que dominava o pátio interior, e os médicos sustentavam viva discussão sôbre o estado do seu braço; três dêles consideravam necessário amputá-lo imediatamente, enquanto que um quarto julgava possível ainda salvar o mesmo.

Foi só no dia seguinte que se fêz a triste descoberta, de que o arqueiro trabalhara na sua obra mais eficazmente do que parecera à primeira vista; e que era infinitesimal a esperança de salvar a vida de Coligny. As balas que o feriram pareceram ter sido envenenadas.

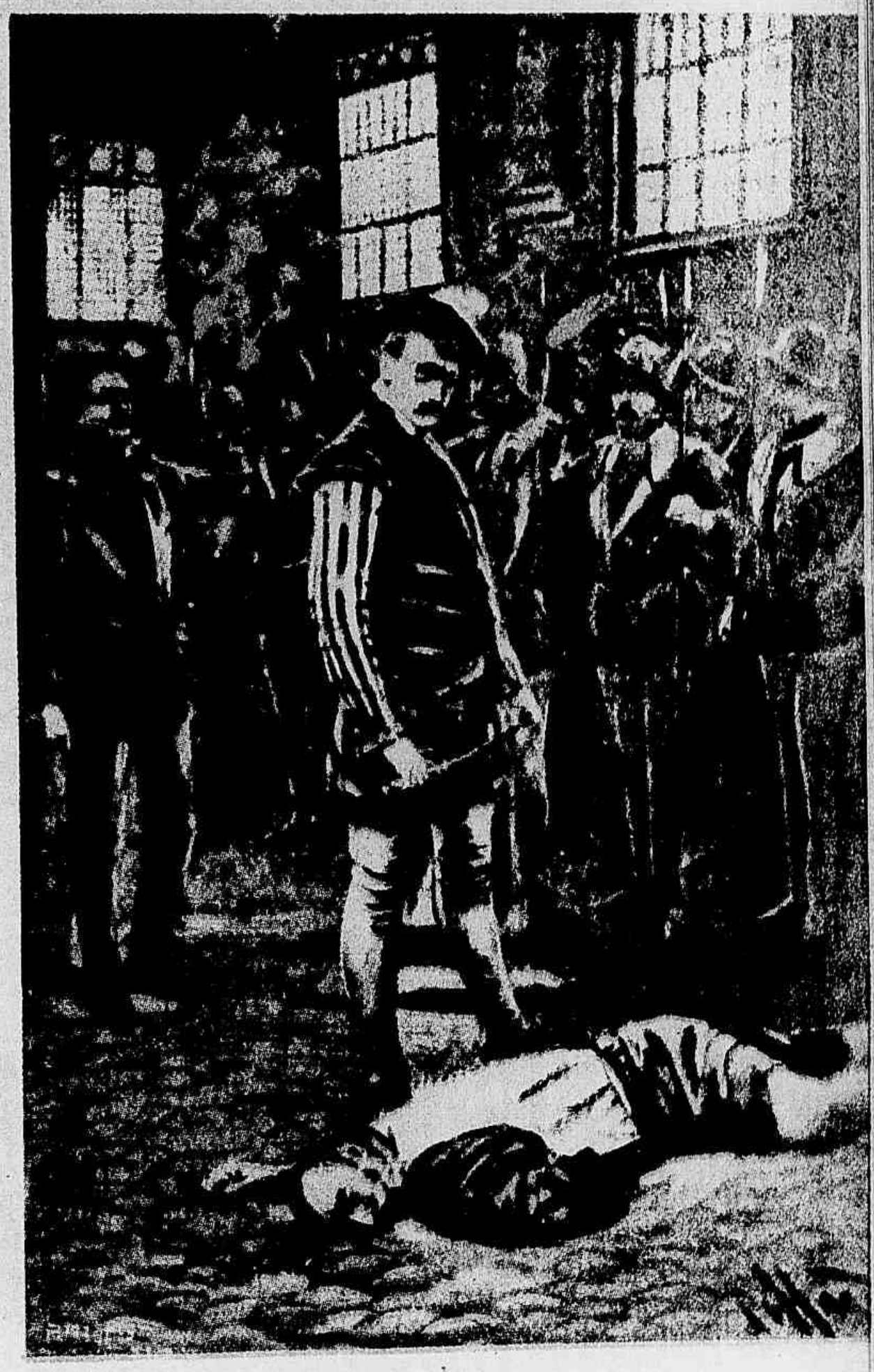
Reunidos em grupos na entrada do quarto, nas escadas e em baixo, no pátio, os alvoroçados huguenotes discutiam a informação recebida. Uns aconselhavam um apêlo ao rei para implorar justiça, outros propunham invadir ousadamente o Louvre, e assassinar o duque de Guise, se necessário fôsse, no gabinete real.

A opinião geral e a do próprio Coligny era de que o atentado representava alguma coisa mais do que uma simples vingança particular do moço duque. O uniforme usado pelo assassino, a pessoa que o trouxera para casa do cônego, ambos os fatos estavam apontando a conivência da côrte, da qual alguns dos protestantes nunca haviam deixado de suspeitar durante os dois anos de paz.

Poderiam, todavia, estar bem perplexos na compreensão dos acontecimentos. Depois de ter sustentado guerra de extermínio contra êles, o rei parecera mudar de idéias repentinamente e recebera-os com a mais inteira confiança e favor. Coligny que, não obstante o seu cargo naval apenas honorífico, porque nunca navegou, fôra o chefe principal dos exércitos protestantes, havia sido convidado a vir à corte, e logo abraçado, acariciado, e considerado pelo moço monarca como um amigo de coração.

Por conselho do chefe huguenote, afirmam, se decidira a guerra com a Espanha; e, conquanto o próprio irmão do rei, Henrique, duque de Anjou, fôsse um hábil capitão, tendo derrotado o próprio Coligny nas batalhas de Jarnac e Montcontour, ainda assim êle fôra pôsto de parte, em favor do almirante, escolhido para comandante-chefe do exército invasor.

Realmente, Carlos IX patenteara uma extravagante afeição pelo venerando huguenote, dando-lhe o nome de pai, e mandando-o chamar a tôda a hora do dia, como se não pudesse viver sem êle. Finalmente, em resposta, como se dissera, a uma sugestão do irmão de Coligny, arranjou-se confirmar a aliança entre católicos e huguenotes por um casamento entre Margarida, irmã do rei, e Henrique de Navarra, o príncipe protestante, cuja posição com



Espadanou sangue sôbre as botas do duque...

respeito a coligny poderia ser comparada com a de Vítor Emanuel para com Garibaldi.

Enquanto o eco dos sinos, anunciando o casamento, ressoava ainda no ar, enquanto os noivos passavam a sua lua-de-mel no

Levou a mão ao punhal.

Louvre, enquanto Paris estava ainda cheio de numerosos fidalgos huguenotes vindos ali para a festividade e alguns recolhiam às suas casas pelas estradas de França, aparecia esta interrupção ominosa, semelhante a uma ligeira fenda na parede de um reservatório, ameaçando iminente catástrofe.

No meio das inquietas conferências à roda do leito do seu chefe ferido, e enquanto partiam mensageiros para tôdas as direções a chamar de novo os huguenotes que já tinham saído de Paris, chegou a notícia emocionante de que Carlos IX se aproximava da casa de Coligny, em visita de excepcional deferência e manifestação de pesar, acompanhado da rainha-mãe, do duque de Anjou, e de todos os principais da côrte, com uma excepção — com uma formidável exceção — a do duque de Guise!

A notícia do atentado contra o almirante foi levada a Carlos IX quando estava a meio de uma partida de tênis (jôgo que não deve ser confundido com a sua moderna variedade).

— Ao ouvir a notícia — diz um cronista católico daquele tempo — sua majestade ficou espantosamente pálido, a ponto de quase desmaiar!

— Então, nunca terei paz? — exclamou, logo que pôde dominar-se para falar. E deitando desesperadamente ao chão a sua raqueta, retirou-se para os seus quartos particulares, batendo com os pés e praguejando, declarando com a mais terrível jura que havia de fazer tal justiça no criminoso, não se importando quem pudesse ser, que nunca seria esquecida.

Uma hora depois de jantar, ainda na mesma disposição de espírito, Carlos IX anunciou a intenção de ir fazer uma visita ao almirante ferido. Os cortezãos, não sabendo como encarar êste passo, se de loucura caprichosa, se de arriscado golpe de diplomacia, preparam-se com secreto constrangimento para acompanhar o rei.

Não foi menor o espanto dos companheiros de Coligny, quando viram entrar no pátio da casa, onde êles estavam reunidos, a pálida figura do jovem monarca. Para os espíritos mais desconfiados, dentre êles tôda aquela recente política da côrte, a paz, a proteção a Coligny, a prometida guerra com a Espanha, e o casamento real, tudo fazia começar a supor que era uma astúcia cuidadosamente planeada e combinada para atrair os destinos da Reforma às mãos dos seus inimigos. Não havia um só que não farejasse perigo no ar. Cercados pelo ódio dificilmente refreado da plebe de Paris, e do mais oculto, contudo mais odiosamente ameaçador da facção do Guise na côrte, êles discerniam bem que todo o chão que pisavam era excavado e balofo e que o tiro disparado naquela manhã era semelhante à faísca caída na espoleta graduada e lenta. O morrão principiara a arder e de um momento para outro seria ouvida a explosão.

Não seria, pois, de admirar que um ou outro espírito ousado ou mais exaltado começasse de discutir os mais arrojados planos, até mesmo a morte de Carlos IX e de seus irmãos, e a ascensão de Henrique de Navarra ao trono de França.

A imaginação excitada da multidão perturbada por semelhantes idéias deviam desenhar-se nítidas, levantar-se em relêvo as três personagens que os huguenotes mais temiam e detestavam: Carlos IX com o seu olhar desvairado, e face pálida com manchas de sangue; Henrique de Anjou, o melífluo príncipe vicioso que os combatera em duas batalhas desastrosas; e Catarina de Médicis, cuja fisionomia morena de italiana parecia pairar como uma sombra no mais oculto recesso do Louvre, vigiando tôdas as ações dos seus inimigos.

Que oportunidade para um Clive ou um Pizarro! Um espírito superiormente enérgico, que houvesse entre êles, nunca teria

A rainha mãe que tomara lugar ao lado da cama, depois de ter expressado o seu próprio pesar pelo acidente, continuou acrescentando a mais inesperada proposta. Referindo-se ao perigo que correria o almirante por causa das paixões da populaça, ela sugeriu-lhe a idéia de se deixar transportar para o Louvre, onde estaria mais seguro contra qualquer novo atentado.

Tocado da espantosa impudência, o almirante respondeu com certo orgulho que podia quando fôsse preciso, reunir vinte mil homens para o defender. Esta áspera jactância, ou antes; quase ameaça, arrancou da parte de Carlos IX e de Catarina algumas admoestações. A rainha

Margarida de Angouleme, rainha de Navarra. (Segundo gravura feita naquela época).

O rei Henrique de Navarra (futuro Henrique IV, da França). Gravura feita na época.

Elizabeth da Áustria, mulher de Carlos IX, rei da França. Quadro de Clouet. M. Louvre.

consentido que se retirassem semelhantes reféns sem lhes ter arrancado a inteira e completa segurança para o partido religioso. Mas, quando os huguenotes viram os seus inimigos assim nos seus próprios domínios, a estranha audácia do procedimento hipnotizou-os abolindo-lhes a vontade. Respeitosos abriram o caminho e deixaram que o rei com o seu séquito subisse a escada e entrasse no quarto do almirante. Carlos IX aproximou-se da cabeceira do doente, comprimentando-o afetuosamente como sempre, informando-se com interêsse do seu estado e prometendo-lhe inquirir rigorosamente do crime daquela manhã. Coligny recebeu estas demonstrações com uma certa frieza.

mãe, persistindo em mostrar interesse bem extraordinário, lembrou então que ao menos o almirante lhes permitisse que mandassem uma guarda de duzentos arqueiros reais para proteger a sua casa. O ferido aceitou êste oferecimento.

Depois, vendo que estavam para partir os reais visitantes, Coligny expressou o desejo de falar por alguns minutos em particular com o rei. Êste pedido, que implicava outro o de sua majestade mandar retirar sua mãe e irmão, foi quase um insulto; no entanto, foi-lhe instantemente concedido. Catarina e seu filho recuaram, despeitados, para o fim do quarto, onde se sentaram olhando silenciosos debaixo da vista hostil de uns duzentos gentis-homens

huguenotes, que enchiam aquêle quarto e o seguinte, passando aqui e acolá, por trás ou por diante dêles com estranho desrespeito, ou consultando à parte, em segrêdo, e deitando olhares ameaçadores sôbre o par isolado. Nunca Catarina de Médicis passara em sua vida um pior quarto de hora.

Entretanto, Carlos IX puxava a sua cadeira para perto da cabeceira do doente, e travaram quase em segrêdo uma longa conversação. Ninguém pôde realmente saber o que se passou entre aquêle par tràgicamente reunido, o velho, há pouco ainda vigoroso chefe puritano, e o jovem rei, doentio e quase demente, ambos, como não hesitaram em o asseverar os cronistas daquele tempo, com o mesmo veneno a circular nas veias, preparado pelas mãos da impenetrável mulher que se sentara a vigiar o estranho colóquio.

Carlos IX levantou-se finalmente de olhar sombrio, e saiu, seguido de seus contrafeitos companheiros. Só depois de se verem felizmente fora da casa, puderam então Catarina e seu filho de Anjou respirar desafogadamente.

Não havia decorrido, desde esta visita, trinta e seis horas, quando o sino da igreja de S. Germain l'Auxerrois começou a tanger vagarosa e pesadamente à meia-noite de sábado, 23 de agôsto. Aquêle dobre era o sinal do massacre de todos os huguenotes em França.

Meia hora antes de ter principiado a tocar o sino, Paris foi despertada pelo tropel de homens armados, levando tochas, e dirigindo-se apressados para o Louvre a receber ali dos lábios inflamados de Carlos IX as ordens para o massacre. Todos êstes homens tinham sido avisados por emissários da côrte ou pelas autoridades municipais.

A primeira tropa que saiu para principiar a chacina, foi comandada pessoalmente pelo duque de Guise e encaminhada para a morada do seu inimigo hereditário. Os arqueiros reais que tinham sido postos de guarda à casa de Coligny e, hoje, parece, mais para evitar a fuga do almirante de que para o defender de ataques imprevistos, deram logo entrada ao duque de Guise e seus sequazes.

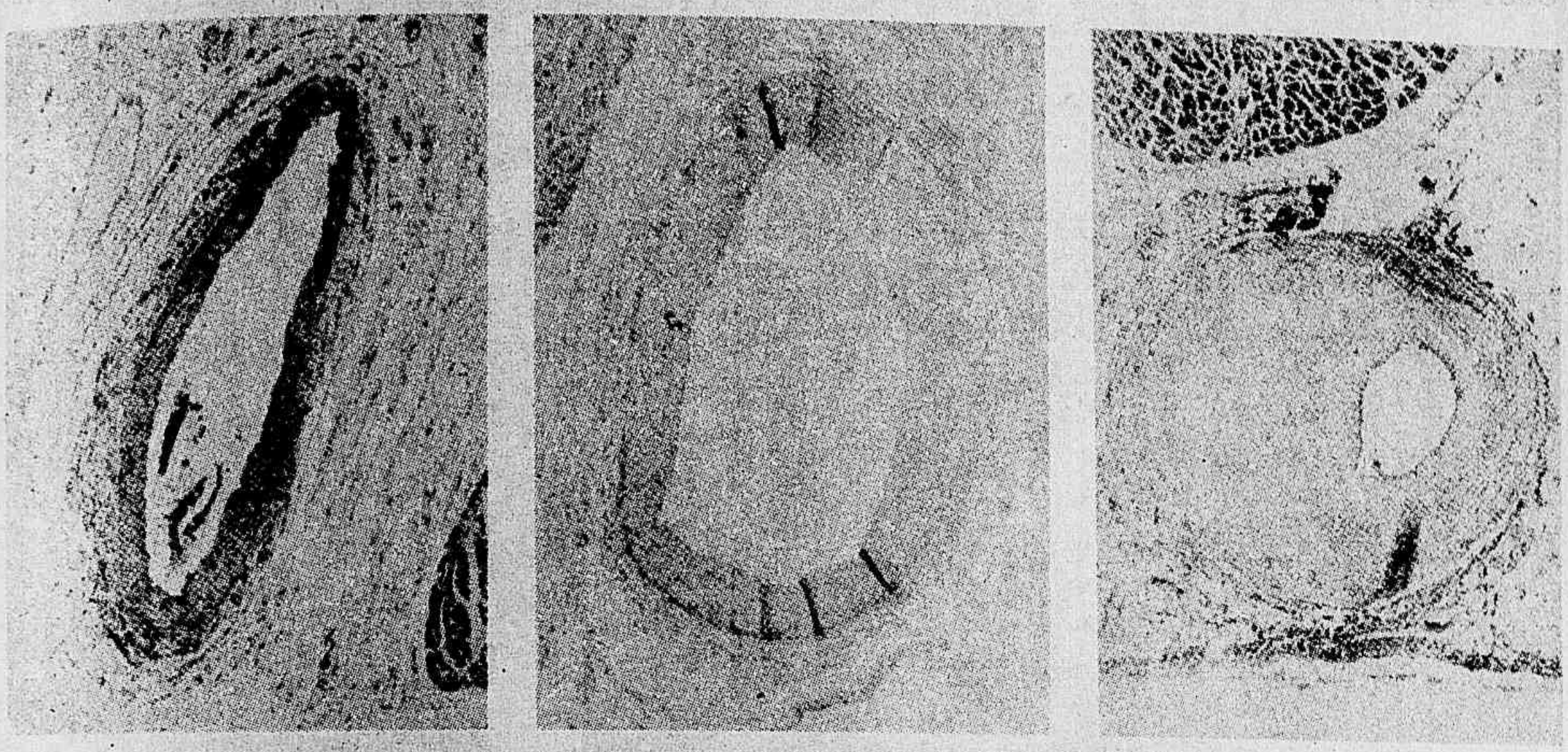
Coligny, que no primeiro momento julgou ser o tumulto de fora devido a um levantamento popular que os arqueiros deveriam repelir, ficou desenganado quando as balas dos arcabuzes vieram chocar-se de encontro às paredes do quarto. Tinha apenas conseguido sair da cama, e pôr-se de pé encostado à parede, quando uma onda de malfeitores irrompeu pelo quarto.

Apunhalaram-no em diferentes pontos, bàrbaramente. Diz-se que ainda respirava quando se fêz ouvir a voz do duque de Guise, chamando do pátio para que lhe atirassem para baixo o corpo do seu inimigo. Abriram-se as janelas, e os assassinos viram o seu chefe de pé, com a espada desembainhada, num círculo de tochas, olhando para cima impacientemente. Puxaram o corpo, ainda quente, até a janela e o arremessaram abaixo. Com a violência da queda, o corpo, esmagando-se contra as lajes do pátio espadanou sangue sôbre as próprias botas do duque, insaciável e vingativo. Foi esta cena horrorosa que, sem dúvida, lhe apagou da mente aquela outra visão sinistra que durante dez anos tivera sempre ante os olhos — o assassínio de seu pai.

Durante três dias consecutivos, diz-se que só em Paris foram mortos dez mil huguenotes. Porém não foram todos apenas huguenotes. Qualquer tio rico que tivesse um herdeiro mau e impaciente, todo o credor cujo devedor fôsse pobre e perverso, tornaram-se huguenotes durante aquêles três dias. Um tal de Grimouille, ao serviço do duque de Anjou, que estava para casar com uma das damas de honor de Catarina, inspirou-se na feliz idéia de que pai e irmãos de sua futura noiva estavam corrompidos de heresia; descoberta que lhe redundou no aumento do dote pela aquisição total da riqueza da família.

É bem conhecida a impressão que a notícia do morticínio produziu em tôda a Europa. Carlos IX, tendo tomado parte pessoalmente na carnificina, desfechando um arcabuz sôbre alguns fugitivos perseguidos, sentou-se à sua mesa de trabalho a escrever uma curiosa carta ao seu embaixador em Roma. Depois de ter incumbido o embaixador de procurar o papa, e de instar junto dêle pela prometida aprovação do casamento de sua irmã com o príncipe Henrique de Navarra, protestante, êle acres-

(Continua no fim da revista)



O início do ataque tem lugar na artéria coronária, segundo mostra a seção da mesma, muito aumentada, acima. Artéria normal (à esquerda da gravura) ligeiramente achatada, com paredes finas e robustas. Artéria enfêrma (ao centro), com paredes mais espêssas, que aumentando sempre reduzem o canal (que é visto à direita) e provocam, assim, o ataque do coração.

VOCÊ SÓ TEM UM CORAÇÃO... ECONOMIZE-O!

HÁ 40 anos um indivíduo em quatorze morria de uma enfermidade do coração. Hoje, morre um em cinco! Em 1954, cêrca de 90.000 mortes foram causadas por crises cardíacas e cêrca de 70.000 devidas ao câncer. Nessa marcha as moléstias do coração assumiram as características de verdadeira calamidade nacional.

Foi preciso, talvez, que as vítimas fôssem figuras de projeção internacional (Eisenhower, dos Estados Unidos, Lonardi, da Argentina, Adenauer, da Alemanha, Café Filho, do Brasil, e também essa figura popularíssima que era o dr. Gilberto Cardoso, presidente do C. R. do Flamengo, do Rio de Janeiro, para que o público se mostrasse alarmado e desejasse conhecer o porquê dessas lamentáveis ocorrências e, também, a maneira de não ser incluído na lista das vítimas. Tomemos, por exemplo, o mal que atingiu o presidente Eisenhower, a trombose coronária, que é grande ceifadora de vidas, nos Estados Unidos (cêrca de 350

Para economizar o seu coração o único meio é vigiá-lo — constantemente — com a ajuda de um especialista.

mil norte-americanos, anualmente, morrem dêsse ataque; mais que os acidentes de automóvel e mesmo mais que o total de mortes em ação, durante a Segunda Guerra Mundial). E o mais doloroso é que, em geral, êsse ataque chega em plena maturidade, isto é: durante os mais produtivos anos da vida do indivíduo.

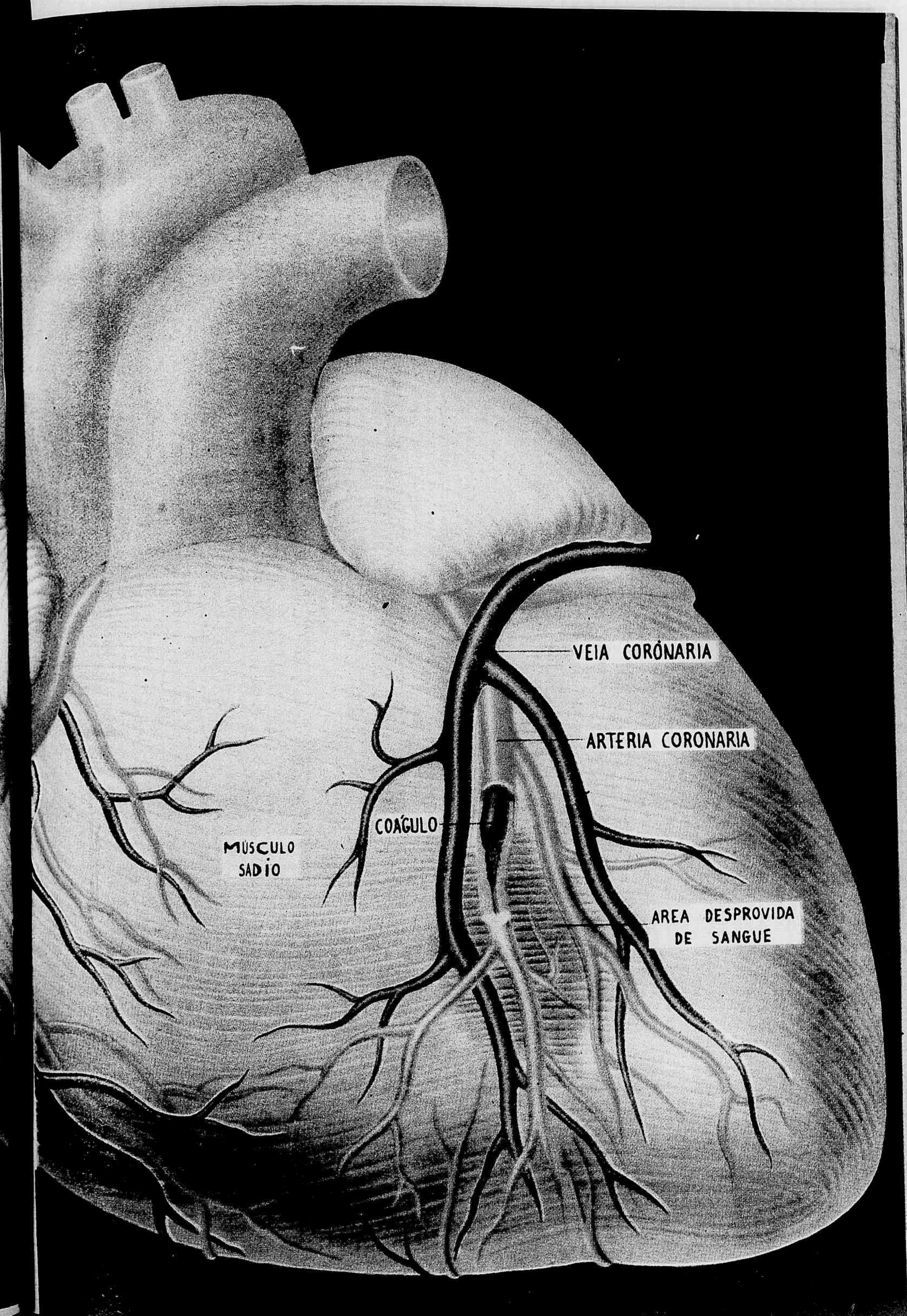
Ao contrário de muitas outras indisposições do coração, como a febre reumática, a trombose coronária não é uma enfermidade. É um acidente, causado por uma moléstia chamada **atherosclerose**, uma viciosa forma de arteriosclerose, na qual as artérias coronárias (que suprem os músculos do coração) ficam espêssas e carregadas com depósitos de gordura que quase a entopem, dificultando a passagem do sangue (conforme indicam os três clichês da primeira página, parte superior dêste artigo). Êsse entupimento, para usar um têrmo popular, dificulta o fluxo do sangue para o coração, assim provocando um ataque. Essa **atherosclerose** se desenvolve gradualmente e em geral sem ser pressentida. No caso do presidente norte-americano o mal jamais foi sequer suspeitado e mesmo escapou inteiramente ao minucioso exame físico, que lhe fôra feito em 1 de agôsto, oito semanas antes da crise, embora já estivesse presente e carregada de ameaça.

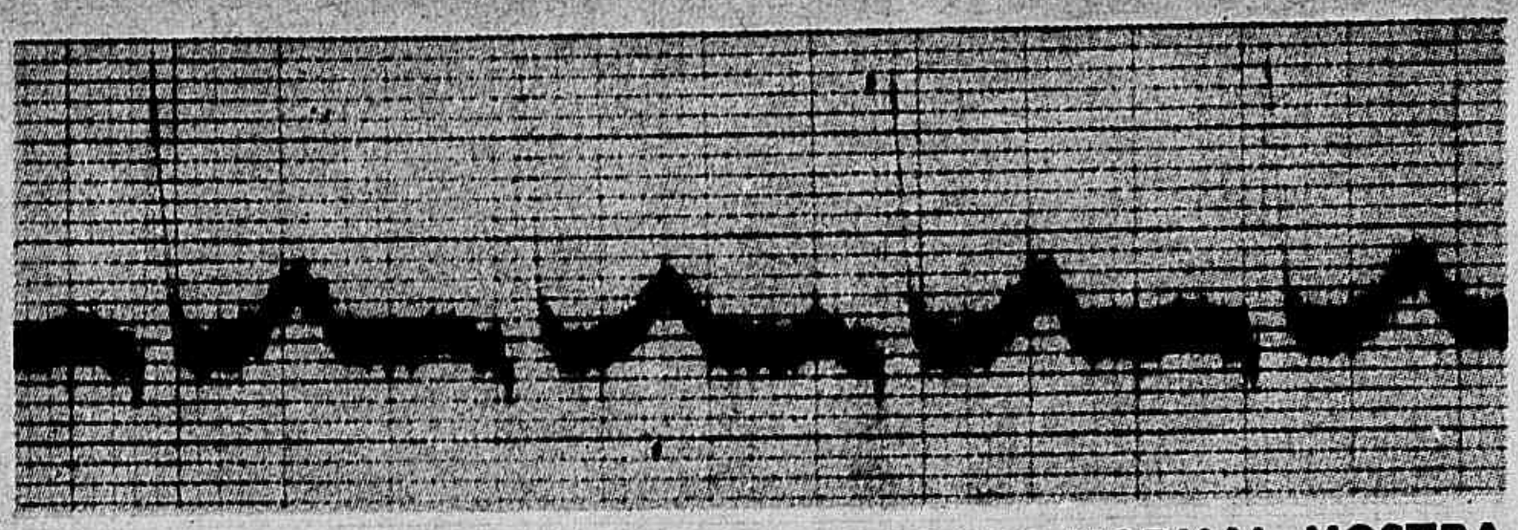
Como ocorre um clássico ataque de trombose coronária, está apresentado nas páginas 84/85. O sangue fluindo através de uma coronária enfêrma tem sua passagem dificultada por um vaso contraído e começa a coagular. Finalmente, um simples coágulo, chamado **trombus,** bloqueia o canal e barra o fluxo. A ausência de sangue na região afetada do coração, causa uma dor forte, com sensação de aguda compressão, que marca o instante do ataque. E o órgão, com sua ação normal transtornada, pode ser levado a um extraordinário esfôrço, a fim de manter a circulação vital.

Embora o mecanismo da trombose coronária seja hoje conhecido, os médicos não sabem o que causa a **atherosclerose,** sinistro precursor daquela. Até recentemente acreditavam que era impôsto natural da idade madura. Hoje, porém, com a ocorrência do ataque em homens moços, procuram outra resposta.

ASPECTO DO CORAÇÃO DURANTE O ATAQUE

O coração humano é mostrado ao lado **na agonia de um ataque típico de Trombose Coronária**. O coágulo sanguíneo já obstruiu a ramificação da artéria coronária esquerda, que é uma das duas artérias que alimentam o coração (as artérias são as vermelhas e as veias, pretas) A obstrução arterial do presidente Eisenhower provàvelmente ocorreu nessa mesma região, que é o ponto onde mais freqüentemente se formam os coágulos. A área servida pela artéria está pálida por carência de sangue. A vítima sente um espasmo doloroso.

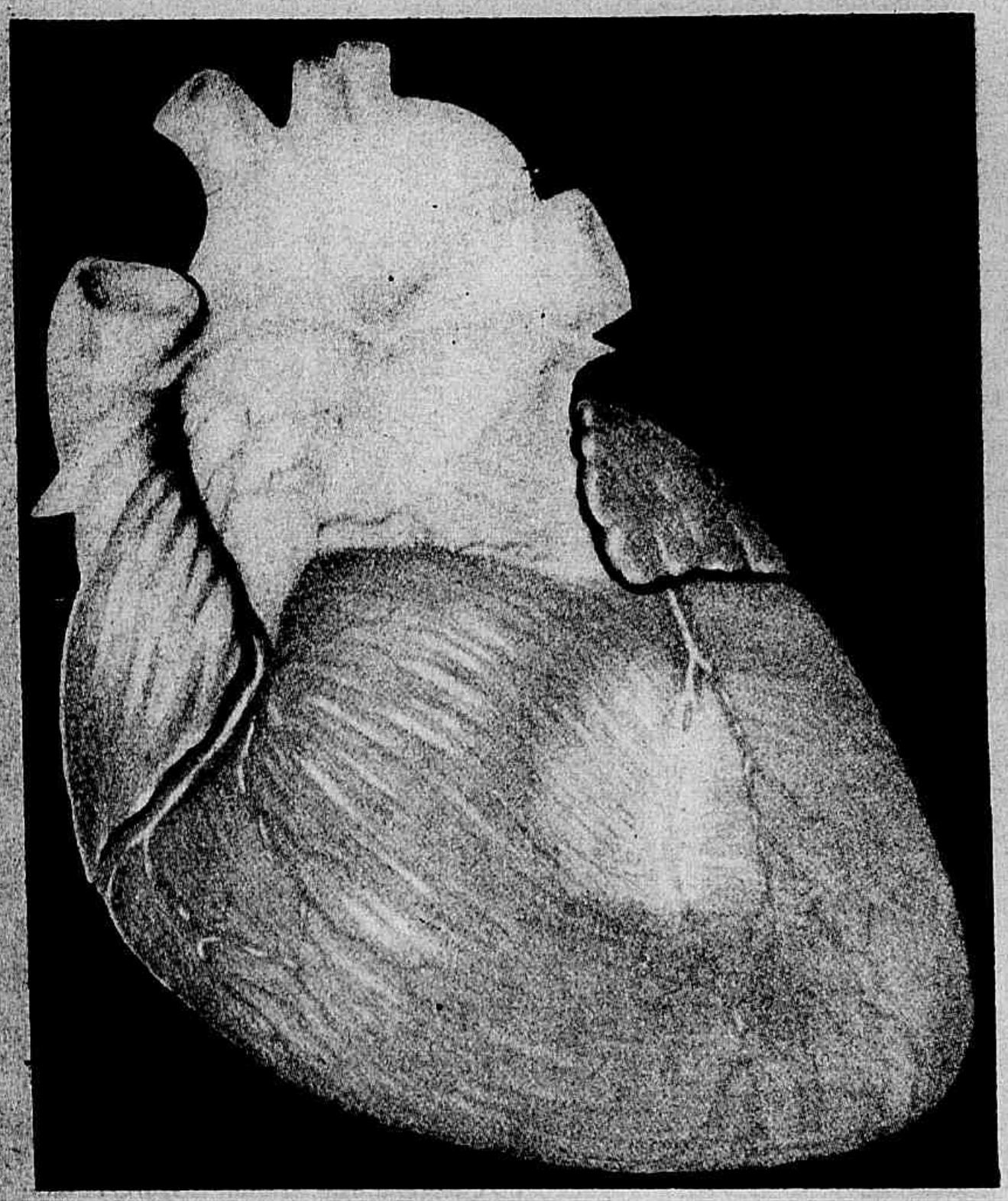

VEIA CORÓNARIA
ARTERIA CORONARIA
COAGULO
MÚSCULO SADIO
AREA DESPROVIDA DE SANGUE

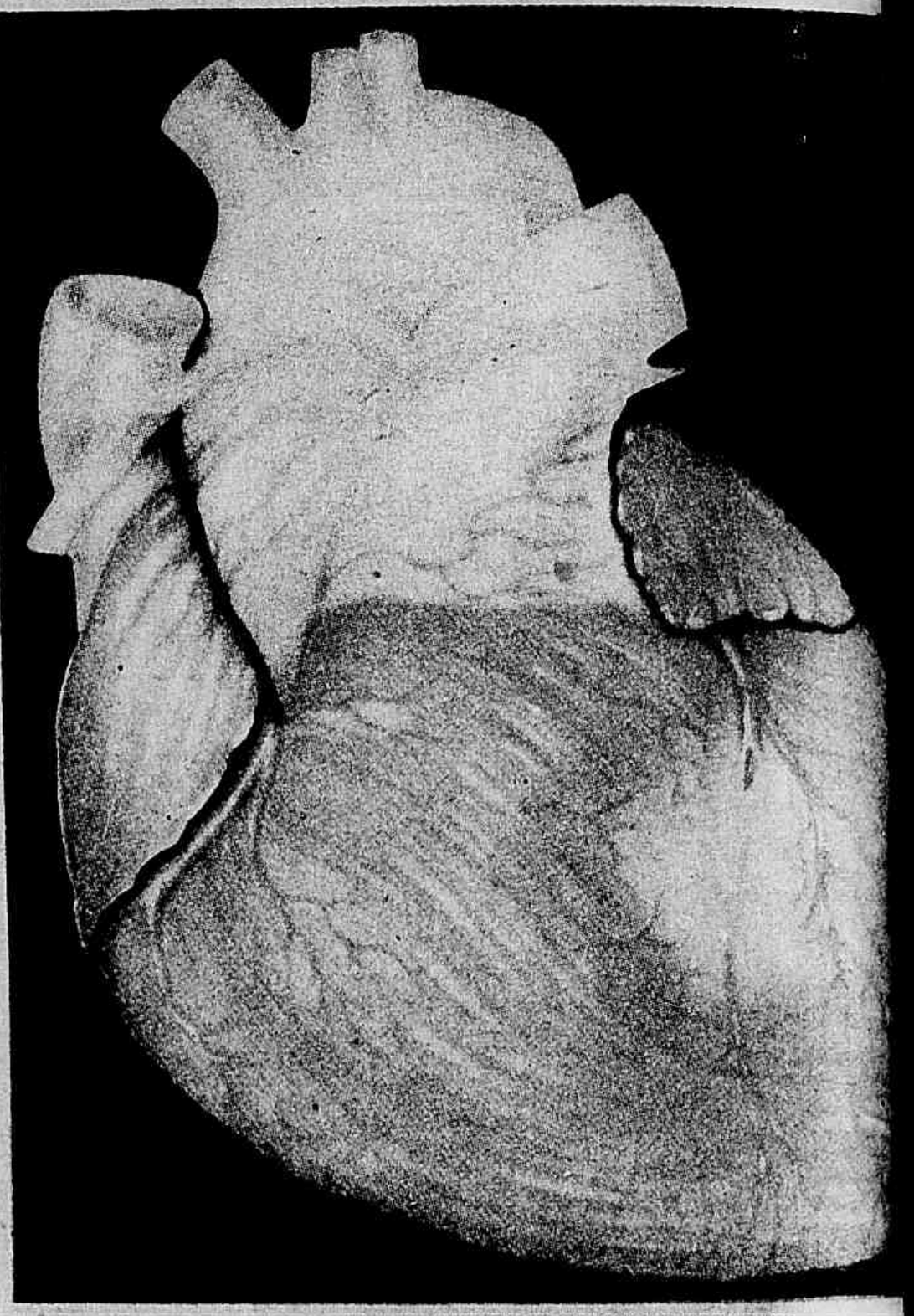


ELECTROCARDIOGRAMA DE UM CORAÇÃO NORMAL MOSTRA IMPULSOS ELÉTRICOS CORRETOS DURANTE 4 BATIDAS.

COMO O CORAÇÃO

APÓS um ataque o músculo ofendido do coração enceta sucessivos trabalhos de demolição e reparos. Como qualquer carne cuja circulação foi cortada, começa a gangrenar. As células brancas do sangue passam através do tecido arrui-





APÓS 12 HORAS

NO coração ofendido (acima), o tecido na região afetada, desprovido de sangue, começa a morrer.

Matéria tóxica provocada por êsse processo pode resultar em febre.

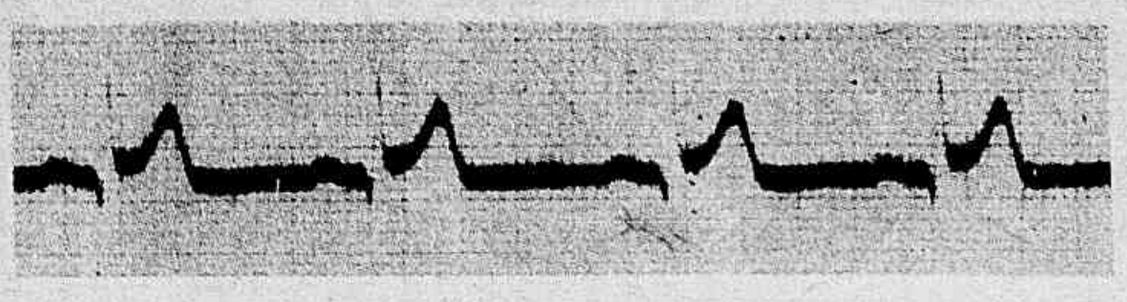
O paciente é mantido imóvel, em tenda de oxigênio, podendo ingerir pílulas contra a dor e medicamentos chamados anticoagulantes, para evitar que outros acúmulos de sangue causem segundo ataque. Electrocardiograma, ao primeiro olhar (em baixo), revela pequena alteração do normal.

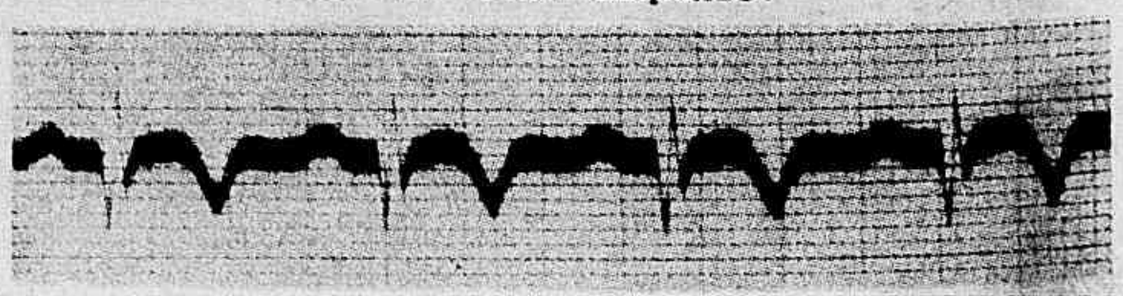
Porém o extremo principal é mais baixo e a subsequente vibração está distorcida, sinal evidente de lesão.

APÓS 4 DIAS

A reparação do coração em plena atividade. As células brancas começam a limpar o tecido morto, enquanto as artérias vizinhas, sadias, se alargam com quantidade extra de sangue, a fim de enviar maior quantidade para a área periférica.

O tecido (em branco) começa a cicatrizar em redor do ponto enfêrmo. O paciente pode sentar-se no leito, para comer, embora permaneça tão calmo e quieto como antes. O principalmente *pico* do electrocardiograma encolheu mais e é precedido por um mergulho agudo. Um segundo *vale* em forma de V também se desenvolveu em cada impulso.



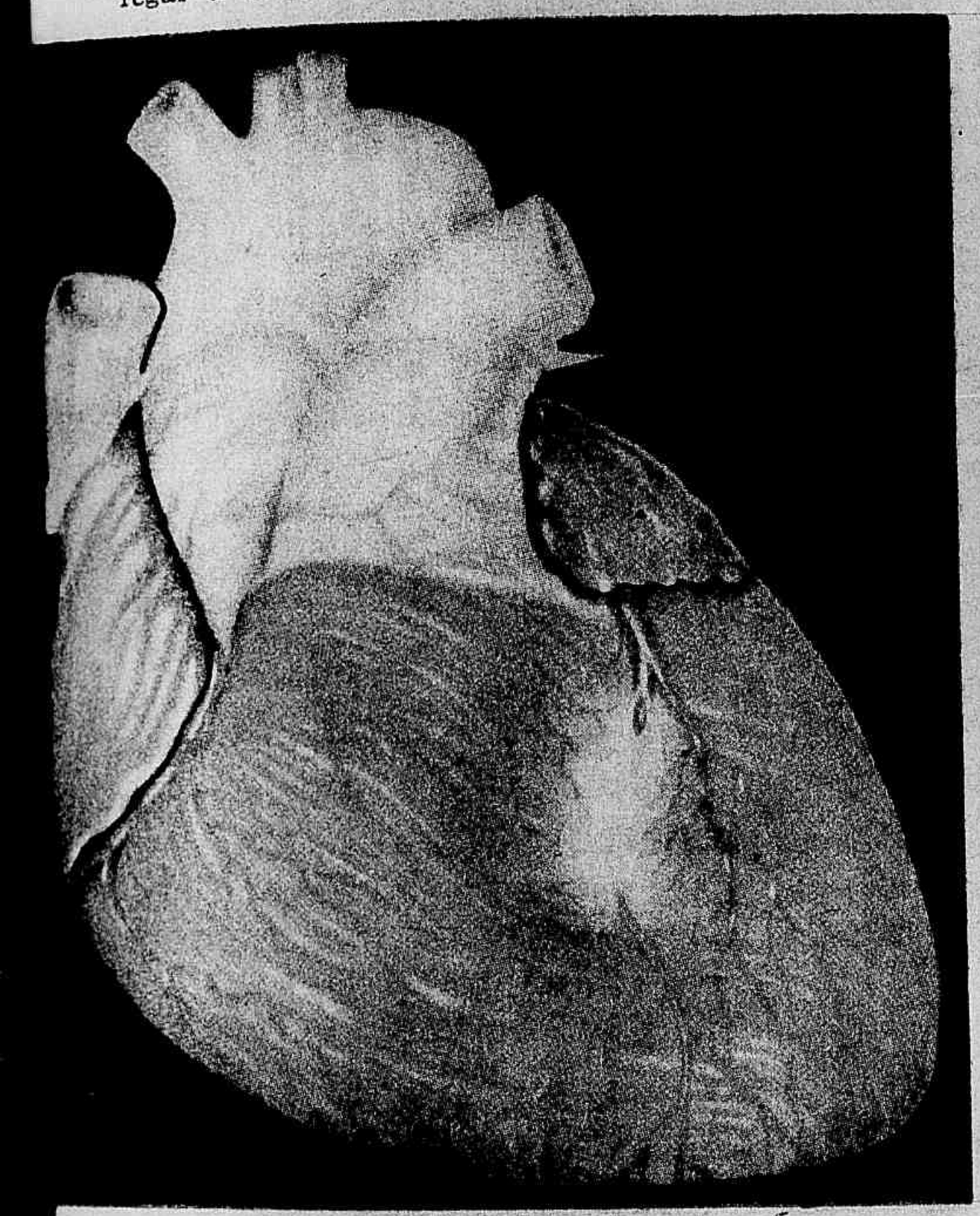


SE RECUPERA — SÒZINHO — DEPOIS DE UM ATAQUE REPENTINO:

nado e levam além a matéria morta.

Então, miraculosamente, novos vasos sanguíneos surgem lateralmente, brotando das artérias sadias vizinhas e entram a regar a área afetada. Eventualmente, células especiais, fibroblastos, cobrem a cicatriz do tecido arruinado. Nas primeiras horas após o ataque a vítima fica tão fraca que não pode mover-se. Convém deixá-la imóvel durante doze horas, antes de levá-la para o hospital (assim foi feito com o presidente norte-americano, Dwight Eisenhower). Porém, muitas providências são tomadas para amenizar os efeitos do ataque.

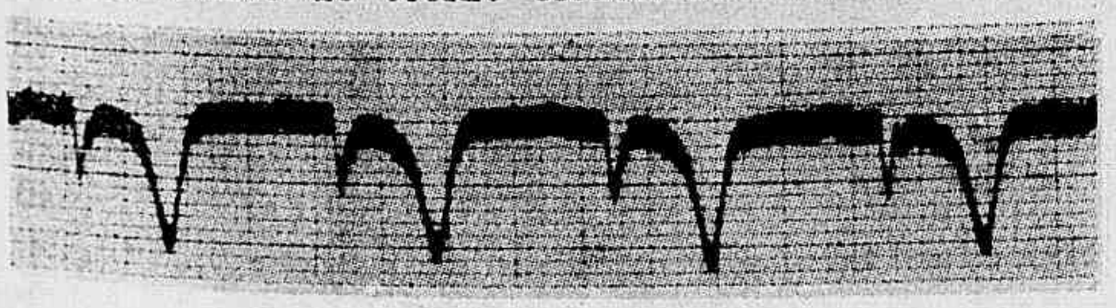
A vítima ingere sedativos e drogas anticoagulantes.



APÓS 6 SEMANAS

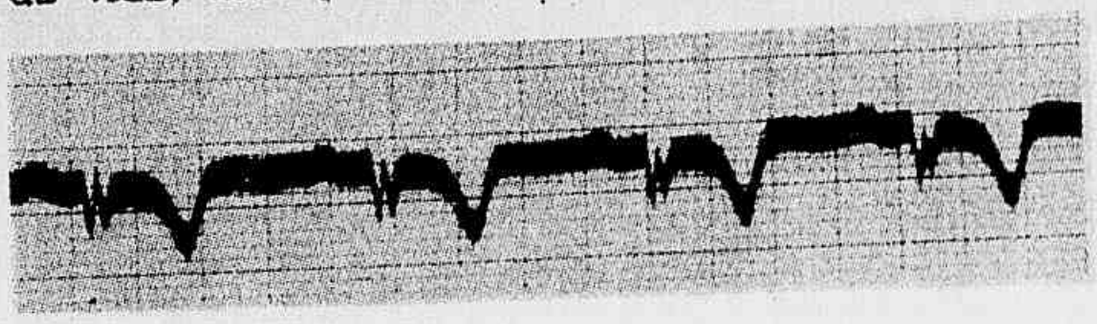
CÉLULAS reparadoras especiais (fibroblasto) já cobriram o ponto ofendido cicatrizando totalmente o tecido. Algumas vêzes o canal bloqueado da coronária enfêrma reabre. Se isso acontece, pequeno fluxo de sangue pode tornar a regar a área periférica. Estando o coração novamente forte, o paciente está fora de perigo imediato, podendo recomeçar pequenas atividades.

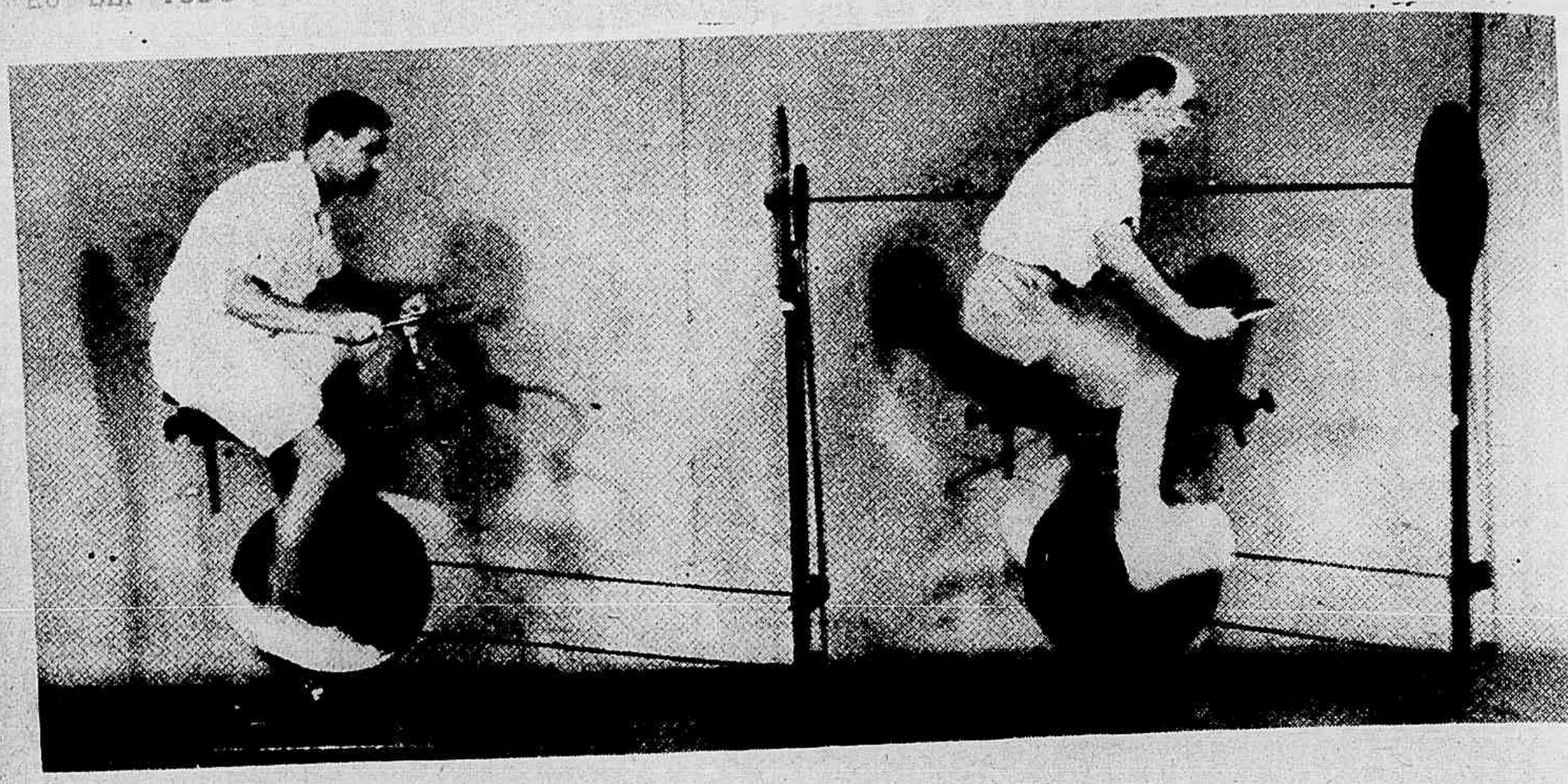
No electrocardiograma, o pico original desapareceu, surgindo profundos vales, refletindo o desenvolvimento do tecido cicatrizado inerte.



APÓS 3 MESES

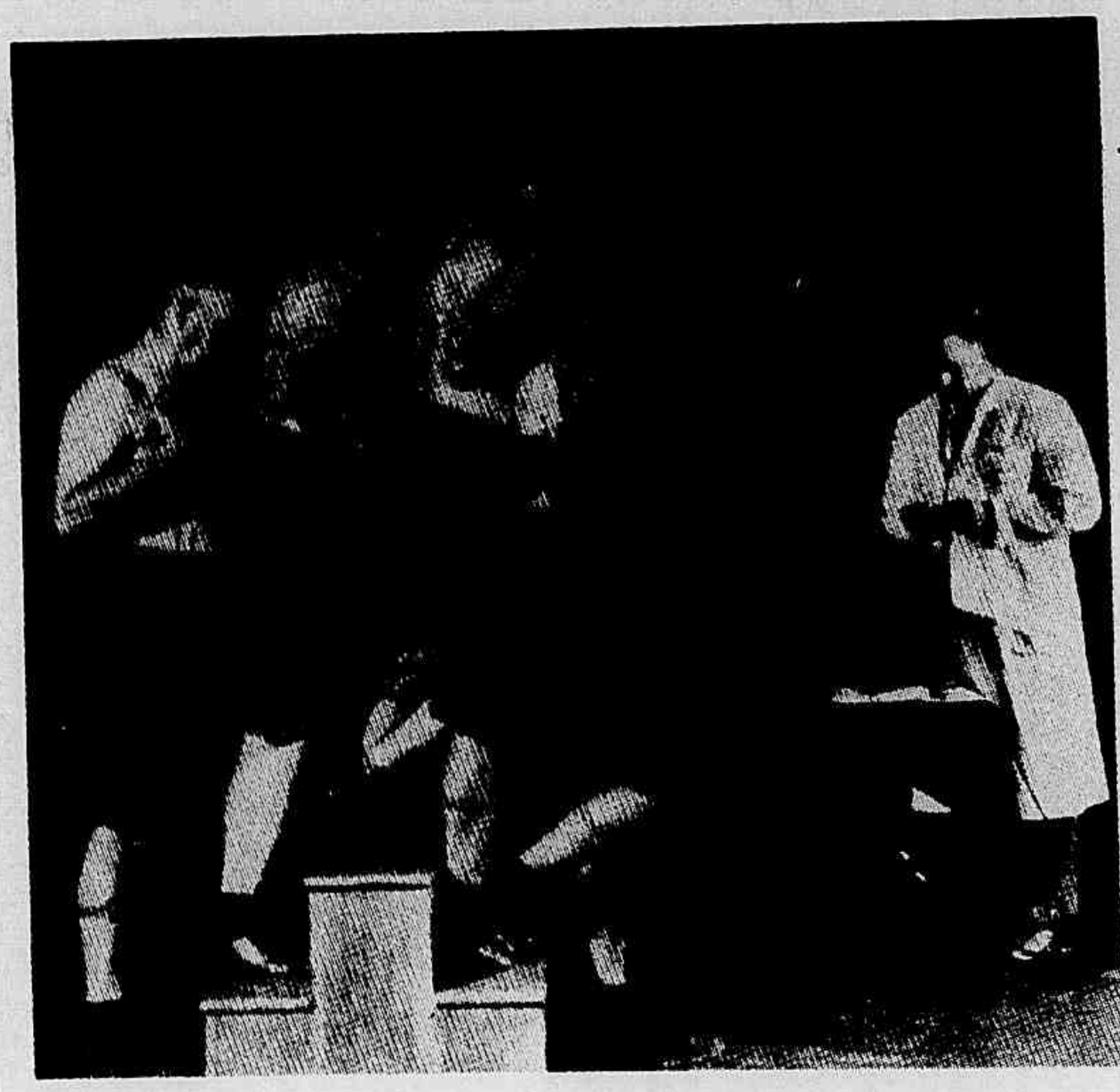
O coração está quase totalmente curado; a cicatriz se contraiu deixando ver o músculo sadio em seu redor. O tecido cicatrizado é agora tão bom e resistente como o sadio que o cerca, e o coração novamente forte e perfeito. O paciente está novamente de pé, mas tem que vigiar seu pêso e ser cauteloso para o resto da vida. Nada de exageros, de esforços inúteis, para que sua vida se prolongue e acabe morrendo mesmo *de velhice*. O electrocardiograma começa a voltar ao normal. Uma ligeira distorção será para o resto da vida, uma prova da crise sofrida.





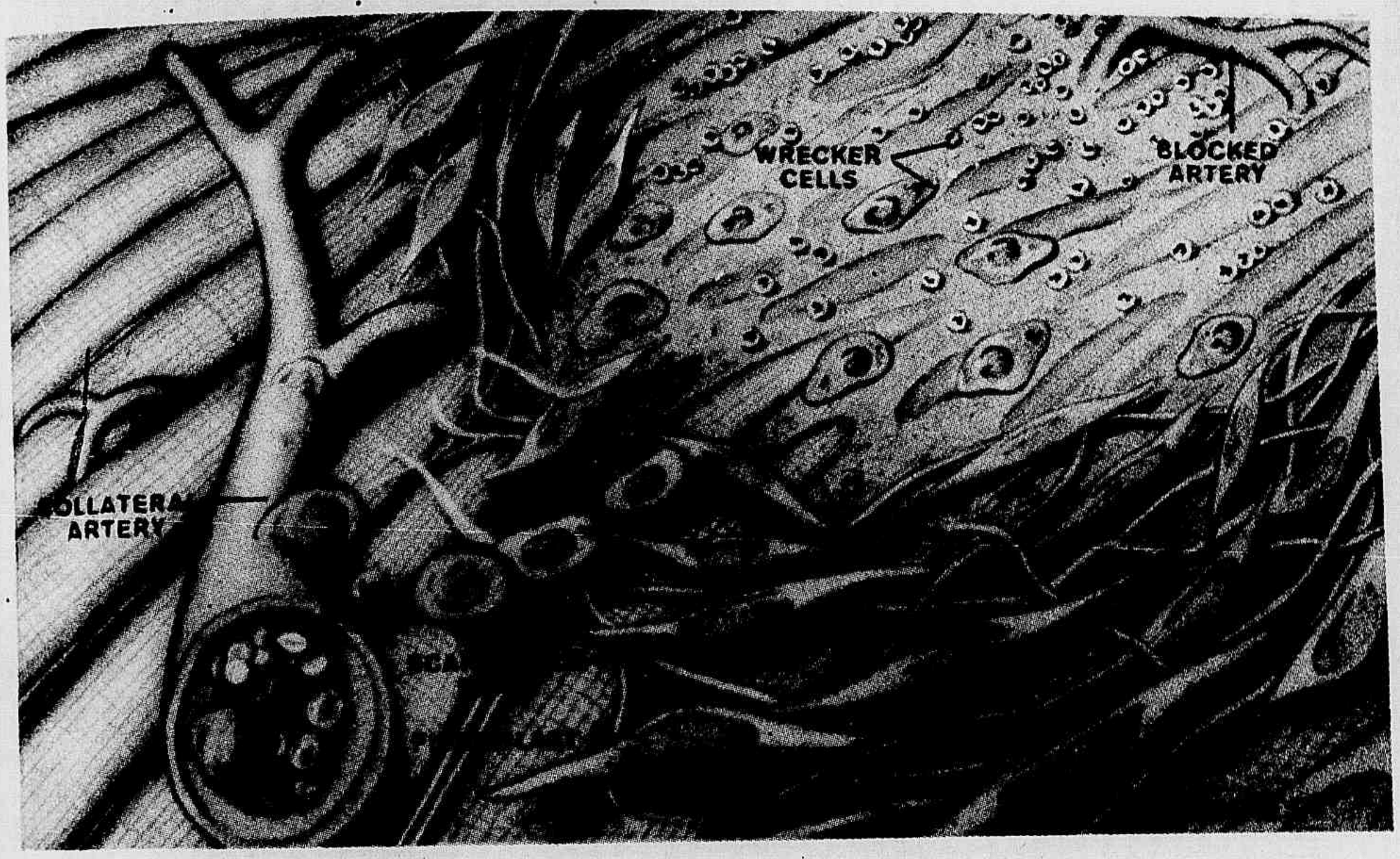
A prova do pedal para os militares servindo no Pentágono de Washington, onde nos últimos anos o trabalho que vêm desenvolvendo ali passou a ser considerado como muito pesado.

Alguns especialistas, notando que a trombose coronária raramente ocorre entre as populações subalimentadas, como as de muitas áreas da China, acreditam que a dieta desempenha importante papel nesse particular. De outra forma, como os homens estão mais sujeitos que as mulheres a sofrer dêsse mal, outros especialistas pensam que os hormônios sexuais também constituam fator de importância. E, finalmente, sua freqüência entre os homens de maior responsabilidade de direção em negócios de grande vulto, opinam que o mal resulta também da vida emocional e exaustiva da moderna civilização. De qualquer modo — e a despeito do mistério relativa-



O "teste dos dois passos", realizado pelo doutor Arthur Master, de New York, é um curto período de inofensivo exercício que revela qualquer tendência que o indivíduo tenha para as doenças cardíacas.

A submersão pesada em um tanque (parte de um estudo realizado em 300 pessoas pelo dr. Ancel Keys, de Minneapolis) revela o conteúdo adiposo do corpo.



A reparação do tecido é ilustrada neste desenho esquemático. As células "regeneradoras" (glóbulos brancos) DESLIZAM através das paredes da vizinhança e penetram pela artéria colateral através do tecido morto, anteriormente nutrido pela artéria obstruída. Os glóbulos brancos ou células regeneradoras reduzem o tecido morto a pequenos pedaços a fim de serem os mesmos devorados pelas grandes células. Enquanto êste processo se desenvolve os fibroblastos começam a formar cicatrizes no tecido — em tôrno do músculo que se encontra afetado.

mente à origem dêsse mal — os médicos realizaram grandes progressos na detenção do mesmo aliviando os seus efeitos, prevenindo o desenvolvimento de fatais complicações e promovendo uma rápida reabilitação do indivíduo para uma vida normal (páginas 86/87). E já o êxito dêsses seus esforços podem ser medidos, pois que há 30 anos metade dos casos de trombose coronária eram fatais, logo num primeiro ataque.

Hoje, 80 por cento dos atacados sobrevivem e conseguem uma recuperação total, que lhe permite ter várias décadas de vida ativa e produtiva.

PREVENÇÃO, RECUPERAÇÃO

Um dos objetivos da batalha contra as moléstias do coração é o de descobrir meios de prevenção. Alguns homens de negócios e organizações, sem aguardar soluções científicas, têm revelado seus conceitos sôbre o problema afirmando que seus dirigentes máximos, os atarefadíssimos patrões necessitam de repouso. A Fôrça Aérea norte-americana quase exige que seus comandantes tirem uma tarde, semanalmente, para descansar a mente e fazer um pouco de exercício, sendo que em muitos càsos prescrevem dietas especiais, com baixas calorias fortificadas com hormônios.

Porém muito provàvelmente as medidas gerais para o futuro esperam ainda a palavra final dos especialistas, que ainda estudam e apuram seus projetos.

Algumas investigações, como as realizadas pèlo dr. A. Key estão sendo levadas em consideração, porque estudou êle 300 homens de negócios em Minneapolis, Estado de Minnesota, a fim de indicar quais as características que levam os indivíduos normais a sofrer do coração. Outras experiências exploram no momento o esfôrço físico, em vários tipos de trabalho.

O gênero de trabalho, ambiente, duração, etc., está igualmente sendo estudado por ser do mais alto valor num diferente campo da pesquisa: a reabilitação do coração do enfêrmo. Nos últimos cinco anos, foram estudados e classificados 35 tipos de trabalhos, nos Estados Unidos. Centenas de recuperados estão sendo permanentemente examinados em seus diferentes trabalhos e com isso já chegaram os médicos à certeza de que 8 em cada 10 antigos enfermos do coração, que voltaram ao trabalho, conseguiram executar, sem qualquer risco, todos os serviços que lhes cabiam anteriormente.

CONSELHOS FINAIS

É possível, realmente, evitar êsses terríveis ataques, observando-se uma certa higiene. Para que o leitor possa atingir os 70 anos, é preciso que o seu coração pulse cêrca de três bilhões de vêzes, movimentando 153.200 toneladas de sangue, a razão de seis toneladas por dia. Nada mais normal, portanto, que um motor capaz de um tal rendimento, mereça alguns cuidados.

Segundo o dr. Watson, do Hospital Mayo, Estados Unidos, são estas as 5 medidas a observar para "economizar o coração".

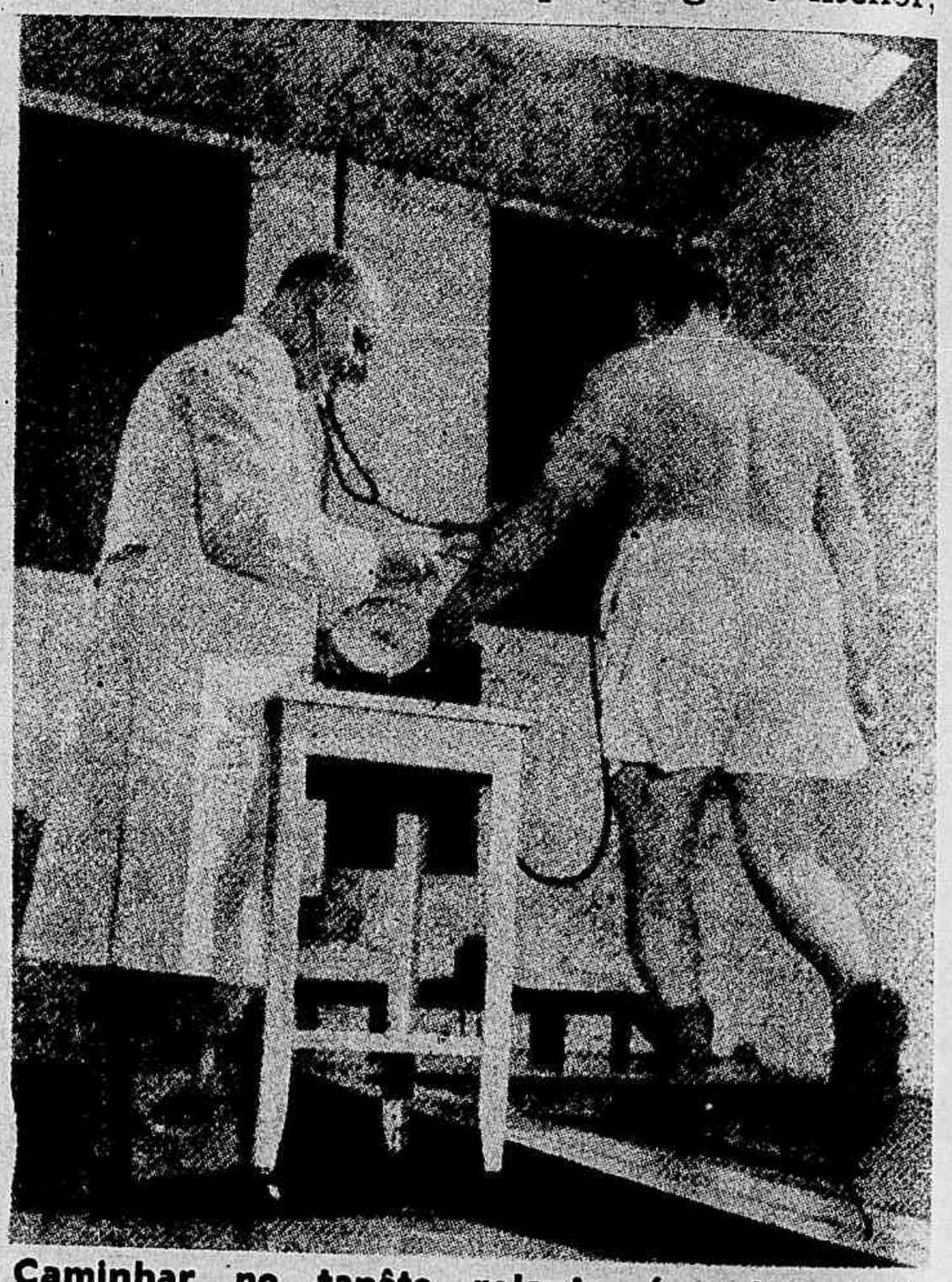
Evitar forçar o fôlego — Por mais ligeiro que seja, causa fadiga ao coração. Sendo freqüente (por esta ou aquela origem) pode fazer do indivíduo um cardíaco. Cesse todo e qualquer exercício logo ao primeiro sinal de perda de fôlego.

Fazer ginástica, para fortificar o coração — Juntar sempre aos trabalhos de fôrça uma ginástica respiratória que habitue o indivíduo a respirar o máximo.

Controlar os esforços — Diàriamente, durante dez minutos, controlar a respiração. Desde que ela se precipita, parar. A seguir, tendo voltado à calma, recomeçar a caminhada. Ao fim de quinze dias dêsse exercício, o indivíduo parará por si só, quase insensìvelmente, ao menor sinal de respiração opressa, perda de fôlego. A partir de então, todo exercício, em vez de ser um perigo para o coração do indivíduo, passará a ser um treinamento salutar.

Não esquecer que o estômago é vizinho do coração — Comendo em excesso, o indivíduo aumenta o volume do seu estômago, que exerce nefasta pressão sôbre o coração, seu órgão vizinho. Evitar, também, os excessos de bebida e de fumo, que ativam inùtilmente o ritmo cardíaco.

Saber dormir, significa viver muito tempo — É durante o sono que o coração se fatiga menos. Bate em ritmo mais vagaroso e o esfôrço que dêle o corpo exige é menor, justamente por estar o indivíduo deitado. O abuso do leito não é, entretanto, recomendável. Provocaria uma preguiça do músculo cardíaco e uma sobrecarga ou degenerescência gordurosa.



Caminhar no tapête rolante é outro teste muito usado e que revela os distúrbios do coração e ajuda a regular a circulação sanguínea.

Observando estritamente essas regras, é possível evitar as três formas graves das enfermidades do coração: o reumatismo articular agudo, a angina do peito e a hipertensão arterial. O reumatismo articular agudo sòmente mata a longo prazo e a hipertensão arterial quase não se manifesta antes dos 35 anos. É a partir dessa idade que aparece a angina do peito, que mata três vêzes mais do que o reumatismo articular agudo e a hipertensão.

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de ***ANTHONY BERKELEY*** ★ *Tradução de* ***RENATO DE ALENCAR***

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Janet, filha de um pastor do interior da Inglaterra, fôra tentar a vida em Londres, acabando por aparecer enforcada no seu apartamento, onde residia com uma colega, miss Carruthers. Rogers, repórter especializado em escrever sôbre crimes, recebeu uma carta do pai da morta, pedindo que procurasse esclarecer o destino da filha. O jornalista tem escrúpulos de transmitir à família do pastor notícia tão triste, mas, por fim, resolve ir pessoalmente até lá.

— Mr. Sheringham. Mas, por que fêz ela isso? Oh! pobre Uny! Eu lhe digo, mr. Sheringham, só permaneço aqui porque não pude ainda encontrar outro cômodo nas condições dêste.

Roger a fita não sem uma certa simpatia. O pranto escorre em lágrimas pelas faces da moça, o que provava ter sido ela muito amiga de Janet, apesar de seus ares de pouca fidelidade. Roger decidiu ferir de frente o problema.

— Não creio que ela se houvesse matado, miss Carruthers.

— Como?

Roger encheu o cachimbo.

— Permite que fume? — disse, para ganhar alguns instantes. Era preciso resolver o assunto com brevidade.

Devia confiar nessa pequena? Poderia ela ajudá-lo ou, ao contrário, atrapalhá-lo? Que haveria naquele pequeno cérebro? Então o visitante se decidiu por um compromisso.

— O caso é êste. Segundo o que já pude perceber, miss Ransome não era pessoa para suicidar-se!

— Claro que não!

— Não deve ter-se resolvido a isso senão impulsionada por fôrças irresistíveis. Espero descobrir que impulsos foram êsses.

— Ah! Sim... quer o senhor dizer que...

— No momento nada tenho de decisivo — esclareceu êle, com firmeza.

Ficaram em silêncio por um instante. Súbito, miss Carruthers saiu-se com uma pergunta imprevista.

— É da redação do Courier? É para êsse jornal que faz dessas... pesquisas? Tudo que consegue descobrir é publicado? A pobrezinha da Uny não gostaria disso...

A artista aumentava de simpatia perante os olhos de Roger.

—Não! — respondeu êle, com franqueza. — Colaboro no jornal, mas não sou, realmente, um seu redator efetivo. Trabalho, atualmente, por minha conta, e lhe prometo que nada será publicado que possa prejudicar a memória de miss Ransome. Se posso compreendê-la bem, você não me daria seu concurso sem esta condição, não é assim?

— Sim. Gostava muito de Uny, e jamais permitiria que a caluniassem. Entretanto, sob estas condições, prometo auxiliá-lo com tôdas as minhas fôrças. Creia-me, mister Sheringham, há um tipo sórdido em tudo isto, estou convencida, e darei todo o meu esfôrço, tudo o que possuo neste mundo, para vê-lo pagar o que fêz à minha pobre amiga.

Esta última frase tinha sido pronunciada com veemência.

Mentalmente, Roger pensou: "Perfeito; é pena que essas moças de teatro adotem tão comumente o estilo dramático para expor seus sentimentos fora do palco."

— Ouça-me — disse ela, retomando o tom familiar — peço que me espere aqui um pouco, fumando o seu cachimbo, enquanto vou preparar uma xícara de chá, e então poderemos conversar à vontade, tanto quanto o senhor desejar. Tenho mesmo umá ou duas coisas que lhe dizer e que lhe interessarão — ajuntou ela, com ar sombrio.

Roger aceita. As mulheres falam livremente ao tomar chá.

Miss Carruthers retornou muito depressa com uma bandeja nas mãos. Cômodamente sentados, a jovem artista o serviu, e Roger muito gostou da excelente oportunidade

que tinha de fazer as perguntas que lhe queimavam a língua.

A moça lhe respondeu sem restrições. Roger pôde colhêr alguns aspectos novos.

No todo, porém, não fêz ela mais que repetir o que dissera no inquérito policial, embora um tanto mais extenso agora. Insistiu, porém, na opinião de que sua amiga era, certamente, mais fina, de melhor classe do que ela mesma e suas demais colegas de teatro. Uma verdadeira dama. O jornalista procurou então verificar se a artista sabia da real identidade de Unity Ransome. De começo, miss Carruthers respondeu vagamente, e depois lhe disse algo de muito importante.

— Tudo o que sei — revelou ela — é que miss Ransome podia, talvez, chamar-se Janet, ou ter uma amiga com êste nome, ou coisa parecida.

— Ah!

Roger se conteve para não trair-se.

— Sim, está lá no seu livro de missa. Sòmente há poucos dias o vi. Quer que o mostre?

— Com prazer.

Miss Carruthers foi buscar o livro de orações e o jornalista leu na capa: "A minha querida Janet, pela sua confirmação a 14 de março de 1920". Roger reconheceu, imediatamente, de quem era aquela letra.

— Tem razão — respondeu o visitante, que procurou, mais tarde, meter o livro no bôlso.

O ponto principal estava agora, sòlidamente, firmado.

Passou a dirigir suas perguntas sem outra direção.

Como sucedia com miss Carruthers, Rogers já estava pouco crente de que pudesse haver algum homem nessa tragédia da pobre Janet. A artista não pôde, de jeito nenhum, robustecer essa suspeita do jornalista-detetive.

— Uny — disse ela — não "dava bola" para encorajar nenhum jovem. Nunca saía acompanhada de homens.

— Hum! — murmurou Roger, abandonando provisòriamente êsse caminho.

Fumaram em silêncio durante alguns instantes.

— Se você chegasse a suicidar-se, miss Carruthers, escolheria o enforcamento?

Teve ligeiro estremecimento.

— Certamente não... Seria êste o último dos meios a escolher.

— Por que, então, miss Ransome o preferiu?

— Talvez porque nem tivesse tido a idéia de escolher...

— Hum! — fêz Roger.

Novo silêncio.

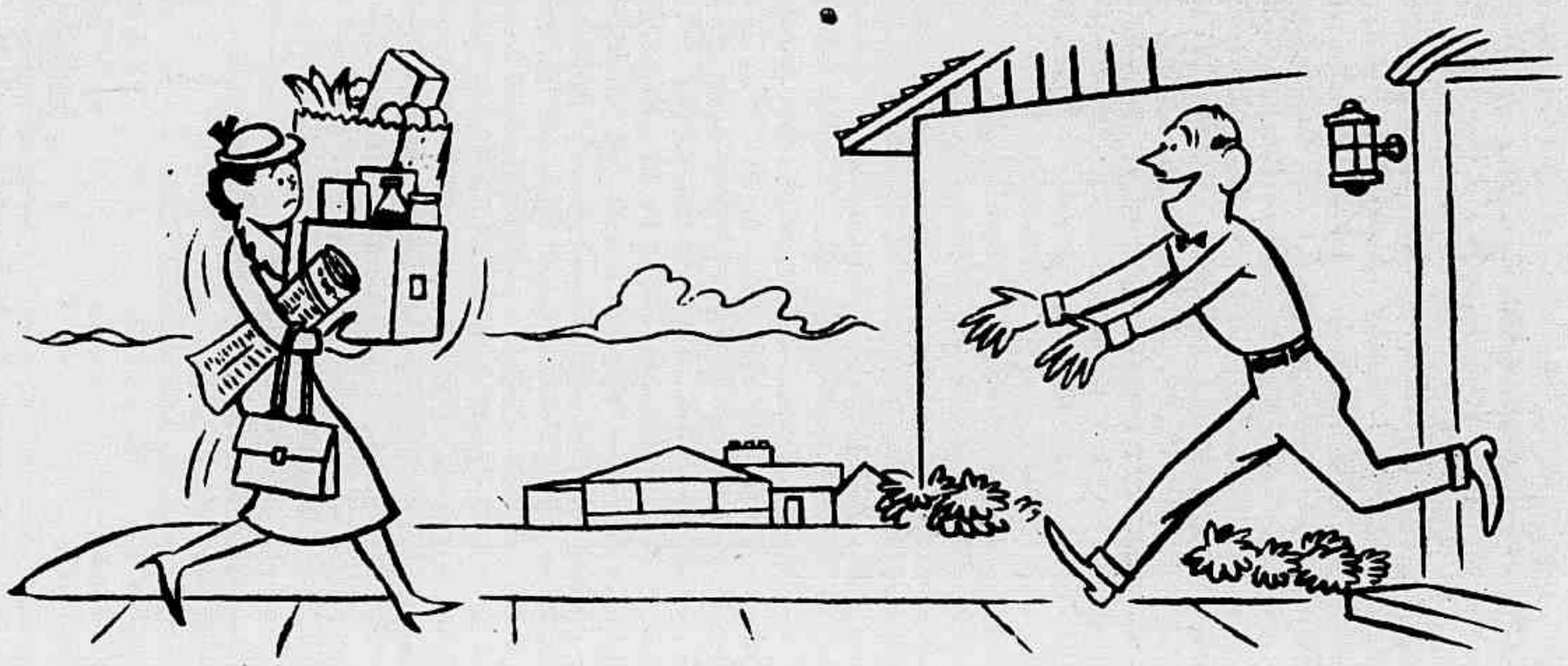
— E dizer-se que ela se servira de uma das meias que calçava! Estranho, não é mesmo?

— Como? — exclama Roger.

— Ainda não sabia?

— Não. O relato que li não especificava isto. Teria a pobre se servido de uma de suas meias, para suicidar-se com ela?

— Perfeitamente. Uma de suas pernas estava nua, enquanto a outra trazia meia. De momento, achei muito curioso êsse fato. Passou-se isso nessa porta ali... O senhor poderá ver o buraco que deixou o gancho, do outro lado. Tive que retirá-lo, pois, como é natural, não podia olhar para êle.



— Oh, querido! Deixe-me ajudar a carregar.

— Que gancho? — perguntou Roger.

— O que se achava do outro lado da porta. Um gancho de rôsca, sôbre o qual prendeu a meia.

— Eu ignorava isso. Pensei que ela se houvesse enforcado diretamente na bandeira da porta.

— Isto também me surpreendeu muito... Talvez que ela julgasse muito frágil a madeira da porta.

Roger examinou o local:

— Como foi que a encontrou? Explique-me exatamente. É possível?

Miss Carruthers obedeceu, não sem mostrar-se bastante agitada. E foi narrando com certa minúcia:

"Janet estava pendurada do lado de cá dessa porta, isto é, da sala, sustentada por um gancho de parafuso fixado do outro lado de altura bastante para suportar o pêso. A meia, formando um nó em volta do pescoço, estava sòlidamente amarrada pelas extremidades. Até onde se pudesse perceber bem, devia ter dado umas duas ou três torcidelas. Trepada a uma cadeira para fazer os preparativos do enforcamento, deve ter dado forte pontapé na mesma, jogando-a longe e com fôrça bastante para fechar a porta ao mesmo tempo; creio que não poderia mais se salvar, mesmo se se arrependesse, pois ficara suspensa e sem a menor ação para socorrer-se a si mesma."

Miss Carruthers passou então a reconstituir o episódio como o imaginara, reproduzindo com clareza e eficiência a cena da subida à cadeira e o pontapé violento para que a mesma fôsse arremessada a uns seis pés de distância.

— Santo Deus! — exclamou Roger admirado do sangue-frio da jovem durante tôda a reprodução imaginária da cena.

alguma coisa:

Mas o jornalista não achava lógica esta versão, pois uma pessoa perturbada a ponto de suicidar-se, não vai perder tempo com detalhes de programação da própria morte; joga-se pela janela, e pronto. É mais simples.

— Não achou a polícia que essa versão era um tanto esquisita? — perguntou-lhe.

— Penso que não. Além disso, desde que Uny se matou, que importa o método empregado?

Roger concordou. Mas, logo que teve de cumprir sua palavra perante o pobre pastor, que lhe confiara tôda a esperança de vir a saber da filha, antes de escrever a carta ao mesmo, parecia mais do que convencido de que essa morte estava longe de ser assim tão simples e clara como a polícia acreditava.

Capítulo IV

No decurso dos dias seguintes Roger não adiantou nada às pesquisas. Em resposta à carta que dirigira ao pastor, recebeu dêle uma outra, que lhe aumentou o desejo de chegar a um resultado, pois todos os seus esforços pareciam esbarrar nas barreiras da maior dificuldade. Era impossível ligar a morte de Unity Ransome a algum homem.

Recorre ao teatro e fala a tôdas as artistas que haviam conhecido a enforcada. Miss Carruthers lhe servira de apresentadora. Com essa ajuda, Roger entrevistou porteiros, "metteurs-en-scène", diretores, empresários, vedetas e astros. Tudo em vão. Ninguém se recordava de haver visto Unity Ransome com algum marmanjo. Jamais falou ela de simples flêrte com qualquer um.

Roger ampliou seu campo de ação. De posse de algumas fotos de Janet, ou melhor, de Unity Ransome, retratos que êle obtivera no teatro, passou a visitar restaurantes, salões de chá e hotéis que a moça pudesse ter freqüentado. Alguns empregados a reconheceram; mas não passou disso. Era desencorajador.

Um fato, porém, surgiu, se bem que sem ligar-se ao objeto de suas pesquisas. Roger adquirira o hábito de ir todos os dias à residência de miss Carruthers, à hora do chá, a fim de informá-la dos resultados, ou melhor, da falta de resultados... A

jovem artísta lhe despertara simpatia. Confiou-lhe um dia o segrêdo de que se chamava Sally Briggs; mas, pelo que lhe pareceu, o pseudônimo de Moira Carruthers era mais bonito e de melhor efeito artístico. Roger não deixou de notar essa pontinha de cabotinismó... Aliás, todos os gestos da artista, mesmo os mais sinceros, faziam sentir o artifício.

Uma tarde, aproveitando a ausência dela na cozinha, foi Roger examinar de perto a porta fatal. E o que descobriu ali o surpreendeu consideràvelmente. Nos derradeiros momentos, Janet não desejava mais morrer, fôsse qual fôsse o seu anterior desejo de dar cabo da vida. Na parte inferior da porta, já quase tocando o sólo, percebiam-se numerosos traços de arranhaduras bastante fortes, o que provava que ela havia tentado desesperadamente encontrar com os sapatos um ponto de apoio, pequeno que fôsse, para recuar da viagem à eternidade.

Dotado de viva imaginação, Roger se sentiu angustiado em face da cena de aflição da morta.

E pensou, franzindo as sobrancelhas: "Por que não pegou ela a meia de sêda que enrolara ao pescoço, afrouxando o laço? Por que não desfez o nó, ao menos durante alguns segundos? Certamente, conseguindo interromper a asfixia, ter-se-ia salvo! É de supor-se que não conseguiu salvar-se, apenas por falta de apoio em seus pés."

Em seguida, examina a parte superior da porta. Também ali se viam riscas, traços, embora mais ligeiros, mas que não deixavam dúvidas de que tinham sido deixados por ela. Depois disso, foi êle à cozinha.

— Moira — perguntou êle, inesperadamente — como estavam as unhas de sua amiga? Lembra-se disso?

— Sim — respondeu a artista, estremecendo. — Arrebentadas e cheias de tinta e pó.

— Ahn... — fêz o jornalista.

— Ela, que as tinha sempre tão bem cuidadas...

Em Londres, nada de mais claro tendo obtido, resolveu Roger dirigir-se ao campo. Como a idéia de ir visitar a família enlutada já não lhe parecia boa, êle perguntava a si mesmo se valeria a pena pôr o pastor ao corrente de suas suspeitas. E decidiu, por fim, nada adiantar junto à família da morta, até que pudesse reunir provas mais concretas. O que êle sabia até aquêle momento, não faria mais que aumentar, inùtilmente, as mágoas do pobre pai. Sua boa estrêla lhe indicaria depois a melhor maneira de informar o desolado pastor, de outra maneira, sem chocá-lo tanto.

Tendo decidido a viagem, Roger agia precipitadamente, como sempre. E logo que resolvia embarcar no dia seguinte, sucedia que êsse dia era reservado ao jornal — uma sexta-feira — o mesmo acontecendo em seguida, uma têrça-feira.

— Bem — raciocinava êle. — Escrevo, agora, meu artigo para o **Courier** e entregarei pela manhã à redação, o que me permitirá tomar um dos primeiros trens que partem para Dorsetshire.

Escrever dois artigos por semana durante alguns meses sôbre mortes súbitas, vem a ser, após meio ano, trabalho bastante cansativo. Tendo esgotado grande parte da matéria, Roger começava a encontrar sérias dificuldades para encontrar coisa nova... Como estava particularmente impressionado acêrca dêsse caso, nada melhor lhe ocorria no espírito. Depois de tentar, inùtilmente, tirar do crânio alguma coisa de interêsse, com a caneta à mão sem saber como iniciar, desceu à rua para comprar um jornal vespertino na esperança de poder encontrar em suas colunas alguma inspiração.

E achou. Na primeira página, lá estava em uma das colunas, estas linhas em avantajados títulos e subtítulos:

UM SUICíDIO.
UMA MULHER SE ENFORCA COM SUA PRÓPRIA MEIA DE SÈDA
Uma carta da desesperada.

Escreveu êle, então, um artigo bastante interessante sôbre os efeitos mórbidos da sugestão, focalizando a natureza das pessoas nervosas e predispostas ao suicídio, as quais se deixam influenciar pelo exemplo, bem como sôbre a falta de originalidade que caracteriza a natureza humana.

Disse êle:

"O homem de gênio que descobriu o fogão a gás como meio de matar-se, foi imitado

imediatamente. Em menos de algumas semanas, no mínimo uma dúzia de pessoas lhe seguiram o exemplo". E concluiu que um novo método de praticar o suicídio atuava como estimulante sôbre certo tipo espiritual, que só sabe agir por imitação. Citou, afinal, uns tantos casos célebres e terminou, como era fatal, pelos dois dramas das meias de sêda.

O artigo, escrito com muita alma, encheu Roger de legítima satisfação.

No dia seguinte, o trem o conduziria a Dorsetshire.

Um jornal matutino, que não o Courier, estendia-se amplamente sôbre o fato. Roger o comprou e verificou, com muita curiosidade, que os detalhes descritos pela reportagem coincidiam, ponto por ponto, com a tragédia de Janet; a suicida combinava mui exatamente, com o tipo que êle focalizara em seu artigo da véspera. A nova vítima dessa morte com as meias de sêda, personagem de moral muito baixa, em nada lhe interessava, pessoalmente. Além do mais tinha ela imitado servilmente a pobre Janet: a meia de sêda passada por cima da porta e prêsa por um gancho, a perna nua, a mensagem concisa, lacônica, sem assinatura. Tudo como fizera a primeira.

Chamava-se Elsie Benham e o jornal a qualificava, ingênuamente, de "artista lírica". E Roger monologou:

— Sabe-se o que quer dizer isto. Porque tôdas elas se fazem passar por "artistas líricas"? As que, realmente o são, não devem apreciar o título sem revolta! — pensava êle.

Muito conhecida naqueles recantos da cidade onde há divertimentos mundanos, já muitas pessoas a tinham visto mesmo em "dancings". Não estava acompanhada, e um amigo que lhe falara, informara que Elsie parecia muito deprimida. Deixara o "dancing" cêrca das duas horas da manhã, devendo ter-se matado pouco tempo depois de ter chegado ao prédio em que residia, em cujo apartamento morava em companhia de uma outra amiga, ausente de Londres no momento. Quem descobrira o cadáver fôra um homem que possuía uma chave do aposento (vejam só...), tendo dado o alarma; o médico que examinou o corpo, declarou que ela deveria ter-se matado umas doze horas antes.

Roger, que já seguia em seu trem, leu ràpidamente o restante da notícia, jogou fora o jornal e abriu um romance. Sòmente mais tarde, ao admirar a paisagem, sentiu que duas coisas o haviam impressionado. O vespertino havia exagerado ao referir-se a uma "carta", deixada pela vítima. Não se tratava de carta, e sim de uma notificação, simples bilhete. E dizia:

— "A prodigiosa morte...". E mais: "A morte e seu irmão, o sono..."

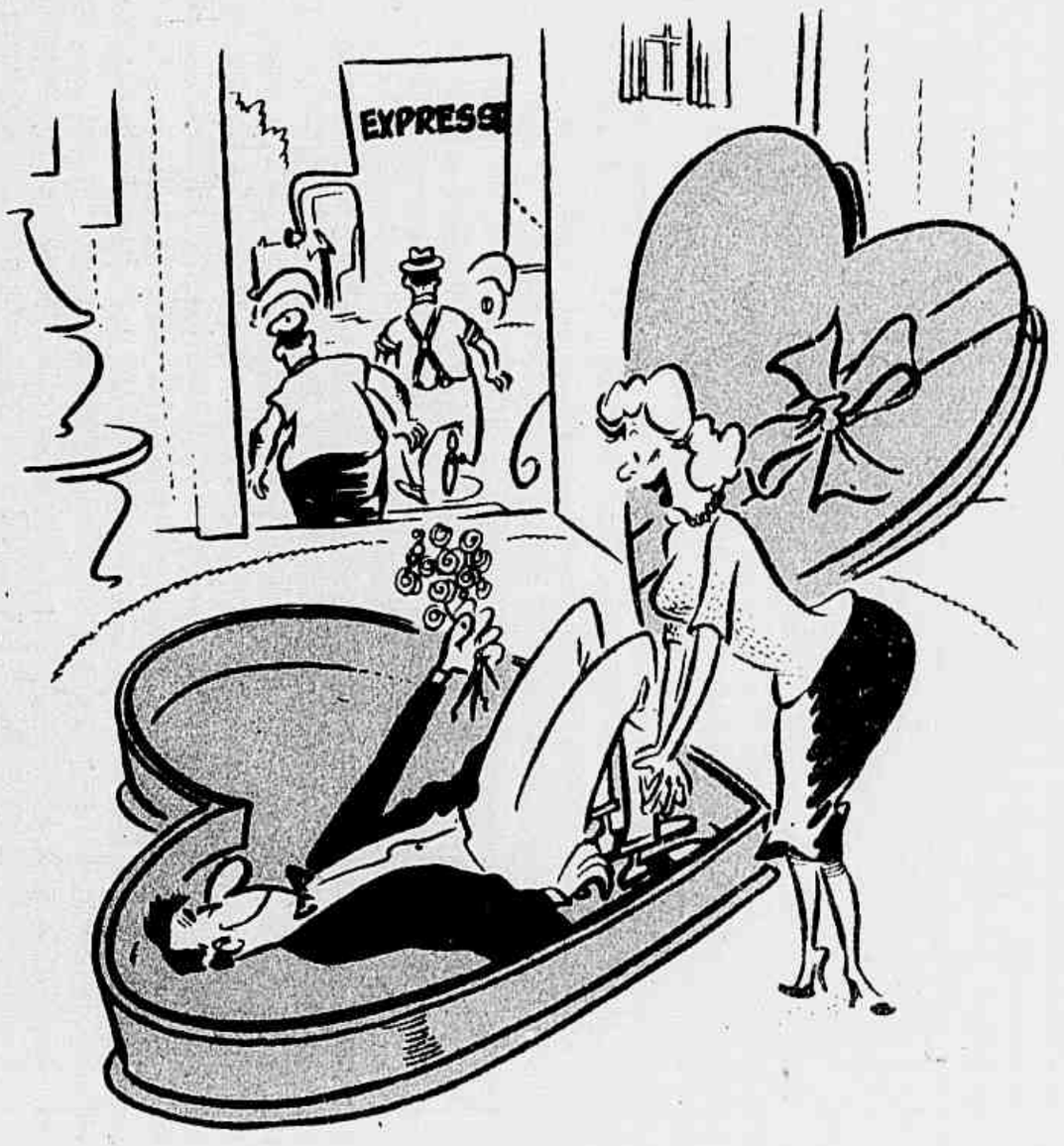
Isto numa fôlha de papel muito branco.

— "A prodigiosa morte... Seu irmão, o sono..." — murmurou Roger. Estava o repórter surpreendido que uma mulher dessa espécie, habituada a noites e noites em cabarés e "dancings", tivesse a idéia de citar "A Rainha Mab". Era curioso que ela fôsse capaz de citar Shelley, e citá-lo, corretamente, ainda por cima! Era estranho, realmente, mas não inadmissível. E monologou:

— "Bem, talvez que haja muita coisa nas "boites", seu Roger Sheringham, com que a tua filosofia nem possa sonhar!"

Ficou a olhar os campos, que desfilavam oblíquos.

E pensou, então:



— Oh, Policarpo! Que idéia romântica!

— "Ainda outra coisa! Todos os jornais citam desta vez, a perna nua. Mas, da primeira vez, ninguém falou disso. Fôra Moira Carruthers quem lhe citara êsse detalhe pela primeira vez. Como pudera a segunda enforcada ter escolhido também essa particularidade? Talvez que um jornal qualquer houvesse feito essa revelação, uma fôlha que êle não tivera a oportunidade de ler... Contudo, acreditava que não lhe escapara nenhum."

— É bastante curioso... — monologou Roger, em voz alta.

Preocupou-o, em seguida, o que diria a mr. Manners, o pobre pai de Janet. Quanto mais se aproximava do fim de sua viagem, tanto mais se lhe afigurava escabrosa a sua missão.

Duas soluções se lhe ofereciam: descer em Little Mitcham e hospedar-se ali, ou ir até Monckton, a cidade vizinha. Roger optou pela segunda solução, por lhe parecer mais razoável: hospedando-se numa cidade próxima à residência do pastor poderia ir apresentar-lhe seus respeitos sem dar a idéia de invadir-lhe os domínios.

E assim fêz. Mr. Manners o recebeu muito amàvelmente, conduzindo-o sem demora ao seu gabinete de trabalho, a fim de bombardeá-lo com perguntas. Roger teve que lançar mão de muita cautela, para poder responder a tudo. Por fim, embora o velho estivesse muito emocionado, pôde suportar a má notícia com dignidade. Pediu a Roger que aceitasse ficar para o almôço, a fim de que pudesse apresentar-lhe às filhas. Nosso herói aceitou o convite, não sem relutar, mas acalmou a consciência, ao reconhecer que era preciso estar ali mais algumas horas, embora lhe fôsse bastante triste ter que assistir à dor daquela gente modesta e boa.

As quatro filhas do pastor tinham, respectivamente, vinte e quatro, dezessete, catorze e doze anos; Roger se achou, dentro de minutos, muito afeiçoado com Anne, a mais idosa, a qual lhe pareceu muito simpática. Talvez não tão bonita como Janet; mas de aspecto muito fino. Roger a achou encantadora. Depois do almôço, o jornalista recorreu ao pretexto de ver o jardim, a fim de ali fazer a Anne um relato completo do drama. A moça o ouviu atentamente, como sucedera com seu pai, e procurou dissimular a emoção que devia experimentar, dizendo, por fim:

— Vejo, sr. Sheringham, que o senhor é muito bom. Muito agradeço o ter-me narrado tudo. Era melhor mesmo saber a realidade do drama. As suas conclusões são também as minhas, e farei tudo para ajudá-lo a esclarecer o mistério dessa morte inexplicável.

— Acha que pode? — indagou Roger, àvidamente.

Anne moveu afirmativamente a cabeça, acrescentando:

— No momento, não poderei fazer muito. Janet possuía numerosas relações masculinas nesta região, sem dúvida, e eu posso fornecer-lhe uma lista de rapazes que ela conhecia particularmente; mas todos êles são pessoas sôbre as quais não pode existir nenhuma suspeita.

— Mas sempre era bom procurar saber se alguns dêles foram a Londres recentemente — sugere Roger.

— Claro. Faremos isso, se acha conveniente. Mas estou convencida, sr. Sheringham, de que não devemos procurar aqui a causa da morte de minha irmã. Quando nos deixou não levava no espírito nenhuma preocupação, nenhuma inquietação do mundo, eu o juro. Janet e eu...

Sua voz tremeu, mas Anne se refez imediatamente.

— ...Janet e eu não nos contentávamos de ser irmãs; éramos também amigas íntimas. Se alguma coisa a preocupasse, antes de sua partida, estou certa, ter-me-ia confessado!

— Bem... — disse Roger procurando não ser indiscreto ou grosseiro. — Vamos ver o que se pode fazer; nada mais que isso.

Finalmente, passou êle agradável fim-de-semana em Dorsetshire. Anne lhe agradava muito, e não manifestara qualquer desejo de falar-lhe de literatura, atitude que considerava bastante simpática.

Na segunda-feira seguinte, regressou a Londres. Anne, que sabia da hora do trem, não fôra dar-lhe o "até logo", na plataforma. Isso o decepcionou bastante.

Instalou-se a um canto do vagão, abriu um jornal do dia e foi passando os olhos pelos títulos mais berrantes. Súbito seus

olhos se fixaram num alto de coluna em que se liam estas palavras surpreendentes:

AINDA UM SUICÍDIO COM MEIAS DE SÊDA — MORTE TERRÍVEL DA BELA LADY ÚRSULA GRAEME.

Roger murmurou, perplexo:

— Mas isto já está ficando exagerado!

Capítulo V

O INSPETOR-CHEFE MORESBY

O nosso repórter leu, com o interêsse que se adivinha, todo o relato sôbre a morte de lady Úrsula Graeme.

Tratava-se, agora, da filha de um figurão e não de obscura freqüentadora de "dancings". Os jornais consagraram ao fato duas colunas batidas na primeira página, sem faltar nenhum detalhe nos comentários. Assim se haviam passado os fatos:

Lady Úrsula havia saído de sua casa um pouco antes das oito horas. Morava em Eaton Square, com a mãe. O pai morrera, herdando-lhe o título de conde um irmão mais velho, no momento ocupando o pôsto de secretário numa embaixada no estrangeiro. Jantara em companhia de amigos em um restaurante do West End, ficando ali a dançar e a conversar até cêrca das vinte e três horas. A essa altura se sentiu prêsa de violenta enxaqueca, e propôs conduzir em seu carro aberto duas ou três pessoas, a fim de respirar um pouco de ar fresco; mas os convidados não aceitaram, pois começava a chover. Lady Úrsula deixou então o restaurante e declarou que iria sòzinha, acrescentando:

— Umas voltas ao ar livre me livrarão, certamente, desta incômoda dor de cabeça!

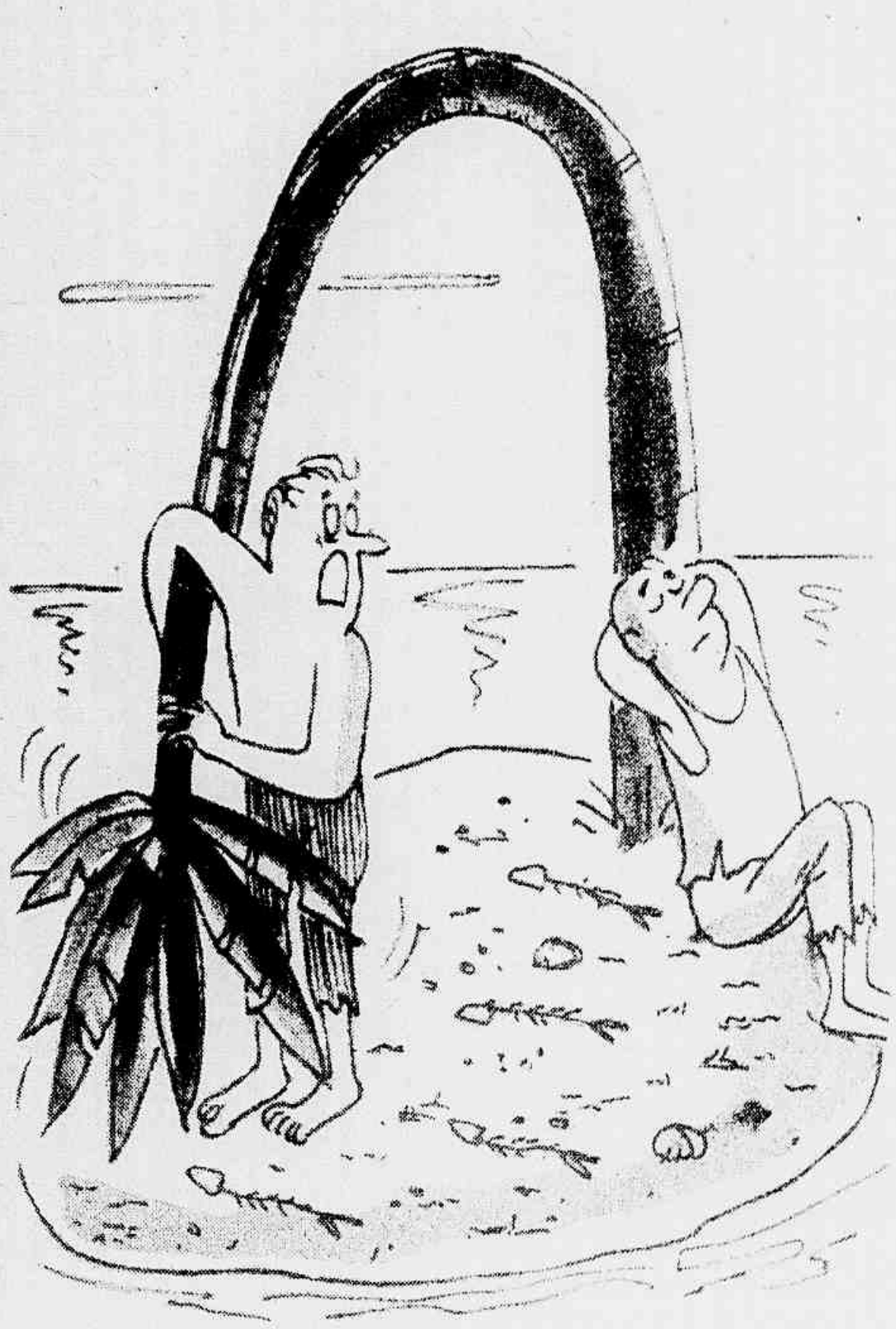
Às duas horas e meia da manhã, uma jovem artista, de nome Irène Macklane, muito ligada a lady Úrsula, ao voltar ao seu "atelier" de Kensington depois de passar a noite em casa de um pintor das vizinhanças, viu o carro de lady Úrsula parado à sua porta; isso não a surpreendeu muito, pois sabia que aquela aristocrata e sua amiga, estavam habituadas a visitar pessoas de suas afeições a qualquer hora do dia ou da noite, como fôsse o seu desejo.

Atravessava o **atelier** uma grande viga, de lado a lado, a uns oito pés do solo. Miss Macklane havia suspendido ali um lampião prêso a forte gancho. Para acender o lampião havia um comutador, colocado perto da porta. Miss Macklane entrou, acionou o comutador e se surpreendeu ao ver que a luz se acendia muito abaixo do normal. Era que a lanterna pendia de um fio flexível da lâmpada. Suspendendo-a, viu, com horror, o corpo de lady Úrsula oscilando e sustentado pelo gancho da trave.

Os detalhes macabros correspondiam, quase exatamente, aos da morte de Janet e aos da outra mulher: uma mesa derrubada a alguns passos; lady Úrsula se havia servido de uma de suas próprias meias; a perna estava nua, mas seu pé estava metido ainda em pequena sandália de cetim. As duas extremidades da meia de sêda sòlidamente amarradas formavam um anel em volta do pescoço; a outra parte havia sido retorcida umas três ou quatro vêzes e fixada ao gancho. Lady Úrsula havia, aparentemente, após preparar o laço, arre-

Continua no próximo número)

★



Olá! Agora cabe a você varrer um pouco...

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Num país, à semelhança do Brasil, onde a cultura filológica se patenteia assaz desenvolvida, não há cabimento para o desaprêço iníquo em que são tidos aquêles que, se o quiserem, podem rir-se dos escritores que menosprezam a sua língua". Laudelino Freire.

J. S. P. (Nesta) — Continuamos no exame dos quesitos constantes de sua carta.

3. **Até logo!** Vemos, aí, uma locução interjetiva, como nas expressões **boa tarde! ora bolas!**, etc.

Vale transcrever, a propósito, observação de José Oiticica:

"Do mesmo modo que a **frase-pensamento** pode reduzir-se a uma só palavra como: **chove**, também a uma só palavra pode reduzir-se a **frase-emoção**, como **safa! dane-se!** etc e temos **a interjeição**.

Muitos gramáticos, desconhecendo a **frase-emoção**, definindo **palavra** a representação exclusiva da **idéia,** não sabendo que fazer da interjeição, consideram-na meio grito inarticulado, sem se lembrarem de que uma seqüência inteira de palavras, perfeita e lògicamente elaborada, pode ter o valor de uma interjeição e constitui realmente a frase interjetiva. (Manual de Análise, 5.ª edição, pág. 68).

4. **Que horas são?**
São cinco horas.

Nas construções acima, não há sujeito (o verbo **ser** é impessoal); as expressões **que horas** e **cinco horas** funcionam como predicativo. Explica-se o verbo impessoal pluralizado pela concordância por atração (**ser** concorda com o predicativo).

5. **Oxalá não demore a resposta!** Ainda aqui temos função interjetiva, representada por **oxalá** e por **não demore a resposta**. **Oxalá** é expressão de origem árabe, que significa **queira Deus;** assim, a oração **não demore a resposta** assume o valor de objeto direto.

6. **Parabéns!** Plural de parabém, sinônimo de felicitação, congratulação. Afigura-se-nos, ainda nesta construção, a existência de função interjetiva, desdobrável na oração **dou-lhe parabéns!**

— o —

W. P. (Nesta) — A propósito do assunto a que se refere a sua carta, escrevemos, em 1952 (**EU SEI TUDO de maio**):

"Tenho observado certa confusão em tôrno das palavras terminadas em **ia, ie, io, ea, ua, ue, uo, oa, que,** sendo ditongos orais crescentes, formam sílaba. Assim, **glória** é um dissílabo; também **sábio, língua, tênue**.

A dúvida parece resultar da circunstância de o **Formulário da Academia Brasileira de Letras** incluir entre os esdrúxulos os vocábulos terminados em **ditongo** crescente... Mas só a circunstância de se reconhecer, como ali se faz, em **io, ia, ie, ea, eo, ua, ue, uo, oa,** a qualidade de ditongo, importa em considerá-los numa única sílaba. E isso por definição".

— o —

E. T. (São Paulo) — O verbo atender admite dupla sintaxe.

É transitivo direto, quando significa dar **audiência, escutar, deferir:**

"Não querem que el-rei **o** atenda."

Herculano.

É transitivo indireto, quando significa **prestar atenção,** tomar em consideração, considerar:

"El-rei atendeu às súplicas."

Machado de Assis.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM NOVEMBRO DE 1955

1 — TERÇA-FEIRA: — O sr. John Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, vai a Madrid, onde conferencia durante duas horas com o general Franco; ao deixar a capital espanhola de regresso a Genebra, o diplomata americano declarou-se muito satisfeito com os resultados da entrevista. — É apresentado pela Alemanha Oriental à Conferência dos Chanceleres das grandes potências o plano para a reunificação germânica, que, além de outras coisas, propõe a normalização das relações entre a Alemanha Oriental e Ocidental, nos planos econômico, político e cultural. — O primeiro ministro Edgard Faure coloca como uma questão de confiança a aprovação do projeto de sua autoria que dispõe sôbre a dissolução da Assembléia Nacional.

2 — QUARTA-FEIRA: — Ruidosas manifestações antibritânicas verificaram-se na Grécia, como protesto contra a política da Inglaterra em relação à Chipre. — Enquanto o chanceler Pinay conferencia durante longo tempo com o ex-sultão de Marrocos, Ben Youssef, sôbre a situação marroquina. — E na Argentina, a Confederação Geral dos Trabalhadores confirma sua decisão de iniciar a greve geral a partir do primeiro minuto de amanhã. — Depois de curta enfermidade, falece, em New York, o conhecido escritor americano Dale Carnegie, autor do livro "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas".

3 — QUINTA-FEIRA: — O secretário de Estado norte-americano convida o chanceler Molotov a declarar sem mais preâmbulos se a Rússia está disposta a aceitar a unificação da Alemanha. — Anuncia-se que sangrentos combates estão sendo travados entre o Egito e Israel, na zona desmilitarizada de Nizana. — Enquanto de Marrocos noticia-se que se encontram na fase final as negociações para que Ben Youssef volte a ocupar o trono de Marrocos; e a fim de facilitar a solução do problema, o Conselho do Trono, recentemente designado, anuncia sua renúncia. — Perante os membros da Organização dos Estados Americanos, o embaixador equatoriano em Washington, sr. Chiriboga, acusa o Peru de estar preparando a invasão do território do seu país, no que foi contestado pelo embaixador peruano, sr. Bautista de Lavalle.

4 — SEXTA-FEIRA: — As potências ocidentais submetem à Conferência dos Quatro Grandes uma proposta como primeira etapa para a realização da unificação, em liberdade, de conformidade com o Plano Eden revisado. O projeto propõe, antes de tudo, a realização de eleições livres em todo o território alemão, no mês de setembro de 1956. — O ex-presidente Perón viaja para a Nicarágua, passando por Macapá, onde pernoitou na escola de Iniciação Agrícola do Amapá. — O imperador da Etiópia, Halle Selassié, anuncia, em seu discurso do trono, a concessão de uma nova Constituição, que entra em vigor hoje, dia 4 de novembro de 1955.

5 — SÁBADO: — A luta armada entre o Egito e Israel passa à faixa fronteiriça de Gaza, onde as fôrças rivais sustentam um intenso duelo durante 45 minutos. — E de Paris anuncia-se que o Conselho de Ministros aprovou o restabelecimento de Ben Youssef como sultão de Marrocos. — Em declarações feitas à imprensa o generalíssimo Chiang-Kai-Shek afirma que talvez dentro de dois anos suas fôrças iniciem

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

ÓLEO DE CEDRO

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

AV. RIO BRANCO, 137 — sala 616

Rio de Janeiro

Fones: 32-9415 e 32-9309

o ataque à China Comunista. — A Grã-Bretanha aceita, formalmente, a proposta de plebiscito no Sudão para decidir o futuro dêsse país. — Em conseqüência de acidente de aviação ocorrido perto da cidade do México, morre o ministro das Comunicações e Obras Públicas do México, sr. Carlos Iazo.

6 — DOMINGO: — Por ocasião do aniversário da revolução bolchevista, o marechal Zhukov declara que as fôrças-armadas russas se mantêm alertas não obstante a redução da tensão internacional. — O secretário de Estado norte-americano chega a Belgrado com o objetivo de manter conversações com o chefe do govêrno iugoslavo sôbre a questão alemã... — Enquanto o sr. Henry Holland pede o apoio do povo americano para a execução da política econômica governamental em relação aos países latino-americanos. — Segundo se anuncia, a China Comunista deseja um "acôrdo global" com os Estados Unidos, o qual incluiria a promessa de ambas as partes de renunciar ao emprêgo da fôrça para resolver as questões do Extremo Oriente.

7 — SEGUNDA-FEIRA: — O jornal argentino "Notícias Gráficas" censúra acremente o govêrno paraguaio, por haver negado a extradição dos ex-funcionários policiais Juan Carlos e Luiz Amadeo Cardozo, aos quais acusa de haver torturado presos políticos. — A batalha pelas eleições gerais antecipadas na França está sendo travada numa nova fase que arrisca retardar a data de dezembro, atualmente proposta a cêrca de 20 milhões de eleitores para proceder à eleição de seus deputados. — Um jornal de Hong-Kong informa que a China Comunista exige que lhe seja dado o uso da colônia portuguêsa de Macau como pôrto de trânsito para os materiais estratégicos necessários ao regime de Pequim.

8 — TERÇA-FEIRA: — A Conferência dos Chanceleres, reunida em Genebra, tende a fracassar devido à atitude irredutível da Rússia quanto à unificação da Alemanha. — Enquanto fôrças egípcias e israelenses travam duas batalhas na região de Eilat, a parte mais meridional de Israel. — E na França, o Conselho da República (Senado) resolve iniciar imediatamente os debates sôbre o projeto de lei do govêrno para convocar eleições gerais em dezembro próximo. — O govêrno norte-americano dá a entender que talvez esteja disposto a proporcionar a Israel algumas armas para contrabalançar os desembarques de armamentos que o Egito vem recebendo da Tchecoslováquia, e de outros países comunistas.

9 — QUARTA-FEIRA: — A política argentina está novamente conturbada, tendo havido uma série de reuniões de altas patentes do Exército e de todo o ministério. — A Conferência dos Quatro Grandes, diante dos numerosos obstáculos que têm surgido, renuncia, temporàriamente, a continuar procurando solução para os problemas da segurança européia e da unificação da Alemanha. — O sr. Carlos Luz, presidente da República, recebe em conferência o general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra, ao qual ouviu sôbre o caso do coronel Jurandir Mamede, em face dos regulamentos militares. Mais tarde, o sr. Carlos Luz conferencia sôbre o mesmo assunto com o brigadeiro Gervásio Duncan, chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, e com o almirante Ernesto de Araújo, comandante da Escola Superior de Guerra.

10 — QUINTA-FEIRA: — O "premier" Fauré coloca novamente em cheque o seu govêrno, solicitando um voto de confiança ao Parlamento, sôbre a questão da realização das eleições gerais. — E em Genebra, o ministro do Exterior da União Soviética, sr. Molotov, rejeita a proposta do presidente Eisenhower de "céu aberto" como o primeiro passo para o desarmamento mundial. — Não satisfeito com a solução dada ao caso do coronel Mamede pelo presidente da República, o general Teixeira Lott solicita sua exoneração do cargo de ministro da Guerra, a qual é concedida. — O presidente da República, sr. Carlos Luz, con-

vida o general Álvaro Fiúza de Castro para a pasta da Guerra.

11 — SEXTA-FEIRA: — Precisamente às 3 horas da madrugada o general Teixeira Lott, de acôrdo com as disposições dos chefes militares, decide reassumir o Ministério da Guerra e mandar ocupar militarmente os pontos-chaves da cidade, determinando, assim, a fuga do presidente da República, sr. Carlos Luz, e de quase todo o seu ministério. — Em reunião extraordinária realizada às 11 horas, a Câmara dos Deputados declara impedido o sr. Carlos Luz. — E às 18,30 assume a presidência da República o sr. Nereu Ramos, presidente do Senado, cujo primeiro ato foi a nomeação do novo ministério. — É anunciada a prisão de vários membros do govêrno deposto, entre os quais, o coronel Menezes Côrtes, chefe de Polícia, e muitas outras altas patentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. — Enquanto isso, o sr. Carlos Luz, considerando-se ainda o presidente constitucional, refugia-se, juntamente com os seus auxiliares, no navio capitânea da Marinha de Guerra, o cruzador "Tamandaré", que depois de ser várias vêzes alvejado pelos canhões do Forte de Copacabana, força a saída da Baía de Guanabara, rumando para o pôrto de Santos.

12 — SÁBADO: — Os ministros de relações exteriores das Quatro Grandes Potências, ora reunidos em Genebra, abandonam tôda a intenção de chegar a um acôrdo sôbre o desarmamento durante a atual conferência. — O Premier Edgard Fauré obtém um novo voto de confiança na Assembléia Nacional. — Atraca no cais do Arsenal da Marinha, o cruzador "Tamandaré", trazendo a bordo o presidente deposto, sr. Carlos Luz, o almirante Amorim do Vale, o sr. Prado Kelly e o coronel Jurandir Mamede. — Não obstante a renúncia do sr. Carlos Luz, que reconheceu a situação de fato e enviou uma mensagem ao almirante Amorim do Vale e ao brigadeiro Eduardo Gomes, ordenando-lhes que cessassem qualquer esfôrço de resistência, a agitação de caráter político-militar continua bastante intensa.

13 — DOMINGO: — Apesar de muito instado pelos chanceleres das potências ocidentais, o sr. Molotov recusa-se a prometer o levantamento da "cortina-de-ferro" por parte de seu país. — Por outro lado, noticia-se que, premido pelas fôrças armadas, o general Lonardi renunciou ao cargo de presidente da Argentina, tendo assumido a direção do govêrno o general Pedro Aramburu. — Renuncia à Presidência da Câmara dos Deputados o sr. Carlos Luz, que depois passa a fazer uma longa e documentada exposição dos acontecimentos políticos e militares em que se viu envolvido na madrugada do dia 11 do corrente. — Enquanto isso, o presidente Café Filho retira-se do Hospital dos Servidores do Estado, indo convalescer na Clínica São Vicente.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — São coroados de êxito os esforços do Canadá em favor de um acôrdo entre as potências ocidentais e a Rússia no sentido de serem admitidos os 17 países candidatos à admissão na ONU. — Realiza-se a sessão de encerramento da Conferência de Genebra. — Cessadas as medidas preventivas contra os generais Fiúza de Castro e Alcides Etchegoyen; mas, por outro lado, anuncia-se novamente a prisão do ex-chefe de Polícia, coronel Menezes Côrtes. — E o Supremo Tribunal Federal considera prejudicado o "habeas-corpus" em favor do deputado Carlos Lacerda pelo fato de o paciente não estar sofrendo a menor coação na sua liberdade de ir e vir.

15 — TERÇA-FEIRA: — Notícias de Buenos Aires afirmam que fracassou o movimento grevista ordenado pela CGT, salientando que menos de 50 por cento dos trabalhadores atenderam às determinações da outrora poderosa organização peronista. — O Senado francês derrota o presidente do Conselho, Edgar Fauré, ao rejeitar seu projeto de lei que visava convocar eleições gerais para dezembro próximo. — O ministro da Guerra, general Teixeira Lott, em entrevista à United Press", narra os acontecimentos que o conduziram ao movimento armado de 11 do corrente. — E o deputado Carlos Lacerda continua asilado na Embaixada de Cuba, devendo partir, dentro de alguns dias, para os Estados Unidos.

16 — QUARTA-FEIRA: — A Conferência das Quatro Grandes Potências, realizada em Genebra, vem de se encerrar, tendo fracassado completamente; os ocidentais acusam à União Soviética de se haver negado a pôr têrmo à "cruel" divisão da Alemanha. — Milhares de marroquinos saem às ruas para aclamar o sultão Ben Youssef, por motivo de sua volta ao trono após mais de dois anos no exílio. — O general

Teixeira Lott, em declarações prestadas à imprensa, admite haver incorrido em êrro ao acusar o brigadeiro Eduardo Gomes de ter tomado parte em ação subversiva contra o regime.

17 — QUINTA-FEIRA: — No Irã, o primeiro ministro Hussein Ala é alvo de um atentado a tiros, tendo saído ileso. — O govêrno argentino declara ilegal a greve decretada pela CGT, e intervém nessa organização, reduzindo mais ainda o movimento grevista. — Falando à imprensa, o brigadeiro Eduardo Gomes reputa de precipitadas as declarações do ministro da Guerra, gen. Teixeira Lott, nas quais acusava o ex-ministro da Aeronáutica de participação no movimento golpista. — Em avião da Pan-American embarca para Cuba o deputado Carlos Lacerda. — Em nota violenta, o almirante Amorim do Vale desmente, categòricamente, as declarações atribuídas ao general Teixeira Lott à "United Press", em que o ex-titular da Pasta da Marinha é acusado de conspiração.

18 — SEXTA-FEIRA: — O "premier" marechal Bulganin e o sr. Nikita Krushev chegam à capital da Índia, onde recebem calorosas manifestações de parte do povo indiano. — Notícias de Buenos Aires informam que o famigerado Secretariado de Imprensa e Atividades Culturais — o que vem a ser o DIP argentino — acaba de ser extinto por decreto presidencial. — É concedida exoneração ao ministro Munhoz da Rocha e ao procurador geral da República. — Um comunicado do Ministério da Guerra informa que, não obstante a calma que reina em todo o país, as tropas sediadas na Zona Militar Leste encontram-se de prontidão como medida preventiva.

19 — SÁBADO: — O primeiro ministro russo, Nicolai Bulganin, num discurso pronunciado em Nova Delhi, declara que foram criadas tôdas as condições necessárias para o desenvolvimento do comércio e a cooperação econômica entre a Rússia e a Índia. — Ocorrem hoje pela primeira vez violentos choques armados entre os milicianos, uniformizados, dos dois principais partidos nacionalistas — o Istiqual e o Partido da Independência Democrática. — Em um comício democrata realizado em Chicago o sr. Adlai Stevenson, ex-candidato à Presidência da República, critica acerbamente a política externa do govêrno Eisenhower.

20 — DOMINGO: — A Assembléia Geral da ONU decide pela convocação de uma conferência destinada a estudar a revisão da carta da entidade, inclusive a revogação do direito de veto. — Representantes dos países integrantes do Pacto de Bagdad, Inglaterra, Turquia, Iraque, Irã e Paquistão inauguram uma conferência destinada a salvaguardar a segurança do Oriente-Médio, tendo como objetivo principal o conflito entre árabes e israelitas. — E na Argentina o juiz nacional Luis Bolet pede a extradição do ex-presidente Perón e do ex-ministro das Relações Exteriores, Angel Borlenghi.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — As autoridades malaias e britânicas ordenam o reinício das operações, em grande escala, das fôrças aéreas e terrestres, contra os terroristas comunistas no centro da Malaia. — O primeiro ministro da China Nacionalista adverte que a China Comunista e a União Soviética estão procurando minar a influência dos Estados Unidos na Ásia, obrigando, para isso, os norte-americanos a retirar-se do Pacífico ocidental. — Segundo fontes japonêsas, os russos teriam feito explodir uma nova e poderosa bomba atômica entre os dias 18 e 19 de novembro. — O govêrno do presidente Castillo Armas decide restabelecer a liberdade de formação e funcionamento dos partidos políticos, com a condição de que não "sejam de ideologia comunista ou totalitária".

22 — TÊRÇA-FEIRA: — A Chancelaria britânica qualifica de hipócritas as declarações do marechal Bulganin segundo as quais a União Soviética não interfere na política interna da Alemanha, acrescentando ainda que é justamente a interferência russa a responsável pela desunião da Alemanha. — E, não obstante os esforços pacificadores, verificam-se novos atentados terroristas em diversos pontos do Mar-

rocos. — A rádio de Tiflis anuncia o fuzilamento de cinco funcionários soviéticos por terem colaborado com Laurenti Béria, ex-chefe da polícia secreta russa. — A Câmara dos Deputados, reunida em sessão extraordinária, aprova o impedimento do presidente constitucional, sr. João Café Filho, que já havia assumido o poder amparado nas prerrogativas que a Carta Magna lhe faculta. — O presidente da República em exercício, sr. Nereu Ramos, envia ao Congresso uma mensagem pedindo a decretação do Estado de Sítio em todo o território nacional, pelo período de 30 dias, alegando para isso a comoção interna que alastra o país, em virtude da crise político-militar.

23 — QUARTA-FEIRA: — A Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos informa que a União Soviética provocou recentemente a maior explosão nuclear dentre tôdas as que já efetuou em seu programa atômico. — E na ONU, a Colômbia, Chile, Cuba e Equador propõem que a Assembléia Geral elimine de seu temário a questão da Argélia, que motivou a retirada da França do parlamento das Nações Unidas. — O Congresso discute a mensagem que pede a decretação do Estado de Sítio para o território Nacional.

24 — QUINTA-FEIRA: — Na Comissão de Desarmamento, o delegado britânico convida a Rússia a participar dos estudos de um plano objetivando um desarmamento imediato. Enquanto na Argentina é revogada a lei de segurança do Estado, e noticia-se que brevemente será também revogada a lei que instituiu a ditadura peronista. — Um movimento clandestino chipriota declara guerra às tropas britânicas de serviço nessa estratégica ilha do Mediterrâneo. — O Congresso Nacional, após exaustivas discussões, aprova a lei que institui o Estado de Sítio em todo o território nacional.

25 — SEXTA-FEIRA: — Ao apresentar a questão de confiança pela sexta vez em igual número de

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
PRINCIPE Hotel
BAR RESTAURANTE
A LA CARTE
Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00
Sem mais acréscimos
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

semanas, o presidente do Conselho de Ministros da França, sr. Edgard Fauré, desafia a Assembléia Nacional a que derrube o seu govêrno ou aprove a convocação para eleições em data próxima. — A Assembléia Geral da ONU retira de sua ordem do dia, sem objeções, a questão da Argélia, abrindo assim o caminho para que a França suspenda o boicote de dois meses contra o citado organismo. — O sr. presidente Nereu Ramos sanciona o decreto do Congresso Nacional que declara o Estado de Sítio em todo o território brasileiro.

26 — SABADO: — A França resolve, definitivamente, retornar à atual sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas, de que se retirara por ocasião da decisão de 30 de setembro da Assembléia de inscrever a "questão argeliana" na sua ordem do dia. — Notícias de Belgrado informam que o govêrno do presidente Tito está estudando a possibilidade de reconhecer o regime do generalíssimo Francisco Franco. — E o sr. Nikita Kruchtchev rejeita a proposta do presidente Eisenhower a respeito dos sobrevôos recíprocos dos territórios dos dois países, alegando que isto teria por resultado uma corrida armamentista.

27 — DOMINGO: — Noticia-se de Paris que o Gabinete francês se encontra em xeque, na votação da questão de confiança relativa à convocação das eleições gerais. — As autoridades britânicas da ilha de Chipre declaram o estado de emergência para a localidade de Nicosia, colocando em pé de guerra mais de 12 mil homens. — É concedido ao escritor André Dhotel o famoso prêmio "Femina". — O presidente da República, sr. Nereu Ramos, nomeia executor do Estado de Sítio o general-de-divisão Lima Câmara, o qual é imediatamente empossado perante o sr. Menezes Pimentel, ministro da Justiça.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — Círculos autorizados informam que acaba de chegar ao pôrto de Alexandria, um navio soviético carregado de material bélico destinado às fôrças armadas do Egito. — E na Alemanha, dois parlamentares norte-americanos são detidos na zona russa de Berlim, fato que vem provocando sérias reações de parte das autoridades americanas. — O sr. presidente Nereu Ramos reúne no palácio do Catete os diretores dos jornais cariocas, transmitindo-lhes o pensamento do govêrno sôbre a execução do Estado de Sítio, no que se refere à censura à imprensa.

29 — TÊRÇA-FEIRA: — Por 318 votos contra 218 o Parlamento francês nega o voto de confiança solicitado pelo primeiro ministro Fauré, na questão da convocação das eleições gerais, determinando a queda do gabinete. Por outro lado anuncia-se que o presidente da República, sr. Coty está cogitando de dissolver a Assembléia Nacional, o que representa uma medida extrema e poucas vêzes aplicada em tôda a história do parlamentarismo francês. — Moscou promete suspender as experiências de bombas atômicas e de hidrogênio se a mesma atitude fôr tomada pelas potências ocidentais. — Enquanto o sr. Foster Dulles insiste em responsabilizar a Rússia pelo fracasso da Conferência de Genebra.

30 — QUARTA-FEIRA: — O gabinete francês, após uma tormentosa reunião, decidiu dissolver a Assembléia Nacional, contra os votos dos membros pertencentes ao partido Radical. Noticia-se que dentro de 30 dias deverão ser realizadas novas eleições. — E na Argentina, o govêrno provisório do general Aramburu assina um decreto-lei pelo qual se ordena a devolução do periódico "La Prensa" aos seus legítimos donos. — Enquanto o presidente Eisenhower dirige um apêlo à China Nacionalista no sentido de não ser vetado o ingresso da Mongólia Exterior na ONU, a fim de não prejudicar a admissão de 17 outras nações candidatas.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ BULAS
★ FOLHETOS
★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXIX — N.º 8 — JANEIRO — 1956

DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

1º TORNEIO DE 1956
Janeiro-Fevereiro-Março

ENIGMAS

— 1 —

Na tua cara **travêssa**
E bonita na verdade,
Só lastimo que apareça
Um pouquinho de **vaidade.** (6 L)

Ruvina (Pôrto)

— 2 —

Jubiloso, digo: **aceito**
O meio tão adequado
De dar ensino perfeito
Ao moço **indisciplinado** (6 L)

Heron Silpes (Canavieiras)

— 3 —

Ao Mavicaro, muito grato

Não se **busque** nos extremos
A letra que no meio está,
Porque lá não se a verá,
Disse um **maçante** dos demos. (6 L)

Dr. Zinho (S. Paulo)

— 4 —

Lá na Fazenda da Sé,
Já na divisa do [Crato,
Foi morto Chico [José
Por um caboclo do [mato.

O desalmado sicá- [rio,
Que não tinha cora- [ção,
Foi prêso pelo vi- [gário
E conduzido à pri- [são
Onde está?

Tonnew (Cascadura)

— 5 —

Quando a mocinha é brejeira
Tem mil sonhos na cabeça.
Torna-se, pois, janeleira,
E quase sempre travêssa.

Tem o nome de "brotinho",
Pulá, canta e se entusiasma,
E namora em seu caminho,
Qualquer um... até um fan- [tasma... (6 L)

Gil Vírio (Andradina)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

6 — Duas-três — Aqui não é **lugar** para você reclamar **dinheiro** com êsse **palavriado inútil**.

Alô Tropina, C.E.C. (Rio)

---

7 — Uma-duas — O **aspecto** grave e **airoso** dá personalidade ao **"homem"**.

Audas (Passos, MG)

---

8 — Duas-uma — Esta **variedade de tabaco** que **tua** irmã comprou, só tem consumo em **choça de pretos**.

Beatriz Cardoso — C.E.P.

---

9 — Duas-duas — Quando o pião **rodopia** e zune, **alegra** tôda a gurizada, provocando uma **azáfama** infernal.

Conselheiro (R. G. do Norte)

---

10 — Três-uma — Quem se **mete nos matos** ou **onde** não é chamado, não passa de **pessoa importuna**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

---

11 — Três-duas — Com um grande **facão dos sertanejos** baianos, o **ladrão do mar** devastou esta **espécie de lagarto** da família dos tolídeos.

Debrito, G.C.N. (Recife)

---

12 — Duas-duas — Que **velhaco**! Além de **sujar** o salão, tudo fêz **mudar para pior**.

Rascom

---

13 — Duas-uma — Nesta **conjetura**, quem fica **isolado**, mostra ser **brioso**.

Eurico II (Baúru)

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráticos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: À venda na Livraria Clássica Editôra.
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.....

NOME.....

RUA..... Nº.....

CIDADE.....

ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

14 — Duas-duas — O **caipira** por uma **fôlha de palma** provocou um grande **barulho**.

Farani (Salvador)

---

15 — Duas-uma — Para compensar a **labutação** diária **basta** um animado **bailarico**.

Florentino (J. Pessoa)

---

16 — Duas-uma — **Vale** a pena fazer **intriga** do sujeito **rude**.

Gil Vírio (Andradina)

---

17 — Duas-duas — Leve já daqui êste **grampo** de ferro, **negro** do **diabo**!

Heron Silpes

---

18 — Duas-uma — **Atira-se** o **criminoso** sôbre o **arcobotante** e assim consegue escapulir.

Oarcim (Rio)

19 — Duas-uma — Embora o médico **afiance** ser o **tumor** benigno, a sua extirpação é **tarefa difícil**.

Dr. Kean (Taubaté)

★

LOGOGRIFOS

— 20 —

Dizem que o **afago com a**
[**mão** — 4-9-1-9-4-7
É coisa louca meu irmão,
É carícia e é cafuné.
Quando feito com **ligei-**
[**reza** — 1-9-4-2-8-9
É um prazer, é uma be-
[leza,
Só eu sei como êle é.

É a **tábua de salvação** — 4-9-3-1-7-3-4-2
Quando sem sono no
[verão,
Lânguido o corpo espai-
[rece — 3-2-1-6-5-1-7-3-4-7
E no **auge** da nostalgia — 8-7-3-5-4-2
A triste melancolia,
Sem **esfôrço** desaparece.

Dr. Legnar (S. Paulo)

— 21 —

Da mocidade à velhice
O tempo passa ligeiro
Surge muita **esquisitice** — 3-4-5-6-2
Porém tudo é passageiro.

É **diminuta** a existência — 3-2-7-6-5-4
O **corpo** logo se cansa — 1-2-3-4-5-8-9
Tão grande é a Providência — 1-4-3-2-5-8-4
Que nos dá muita esperança.

Feliz, pois, posso dizer
É o tempo-de-menino
(Ah! se eu pudesse ser
Sempre, sempre **pequenino**).

Mavícaro (Recife)

— 22 —

Ao eminente jurista dr. Marques Pôrto

O direito nunca é **escasso** — 6-9-7-3-9
A quem se **agite** em razão. — 6-5-8-2-1
Contexto de lei dá o passo, — 3-9-4-6-9
Arestos dão **direção**. — 3-7-4-2-9
O confrade charadista,
Será preciso dizê-lo?
Cultiva, como jurista,
O Direito, em plena liça,
Fazendo sempre justiça,
Com intransigência e com **zêlo**.

R. Kurban, T.B. (São Paulo)

★

CHARADAS SINCOPADAS

23 — Três (duas) — Convém **estabelecer regras para jogar o ás sôbre a carta sete, no jôgo da bisca**.

Alô Tropina, C.E.C. (Rio)

Ao velho amigo e emérito charadista Bisilva

24 — Três (duas) — Mandote o Rei **Fantasma**, de Coelho Neto, e A **mulher** de fogo, de Feuillet, duas maravilhas, meu caro.

Conselheiro (R. G do Norte)

---

25 — Três (duas) — Quem é **inteligente** não se deixa arrostar pela **paixão**.

Champollion (Pôrto Alegre)

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA ..... **Nº** .....

CIDADE ..... **ESTADO** .....

26 — Três (duas) — Tôda **obra ligeira, escrita ràpidamente** não **tem possibilidade** de êxito.

Dr. Legnar (Urupés)

---

27 — Três (duas) — **Esta espécie de rêde de pescar** é sempre preferida quando a pescaria é feita à **margem** do rio ou na **corrente de água**.

Debrito, G.C.N. (Recife)

---

28 — Três (duas) — **Que** falta de **sensatez, amarrar o** sapato com uma **correia**...

Eurico II (Bauru)

---

29 — Três (duas) — **Êle** agiu com **inteligência** e muito **tino**.

Farani (Salvador)

---

30 — Três (duas) — **Perto** da estaca **passa o dia o indivíduo tolo**.

Gil Vírio (Andradina)

---

31 — Três (duas) — **Que clínico atrevido!**

Gildo Rosas, G.C.R. (Pe.)

---

32 — Três (duas) — **Causa** decepção quem **joga**.

Néo Rosas, G.C.R. (Pe.)

---

33 — Três (duas) — **Atirei** no **mar encapelado, um baralho preparado para dar ganho a algum dos parceiros**.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

34 — Três (duas) — **Sempre** leva **bofetada quem vive na bebedeira**.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

35 — Três (duas) — O homem **mandrião** é de fato um tipo **ordinário**.

Mavicaro (Recife)

---

36 — Três (duas) — Para **arrasar a** fortaleza o **exército** teve que **sofrer** rudes trabalhos.

Oarcim (Rio)

---

37 — Três (duas) — Aquêle que **sobressai pela glória** nem sempre é o que melhor **dirige**.

Ruvina (Pôrto)

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453 São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja Tel.: 37-5679

CHARADA ANTIGA — 38

Coma pouco e devagar — 2
Dum **rol** de coisas desista, — 2
A fim de não agravar
Mais a **crise inflacionista**.

J. D. Mingo (Botucatu)

CHARADAS CASAIS

39 — Três — Aquêle homem apesar de levemente **tocado** causou grande **desordem** no boteco.

Beatriz Cardoso, C.E.P.

---

40 — Quatro — A moça estava tão **entalada** e com o estômago **completamente cheio** que mal podia respirar.

Cysneirense Jr. (Muriaé)

---

41 — Duas — Faz **quinze minutos** que espero pela **bilha**.

Champollion (P. Alegre)

Prov. do Dr. Lavrud

42 — Quatro — Deus veste a **noiva** e o diabo o **noivo**.

Dr. Legnar (Urupés)

---

43 — Duas — Êle **censura**, esquecendo-se que, também, merece **censura**.

Griwil, C.E.C. (P. Alegre)

---

44 — Duas — O boi está **caído** porque quebrou a **mão**.

Gilvanete Rosas (Pe.)

---

45 — Três — Êle **retira-se dissimuladamente** porque é **rude**.

H. França (Recife)

---

46 — Cinco — Para certas moças, um rapaz **bochechudo** é uma coisa **monstruosa**.

José Coelho Vieira (Maceió)

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

47 — Duas — **Vibro** as cordas em **suave melodia**.

KTQZ (S. Paulo)

---

48 — Quatro — Você sempre cai do **cavalo** com muito **exagêro**.

Mavicaro (Recife)

49 — Três — Todo indivíduo **silencioso** tem, sem dúvida, alguma idéia **secreta**.

Ismênia (Recife)

---

50 — Três — Fazer **pirraça** não traz bom **proveito**.

Mag, ACCB (Salvador)

---

51 — Duas — Com êste binóculo observarás melhor o **espinhaço** da **montanha**.

P. Del Debbio, ECP (S. Paulo)

---

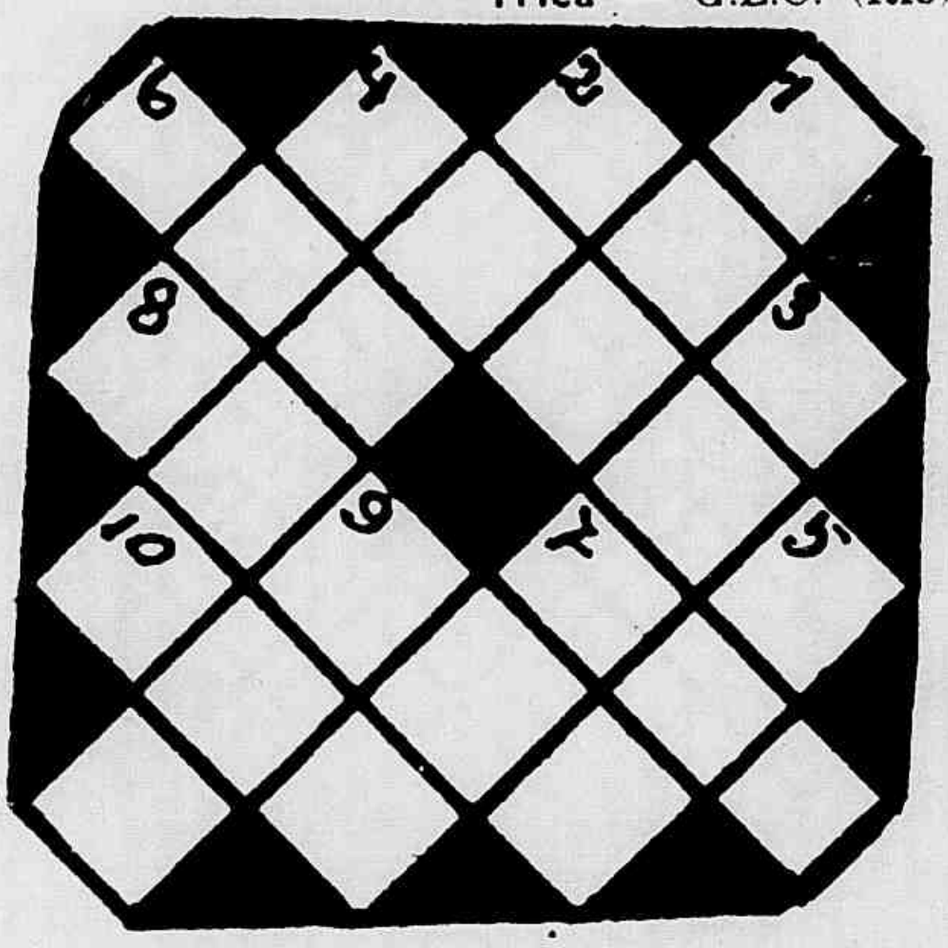
52 — Três — Aquêle **que parece ter defeitos** é sempre pessoa **que dá cuidados**.

Ruvina (Pôrto)

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

Trica — G.E.C. (Rio)

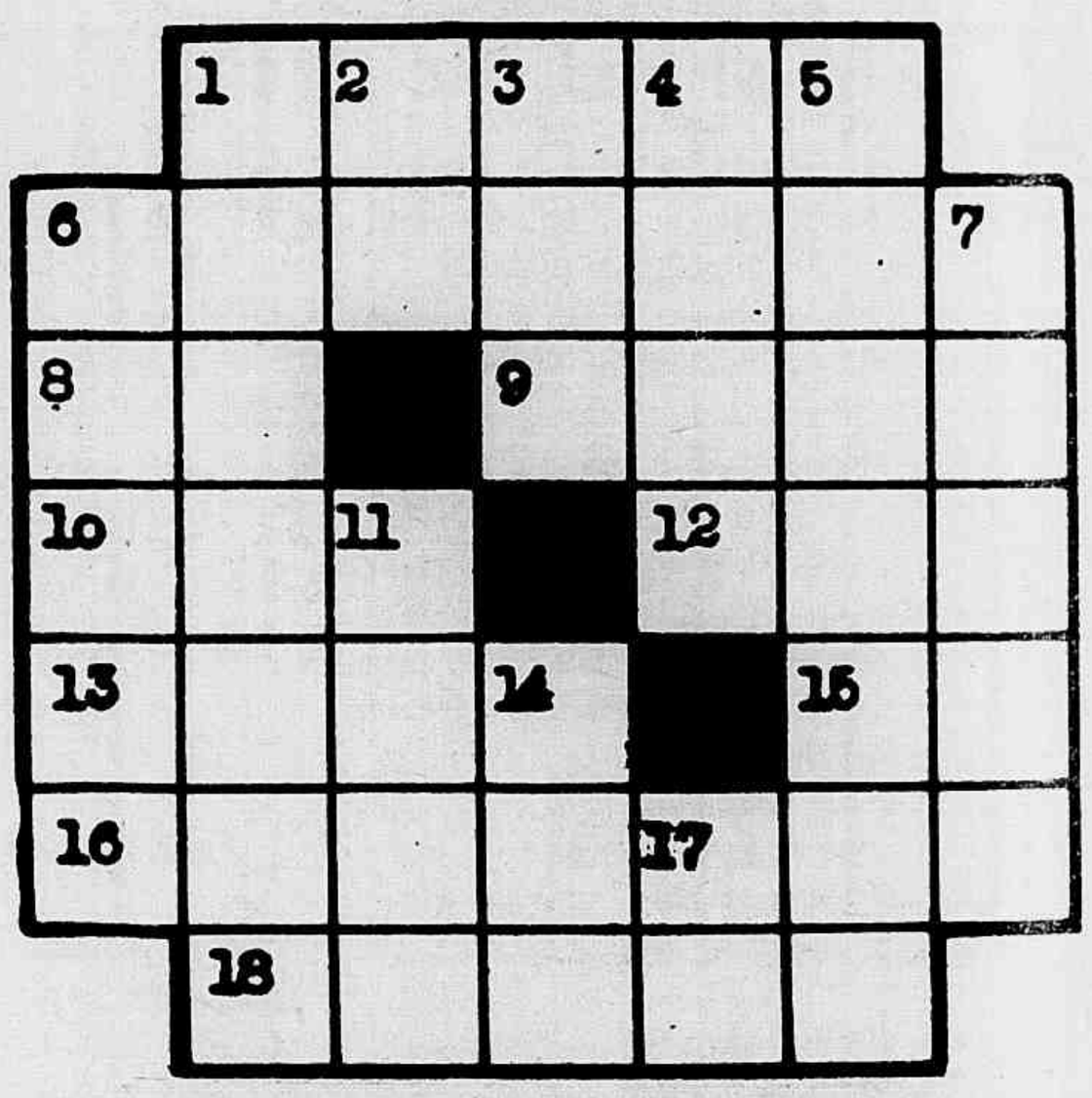


Horizontais: 1 — Gostará; 6 — Ilimitado; 8 — Deus egípcio; 9 — Eros; 10 — 365 dias; 12 — Altar de sacrifícios; 13 — Volta; 15 — Prep. indica aproximação; 16 — Respeitava; 18 — Fruto da amoreira.

Verticais: 1 — Que tem forma de anã; 2 — Terceira nota musical; 3 — Governanta de padre; 4 — Capital da Itália; 5 — Venerava 6 — Reserva; 7 — Ermida; 11 — Rezam; 14 — Parte de uma peça teatral; 17 — Atmosfera.

PROBLEMA N.º 2

Conselheiro (R. G. do Norte)

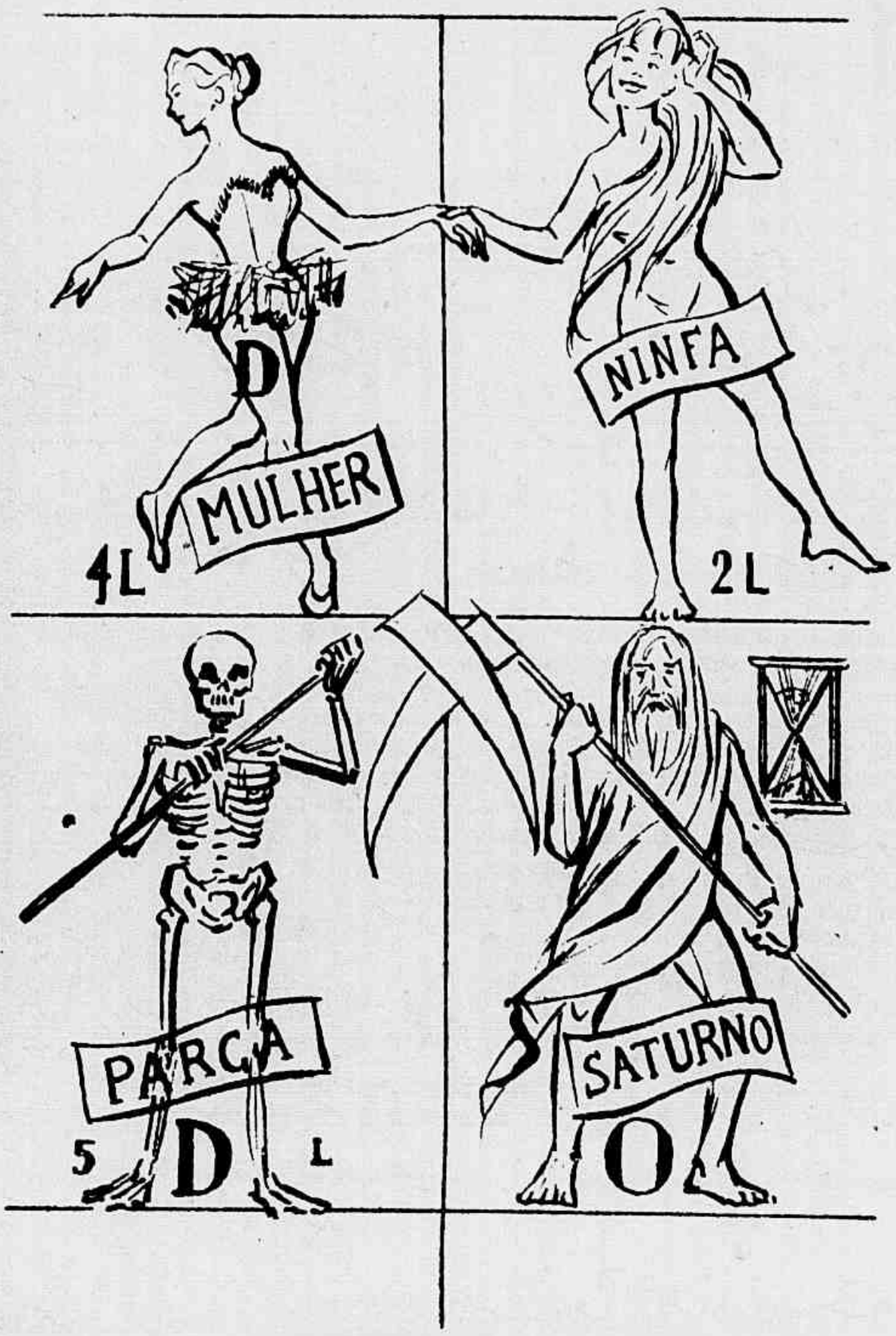


Horizontais: 1 — Valia 40 na idade-média; 2 — Descascar milho; 4 — Revelar; 6 — Rumo; 7 — Simples; 8 — Ligada; 10 — Vincula.

Verticais: 1 — Espera; 2 — A cancha na charqueada onde é esquartejada a rês; 3 — Afinal; 4 — Telia; 5 — A plebe; 9 — Mesmo.

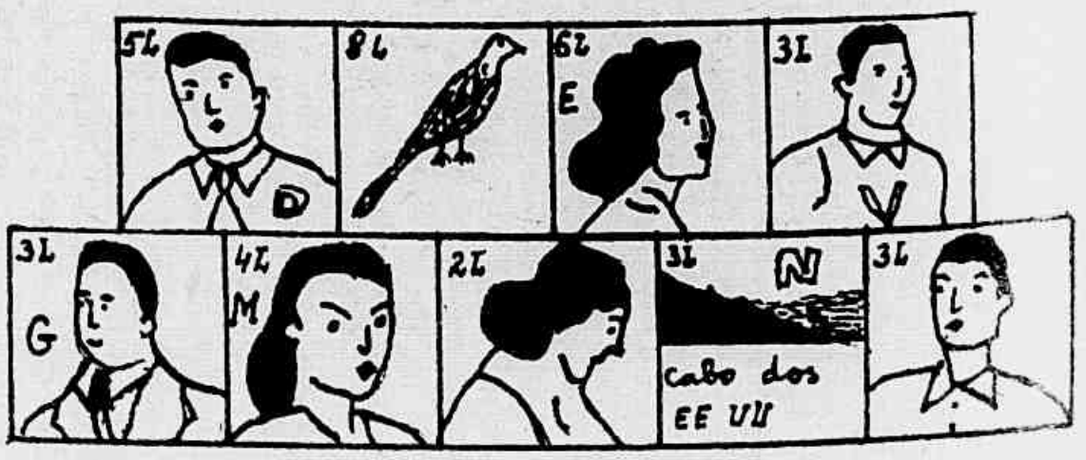
ENIGMA FIGURADO

Heron Silpes (Canavieiras)



ENIGMA FIGURADO

Sefton (Rio)

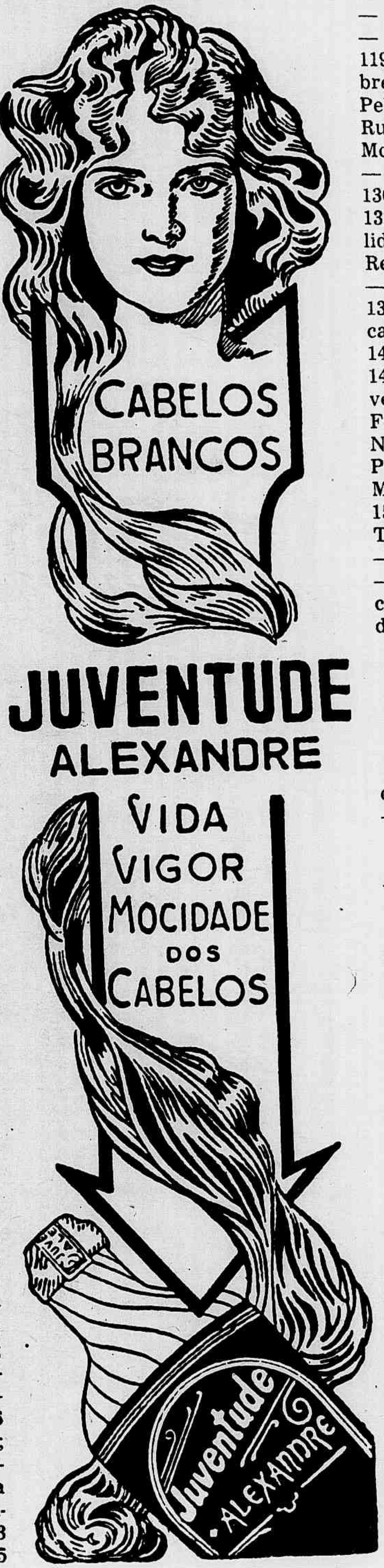


2.º TORNEIO DE 1955

Soluções

1 — Maria **branca; 2 —** Praz-me; 3 — **Beijoqueira; 4** — Vareio; 5 — **Trinca-espinha;** 6 — Janota; 7 — **Desancador;** 8 — Volta-face; **9 — Fada; 10** — Aquilata; **11 — Pamonha-**azêda; 12 — **Generoso; 13 —** Chincada; 14 — **Boi-com-folha-**gens; 15 — **Mapati; 16 — Roda-**de-pau; 17 — **Besta-fera; 18 —** Assoberbado; **19 — Rapto; 20** — Repartido; **21 — Desarrufo;** 22 — Sambarca; **23 — Cor-**rida; 24 — **Apêrto; 25 — Es-**parso; 26 — **Olha; 27 — Pe-**guilha; 28 — **Descalça; 29** — Pipoco; **30 — Sêco; 31 —** Soadeira; 32 — **Martela; 33 —** Descambada; **34 — Bravo; 35** — Passados; **36 — Cábula; 37** — Patola; 38 — **Livrança; 39 —** Libambo; 40 — **Marasmo; 41** — Tarasca; **42 — Penego; 43 —** Cuira; 44 — **Algema; 45 —** Piola; 46 — **Apêrto; 47 — Ca-**bala; 48 — **Atração; 49 — Lou-**ceira; 50 — **Pachola; 51 — Li-**sura; 52 — **Revide; 53 — O** robalo, **comprar e não roubá-**lo; 54 — **Salada de pepino não** dês a menino; **55 — Iátrica;** 56 — Santimônia; **57 — Ou-**tono; 58 — **Mesclo; 59 — Pe-**luda; 60 — **Passeira; 61 — In-**cluso; 62 — **Inculca; 63 —** Marmo; 64 — **Buzino; 65 —** Grandiloqua; **66 — Místico; 67** — Encalça; **68 — Ensebado;** 69 — Pródiga; **70 — Pespega;** 71 — Bonita; **72 — Estouvado;** 73 — Bicha; **74 — Casaca; 75** — Claro; **76 — Monumento;** 77 — Macaio; **78 — Prazo-**dado; 79 — **Marchante; 80 —** Gabela; 81 — **Suruba; 82 —** Mirongas; **83 — Manilha; 84 —** Pereba; 85 — **Laracha; 86 —** Tareco; 87 — **Borneira; 88** — Escama; **89 — Correja; 90 —** Ligeira; 91 — **Canhenho; 92** — Pernada; **93 — Rodilha;** 94 — Chibantear; **95 — Man-**gofa; 96 — **Cabotino; 97 —** Vindimado; **98 — Cão-miúdo;** 99 — Tarouco; **100 — Panteia;** 101 — Querima; **102 — Empa-**choso; 103 — **Possuído; 104 —** Desarmar; **105 — Bestiaga; 106** — Acicalar; **107 — Muletada;** 108 — Sinagoga; **109 — Mano-**juca; 110 — **O cão ladra para** a ladra; 111 — **Imitar é pla-**giar; 112 — **Perliquitete; 113** — Espírito; **114 — Pugilo; 115** — Suruba; 116 — Loucura; 117 — Corincho; 118 — Dengosa; 119 — Pichorra; 120 — Gibreiro; 121 — Batuta; 122 — Pelota; 123 — Viçoso; 124 — Rubido; 125 — Estrito; 126 — Morteiro; 127 — Gravata; 128 — Legalidade; 129 — Omisso; 130 — Precioso; 131 — Précito; 132 — Pequena; 133 — Estólido; 134 — Fumoso; 135 — Refuga; 136 — Cumpridor; 137 — Demais; 138 — Cavidade; 139 — Resteva; 140 — Roncador; 141 — Predicamento; 142 — Pejoso; 143 — Bacurau; 144 — Rustidor; 145 — Caboverde; 146 — Relato; 147 — Festarola; 148 — Caso; 149 — Numera; 150 — Cerra; 151 — Ponto; 152 — Palestro; 153 — Marisca; 154 — Propínquas; 155 — Escarmentado; 156 — Tributa; 157 — Mando; 158 — Aberta; 159 — Estila; 160 — Com o que Pedro sara, Sancho adoece; 161 — A más fadas, más bragas.

★



PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1: Leal — Medrar — Ido — Ci — Vi — Cem — Acoita — Esse.

Problema n. 2: Ave — Caiva — Atrai — Laido — Sai.

Problema n. 3: Resilira — Além — Mar — Se — Ocimo — Volatas — Cadáver — Adira — Ai — Pot — Cama — Arapocas.

Problema n. 4: Parana — C — Pólo — S — Abala — Pe — Lar — Ruem — Atai — Ole — De — Rasai — O — Lais — A — Massas.

Problema n. 5: Apagogia — Urra — Itu — Do — Varar — Tremara — Fretara — Raiar — Re — Air — Roel — Cravasse.

Problema n. 6: Ar — Ob — — Canaca — Atitar — Avir — Aferir — Pilono — AA — Ar.

★

DECIFRADORES

Totalistas: — Oicaroh; Don Roal, Durmel, Sertanejo II,

Oarcim, Polydamos, Sefton, Kiapp, Tonnew, Uedath, Salbaim, Ronega, Buridan, P. Del Debbio, Gil Vírio, Ruvina, Ordisi, Yonix, Seu Gunele, H. França, El Principe, Calpetus, Kinsos, Orlírio Gama, Griwil, Wilgri, Bastão de Baco, Dr. Barreto Cardoso, Cartos, De Souza, Lidaci, Nel-Son, Paraná, Sinhô, Yvelise, Drope, Dr. Zinho, Dr. Legnar, Ed Vep, Ecebê, Conde de la Fére, Breque, Malba Tantan, Olin, O Sineiro, Simões, Tarcísio, Nostradamus, Navegador, Bisilva, Pompeu Júnior, Ordisi, Pinguinho, Alô Tropina, Florentino.

2.º lugar: — Marciano, José Coelho Vieira, Simplória e Simplícia, Roama, Paulo L. Costa, Mag, Iris.

Nota: — Todos concorrem aos problemas de palavras cruzadas, menos Oicaroh, Don Roal e Durmel, e mais Mme. Paulette, Darwinho, RACHA, Walter T. Chaves, Naná, Ranzinza, Marlene.

★

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 25 de novembro:

Tia Maria (Rio) — Inscrita com muito prazer; a sua bênção.

Dr. Kean (Taubaté) — Gratos pela colaboração; o 56 está certo.

Heron Silpes (Canavieiras) — Gratos pela colaboração; escrevemos pelo correio.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

SANTOS

São Vicente - Ponta da Praia

Cidades turisticas por excelencia, as praias santistas são um mundo de encantamento e beleza, ligadas a São Paulo pela modernissima e pitoresca Via Anchieta - orgulho da engenharia nacional. A facilidade de comunicação entre S. Paulo-Santos-S. Vicente e Ponta da Praia, constitue um verdadeiro recorde mundial, pois só o EBVL mantém com seus confortaveis onibus, viagens de 3 em 3 minutos.

Modernas Agências que oferecem o máximo conforto

★

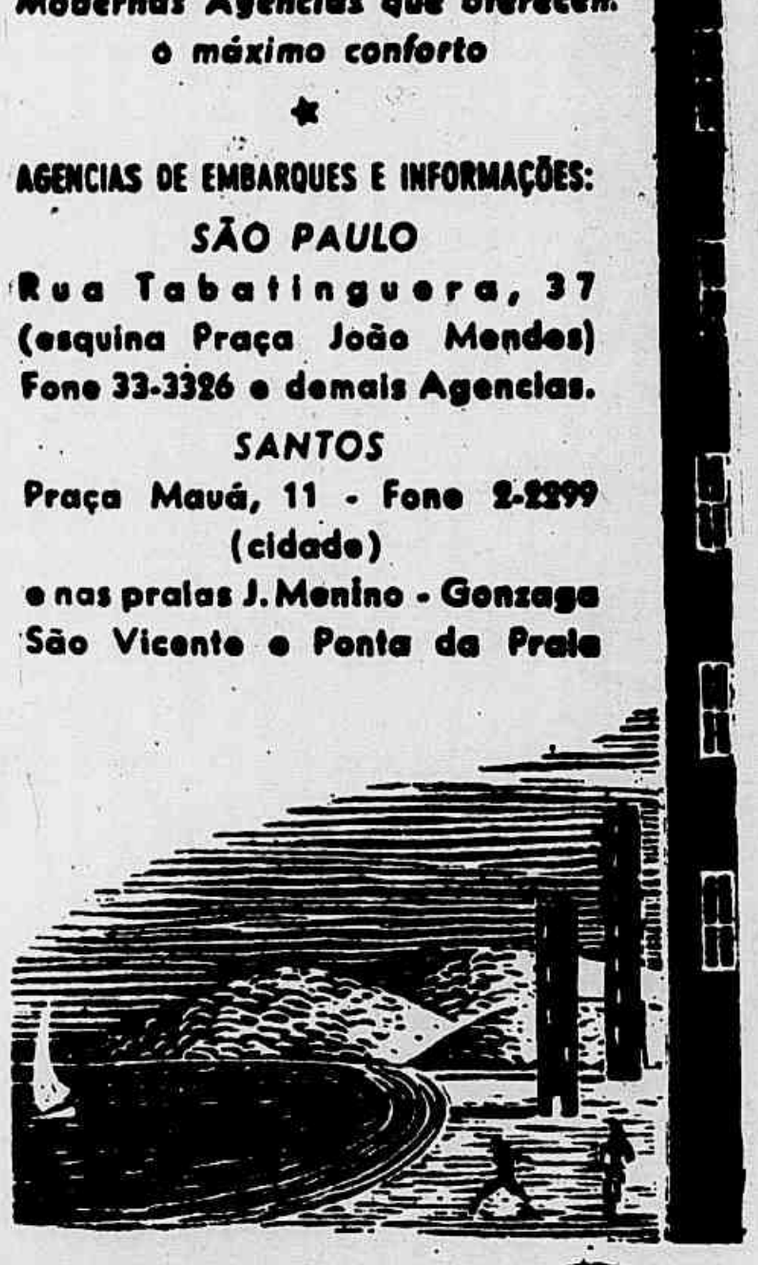
AGENCIAS DE EMBARQUES E INFORMAÇÕES:

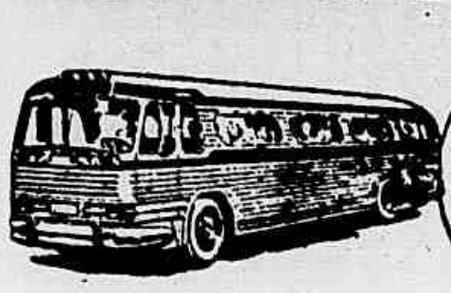
SÃO PAULO

Rua Tabatinguera, 37
(esquina Praça João Mendes)
Fone 33-3326 e demais Agencias.

SANTOS

Praça Mauá, 11 - Fone 2-2299
(cidade)
e nas praias J. Menino - Gonzaga
São Vicente e Ponta da Praia





EXPRESSO BRASILEIRO

O QUE DEVE SER DIVULGADO

Realmente, a notícia recém-**publicada num jornal** francês **(Noir et Blanc) sob** o título **"Des mots durs" — Palavras Duras — merece ser** divulgado, **para que muitos,** entre **nós cessem de criticar** injustamente **os nossos policiais** e os **métodos e recursos** usados **pela nossa polícia.**

Comentando o lamentável **fato do assassino** de uma **jovem inglêsa, Janet** Marshall, **estrangulada quando** passava **as suas férias na França,** na **região de Amiens, sem** que a **polícia, ao fim de muitos** meses, **nada tivesse conseguido no sentido de descobrir** e prender **o criminoso, o jornal** lembrava **que êsse não era** o primeiro **caso. Outros turistas** inglêses **tinham sido atacados** e **mortos misteriosamente,** em **território francês,** ficando a **polícia francesa sem saber** a **quem prender. E o jornal** parisiense **afirmava que** êsses **fatos tinham provocado** violenta **reação na Inglaterra,** onde **o "Sunday Graphic"** escrevera: **"O assunto não** pode **ficar assim, sem solução.** Enérgicos **protestos devem ser** imediatamente **endereçados** ao govêrno **francês. As centenas** de **milhares de cidadãos** inglêses **que visitam anualmente** a **França precisam ter a certeza de que estarão plenamente** protegidos **pela lei."**

E concluía o jornal inglês, **com estas palavras** realmente **muito duras:**

— "Se os franceses não podem **descobrir o assassino** com **seus próprios recursos...** que **chamem a Scotland Yard** (Polícia inglêsa) **para agir em** seu **lugar!"**

Aí está. Também a famosa, eficiente, bem aparelhada e **esforçada polícia francesa** tem **lá os seus reveses,** e muitos **criminosos ficam impunes** na **terra de Mariana.**

★

PARA OS CALVOS

Diz-se que uma fricção com **água salgada, aplicada** de vez **em quando, evita a queda** dos **cabelos. Por isso os calvos** de**vem tomar banho de mar.**

BEIJAR POR BEIJAR

(Continuação da página 58)

Aproximou-se de Betty e beijou-a ligeiramente no rosto. Os Hornes formavam o casal mais interessante que Peg conhecia. Êles viviam sempre nos braços um do outro, mas não chegavam a embaraçar as pessoas presentes. "Eu os admiro muito — pensou Peg. — Êles se amam tão espontâneamente quanto respiram."

— É bastante que se viva com um casal durante dois dias para se saber onde está a mentira — disse John Bridges. — Acho que vocês dois se sentem exatamente como eu imagino que seja o casamento. Até parece que possuem uma espécie de religiosa vocação. Quando nos casamos renunciamos à felicidade individual por uma forma de vida comum em que a nossa finalidade é ajudar um ao outro a alcançar...

Parou, procurando a palavra que lhe faltava.

— A santidade? — perguntou Steve. — Aplicando esta sua reflexão sôbre o casamento à vocação religiosa pode ser que dê certo!

— Não! Santidade é uma palavra muito forte — replicou John. — Digamos... maturidade.

— Francamente, estou intrigada com o que você acaba de dizer — afirmou Peg, olhando-o fixamente, como se não pudesse desviar o olhar.

— Ouçam, amigos, se vocês querem viver com amor no coração, porque não chegam a um acôrdo! — disse Betty. — Quanto a mim já considero o assunto esgotado, e agora gostaria de falar a respeito de Humphrey Bogart. Quem pensa que êle é o maior, o mais vigoroso...

— Mas não ao lado de Audrey Hepburn! — disse Steve, sentando-se ao lado de Betty. Ted se dirigiu ao bar, e John atravessou a sala e foi ter com Peg, que estava sentada num divã.

MAIS tarde, Peg achou que tudo o que êles disseram um ao outro naquela noite tinha uma profunda significação. Ela se sentia como se falassem de alma para alma, sem as limitações da linguagem. O resto dos convidados parecia haver desaparecido diante daquela mútua absorção. E não estiveram sózinhos, exceto por algum tempo na cozinha quando Peg lá foi aquecer o leite para o filhinho dos Hornes.

— Você é hábil na matéria — disse êle. — Tem filhos?

— Quatro diabinhos — respondeu Peg. Depois, provou o leite na palma da mão, consciente de que os olhos dêle estavam fixos nela, e lembrou-se do que Ted havia dito pouco antes. Compreendeu que havia encontrado sua alma gêmea nesse homem tão calmo, e ao mesmo tempo sentia-se maravilhada por ver que êle também a admirava. Peg ergueu a cabeça e perguntou:

— Você está pensando que eu sou uma boa mãe, não é verdade? Não se deixe empolgar. Reconheço que não tenho maturidade para ser mãe. Ainda preciso... Na verdade, não sei de que diabo é que eu preciso!

— Vejo que você não sabe ler pensamentos — disse êle. — Agora mesmo estou procurando descobrir o que está perturbando tão terrìvelmente a sua vida.

— Como soube disto?

— Não perca seu tempo fazendo perguntas tôlas. Diga sempre o que está acontecendo!

Peg despregou os olhos dêle e viu que a água estava fervendo furiosamente.

— Meu Deus, agora aqueceu demais! — e tirou a garrafa fôra da água.

— Deixe esfriar isto — disse John. — Eu costumo ferver o leite perto da torneira. Ao terminar, põe-se água fria e, perde-se pouco tempo.

— E fazia a mesma coisa para todos os seus dezessete filhos?

— Para dois!

E retirou com dois dedos um fio de cabelo que se achava sôbre a pálpebra de Peg.

— Não fique triste se eu lhe disser que ambos morreram. Foi há bastante tempo!

— Oh, não! — ela dirigiu-lhe um olhar que parecia querer obrigá-lo a compreender o quanto isto a entristecia. Com naturalidade, curvou-se e beijou-a de leve. Seus olhos fitavam os dela, porém suas mãos não se tocavam.

— Pronto — disse êle. — O que você queria saber já soube!

— Talvez — disse Peg.

— Agora faça de conta que não houve nada. Êsse beijo foi o princípio e o fim. Mas qualquer rapaz inteligente poderá desviá-la do seu caminho e precipitar a infelicidade sôbre seu lar. Por que não se contenta com o que tem?

— O que eu tenho não me agrada — disse Peg.

— Então, por que casou com êle?

— Eu o amava loucamente — continuou ela — mas agora já não falamos a mesma linguagem...

— A mesma linguagem! — disse John, com veemência. — Por que você não tenta ser tolerante e paciente para com êle a despeito de que, por momentos, êle se torne enervante? Desde que você possa vê-lo como um ser humano e que, além de tudo, é o seu marido, não há necessidade de preocupar-se com linguagem e coisas semelhantes. Que são as palavras senão símbolos por meio dos quais expressamos nossos pensamentos e sentimentos?

Nesse instante, Peg ouviu Betty chamar.

— Êste menino está morrendo de fome! — gritou ela da escadaria. — Afinal, você está pasteurizando o leite ou outra coisa?

— Estamos esperando que a garrafa esfrie um pouco — respondeu John.

Então Peg falou depressa:

— Não posso monopolizá-lo por mais tempo; mas, antes, quero fazer-lhe uma pergunta. Não pense que eu sou uma idiota; você mesmo sabe, por acaso, quem é?

John refletiu por algum tempo.

— Sou John Bridges, marido, filho, arquiteto. Claro que poderia ter sido um médico ou um beberrão. Já atravessei muitas encruzilhadas na vida. E creio que o meu encontro com você foi uma delas. Mas quando você conhecer o caminho que está trilhando, tenho a certeza de que tentará remover os impecilhos.

Olharam-se durante longo tempo. Peg falou:

— Você torna tudo tão simples!

— Justamente porque tudo é muito simples — disse êle. — Agora recordo-me de quando eu fazia um curso de Filosofia Oriental na Universidade. Li um livro chamado Bhagavad-Cita. Esta obra causou-me a impressão que ainda hoje sou capaz de dizer de cor capítulos inteiros. Há um parágrafo que pode ser aplicado a todos nós. Diz o seguinte: "É melhor compreender o teu dever, embora imperfeitamente, que cumprires os deveres de outrem com perfeição. Prefiras morrer cumprindo o teu dever; os deveres alheios sempre serão para ti motivo de grande perigo espiritual."

— Também gostaria de agir assim — murmurou Peg.

— Você deve agir assim! — repôs êle.

Neste instante, Betty gritou novamente, pedindo o leite, o telefone tocou, e Ted chamou.

— Peg, uma chamada para você!

A voz da sra. Lord do outro lado do fio estava nervosa:

— Bib levou um tombo. Não sei qual é o seu estado. Billy trepou-o na janela...

Minutos depois, Peg e Steve estavam em casa.

Felizmente, o acidente não era grave. E, após a saída da sra. Lord e do médico, Steve saiu do quarto silenciosamente e Peg, sentando-se no canapé, lá permaneceu por bastante tempo, pensando. Reviveu os acontecimentos do dia e recordou o breve encontro que tivera com John Bridges. Depois de meia hora, sentia-se profundamente cansada, mas muito calma de espírito.

Finalmente, começava a conhecer a si própria. Claro que poderia ter sido uma outra Peggy Lee, ou mesmo a sra. Gregory Peck. Tivesse ela encontrado John Bridges algum tempo antes dêle atingir a sua atual maturidade, e certamente teria surgido um caso amoroso. E se não o houvesse encontrado esta noite, seguiria fatalmente o seu caminho rumo ao divórcio. Naturalmente que poderia ter sido uma outra pessoa, mas, agora, sentia que não passava de Peg Thatcher, a espôsa e a mãe. **"Na verdade** — pensou ela — **as palavras não passam de símbolos para a expressão do que nos vai por dentro"**.

"No fundo, o papel de mãe e espôsa é uma coisa nobre, se o aceitamos com simplicidade. E é mais belo ainda se o en-

caramos como uma maneira de perpetuar a vida e estimular o altruísmo."

— Peg...

Era a voz de Steve, compassiva e amorosa. Na noite passada, antes de saber o que agora sabia, ela teria respondido da maneira mais fria e inexpressiva possível.

— Já vou, querido — disse ela, com voz suave, erguendo-se e apagando a luz.

Steve estava deitado co mo rosto voltado para a parede.

— Peg — repetiu êle — não é verdade que eu tenha vocação para o cláustro, pois gosto de me divertir e de bom uísque. E, como você deve ter notado, também adoro as crianças. Esta noite, enquanto Jefferson examinava Bib, fiquei rezando durante todo o tempo. — Voltou-se para Peg. — Você sabe que John Bridges era uma espécie de "espalha brasas", em casa? Ted estêve contando que a espôsa dêle ficou desorientada desde a época em que morreram os dois filhos, há três anos. Parece que ela está melhorando um pouco; mas, enquanto isso, os dois têm vivido num verdadeiro inferno; brigam diàriamente.

— Não é possível! — exclamou Peg, pensando em John, com afeição e profundo respeito.

— "Espalha brasas" ou não — continuou Steve — acho que há um pouco de verdade no que êle disse acêrca do casamento. Sinceramente, eu nunca havia pensado naquilo, antes.

— Nem eu — disse Peg.

E como Steve não falou mais nada, Peg entrou no banheiro a fim de preparar-se para dormir.

— Peg...

— Que é, Steve? — perguntou ela.

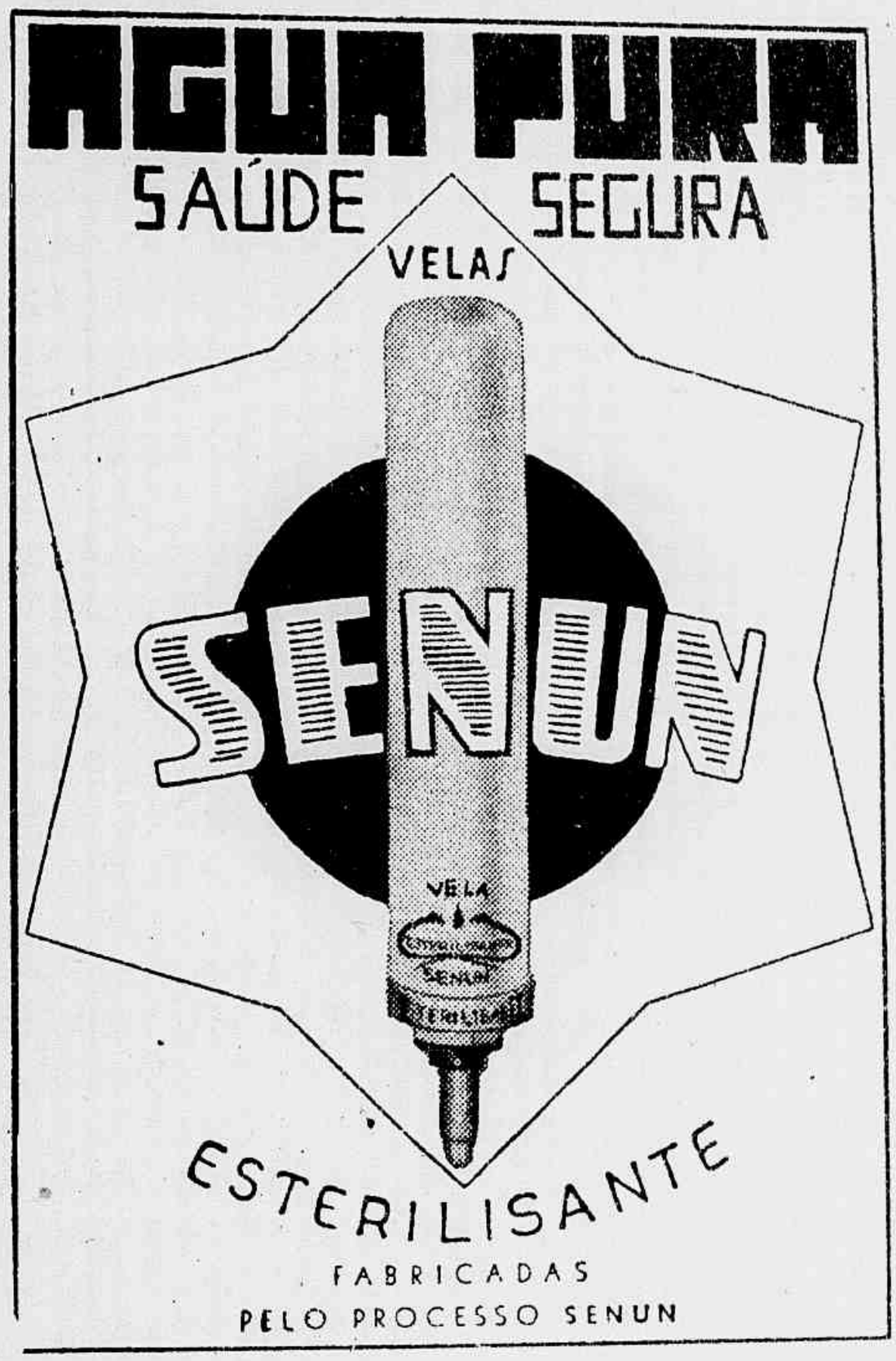
— Você vai ficar velhinha ao meu lado, não é, querida? Gorda, míope e feia, **mas sempre comigo!**

— Esta é a minha intenção — disse Peg.

E escovando os dentes, ela ouvia as divertidas gargalhadas do marido.

"Peg Thatcher — pensou ela. — Agora, sim; és uma mulher que ama e é amada."

E compreendeu que aquêle havia sido o mais importante dia da sua vida.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

DEMASIADO TARDE

(Continuação da página 8)

— Creio que sim. Assim o espero, pelo menos, pois que isso significaria que talvez tivessem podido sobreviver em alguma outra parte, apesar do resultado, negativo, da expedição que acaba de fazer venha diminuir essa minha esperança — prosseguiu. — O esconderijo foi criado quando tentavam pela primeira vez atravessar os espaços interplanetários, pouco depois do descobrimento da fôrça atômica, na etapa eufórica de sua juventude. Provàvelmente o criaram levados por uma espécie de fantasia exuberante, sem acreditar, sèriamente, que ia cumprir os fins que lhe haviam dado. (Voltou-se para fitar significativamente ao Explorador.) Se não estou enganado, nós mesmos criamos esconderijos parecidos.

Parou, como se procurasse recordar fatos já distantes, depois continuou:

— Minha reconstrução da sua história subseqüente ao esconderijo é em grande parte hipotética. Imagino os motivos de sua decadência e morte. O material suplementário vai chegando lentamente, embora ainda se realizem excavações em lugares muito separados entre si. Aqui estão as últimas informações...

Lançou ao Explorador um pequeno folheto de fôlhas metálicas, que atravessou o espaço entre ambos com um movimento curiosamente lento.

— Isto é o que mais me impressionou desde o início — observou o Explorador, abandonando o folheto depois de deitar-lhe um rápido olhar. — Se essas criaturas eram realmente adiantadas, por que não tivemos, **antes**, notícias delas? Devem ter deixado tantas coisas: edifícios, máquinas, obras públicas, muitas delas de imensas proporções... Por todos os lados deveríamos achar rastros dessas obras...

— A isso posso responder de quatro maneiras — replicou o Arqueólogo. — A primeira é a mais óbvia de tôdas; **o tempo!** Verdadeiras idades geológicas! A segunda é mais sutil. **E se temos estado procurando tudo isso... onde não devíamos?** Quero dizer: **e se essas criaturas ocuparam uma porção da Terra diferente da nossa?** A terceira é que, talvez, a energia atômica, mal dirigida, tenha acabado com a raça e destruído todo vestígio dela. A distribuição atual dos compostos radioativos na superfície da Terra dá certo pêso a esta teoria. A quarta — prosseguiu — é a minha crença de que, quando uma espécie inteligente começa a retroceder, tende a destruir, ou melhor dizendo: a degradar tôdas as coisas que criou tão laboriosamente. Os grandes edifícios arrasados para a construção de outros, menores! As máquinas destruídas para com elas fabricar ferramentas e armas... primitivas. Há uma espécie de desejo de apagar todo o progresso e voltar atrás. Entra a operar, a **Segunda Lei de Termodinâmica** cultural, pela qual a inteligência e suas obras se degradam lentamente até chegar ao mais baixo nível do entendimento e da faculdade criadora.

— Mas, **por quê?** — o Explorador parecia angustiado. — Por que há de acabar dessa maneira uma espécie inteligente? Concedendo-lhe a possibilidade de que tenham tomado as maiores precauções. Mesmo assim, pode ter ocorrido... Porém a quarta resposta... **é mórbida!**

— As culturas e as civilizações também morrem! — replicou serenamente o Arqueólogo. — Isso ocorreu repentinamente em nossa história. Por que não hão de morrer as espécies? Os indivíduos morrem. Há algo intrìnsecamente mais terrível na morte de uma espécie que na de um indivíduo?

Fêz uma pausa.

— Com relação aos membros dessa espécie, creio que um certo desequilíbrio temperamental apressou seu fim. Seus apetites e suas emoções não estavam devidamente subordinados a seu entendimento e a seu sentido do dramático, ao gôzo da comédia e da tragédia da existência. Eram impacientes e fáceis de incapacitar pela frustração. Segundo parece, eram singularmente culpáveis em seus prazeres, e portavam-se como lúgubres moralistas ou como glutões vorazes.

— Por causa de seus tabus e do seu crescente afã de domínio — continuou — cada indivíduo tendia a limitar seus afetos a uma diminuta família; em muitos casos, concentrava todo o seu amor em si mesmo.

Davam grande importância ao prestígio pessoal, à acumulação de riquezas ou ao exercício do poder. Sua grande capacidade de pensamento e de atividade manipulante se gastava nas coisas e não nas pessoas ou nos sentimentos. Sua tecnologia era muito superior a sua psicologia. E, fatalmente, descuidavam de pensar no fim da vida e da atividade intelectual, assim como nos meios de conservá-las.

Lentas sombras tornaram a passar pelas largas janelas do teto.

— E finalmente — disse o Arqueólogo — eram uma espécie que padecia de estranhas obsessões. Entre elas, tinham a idéia de que os outros, maiores que êles, tinham prosperado antes que êles, morrendo mais cedo e deixando-lhes o trabalho de reconstruir uma civilização das ruínas da sua. E acreditavam que dêsses outros sêres haviam herdado as poucas palavras e símbolos comuns a todos os seus idiomas.

— Deuses? — grunhiu o Explorador.

O arqueólogo encolheu os ombros.

— Quem sabe?

O Explorador voltou o rosto para olhar em outra direção. Sua excitação se dissipara visìvelmente, deixando nêle um resíduo triste e frio.

— Creio que já não me interessa saber mais sôbre êles — disse. — Parecem muito conosco. Talvez tenha sido um êrro vir até cá. Perdoe-me, velho amigo, mas no espaço interplanetário, até nossas emoções se tornam indisciplinadas. Tudo adquire uma indescritível emoção. Os caracteres se tornam tempestuosos. Passa-se, num instante, do tudo para o nada... Tinha, de fato, grande interêsse em saber algo dessa espécie perdida. Pensei que sentiria uma espécie de carinho de ânimo fraternal a seu respeito, através dos eons. Em vez disso, toco apenas em cadáveres! Recordam-me quando, no espaço interplanetário, diante da proa de nossa nave, vemos surgir, dèbilmente, à luz das estrêlas, um sol apagado. Formavam uma raça jovem. Pensavam que iam para alguma parte. Prometeram a si mesmos uma eternidade de esforços. E enquanto isso, aproximando-se cada dia mais dêles... surgindo do futuro porque tanto ansiavam... Oh! Tudo isso me parece tão inútil e tão injusto!

— Não estou de acôrdo! — disse com ardor o Arqueólogo. — Realmente, sua ausência da Terra o desequilibrou mais do que me pareceu a princípio. Considere bem o assunto. Afinal... a morte acaba com tudo! Mas o que lograram realizar, não há dúvida que foi grandioso. A felicidade que conquistaram existiu. O que fizeram no curto espaço de sua existência é prova do que poderiam ter feito, se tivessem vivido um bilhão de anos. O presente é sempre mais importante que o futuro. E não há criatura alguma que possa ter tudo... É preciso partilhar, deixar para os outros...

— Talvez seja assim — disse lentamente o Explorador. — Creio que tem razão. Mas ainda continuo a lamentar o drama do seu destino e a ter esperança de que alguns dêles conseguiram escapar e estabelecer uma colônia num planêta que ainda não visitamos.

Houve um longo silêncio. Depois, o Explorador se voltou para o seu amigo.

— Velho astucioso! — disse repentinamente, em tom que demonstrava haver recuperado em parte sua antiga alegria e animação. — Ainda não me disse nada de definitivo sôbre êles.

— Oh, tem razão... Tem razão — concordou o Arqueólogo com expressão de fingida inocência. — Já esquecia... Pois bem: saiba que eram vertebrados.

— Oh!

— Sim... E mais ainda: eram mamíferos.

— Mamíferos? Confesso que esperava coisa diferente... Bem diferente, mesmo.

— Já imaginava...

O Explorador mudou de tática:

— Êsse assunto das categorias evolutivas é pouco interessante. Até o saber como era seu aspecto não significava grande coisa. Gostaria de aproximar-me dêles de um modo mais íntimo. Que pensavam, por exemplo, de si mesmos? Como se chamavam? Bem sei que a palavra pouco significa, afinal, mas me ajudará a... reconhecê-los de algum modo.

— Não posso dizer a palavra — confessou o Arqueólogo — porque não possuo os órgãos vocais adequados... Mas conheço o suficiente de sua escritura para escrevê-la como qualquer um de nós a teria escrito. Incidentalmente, é uma dessas palavras

comuns a todos os seus idiomas e que êles atribuíam a uma raça de sêres anteriores.

O Arqueólogo esticou para a grande pedra um dos seus oito tentáculos. As ventosas de sua extremidade colheram firmemente um pedaço de giz côr-de-laranja. Outro de seus tentáculos apanhou os estranhos oculos, colocando-os diante de suas pupilas, que avançavam uns seis centímetros do rosto.

O brilhante animalzinho, que lembrava uma enguia, desceu novamente para o solo e pareceu cheirar curiosamente o pedaço de giz que traçava a palavra: RATO.

★

NOVOS ÓCULOS DESCANSAM OS OLHOS DOS TELESPECTADORES

O desconfôrto visual provocado pela prolongada fixação do olhar nas telas televisoras foi pràticamente anulado por um novo tipo de óculos, desenhado especialmente para êsse fim; é isso, pelo menos, o que anuncia o "Better Vision Institute", dos Estados Unidos Os óculos têm melhor equilíbrio e as lentes são polidas com o fim de tornarem mais nítidas as imagens.

Os cientistas descobriram que uma das dificuldades da visualização da tela da TV consiste na distribuição de energia pelo tubo do cinescópio. Em contacto com a luz incandescente, os olhos são mais sensíveis ao azul, depois ao verde e ao branco, e por último ao vermelho. Dêsse modo, o alto nível de energia do tubo do Cinescópio, que chega a 440 milimicrons (azul) significa alto nível de energia **na área onde a sensibilidade do ôlho é maior**. Era necessário, pois, descobrir um meio **de absorver** uma certa quantidade da luz azul sem afetar as outras partes do espectro.

Os novos óculos foram desenhados visando resolver êste problema. Suas lentes são cobertas por uma camada tão dura quanto o próprio vidro. E possuem côr amarela, a fim de eliminar parcialmente a intensidade da luz azul. Os novos óculos reduzem o brilho excessivo, diminuem a fadiga dos olhos, e representam uma solução ideal para remediar o desconfôrto de muitos fãs da televisão.

★

ARISTOCRACIA

— **A correspondência, sr. conde!**

★

O MANÁ BÍBLICO PODE TER SIDO MUSGO

O "maná" dos israelitas pode ter sido uma espécie de musgo que ainda hoje cresce sôbre as rochas nas regiões montanhosas das terras bíblicas, levado pelos ventos para as planícies, empilha-se, formando pequenos montículos, nos vales. Em 1891 houve uma abundante chuva de "maná" na Turquia. E ainda agora continua sendo comido pelas tribos do deserto. Uma espécie semelhante era usada pelos antigos egípcios para fazer pão, e atualmente é misturada com a alimentação.

Esta curiosidade da história da botânica foi revelada pelo dr. George Llano, antigo curador do "Museu Nacional" dos Estados Unidos.

Os musgos representam um interessante e único tipo de evolução. Cada musgo individual é constituído de dois associados diferentes e separados um do outro, cada um vivendo sua própria vida. Porém, vivem em íntima conjugação, pois, não sòmente agem como se fôssem um único organismo, mas também são capazes de reproduzir a unidade. Um dos associados é o Fungo, semelhante ao môfo; é êle o **armazenador de água**. O outro é a alga verde que faz o alimento para si e para o Fungo.

★

HOMENS honestos casam cedo, homens prudentes nunca. — Provérbio escocês.

JÓQUEI SABIDO... NUNCA APOSTA

(Continuação da página 48)

quando os oito animais, com Lucifer à frente, passaram bem junto da grade, ela soprou com violência. O que aconteceu, a seguir, foi qualquer coisa que Harry mesmo mais tarde não podia recordar nem mesmo podia acreditar que tivesse acontecido. Lucifer, com um relincho selvagem subiu, tirando as quatro patas da raia e tornou a descer, porém firmando-se apenas sôbre as patas traseiras, enquanto o seu jóquei fazia desesperados esforços para conter e corrigir o animal. Os sete outros concorrentes empinaram, viraram, saltaram, numa confusão de pêlos, sêdas e patas como jamais Harry assistira num prado. Ficou alguns segundos horrorizado, como que magnetizado, sem ação. De tal forma que apenas percebeu, confusamente, uma voz feminina, junto dêle, dizendo: **"Deixe-me passar, por favor... Preciso ir para o guichê, receber minhà bolada. Apostei cem na ègüinha! Então o Lucifer foi bem treinado para não se assustar, hein? Hah!"**

Antes de que Harry pudesse fechar a bôca, que deixara aberta, assombrado, a sua vizinha se esgueirara bem ou mal entre êle e a cêrca e desaparecera completamente da sua visão.

Então tornou a olhar para a pista...

Sòzinha, sempre pela raia externa, e agora à frente dos demais, **Snow Queen** braceava desenvolta, **para o vencedor!**

HARRY sacudiu repetidas vêzes a cabeça, para clarear as idéias ou procurar fugir de um possível sonho. Não devia sequer pensar em contar aos outros a sua história. Ninguém acreditaria! Por certo seria levado para o Hospício, onde o deixariam "em observação". E isto, sem dúvida, seria um grande choque para Evelyn.

Dirigiu-se para casa, mergulhado em seus pensamentos, e tendo os setecentos e cinqüenta dólares **extras**, no bôlso, como a única realidade num mundo fantástico. Naturalmente, teria que explicar a origem dêsse dinheiro a Evelyn. Chegava a pedir ao Céu que Evelyn lhe desse pancada, pois assim mais depressa recuperaria o senso da realidade.

Pousou o chapéu no cabide da saleta, desabotoou o paletó, vagarosamente e também vagarosamente falou:

— Estive nas corridas — disse para Evelyn, para lhe dar uma razão para começar logo a "esquentar".

— E daí? — perguntou Evelyn, com uma sombra ameaçadora no olhar.

— Daí... apostei!

As narinas de Evelyn se apertaram de tal forma que ficaram quase brancas. A seguir, entreabrindo os lábios para respirar violentamente, perguntou, entre dentes:

— Quanto?

— Apostei cinqüenta dólares.

Todo o corpo de Evelyn começou a tremer e sua voz se tornou estridente e incerta quando tornou a falar:

— Você... Você **a-pos-tou?** **A-pos-tou cin-qüen-ta dó-la-res?**

Repentinamente pareceu sufocar, como se todo o ar tivesse desaparecido da sala.

— Vamos... Ralhe comigo, querida — disse Harry, cruzando os braços.

— Você... apostou no **Lucifer, imagino!** Estive ouvindo, no rádio...

— Não. Não apostei no **Lucifer?**

— Ainda bem... Mas, de qualquer maneira, não apostou em **Snow Queen**... Só mesmo um trouxa — ou um maluco — apostaria em **Snow Queen**. Pagando 15 por 1!

— Mas **eu sou** êsse trouxa... e êsse maluco — disse Harry.

Evelyn deu um salto do sofá no estilo do que havia o pobre Lucifer executado, quando o projétil o atingiu no focinho. Por alguns instantes foi difícil para ela dominar suas emoções. Quando, afinal, pôde chegar-se ao marido, estava transfigurada:

— Querido! Meu anjo! — disse ela, metendo-se sòzinha entre os braços de Harry. — Quanto você ganhou? Oh! Nem sei mais multiplicar! Estou tão nervosa!

Harry entregou-lhe tôda a bolada, deixando-a sòzinha, contando o dinheiro e dando pulinhos, enquanto êle próprio foi para o quarto fechando a porta atrás de si.

UMA **poule** de 15 por 1! Entrou a pensar em têrmos matemáticos sôbre a série de acasos que haviam permitido a **Snow Queen** vencer o páreo. A sorte tinha entrado numa proporção de um por cem para que um idiota, êle próprio, fôsse pensar em apostar nas patas daquela égua; uma chance, em mil, para que a mulherzinha tagarela também apostasse em **Snow Queen**. Uma em dez mil para que ela tivesse uma sarabatana e a coragem de usá-la. Uma em cinqüenta mil para que a pontaria dela não falhasse, com os animais correndo num "bôlo" medonho e naquela distância. Uma em um milhão para que acertasse... no sensitivo focinho de Lucifer. Uma em dez milhões para que Lucifer, assustado, perdesse terreno e atrapalhasse a corrida de todos os animais... com exceção de **Snow Queen**. Uma em um bilhão para que todos aquêles concorrentes ficassem irremediàvelmente fora do páreo...

Harry moveu a cobeça repetidas vêzes, como se não acreditasse no que lhe ocorrera. Depois de tantas chances excepcionais, únicas mesmo, resultando talvez em uma favorável contra um trilhão contrárias, tudo o que êle lucrava eram uns miseráveis setecentos dólares, tendo arriscado perder cinqüenta!

Positivamente, o jôgo não compensava. Jamais tornaria a entrar num prado de corridas!

★

A PROVIDÊNCIA

Alguém disse que: "O mar jamais transbordará porque a providência, prevendo essa catástrofe, fêz nascer dentro dêle as esponjas."

O CASO DOS CEM EMBRULHOS HORRÍVEIS

(Continuação da página 65)

Entretanto, a polícia havia examinado os materiais que cobriam os repulsivos embrulhos. Um dêstes se achava envolto num pedaço de papel, que era uma página, rasgada, do "Sunday Graphic" e no qual era possível ler uma data: 15 de setembro. Um título, que só aparecia em parte, rezava: "...roada a rainha do Carnaval de... ambe", com duas fotografias de uma mocinha. O detetive-superintendente Adam M'Laren sabia que os jornais de grande circulação nacional, na Inglaterra, imprimem edições diferentes para as diferentes partes do país. Chegou, pois, com certeza absoluta, à conclusão de que não era provável que uma edição escocesa do "Sunday Graphic" publicasse duas fotografias da coroação da rainha do Carnaval de Morecambe.

O sr. Edwin Vaugham Morris, gerente de circulação do jornal, revelou:

— É um exemplar da nossa edição especial para Morecambe e Lancaster.

Scotland Yard entrou imediatamente em contacto com os chefes de polícia de Morecambe e Lancaster, aos quais indagou:

— Desapareceu alguma mulher aí em sua zona?

— Sim — respondeu o comissário-chefe J. H. Vann, de Lancaster. — A sra. Ruxton, de trinta e cinco anos, espôsa de um médico, e sua criada, Mary, de vinte anos.

— Desde quando desapareceram?

— Desde o dia 16 de setembro.

A partir dêsse momento, o comissário Vann assumiu a direção de tôdas as investigações que se seguiram. Foi apresentar à mãe de Mary Rogerson um pedacinho de fazenda branca, de blusa, manchado, utilizado para envolver um dos embrulhos. A sra. Rogers o reconheceu.

A êsse tempo, os jornais haviam relatado a história do macabro achado do barranco de Moffat, e o dr. Ruxton estava cada vez mais alarmado e inquieto. Finalmente, um dia, entrou furioso, pelo comissariado de Lancaster, para queixar-se de que aquelas informações jornalísticas estavam causando falatório idiota que tinha como resultado prejudicá-lo no exercício da sua profissão.

— Veja só! — gritou, brandindo um jornal. — O senhor tem que obrigar êsses jornais a que deixem de publicar tais mentiras. Isso é uma afronta. Querem dar a entender que êsses cadáveres encontrados na Escócia são os de minha espôsa e sua criada.

— Por que está tão seguro de que não o são, doutor?

Ruxton ficou quase sufocado de cólera.

— Pois, simplesmente, porque aqui está escrito que a mais moça das mulheres encontradas na Escócia tinha todos os dentes do maxilar inferior e, justamente, tanto a minha espôsa, quanto a Mary Rogerson faltavam alguns dentes de baixo.

O comissário Vann retirou de sua algibeira dois documentos. Tôda aquela tarde, os teletipos da Polícia haviam funcionado entre Lancaster e a Escócia, e aquêles documentos eram o resultado dessas comuicações. O dr. A. C. W. Hutchinson, decano da escola de odontologia de Edimburgo, depois de examinar os dentes das duas mulheres esquartejadas, havia assim exposto as suas averiguações:

— Faltam três dentes postiços da bôca da mulher mais idosa.

O dentista de Lancaster, John Twistlethwaite, a quem foram exibidas fotografias teleimpressas e páginas de uma prolixa descrição das reconstituições, assim manifestara sua opinião:

— Coincidem exatamente com a ponte móvel, que fiz, há mais de dez anos para a sra. Ruxton. Incisivo superior esquerdo, canino e primeiro pré-molar.

O comissário-chefe entregou essas informações escritas para o dr. Ruxton ler; em seguida, abrindo uma porta, convidou-o a passar para o seu gabinete particular. Em redor de uma grande mesa, estavam sentados altos funcionários policiais, que contemplaram o alterado cirurgião com um ar de solene compaixão. Por sua vez, o comissário Vann retrocedeu até a porta, fechando-a...

Naquela mesma noite, o dr. Ruxton foi acusado de homicídio. Uma tira de lençol, que servira para envolver os fragmentos do cadáver foi confrontado com pedaço idêntico do lençol que ainda estava forrando o leito da sra. Ruxton, podendo ficar provado que um e outro provinham do mesmo tear.

No dia 12 de maio de 1936, na prisão de Strangeways, de Manchester, Inglaterra, o dr. Bucke Ruxton, tão hábil cirurgião como impetuoso marido, morreu enforcado, dando a única vida que tinha em troca das duas que havia tirado.

★

VELHOS TEMPOS

NEM sempre o soldado teve o privilégio de usar, em seus combates, o eficiente e prático fuzil-metralhadora. Houve épocas em que a sua arma era o arcabuz. Entre outras coisas, o arcabuzeiro era obrigado a conduzir constantemente, numa das mãos, uma mecha acesa a fim de poder fazer fogo a qualquer momento.

A operação de disparar não era menos complicada que a de carregar a arma, e entre o momento em que se fazia a pontaria no objetivo visado e aquêle em que a bala devia sair, decorria, pelo menos, meio minuto, tempo mais que suficiente para o objetivo se esquivar. E além disso, quando havia umidade, o mecanismo condutor da pólvora não funcionava. Enquanto que durante a noite, a mecha acesa indicava ao inimigo a posição do atirador.

Viaje nos trens

VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"

CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL

COM AMORTECEDORES

HIDRÁULICOS

MODERNÍSSIMAS CABINES E

CARROS RESTAURANTES

COM AR CONDICIONADO

PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA..... CR$ 405,00
IDA ..... CR$ 226,00

BELO HORIZONTE
SAÍDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

RIO DE JANEIRO
SAÍDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA ..... CR$ 356,00
IDA ..... CR$ 198,00

SÃO PAULO
SAÍDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

RIO DE JANEIRO
SAÍDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20

Neblinas da História: — ESTRANHA CONFISSÃO DE UM REI

(Continuação da página 76)

centa estas palavras, em forma de **post scriptum**:

"Entretanto, deixa-me dizer-lhe que na sexta-feira passada, quando o almirante Coligny se retirava para casa, um homem ou soldado, até agora desconhecido, desfechou-lhe um tiro de uma janela e feriu-o no braço; e a noite passado aconteceu que os senhores da casa de Guise, com muitos cavaleiros e gentis-homens, tendo sido informados de que os amigos do almirante os consideravam autores ou mandantes do atentado, tencionaram vingar-se da aleivosia pondo-se em movimento. Houve um grande levantamento e tumulto, a guarda da residência do almirante foi derrotada, e êle foi morto com muitos de seu partido e religião. O povo foi massacrado também em diferentes pontos da cidade, como depois o informara o sr. de Branville, portador desta; portanto, espero que, sua santidade, com os motivos à vista apresentados por seu sobrinho (de Branville), não mais levantará dificuldades em me conceder a dispensa solicitada."

— "Dizei ao papa, que acabo de ter um massacre de huguenotes, e que portanto espero êle me absolverá de ter casado minha irmã com um dêles."

Assim com efeito se traduz êste final da carta. Provàvelmente, foi logo depois de ter escrito esta missiva que deve ter ocorrido aquela cena, na qual o rei ardendo em cólera se apresentou perante seu cunhado, e lhe ofereceu a escolha entre — **a Morte, a Missa, ou a Bastilha**. — No princípio da narrativa, como se vê, o rei procura apresentar como se fôra mais ou menos acidental o massacre, mas no fim muda de tom e claramente insinua que bom serviço fêz à causa católica.

Parece que assim o julgou o papa. Foi decretado jubileu em Roma para celebrar a extinção do partido protestante em França, foram enviadas calorosas felicitações à côrte francesa por sua santidade, pelo rei de Espanha e por outras potências católicas.

A rainha Isabel de Inglaterra interpretara o acontecimento como devia ser encarado, e, quando o embaixador francês se apresentou defronte dela para lhe oferecer as explicações de seu amo, ela inflexìvelmente recusou ouvi-las. Em resumo, desde aquêle tempo até hoje, o juízo que geralmente se tem feito da marcha verdadeira dos acontecimentos foi aquela que sugeriu ao espírito dos huguenotes que rodeavam a cabeceira do leito de Coligny. A paz com os huguenotes, o interêsse pelo almirante, a ameaça de guerra à Espanha, e o casamento de Margarida com Henrique de Navarra, têm sido consideradas manobras traiçoeiras, encaminhadas para aquela catástrofe sangrenta e imaginadas desde o primeiro momento, como componentes necessárias daquele fatal acontecimento.

Um documento de origem anônima narra um caso, referido aos huguenotes do sul da França, o qual fornece curiosa indicação sôbre o espírito tortuoso do rei.

No primeiro dia do massacre foi mandado da côrte à Provença uma certa personagem, um tal Molle, com uma carta dirigida ao governador. Ao abrir a carta, êste leu uma ordem formal para matar todos os huguenotes da sua jurisdição; porém, no fim, vinha um **post scriptum** do próprio punho do rei, dizendo-lhe que nada acreditasse nem fizesse do que por Molle lhe mandava dizer. O governador, estupefato enviou seu próprio secretário em diligência a Paris, para se certificar dos verdadeiros desejos do rei. O secretário voltou com ordem de massacre imediato. Antes que êste se efetuasse, morreu o governador. O seu sucessor requereu a Molle uma nova ordem dirigida a êle pessoalmente.

Não recebendo notícia alguma durante três semanas, mandou a Paris um homem chamado Vauclose, que chegou no mesmo dia em que Molle partia em viagem de volta à Provença, levando nova ordem de massacre. Vauclose solicitou uma audiência de Carlos IX, o qual simplesmente lhe mandou dizer que já tinha mandado suas ordens por Molle.

Ainda desconfiado, Vauclose recusou deixar Paris sem ter recebido instruções diretas. O resultado da insistência foi Carlos IX chamá-lo secretamente e incum-

bi-lo, sob pena de morte se a revelasse a outrém que não fôsse o próprio governador, de levar a revogação da ordem de massacre. Vauclose voltou para a Provença a cavalo, noite e dia, sem descanso e chegou justamente a tempo de evitar a catástrofe.

Tal era o caráter de Carlos IX, instável, covarde, capaz de ser induzido a grandes crimes, sem ser evidentemente de natureza vingativa ou sanguinária. Pode imaginar-se vê-lo sentado no seu gabinete, assinando despachos dignos de um Felipe II ou de um Caligula (duas personagens cuja memória a moderna crítica histórica, em sua novíssima tendência, se ocupa de reabilitar) sob a pressão daqueles conselheiros que êle temia e a quem se sujeitava, e depois, aliviando a sua consciência ferida de remorso com um secreto **post-scriptum** de perdão; um homem que quase desperta piedade no meio de seus bárbaros procedimentos. É sabido que a memória do crime de S. Bartolomeu o perseguiu durante o resto de seus breves dias.

Agora a narrativa das determinantes dêste crime memorável. Decorrido um ano, no real palácio de Jagellons, na longínqua cidade de Cracóvia, o rei da Polônia, deitado na cama, alta noite, sofria de uma angústia indefinível, agitado, impossibilitado de cerrar os olhos aos pensamentos tristes que o assaltavam, ou de adormecer um só instante sem que sonhos horrorosos o não viessem despertar, a ponto de lhe ser maior alívio os pensamentos de acordado. Finalmente, tornou-se-lhe insuportável a opressão. Levantou-se da cama, e chamou o seu médico, um tal Miron, que dormia no quarto próximo.

Êste Miron era francês. Viera para Cracóvia no séquito de seu amo. Porque êste torturado rei da Polônia era aquêle Henrique, duque de Anjou, que acompanhara seu irmão Carlos IX na visita ao quarto de Coligny doente, na antevéspera do dia de S. Bartolomeu. Pouco depois dessa data os polacos tinham-lhe oferecido o trono desocupado, e seu irmão, que o odiava e temia, induzira-o a aceitar aquêle triste exílio, que parecia cortar-lhe para sempre a esperança de subir alguma vez ao trono de França.

Agora nas vigílias das noites solitárias, a visão do passado perpassava-lhe ante os olhos, e não a podia afastar. Foi com o fim de disfarçar o terror de imaginação que se apossara dêle que chamou o médico. Miron sentou-se ao lado da cama real, e ali naquele quarto espaçoso, à luz trêmula duma pequena lâmpada, o rei exilado contou-lhe, para aliviar a consciência, as negras aflições que sôbre ela pesavam.

Depois de se ter referido aos acontecimentos que conduziram à tragédia e particularmente à amizade entre Carlos IX e Coligny, êle disse:

"Minha mãe e eu mais de uma vez observáramos que, depois das suas longas conferências com o almirante, se acontecia aproximarmo-nos do rei, o encontrávamos estranhamente irritável e taciturno, de olhar áspero e de respostas ainda mais ásperas. Uma vez, entrei no gabinete do rei justamente quando saía o almirante, que lá estivera demorado tempo. Logo que meu irmão, o rei, me viu, sem nada dizer, começou a medir, com passos grandes e agitados, o quarto, furioso no aspecto, ora relanceando-me de soslaio, ora levando a mão ao punhal do cinto e com modo tão odiento que não esperava senão que êle me segurasse pelo pescoço e me degolasse.

"Fiquei imensamente aflito de ter entrado, e ainda mais para sair, vendo o perigo què corria. Fi-lo tão destramente quanto pude. Enquanto êle passeava de costas para mim, segui, sossegadamente, para a porta, que abri, e com um compromento mais apressado do que quando entrara, fiz com êxito a minha saída, que me pareceu bem oportuna.

Convencidos, então, e certos de fato de que era o almirante quem insinuava no rei más opiniões a nosso respeito, minha mãe e eu, resolvemos libertarmo-nos dêle. Porém o capitão gascão que foi chamado para êsse fim, não provou que fôsse tão bom atirador ao alvo como esperávamos. Tendo falhado o tiro e por tão pouco, começamos a considerar que as coisas correriam tão mal para nós, que, depois do jantar, quando o rei decidiu ir visitar o almirante na sua residência, a rainha-mãe e eu julgamos conveniente acompanhá-lo e ao mesmo tempo ajuizar do estado do almirante.

"A conversação em particular entre êles tanto mais nos incomodou, quanto sem o

esperarmos, nos vimos rodeados de perto de duzentos homens do partido do almirante, que nos trataram com o maior desrespeito como se tivessem alguma suspeita de que houvéssemos tomado parte no atentado contra o almirante. Estávamos, portanto, admirados e assustados de nos vermos ali fechados; tanto que minha mãe me declarou depois que nunca estivera em situação onde tivesse tanto motivo de temor, ou da qual se tivesse visto livre com tanto alívio e prazer.

"Na nossa volta para o Louvre, minha mãe, a rainha, instou com o rei, para que lhe dissesse o que lhe contara o almirante na sua conversa, mas o rei, depois de ter por diferentes vêzes recusado dizê-lo, replicou-lhe em tom áspero de desagrado, que o almirante o tinha aconselhado a que governasse por si só e que êle estava resolvido a seguir-lhe o conselho."

Durante o resto daquele dia, Catarina e seu filho favorito não puderam pensar em qualquer plano que os desembaraçasse da situação equívoca e talvez funesta em que se achavam. Na manhã seguinte, muito cedo, o duque de Anjou dirigiu-se aos aposentos de sua mãe, a qual encontrou já de pé.

"Eu estava muito contrariado e ela também. Porque, determinados mais do que nunca a considerar absolutamente indispensável a morte do almirante, viamo-nos obrigados a reconhecer que já não era caso para recorrer a astúcias e estratagemas. Era necessário levar o rei a uma resolução extrema que êle impulsivo, como era, poderia incitado tomar."

Decidiram-se a procurar o rei naquela tarde no seu gabinete; e asseguraram-se da presença de quatro nobres proeminentes na côrte, na fidelidade dos quais se podiam fiar.

"Logo que entramos no gabinete, a rainha, minha mãe, começou por avisar o rei de que o partido dos huguenotes se estava armando contra êle por causa do almirante; que o próprio Coligny mandara cartas para a Alemanha para levantar dez mil cavalos e dos cantões da Suíça esperava um contingente de dez mil soldados de infantaria. Ela acrescentou que a maior parte dos oficiais do partido dos huguenotes, já tinham partido para levantar tropas no reino, e que já estava fixado tempo e sítio para a concentração das fôrças."

Tendo assustado seu filho com o projeto temível de uma insurreição dos huguenotes, continuou dizendo-lhe que os católicos, cansados da longa luta, haviam resolvido pôr-lhe têrmo definitivo; e que no caso do rei recusar atendê-los tinham decidido escolher um capitão valente, para ser protetor dêles, de forma que o rei ficaria só, no meio do perigo, sem autoridade e sem poder. E concluiu dizendo — "todo êste perigo para vós e para o vosso reino, tôda esta ruína e miséria, o embate de todos êstes milhares de homens, pode ser evitado e suprido por uma única estocada. É simplesmente necessário eliminar o almirante, cabeça e autor de tôdas as guerras civis. As emprêsas e as tramas dos huguenotes morrerão com êle."

O duque de Anjou acrescentou os seus próprios argumentos aos de Catarina e o mesmo fizeram os quatro nobres conselheiros que êles haviam feito comparecer.

"Por fim, excitado de pavor, receioso dos perigos que minha mãe tão bem pintara, sentido das mil intrigas ao seu estado e à sua pessoa, por uma repentina e espantosa metamorfose, voltou-se para o nosso lado e adotou o nosso modo de ver, exagerando ainda com muito maior intensidade os intentos odientos e de forma que se nos tornou tão difícil contê-lo então, e moderar-lhe o ímpeto agressivo, como fôra difícil de o persuadir.

"Levantando-se arrebatadamente da sua cadeira, e ordenando-nos silêncio gritou em cólera desabrida e praguejando raivoso, que visto julgarmos necessário matar o almirante, êle também assim o queria, mas com condição de que todos os huguenotes em França fôssem também mortos ao mesmo tempo, para que não ficasse um único que o pudesse depois arguir.".

"E saindo com ímpeto, deixou-nos no seu gabinete, onde estivemos o resto do dia combinando os meios convenientes para levar a cabo tal emprêsa."

O massacre que eclipsou todos os outros na história, foi organizado em seis horas, por ordem de um mancebo demente, fazendo-o sair fora de si pelas astuciosas

falsidades de uma mulher ambiciosa e de seu filho, e pelo simples motivo de se quererem ver livres dum rival político, cuja influência estava contiminando a dêles própria.

Alguns anos depois, Catarina costumava declarar que se considerava só responsável por seis mortes. Mas o duque de Anjou, depois rei da Polônia, parece não ter conseguido iludir tão fàcilmente a sua consciência. Sabe-se bem quanto a angústia do remorso oprime a alma, de sorte que para acalmar a tortura interior o culpado sente refrigério e consolação estranha em confessor em voz alta a alguém o seu crime e desenvolvê-lo por pormenores. Assim procedeu o duque de Anjou naquela noite de febril ansiedade; ou seria alucinação passageira que lhe perturbasse a clara memória dos fatos? Será inteiramente fantasiosa a descrição do manuscrito da Biblioteca de Paris? Todavia naquela ordem geral de massacre descobre-se o mesmo autor dos **post-scriptum** secretos para evitar uma determinação cruelmente tomada. Quem sabe se êle procurou, julgando impossível a ousadia pavorosa duma tão grande carnificina, salvar assim o almirante por êste meio indireto? A demência costuma formular raciocínios invertidos. Não contava provàvelmente com a perversidade dos executores inteligentes, êle, um perverso por loucura intermitente, ou um fraco de espírito.

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

O "Waffles" constitui um dos petiscos mais populares da atualidade e estou certa de que também pelos nossos leitores são apreciados.

Por isso, em vez das habituais receitas de doces ou pratos salgados, resolvemos oferecer hoje às nossas leitoras uma receita de "waffles" que obtivemos de uma "especialista".

Ei-la:

"WAFFLES" SIMPLES

2 claras de ôvo
2 gemas de ôvo
1 2/3 xícaras de leite
1/2 xícara de manteiga
2 xícaras de farinha de trigo
1 colherinha de açúcar
1/2 colherinha de sal
3 colherinhas de fermento.

Colocam-se as claras de ôvo numa tijela. Bate-se a alta velocidade, até que fiquem duras, **mas não sêcas.**

Colocam-se as gemas, o leite e a manteiga numa tijela menor. Bate-se, a velocidade média, até que tudo fique bem misturado.

Mistura-se a farinha de trigo com o sal e o fermento, ajuntando-se, depois, à mistura das gemas e batendo-se a velocidade média, raspando-se o fundo e os lados da tijela com a espátula de borracha da batedeira, até que a mistura fique consistente.

Tira-se a batedeira e mistura-se a clara de ôvo.

A RELIGIÃO DE EINSTEIN

"Minha religião consiste em uma humilde admiração pelo espírito superior e sem limites que se revela nos mais simples detalhes que possamos perceber por meio de nossa débil capacidade espiritual. Esta profunda convicção sentimental da presença de uma razão poderosa e superior revelando-se no incompreensível universo é a minha idéia de Deus."

★

Cair sete vêzes; levantar-se oito. (Provérbio japonês).

SÔBRE AS MULHERES
(De autor anônimo)

Os homens não amam sempre o que estimam; as mulheres estimam sempre o que amam.

— Quando os belos olhos de uma mulher estão arrasados de lágrimas, o homem é que **não vê claro!**

— Uma mulher sem ternura é uma monstruosidade social, muitas vêzes pior do que um homem sem coragem.

★

Quem segue um mocho vai ter a ruínas. (Prov. árabe)

O ENFÊRMO

(Continuação da página 17)

— Sôbre isso... ainda não decidi, realmente — respondeu, sempre sorrindo, o homem magro.

— Ah! Então... **Monsieur** pretende nos dar a honra de visitar novamente nossas mesas?

— Também nada decidi sôbre êsse particular.

O alto funcionário continuava a coçar o rosto com energia. Olhou primeiro para o homem magro, depois para mim.

— **Monsieur** poderia... Quer dizer... Não estaria disposto a aceitar um pequeno convênio com relação à sua partida? — disse, finalmente, com voz enrouquecida. — A administração sempre é liberal e...

— Oh... Não preciso de dinheiro — respondeu jovialmente o homem magro. — Os senhores já o terão suspeitado, ontem, quando abandonei os meus ganhos...

— Sim, sim... Tem tôda a razão, palavra! — afirmou o funcionário. — Mas a verdade é que... **monsieur** parece gozar de muito boa estrêla... Uma sorte extraordinária!

— Sorte? Não... Não se trata de sorte, meu caro senhor; é simplesmente conhecimento do futuro. Só isto! Quer ter a bondade de observar a esquina desta rua? Eu lhe direi os que vão passar pela mesma, antes de que apareçam. Um homem gordo, com sobretudo pardo... Ei-lo! Três senhoras e um cãozinho... Aí estão elas! Um policial e um inspetor do tráfego, êste com um embrulho de papel branco; um cão também branco; e agora vai passar uma mulher com um grande cêsto...

Não havia a menor possibilidade de que o homem magro visse os transeuntes, antes de que aparecessem por trás da casa da esquina. O alto funcionário empalideceu e passou a coçar não mais o rosto, mas sim a ponta do nariz, como se a quisesse arrancar.

— Bem vê o senhor — prosseguiu o homem magro — que **não é sorte**! Oxalá fôsse sorte! Bem; talvez tenha ocorrido ao senhor que posso predizer cada um dos lances das salas de jôgo? (Cravava os olhos cintilantes no funcionário do Cassino — cujo rosto parecia mais alongado pela consternação que refletia — e parecia sorrir interiormente, enquanto falava.) Que posso comunicar êsse conhecimento a outros... a todos os freqüentadores das salas de jôgo... não é mesmo? Poderia fazer saltar a banca de tôdas as mesas, todos os dias, até que os senhores se vissem obrigados a acabar com o negócio; pense nisso, meu caro senhor... Faça os seus cálculos da derrocada... Ou já os fêz?

Era fora de dúvida que o alto funcionário já calculara, pois estava mortalmente pálido e seus olhos pareciam os de um louco. O homem magro, ao contrário, sorria alegremente, agora de pé, dominando o desgraçado visitante com o olhar.

— Mas... É claro, **Monsieur**... Mon Dieu! **Monsieur** não é assim tão cruel para executar um plano tão terrível? Alguma vez o ofendemos em alguma coisa? Estamos às ordens de **Monsieur**. Qualquer coisa que lhe seja grata, é só dizer... **Monsieur** talvez queira aceitar uma participação na emprêsa... Uma participação grande... Uma quarta parte... a metade? **Monsieur** nos honraria muito, aceitando integrar a administração!

— Oh, céus! Não... — disse o homem magro, voltando a sorrir. — Não tenho ambições nesse sentido! Realmente, ainda não tenho um plano definido. Talvez me divirta nas mesas (o alto funcionário fêz uma careta e seus dentes bateram castanholas); talvez nunca mais torne a entrar na sala de jôgo. Só Deus o sabe!

— Mas, ao menos, **Monsieur** promete não comunicar suas terríveis predições a outras pessoas... à multidão? Terá a bondade de prometer que...

— Não prometo nada! Por que haveria de prometer?

— Mas, pense, senhor. O senhor não nos odeia, não é verdade, **Monsieur**?

— Oh, não... — disse, muito satisfeito, o homem magro. — A administração me inspira simpatia. Tudo o que fizer terá apenas o propósito de divertir-me. É claro que as conseqüências poderão ser desastrosas para os senhores, embora não queira dizer, com isso que, **forçosamente**, terão que ser desastrosas, entende?

O alto funcionário se levantou, pálido e atarantado. Passou a mão pela fronte úmida de suor. Encaminhou-se para a

porta, titubeou, voltou-se, fêz uma reverência e saiu lentamente.

— Êles vão ficar atormentados, sabe? Terrìvelmente preocupados! E isso é o que quero! Que fiquem assustados, entende? Serei uma espada suspensa sôbre tôdas essas cabeças; estarão tremendo de mêdo, receiando que eu apareça ou que organize uma emprêsa para informar, antecipadamente, aos jogadores, quais os números que vão ganhar! (Em seu rosto consumido apareceu um sorriso rápido, logo substituído por um ar sério e resoluto.) Esta noite deixarei o hotel! Mas direi ao gerente que talvez regresse, muito breve. Êles serão informados e ficarão muito em dúvida, angustiados.

Aquela noite não pude jantar; nem consegui manter meu cachimbo aceso. Também não tive ânimo para ir ouvir o concêrto do Cassino. As palavras do homem magro: "Disso lhe farei graça e já tem motivo de sobra para me agradecer de joelhos", zumbiam em meu cérebro, a ponto de me deixar tonto, como se tivesse bebido licores fortes. Três ou quatro vêzes caminhei até a sua porta, para falar-lhe, suplicar-lhe que me revelasse o que ia acontecer comigo. Mas faltou-me a coragem para ouvir a resposta. Detestava aquêle homem! Isso, entretanto, nada remediava. Depois do jantar certamente deixaria o hotel — e eu o deixaria afastar-se, levando o segrêdo, para não tornar a ver o miserável, talvez nunca mais? Então disse para mim mesmo: "Não seja imbecil! Imagina que tudo isso foi um um sonho... ou uma brincadeira de mau gôsto!" E, retirando a roupa, deitei-me. Porém, logo tornei a me pôr de pé e comecei a me vestir apressadamente. Êle viajaria para o Oeste, no trem noturno. Desci, paguei minha conta e ordenei que levassem minha mala para o ônibus, que combinava com aquêle trem.

Tornou a sorrir, quando me viu subir para o ônibus, e disse:

— Resolveu partir assim... repentinamente, não é verdade? Espero que não tenha recebido qualquer má notícia...

No trem, abri vinte vêzes a bôca para perguntar-lhe o que me ocorreria dentro de três anos e, finalmente, a pergunta brotou tumultuosa de meus lábios.

— Hmmm. É isso, hein? Ainda não esqueceu as palavras ditas ao acaso? Pois deve esquecê-las... Tudo há de saber, no devido tempo, pode crer! (Sorriu, meneando a cabeça várias vêzes.) Agora direi o que pretendo fazer. Talvez o divirta com isso. Em Paris, há um multimilionário norte-americano que se meteu em tremendas operações financeiras. Inverteu todos os seus formidáveis recursos em certa especulação. Soube-o, esta noite, por um amigo que vive em Paris. O conhecimento do que sucede em meu redor, no presente, sòmente chega a mim por vias ordinárias; esta maldita enfermidade só me permite ver o futuro... Maldita seja! Pois bem, prevejo que essa operação acabará com o mais espantoso desastre, a menos que o norte-americano siga determinado plano de ação; eu lhe direi isto, porém não lhe direi qual deve ser êsse plano... entende? O homem vai enlouquecer!

— Realmente... o senhor é cruel e vinga-se do mal que o atacou atormentando a vida de pessoas inocentes — exclamei, indignado e sem poder conter a minha revolta.

Tôda a sua expressão mudou. Pareceu desfigurar-se, vítima de um terror invencível.

Há, aproximadamente, dois meses — disse êle — a antecipação do que me ocorrerá dentro de sete anos entrou em meu espírito pela primeira vez, como um dardo. O que me espera é mais terrível do que jamais poderia um dramaturgo imaginar... E ocorrerá! Tanto tenho pensado nisso, nestes dois últimos meses, que por momentos pergunto a mim mesmo se não estarei louco. Antes de que esta terrível enfermidade me atacasse, eu era um homem robusto. Olhe para mim, agora!

— Esta presciência que me tornou azêdo corroeu minha alma. Costumo passar noites seguidas, sem dormir, meditando sôbre o que vai acontecer comigo, e muitas vêzes chego a ceder à vontade de gritar!

"Por isso tornei-me mau e minha única diversão é fazer sentir aos demais um pouco do que eu sinto. Recorro a êsse entretenimento para não pensar em minha própria angústia... Aí tem o seu caso, por exemplo... isso lhe ocorrerá dentro de três anos, no dia 19 de março! Mas não é tão horrível como o meu próprio destino... embora seja

o suficiente para o ver, aí à minha frente, tremendo de mêdo! Não poderá evitar, pois é certo que ocorrerá e por isso não vale a pena insistir. Mudemos de assunto. Veja aquêle chefe de estação. Dentro de duas semanas ocorrerá com êle uma coisa feliz... Na realidade gostaria de poder dizer-lhe agora mesmo, porém não sei francês... Oh! É uma desvantagem muito grande não saber falar vários idiomas!"

Deixei que continuasse tagarelando, mas sem ouvir bem o que dizia. Negava-se a revelar o meu destino! E eu? Deveria também fugir à revelação? Deveria saltar na primeira estação e fugir? Ou suplicar-lhe que me dissesse, pelo amor de Deus? Também poderia obrigá-lo a dizer, ameaçando matá-lo a menos que...? Mas, qual! Êle sabia que eu não podia matá-lo; sabia que me restavam apenas três anos de vida enquanto êle próprio teria mais quatro do que eu!

Resolvi, pois, manter-me em contacto com êle, segui-lo a Paris e nunca perdê-lo de vista. Em Marselha nos alojamos no mesmo hotel, onde ouvi que pedia ao gerente a reserva de passagens, para a manhã seguinte. Mas descobri — muito tarde — que embarcara, na mesma noite, deixando-me para trás! Procurei-o desesperadamente. Em vão, porém! E assim ficava êsse maldito 19 de março suspenso sôbre a minha cabeça! Dentro de três anos! Lutei duramente para afastar a idéia da minha mente, ocupando-me com tôda classe de coisas; mas a recordação voltava sempre, a intervalos e com tanta fôrça que durante semanas inteiras não lograva dormir. Comecei a encanecer prematuramente e meu rosto se tornou descolorido e vincado pelas rugas. Meus amigos afirmaram que eu apresentava um aspecto lamentável, e minha invencível melancolia os afastava do meu lado. Um dia, viajava num trem suburbano, diante de outro ocupante do vagão. Era um homem gorducho de aspecto satisfeito. Tinha um ar que me pareceu familiar. Repentinamente começou a fitar-me com insistência; depois, uma expressão de grande angústia mental passou por seu rosto.

— Perdoe-me... O senhor estêve, alguma vez, em Monte Carlo? — perguntou.

Uma convicção crescia em meu espírito.

— Sim — repliquei. — Estive... desgraçadamente!

Colocou nervosamente a mão sôbre a minha; parecia muito apiedado.

— Em março? Há dois anos? — perguntou.

— Sim... Maldito seja o dia!

— O senhor me conhece? — indagou, com voz trêmula.

— Sim — respondi, quase aos gritos, levantando-se. — O senhor é o monstro que... Dirá agora, ao menos, o que vai acontecer comigo dentro de um ano... no dia 19 de março?

Conservou-se calado; passou a mão pela fronte, como se fizesse tremendo esfôrço para recordar; a seguir fitou-me de maneira tão triste, tão indefesa, tão cheia de remorso, tão suplicante, que imediatamente senti que minha expressão de ódio mortal desaparecia e que meus punhos, que fechara ameaçadoramente, se afrouxavam. Então, êle tornou a pousar a mão sôbre a minha e disse, com voz desfalecente:

— Nada posso recordar. Nada das coisas que previ durante a minha enfermidade. Ao regressar a Londres, minha mente curou, voltei ao estado normal e todo o futuro se desvaneceu. Bem sei, sim, que predisse alguma coisa que ocorreria com o senhor em alguma data... Mas só isso!

Fitou-me novamente e estremeceu; não era necessário que me dissesse quão mudado me achava.

— Tente, por favor! — insisti, com voz rouca.

Mais uma vez procurou recordar, mas foi tudo inútil...

Repentinamente, ocorreu-me que agora era a minha oportunidade de vingar-me; evidentemente esquecera que a êle também estava reservado horrível destino dentro de cinco anos. Sorri interiormente, com demoníaco prazer, e comecei a escolher as palavras com que lhe recordaria a futura catástrofe que o esperava... porém êle continuava a fitar-me com aquêle derrotado ar de arrependimento e de piedade; e foi impossível dizer-lhe! Repentinamente, o desgraçado cobriu o rosto com ambas as mãos e as lágrimas não tardaram a correr por entre os seus dedos. Eu continuava silencioso.

— Por **que não me mata? — perguntou**, afinal.

Continuei **em silêncio e então, animando**-se, êle **continuou:**

— Talvez **tôdas aquelas visões do futuro** não passassem **de uma fantasia... uma** simples **alucinação mental! Sim! É impos**sível **que tenha sido outra coisa!**

— Não **se recorda dos números da mesa** da roleta? **— disse eu. — E das pessoas** que iam **aparecendo, na esquina? E do** telegrama **do alemão?**

— Farei **o possível para recordar — pro**meteu. **— Dia e noite tratarei de recordar.** Aqui **tem meu enderêço. Mas... por que** não fica **comigo? Dêsse modo se, em qual**quer **momento, surgir a lembrança, o senhor** estará **perto, para ouvir... Que demônio** devo ter **sido naquela época! Oh, pudesse** saber **por quê! Que pôde mudar-me de tal** forma? **Isso era absolutamente contrário à** minha **natureza!**

★

Aquela era a minha oportunidade para **iluminá-lo**. Mas nada disse.

Há um ano que procura recordar, incessantemente. Está novamente devorado pela inquietação, quase tão desgraçado como quando o conheci.

Os últimos três meses tenho estado constantemente ao seu lado, perscrutando o seu rosto, para descobrir o primeiro vislumbre de sua recordação.

Mas em vão! Uma e outra vez em meus momentos de horror, estive a ponto de dizer-lhe qual o destino que o espera, dentro de quatro anos....Mas não disse. Às vêzes sinto-me meio louco. Estou muito doente e converti-me num velho de trinta e quatro anos. Êle está sentado, junto de mim, segurando-me a mão e me lê um livro.

De tempos a tempos é sacudido por um estremecimento, deixa de ler, passa a mão pela fronte enrugada. O sol se esconde num banco de nuvens. Hoje é 18 de março!

★

Acerte no coração de quem você ama...

A SOMBRA DO ARCO-IRIS é como um espelho mágico onde a juventude sonhadora do mundo se mira embevecida, admirada de como ali estão refletidos, com fidelidade espantosa, todos os seus anseios, as suas angústias, a fé, a esperança, a renúncia, o amor, enfim. Suas páginas estão impregnadas dos mais altos sentimentos da alma humana, constituindo, ao mesmo tempo, um romance e uma antologia, pois nesse livro sem par na literatura mundial estão misturados, espontâneamente, à própria prosa musical de Malba Tahan, os mais belos versos de milhares de poetas de todos os tempos.

A SOMBRA DO ARCO-IRIS é o livro do coração, a mais bela e discreta mensagem da criatura enamorada que busca expansão, reciprocidade e compreensão generosa. É um livro puro, elevado, cheio de beleza criadora e ensinamentos morais através dos episódios arrebatadores que se sucedem no decurso da história maravilhosa.

Você não poderia oferecer à sua amada (ou ao seu amado) lembrança mais delicada nem prova mais eloqüente de espiritualidade do que êste livro que, em última análise, é a história do seu próprio amor.

Em tôdas as livrarias, edição ilustrada, 3 volumes, a Cr$ 50,00 cada um. Não sendo encontrada na sua livraria peça diretamente aos editôres, pelo Reembôlso Postal.

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

EU SEI TUDO

N.º 464 — Ano XXXIX N.º 8 — Janeiro — 1956

CORRESPONDÊNCIA

HATOLDO BODZIAH (e outros) — Muito agradecidos ficamos. É êsse, realmente, o nosso propósito.

A. WAZMANN — Londrina, Paraná — Positivamente não entendemos a sua carta. A poesia, a que se refere, não chegou às nossas mãos. E, antecipadamente, avisamos: EU SEI TUDO não publica êsse gênero de trabalho nem pode abrir exceção.

WILSON MOREIRA — Juiz de Fora — Trata-se de elemento novo. Além do mais é material de uso exclusivo de determinados laboratórios, não estando absolutamente ao alcance de particulares.

FREDERICO S. BOAVISTA — Belo Horizonte, M. Gerais — Não possuímos todos os números. Seria bom que nos enviasse a relação completa, pois assim nos ajudaria bastante. Não recebemos... mas agradecemos a intenção.

SUMÁRIO:

Demasiado tarde (conto) ..... 5 a 8
O enganoso sentido da gustação ..... 9 a 11
O enfêrmo (conto) ..... 12 a 17
O naufrágio do "Birkenhead" 18
O narcótico dos aplausos. O êxito gera herois e mártires ..... 19 a 25
Uma perna de pau para o periquito 26
O que todos desejam saber sôbre os gêmeos ..... 27 a 29
Oh! As tagarelas estão contentes! 30
Estão errados os pessimistas... O homem é mais forte do que os insetos! ..... 31 a 33
Poderá um avião a jato alcançar as suas próprias balas? 34
Jóquei sabido nunca aposta ..... 43 a 48
A amnésia muitas vêzes é simulada! 49
Aeropistas eletrônicas ..... 50 a 51
Quantas côres tem o arco-íris? 52
Câmaras fotografam o interior do corpo humano 52
Beijar por beijar (conto) ..... 53 a 58
Música de dor e de esperança ..... 60 a 62
Segredos de Scotland Yard: O caso dos cem embrulhos horríveis ..... 63 a 65
O regime acidificante ..... 66 a 68
Infeliz idéia de um cabeleireiro 68
Quantas coisas devem ser observadas no amor? 68
Neblinas da História: Estranha confissão de um rei ..... 77 a 84
A morte com meias de sêda (romance- continuação) ..... 85 a 90
Nos domínios da gramática 92
Quebra-cabeças ..... 99 a 104

E vamos começar um novo ano! Aí está 1956 criando dentro de nós — como sempre ocorre quando deixamos mais um ano para trás e nos voltamos para o que chega — um entusiasmo novo, esperanças, sonhos... A vida é assim mesmo, e as coisas amargas passam depressa, porque depressa procuramos novas aventuras, novas experiências, medindo pouco, calculando quase nada, na ânsia de realizar alguma coisa. Oxalá as alegrias sejam maiores e mais numerosas que as do ano que terminou. É o que desejamos para os nossos leitores.